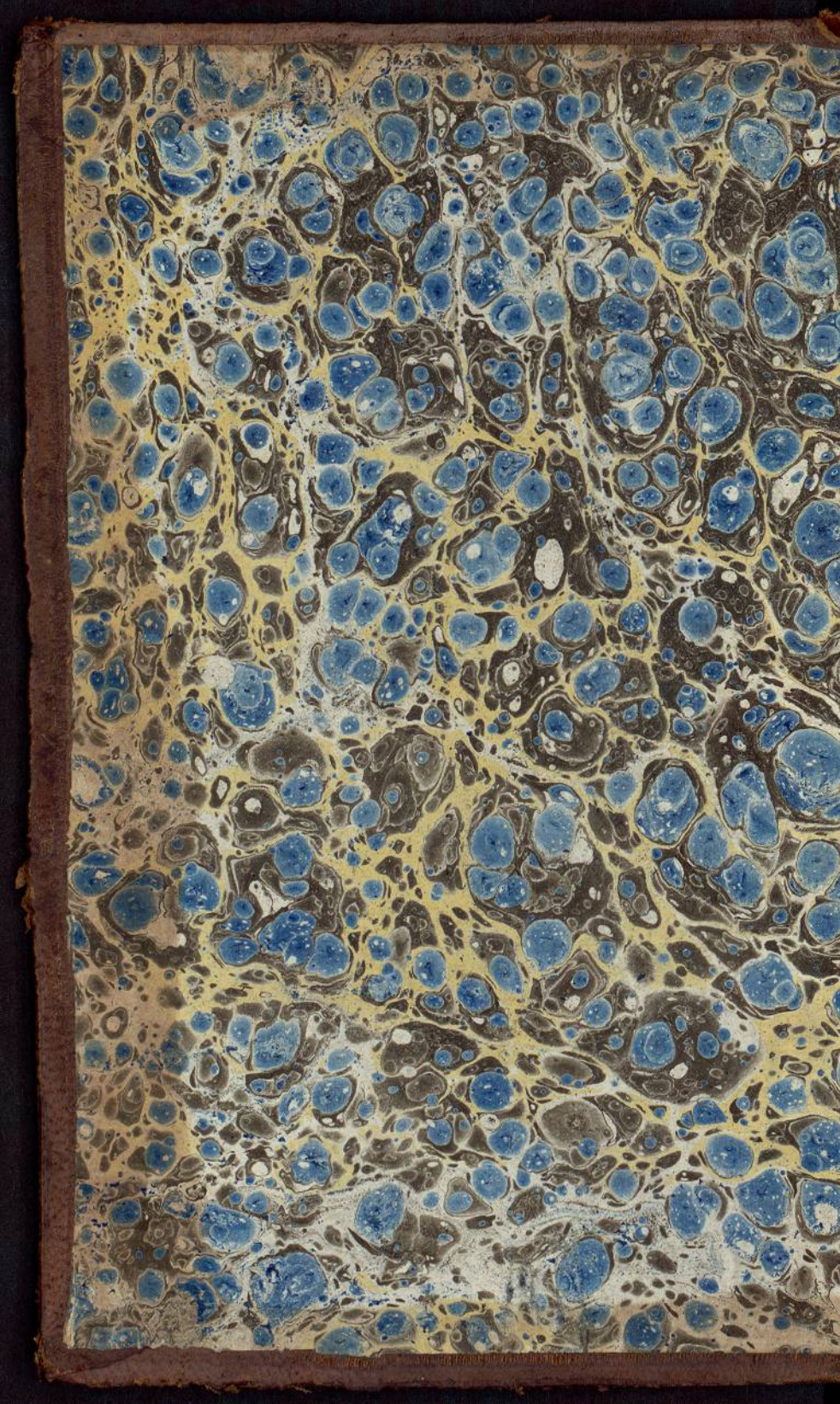
OBRAS

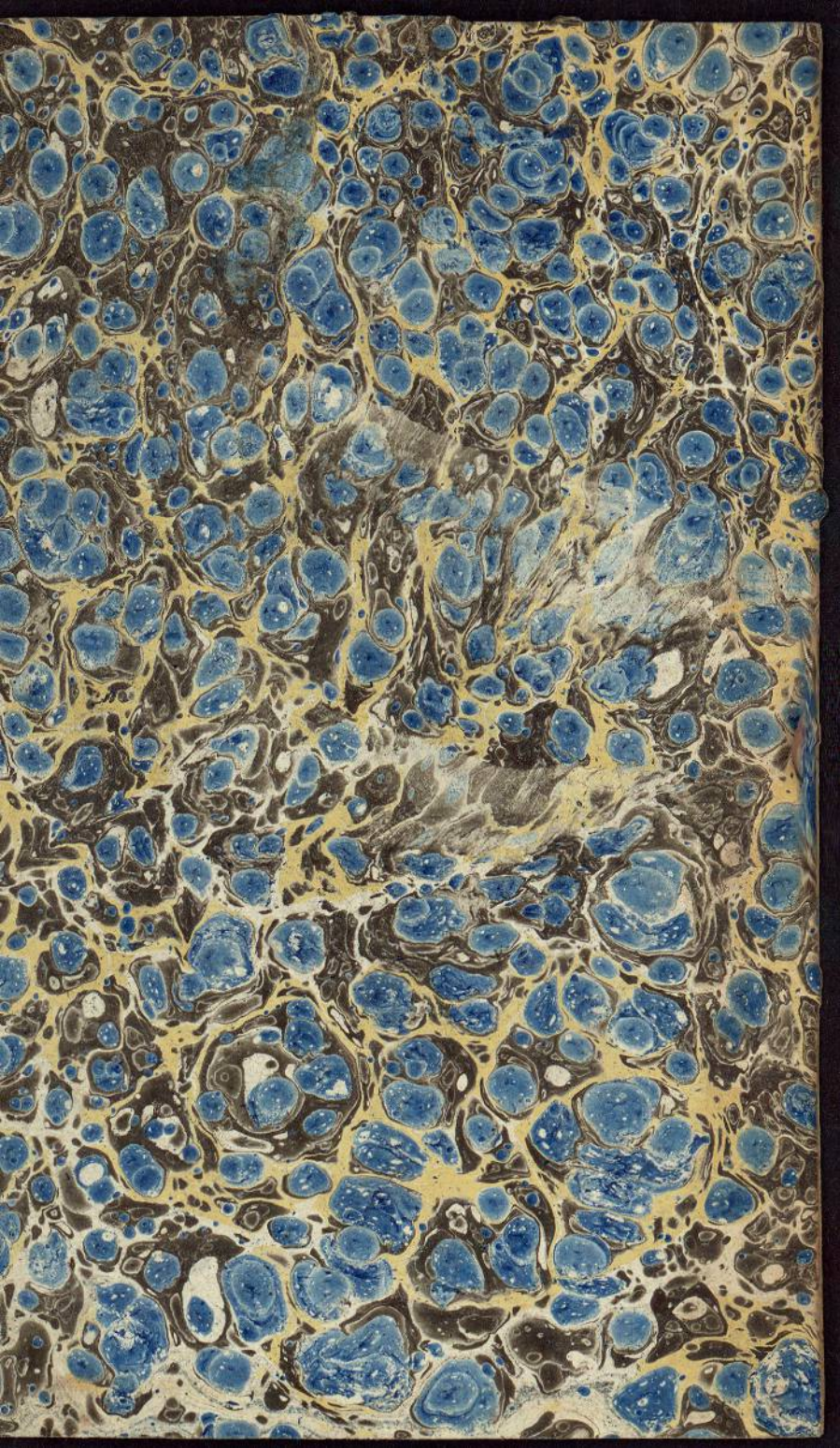
DE FILINTO

ELYSIO

3

Nº
39.354





OBRAS COMPLETAS

DE

FILINTO ELYSIO.

Res 39.354

OBRAS COMPLETAS

DE

FILINTO ELYSIO.

Tomo III°.

BIBLIOTHÈQUE DE L'UNIVERSITÉ TOULOUSE

PARÎS,
Na officina de A. BOBÉE.

1817.

AOS ANNOS DE FILINTO ELYSIO,

Em 23 *de Dezembro de* 1816.

Por um dos seus admiradores, que faz annos no mesmo dia.

SONETO.

A Luz celeste, com que rindo a Glória
Teu berço tem, Filinto, abrilhantado,
Da Apollinea virtude o dom sagrado
Te esmalta hôje no templo da Memoria.

Teu nome recolhendo a mão da Historia
D'outro portento Luso assignalado
Móstra o dia aos mortáes, que sôbre o fado
Desde já conta perennal victoria.

Dia tal de honra excelsa entre os humanos
Saúdo pois, Filinto! Dar-mo a sorte
Quiz tambem, mas sem lustres soberanos.

Ah quem sábe admirar-te! o meu transporte
Mal paga absorto no teu dia de annos
Dom da fortuna escasso a Dons sem morte.

A. J. F. M.

Londres, 17 *de Dezembro de* 1816.

ADVERTENCIA.

O desejo de offerecer ao público as Obras inéditas de Filinto, e de aproveitar, para a revisão dellas, o vigor de que ainda goza este illustre vate, me decidio a interromper a reimpressão das Obras já conhecidas para terminar a publicação das inéditas em vérso e prosa. Este tomo encerra as poësîas, e o seguinte constará das obras em prosa. Humas e outras estavão em tal confusão, e o manuscripto tão cheio de emendas e borrões que serîa impossivel em muitos lugares decifrálo sem o soccorro do autor, cuja avançada idade, e achaques inseparaveis da velhice fazião justamente recear que a pátria tivesse cedo de chorar a perda de tão digno filho. A' vista destas considerações julgo ter justificado a preferencia que dei ás obras ainda não conhecidas do público, e cuja lição não interessará menos que a das que reimprimirei nos seguintes tomos, correctas e castigadas pelo autor.

O Editor.

París 30 de Julho de 1817.

OBRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo I°.

OBRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo II°.

OBRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo III°.

OBRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo IV°.

OBRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo V°.

OBRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo VI°.

OBRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo VII°.

O HYSSOPE,
POÉMA
HEROI-COMICO.

ORRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo I°.

ORRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo II°.

ORRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo III°.

ORRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo IV°.

ORRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo V°.

ORRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo VI°.

ORRAS
COMPLETAS
DE
FILINTO ELYSIO.

Tomo VII°.

O HYSSOPE,
POEMA
HEROI-COMICO.

OBRAS INEDITAS

DE

FILINTO ELYSIO.

ATTENÇÃO!!!

Quanto o anno é máis de sáfra, em versaîa,
Tanto é máis escoimado, em Poësîa. (1)

Fábula de Anaxerête, por Lazaro de Coina. *Canto* 3. *est.* 23.

Crês paradóxo, o meu citado Texto?
Pois é Verdade summa; pésa-a affouto
Nas cûias da Balança judiciária.
Quantos Poétas contas, na ditosa
Éra, que vio a Ilîada, e Odysséa?

(1) Jamais la Poésie n'a été si rare, à force d'être si commune. (D'Alembert, réflexions sur la Poésie et sur l'Ode en particulier).

Quantos, na do Camões? Sós quatro, ou cinco.
E hôje, que ha hi milheiros de Versistas,
Quantos Camões nos contas? — Ouve um Sônho,
Em que Apollo me fêz grande honrarîa
De tratar-me esse ponto, por miûdo.

APOLLO.

« Quando o lauro, obtive eu da Poësîa (1)
« Nos cabêços do bîfido Parnasso,
« Disse-me Jóve : — Tóma esta bocêta,
— Que encérra minas de Éstro sublimado.
— Delle, em cheio, te abasta, abasta as Musas;
— E inda ahî ha, com que prendar de sóbra,
— Quem bem vos contentar. Mas, dá tal geito,
— Que, em cada séc'lo, dês cérta quantîa,

---

(1) Apollo foi sempre venerado por Prophéta ou vidente (como lhe chamão os Livros Sanctos) e Lucano nos diz, como elle obtêve essa prerogativa.

Ut vidit Pæan vastos telluris hiatus
Divinam spirare fidem, ventosque loquaces
Exhalare solum, sacris se condidit antris,
Incubuitque adyto, vates ibi factus, Apollo, etc.

LUCAN. *Lib.* 5.

Lorsque tout le monde fait des vers, il n'y a plus de Poètes, et cette manie de rimer, cette conflagration poétique n'est propre qu'à étouffer le talent et à corrompre le goût. Quelque grand que soit aujourd'hui le nombre des rimeurs, on ne peut se dissimuler que la rime a beaucoup perdu de son crédit, et que la multitude de vers, dont nos magasins littéraires sont encombrés a fait baisser le prix de cette denrée, et produit le rassasiement : les temps actuels sont plus favorables aux poètes qu'à la poésie, et la poésie n'a jamais tant langui que depuis que les poètes prospèrent. — J. S. l'E.

— E não máis: se máis dás — Adeos, Bocêta!
— Escápa-te das mãos; e vai-se ao Fado,
— Que, quando a assim compôz, lhe deo tal sina. —
« Disse Jóve, e partio. Fiquei chofrado
« (Por certo) de ouvir tal. Tómo uma Trîpode,
« Das muitas, que, cada anno, caprichava (1)
« De me off'recer a Grécia, e, mui de assento,
« Encósto o cotovêlo, n'uma banca,
« Debruço a face, na hospedeira palma (2),
« E ponho-me a cismar, no que me disse
« Meu Páe Jóve.... Ainda hôje cismaria,
« Sem achar solução do presupposto,
« Se Mercurio não vem, que me estremunha
« Do profundo cismar, e diz, zombando:

MERCURIO.

— Que tens, Phébo? que tão amazorrado,
— Tão Saturno te vejo? Engrinaldou-te

Ainda não acabo de cahir, no que ahî chamão Poësîa. Já Ferreira disse: — *ainda bem não cáio nos Sonetos.* — Se a Poësîa consiste na ficção, quantas ficções não trasbórdão pelo que chamão prósa? As mesmissimas que leio em verso, em prósa as leio. Se no conceito, quão conceituosa prósa não abunda nos Autores de imaginosa eloquencia? Se no stylo, tão elevado é elle em Camões, como em Vieyra e Freire. A fallar verdade ainda não achei definição de Poësîa, que me encha as medidas. Virá algum Mestraço, que me assinale a rima, com a calça e o distinctivo da Poësîa. Que resposta lhe darei? Não fôrão vates os Grégos nem Latinos, que não acconsoantárão as suas Iliadas, nem Enéadas. E fôrão grandes poétas os que composérão as Cantigas dos Cégos, e Autos de Maria Parda.

(1) Voyage du jeune Anacharsis.

(2) Da mão esquerda.

— Co'as pontas de Vulcano alguma Chloris ?
— (Que tambem cá nos Deoses cáhe o ráio.)
— Algum novo Phaeton deo salavancos,
— No flammîgero Carro ? — « Então lhe exponho
» O caso porque cismo. — A's gargalhadas,
» Desfêcha a rir, por tempos esquecidos:
» Té que accalmando o vendaval do riso,
» Despéde da áurea bôcca o alado accento.

MERCURIO.

— Aquî trágo... És feliz !... O teu remédio.
— Foi bem adivinhá-lo : — sem sabê-lo;
— Ou Jóve m'o inspirou, por que te acuda.
— Este cannudo, com que a Deosa Móda
— Assópra o crêspo a rendas, e a beatilhas; (1)
— Que eu com ella brincando, e galhofando,
— Do arteiro toucador (sem que ella o sinta)
— Mui subtil lhe cizei, em dom t'o deixo.
— Dir-te-hei sua virtude; que eu, um dia,
— Conversando c'o Fado, a alcancei delle,
— Por mimo, e por favor, entre mil outros
— Segrêdos importantes dessa láia.
— Abre, cada Éra a versejal Bocêta;
— Chupa, enche de Éstro o vão do tal cánnudo;
— Sópra então, dando aos fólles das bochêchas,
— (Que, com sôpros, se inspirão os Poétas)
— Verás esse Éstro voar, pelo ar patente,
— Qual plumbea péla, que dispára o bronze,
— Ir-se encovar, nos têstos d'um Orate.

---

(1) Camões *Cant.* 6º. *est.* 21.

— Lá desenvôlto em chamma, dar-lhe tratos;
— Até, que, em labarédas de Poësìa,
— Lhe arrebente, e lhe estoure. Mas, repara,
— Que, se harto Poéta então inçar o Mundo
— Esse Éstro, (que os vislumbra, e os conta,) esbrôa-se,
— N'outros tantos Éstrinhos, quantos Vates;
— (Como um quebrado Espêlho, em spelhinhos),
— E se Poëtastros vê mil e milhentos,
— Lógo, tornado em miúdinha areia,
— Sôbre elles choverá chuvinha de Éstro,
— Tão miùda, que, de si, nem sinal deixe. —
Acordei. — Meditando, no tal sônho,
Achei, que ha sonhos, que verdades válem.

A INVENÇÃO DO ASSUCAR.

ÉCLOGA.

Si canimus Sylvas, Sylvæ sint Consule dignæ.
VIRGIL.

SYLVANO era um Pastor, a quem as Musas
Prendado tinhão com o dom do Canto.
Toda a mente lhe tinhão povoado
De ternissimos Quadros. Os rochêdos,
E as Sìculas Campinas repetìão

Os versos, que Sylvano aos ares dáva.
Amaryllis, Pastôra a máis formosa
De quantas o sól via nesses prados,
E, por quem, muita vêz, colheo as rédeas
Aos fogosos Ethontes, enlevado
No prazer de admirar tão lindo rôsto,
Lùbrico a incáutos ólhos... (1) Amaryllis
Tão térna, quanto linda, e graciosa,
Entranhada d'uns sons, que ouve (reclamos
De algum Hymno, que Apóllo só, podéra
Ter modulado, por grão mimo, a Eráto)
Vai, sem que o saiba, apóz dos sons Celéstes,
Na fé, que alguma Diva (2) a Amor rendida
Exhalava, no Bósque, amantes mágoas.
Não vê, (3) não sente : ségue no arvorêdo
Senda, que envîda, á vóz, (4) máis présto, os passos.
Ei-la, junta a Sylvano, antes que o vêja. —
Sylvano a vê : e ao vêr tal formosura
Tanto se enléva, quanto em seu Canto a Nympha.
Ambos absôrtos, amorosos ambos
Tem prêsas, na alma, as vózes. Porêm Venus,
Que os tinha contemplado lá do Olympo,
Que co' Filho traçou que Espôsos sejão,
O o sacerdocio dar-lhes de Amathunta,
Désce d'uma alva nuvem, piza a Terra,
E ao Filho diz : » Esperta-lhe os sentidos,

---

(1) Vultus nimium lubricus aspici.

HORAT.

(2) Talvêz Eráto.

(3) Amaryllis.

(4) Que cantava.

Co' som das fléchas da ruidosa aljava;
Dá abalo á vóz da Amante.

AMARYLLIS.

« Pastor, canta. »
Cantar não poude : que a alma inteira tinha
Embebida nos ólhos. Lá Cupido
Lh'a abrazava, c'os disparados lumes
De cada feição linda, ou gésto airoso.
Pan, que seguio, de longe, á Filha os passos.
(Filha qne á luz lhe deó a Nympha Olmida)
Mal que avista as Celéstes Divindades,
E quão forçoso ardor calado tinhão
Nos peitos de Amaryllis e Sylvano :

PAN.

« Cessai, potentos Numes : dai-lhes prazo
Que os arrôbados ânimos recóbrem.
Consinto que ambos se amem, que ambos se unão.
Venha-lhe o acôrdo, que ambos hão perdido ;
Que o animo espráiem, seus conceitos soltem ;
Conheção quanto são, quanto vos dévem. »

SYLVANO.

« Oh Páe benigno, oh Numes favoraveis,
Não sem causa reináes no Orbe, no Olympo ;
Nem sem causa, oh bom Páe, *Tudo* (1) és no Mundo.
Tal sinto gratidão, que esta alma é estreita
Para táes dons conter, render táes graças.

---

(1) Tanto significa a voz Grêga a *Pan*.

Numes sois, almas vêdes — Tomai d'esta
O que não cábe, em vóz mortal, dizer-vos. »
Máis queria dizer : mas a alma Venus
E o potente Cupido, a rir, o atalhão;
E a rir, entrão na nuvem, que os descêra.
Tambem os deixa Pan. — Conta Amaryllis,
Em mal-seguida phrase, como o Canto
De Sylvano a attrahîra.

AMARYLLIS.

« Assim Alcides,
Com as áureas correntes de Eloquencia, (1)
Nações levava, apóz de si, gostosas.
Assim Amphion trazia, ao som da Lyra,
Des-raigadas dos montes, para os muros
De Thébas, duras penhas, obedientes. »
Sylvano dando largas aos afféctos,
Que tumultuavão no âmago do peito,
A troncos proferia os que lhe arrója
O Coração, que lida em vir á bôcca,
Recontar o que mal-exprime a Lingua.
Mas já se vão sentar, na Fonte rústica
Que a veia de crystal vérte ruidosa,
E re-tréme (2) em Meandros, (3) pelo valle,
Rasgando a vêrde matizada félpa.
Um Plátano, que os braços estendia,
Tremolando a frondente rama umbrosa,

---

(1) Vid. Emblêma de Alciato nº.

(2) Trepidare rivo. HORAT.

(3) Rio mui célebre entre Poétas, e que dá mil voltas em seu decurso até ao Mar.

Com frêsco pavelhão, lhes dava abrigo,
Contra os raios do sól. Allî, máis manso
Máis domado o tropél de impulsos da alma,
Entrão a recontar, com brandas fallas,
Quanto, n'um coração, e n'outro, volve.
Ella o encanto exaltou da voz suave, (1)
Elle, a que o conquistou, face tão bella. (2)

Toda em rubor tingida, a Nympha péde
Que o Canto lhe renóve. Elle, que anceia
Agradar a quem da alma ha dado a pósse,
Se esméra em dar á vóz máis doces québros.
Canta óra a formosura de Amaryllis;
O'ra a chamma de amor que ateada sente,
Pelos seios máis íntimos do peito:
O'ra levanta a vóz, declara á Nympha
Quanto sobem de ponto as esperanças,
E os prazêres, que a idéia lhe debuxa,
Vindos co'a ardente união, c'o laço estreito,
Que Venus tem de atar, de atar Cupido.
Eis que, cantando, lhe reluz na mente...

SYLVANO (dizendo entre si).

« Mas, se Amaryllis sua vóz despósa
C'o septîvoco invento, a Pan devido...- (3) »
Correo fama em Sicilia, que Hébe, um dia,
Des-sedentando o Espôso (4) com o néctar,

---

(1) De Sylvano.

(2) De Amaryllis.

(3) A gáita de sette vózes, que Pan compòz, das cannas em que Syrinx foi transformada.

(4) Hércules.

Este a taça entornou, roubando um ósculo. (1)
Bîbulo o Chão, a lîquida doçura
Transmittio á verdura que nutria.

Algum tempo depois, allì plantárão
Ciciosas (2) cannas Sîculos Pastores,
Que o Tempo, em larga cópia, deo medradas.

Sylvano as vê: reméssa-se a cortá-las;
Empunha desiguáes cálamos sétte,
Que une com molle cêra enxuta, e nûa
D'um espremido favo. Applica á bôcca...

SYLVANO.

« Oh maravilha! oh pasmo! — O mél do Hymetto,
A Ambrosìa do Céo não é máis doce.
Sórve, sórve, Amaryllis. — Igualar-nos
C'os Numes quiz dulcîssimo Cupido. (3)
Saiba Pan, saibão Fáunos, saiba o Mundo,
O Dom dos Deoses, a ventura nossa.

Já todos os Pastores, e Pastoras
A' suave canna applicão bôccas ávidas,
Sórvem néctar celéste; e já devotos
Alção aos Céos as mãos, joêlhos curvão:
Em Côro, grátos, lédos Hymnos cantão
Ao Deos, que tão mimosos os prendava.

---

(1) A Hébe.

(2) Quem observa o som, que nas seáras já maduras, e nos Cannaveáes faz no Estìo o Zéphyro, dá-lhe a esse som, o nome de *cicîo*. Chamem-lhe qual máis queirão, nôme imitativo, onomatopeia, ou qual outra figura.

(3) Inspirando-lhe Cupido, que accompanhe o Canto de Amaryllis com o instrumento, que inventára Pan.

Já todos, pela sélva se derramão,
E da erricada côma (1) o Chão despójão.
Esta a cabana escórcha das infusas,
Prenhes aquella traz as mãos de cântaros, (2)
Vem correndo açodadas a atestá-los
Do suave manná, que escórre lento,
Da comprimida canna, em grosso grumo.

Outras, os vasos cheios cogulados
Expõem ao ráio férvido de Apollo.
Aquî mólha esta a mão, sôfrega a chupa:
Aquella o pão, na doce calda embébe.
Té que ao Sól refervendo em cachões rôtos, (3)
Se apérta e se condensa o néctar liquido,
E é já tenaz e duro, e brilha Assucar,
Opportuno, amigavel defluxî-fugo,
Tempêro essencial de golodices.

---

(1) Das aprumadas cannas.

(2) Não de cântaros prenhes as mãos; mas sim das azas dos cântaros. O todo pela parte.

(3) Quem vio ferver algum liquido, bem poude notar, como uns sôbre outros os cachões atropelando-se, arrebentão, e rôtos em miúdas bôlhas, se vão cozer com o cóbre da caldeira.

ODE.

— — — Quis talia fando
Temperet *ab era !*

E quem ha hi , que , sem anôjo possa
Aturar , tão tardîa , uma respósta ,
Promettida a vir lógo e rebolindo ?
Que ha quasi um mez remancha ?
Mal cuida quem não cuida na ancia , e anhelo
De quem , posto a esperar , stá , como a Dona
Que se confrange , e tórce , a agudas dores ,
Sem vir o parto a lume.
Se não fôra eu temer , que algum assômo
De léve macacôa , ao caro Brito ,
En páramos de nieve estampar sombras (1)
Tenha atéquî vedado :
Se não cuidára , que em Jardins florîdos ,
Em vêrdes veigas , ou vicósas várzeas
Reclinado nas ábas d'um arrôio ,
Ou jôrro de onda spumea : (2)
De gentîs Damas , qual Sultão , rodeado ,

(1) Sombras estampa en paramos de nieve, Verso de Gongora , n' um soneto.

(2) — Nunc viridimembra sub arbuto
Stratus, nunc ad aquæ lene caput sacræ.
HORAT. *Od.* 1. *Lib.* 1.

Esta, meiga as madeixas lhe anafia,
Dá-lhe outra os tafonés, como que o cata,
Porque brando adormêça.
Se eu não.... Que esfuzióte estálos-dante
Não sacodîra a pluma de Filinto,
Para desafogar a alma repléta
De enfadonho despeito?
Por óra, callo; até que avente o Nume,
Que lhe retêm a mão, que não me escreva.
Coitada da Perguiça! se ella é estôrvo
A' anhelada resposta!
Uma Sátyra azêda, recheada
De impropérios, convicios destampados
Lhe ha-de ir, e sem cabrêsto, á desfilada,
Descompôr o carinho.

ODE.

— Inquinavit ære tempus aureum.
Dehinc ferro duravit sæcula. —
HORAT. *Epod.* 16.

E inda ha quem diga, que este Mundo seja
Dos Mundos o melhor? Velháco, ou néscio
Foi quem tal escreveo. Não vio os males
Que esse Universo alagão?

(1) Quos ego... sed motos præstat componere fluctus.
Æneid. 1.

Não vio Péstes, nem Guérras, não vio Fómes,
Terremotos, Vesuvios? E mais feias
Traições não vio? e Aleives? Não vio Bonzos
Devassos, sôbre Hypócritas?
Quem me tolhêra a mim viver na Pátria
Rodeado de Amigos, desfructando,
Em honrado socêgo, os bens, que honrado
Meu Páe me grangeára?
Hôje, que encéto Hynvérnos de amargura,
Outo sôbre settenta, ao desamparo,
Da maligna Fortuna assetteado,
Onde está o Festêjo,
Que, na Pátria, este dia abrilhantava?
Avelhentado, póbre, lásso e triste
Ponho os ólhos no Céo; espéro a Mórte,
De tal Mundo abhorrido.
Dizer, que dos possiveis seja este O'rbe
O melhor! Minguar fôra a Omnipotente?
Dextra do Creador. Nenhum Cordato
Na bôcca tal tomára.
Nasceo melhor do que é este Univérso.
Têve Éra de ouro já.— E eu de ouro a tive,
Quando Marcia tão meiga, cópo a cópo,
Trincando com Alfêno,
Os derretidos ólhos me inclinava.
Fôra ao menos de prata, a lavrar nelle
Com menos furia o Dólo, o Roubo, e a Sêde
Do guerreiro homicidio.
Se de labios malditos a Calúmnia
Não exhalára pérfido veneno,
(Vapor infame, no melhor dos Mundos;
Da Styx dos Bonzos sóbe!)

SEVERIDADE OPPORTUNA.

APOLLO AGONIADO.

De tanto Poetastro, que se atréve
A gabar-se por Phébo perfilhado,
Gritar ás Musas, sitiar o Pindo,
Pela causa máis léve;
Manda a Sátyra vir.

APOLLO.

« Empunha o açoute; vai-me bem zurzindo
» Quanto Orate quizér aquî subir,
» Sem Alvará sellado,
» Por Garção por Diniz, ou por Alfêno.
» Zurze-os, com desempêno,
» Que os vergões se lhe enxérguem, no costado.

SA'TYRA.

—E a Filinto tambem?—
» Deixa esse vélho Orate: assaz lhe tem
» Attontado o juîzo as mágoas duras
» Do Exilio; — e da Pobreza as amarguras. »

ODE

A OLINDO.

— — Tu sapientium
Idem cultor est æmulus,
Quem per scabra trahunt tesqua inopes Dea
Fessum subsidiis bonus
Non vanis recreas. —

ANT. MATHEVON DE CURNIEU.

Ou Deosa da Amizade, oh vem do alcáçar
Do Olympo; e a mim descendo, de mãos dadas,
Co' a Gratidão preciosa,
Vem dar ao bom Filinto
Mimosas influencias, que o Deos Phébo,
Que as Piérides négão á Velhice.

Abre o claustro do seio ao ráio puro,
Bem-vinda-Gratidão, louros de Olindo
Illustra, e os alardêa
A' presente, á vindoura
Próle de Luso, próle do Univérso:
Padrão lhe érgue ás virtudes, lhe érgue ao Ingenho.

Tu, que, em Côrtes, sagaz, e sabio o viste
Desstramar os enrêdos cavillosos,
Tu, que gostosa o ouviste
O Rei servindo e a Pátria

Aureos avisos disferir sublime,
No Concelho Real, puro e singello:

Que o viste, na prisão, sem sobresalto,
Discorrer c'os Amigos, novo Sócrates;
E Alcibiades novo
No cortezão co' as Damas,
Dize quão larga a mão, quão présto aberta
Lh'a vio sempre o infeliz necessitoso.

Já previdente Olindo (outro Menezes) (1)
Vislumbrava na Pátria agro desastre,
Se imprudentes conselhos
Ségue, quem, nos negrumes
Applica a mão ao léme do Govêrno.
Baldou (novo Menezes) (2) sãos avisos.

Mas, elle ama o Sob'rano, e leal o ségue,
Na aurea bonança, na tormenta escura.
Nas venturas receia,
Nos desastres confîa
Coração bem fornido de experiencia,
Embebido em saber, em Probidade. (3)

---

(1) D. Aleixo de Menezes, Aio d'El-Rei D. Sebastião.

(2) Como o citado D. Aleixo.

(3) Sperat infestis, metuit secundis
Alteram sortem bene præparatum
Pectus. — —
Rebus angustis animosus atque
Fortis appare.

HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 10.

FÁBULA.

Claros visos vaidosos dá, se falla
O Zóte presumptuoso, e dá-os inda
No termo, no ademan, quando se calla.
ANASTASIO VIEYRA, *nas Florestas de Diana.*

UM Pato soccarrão, no páteo, um dia,
Ao vão Perum dizia.
« Quanto máis eu te escuto, máis me encantas,
Co' a gala, com que cantas.
» Louvão do Cysne a mórte melodiosa.
» Louvor de gente ociosa! (1)
» Louvão do Rouxinol a voz mesquinha.
» Sédiça louvaminha!
» Que o garbo teu, e o tom hardido e forte,
» É a Tuba de Mavorte.
» Não sabem admirá-la em teus gorgeios
» De consonancias cheios
» Se purpurino empólas rutilante
» As fauces, pondo avante
» O ponte-agudo monco, e enrufas a aza,
» Humilde, lógo, e rasa
» Do Rouxinol, do Cysne a Canção fica. »

(1) Que não tomou o trabalho de ir lá ouvi-lo.

O Perum se despica
C'um glu glu tão redóbre, e tão trinado
Que deixa embasbacado
O plumîfero pôvo. (1) E o Pato rîa
Do Perum que engolia
Tão sôfrego a lisonja. Tal succede
A Ave, que mal se méde, (2)
E a Pelões, e a Madamas de espavento;
Que (de uso) cómem vento.

ODE.

Nil majus generatur ipso,
Nec viget quidquam simile aut secundum.
HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 21.

QUANDO rompe as esphéras o Éstro ardente,
Que Apollo arroja ao Vate,
Qual é o varão, que esconde os pensamentos,

(1) Quem diz páteo com Perum, com Pato, bem dá a conceber familia de Gallinhas Pintos, Pombos, etc. pôvo enroupado em pluma.

(2) Tôdos sabem que namorado Virgilio da figura *tmesis* encaixou um *que* na palavra *Septentrioni*; e que Horacio namorado tambem da mesma figura, embutio um *rem* quando, na Ode 6. do livro 1. disse *quam rem cumque*. Eu namorado, e arremedador de ambos, puz um *se* entre *mal mede*. Não sei se fiz bem. Praguentos dêm seu vóto.

Que esse lume lhe accende ?
Lume, oh Phébo me dás; (1) na lingua Clio
Me vérte o mel de Hymetto.
Dai-me a Lyra: que eu vêjo o grão Nun'alv'res
(Vestida a adamantina
Cótta) que a fulgurante lança empunha;
E co' a vóz enche os peitos
De heróico ardimento; e vêjo a Pátria
Acenar a seus Filhos.
Já os Lusos corações, nadando em ondas
De intrépida coragem,
Se arreméssão á lide; embatem, rompem
Os esquadrões cerrados
Dos Hispanos: e a, que ìa em retirada
Victoria, á voz de Nuno,
Vólta o rôsto á vóz grande, e se envergonha
Que inconstante o deixára.
Já os Lusos são Leões. Mavorte impávido
Deo brios máis que humanos,
Que a côr mudão nas faces Hespanholas.
O Rei das bravas Féras
Pizando as brenhas Mauras, se descóbre

---

(1) Todos os Poétas dizemos que Phébo, que as Musas nos inspirão. Eu de mim sei dizer, que de quantas inspirações disse que tinha, não dou por verdadeira uma só dellas, em quanto não me assegurar que é bem poética (o que longe está de succeder) alguma dessas Odes, que os outros appróvão; e que inda a mim me não contentão. Houvesse uma dellas, que me enchesse cabalmente a idéia, que me eu fórmo da Ode... Houvesse uma dellas que eu imparcial e sincéro podesse comparar a uma de Horacio; que eu ìa lógo com todo o feixe das minhas tróvas á chaminé dar-lhe chamusco tal, que nem fumo ficasse dellas: reservando para fòro, e titulo meu a única approvada.

Armados Cavalleiros,
Sacóde as jubas, vibra horror cruento,
Que amedrenta, que espanta.
Já fóge o Caçador espavorido,
Dá de arrancada, á espóra;
Déspe as mãos de armas, por correr máis sôlto.
Assim, assim fugia
Das lançadas do Luso o Castelhano
Encolhido, e medroso.
Aljubarrota vio o Rei, o Exército
Dar a Nun'alv'res costas.
Lá borbóta em Castália a fonte pura.
Em que hão banhar os labios
Os Vates, que amão dar Canções á Lyra
Pregoeira de altos nomes.

DITHYRAMBO.

——— Tu sapientium
Curas, et arcanum jocoso
Consilium retegis Liæo.

HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 21.

A minha Marcia, Amigos, tres saúdes,
Por formosa, por meiga, e por amante.
E a virar! — Que o meu Méstre, (1)

(1) Horacio.

Fran-mação (1) de xibança ,
Diz que tres vezes tres (2) sêjão virados ,
A pino , rasos cópos. Nós Poétas ,
Máis que ninguem , bebâmos :
Que é Baccho Rei do Pindo.
Dá Pégasos , Castálias , e dá Musas. —
Como os Louros , em cêpas se tornárão !
(Quáes bastidores de O'pera ,
Ao silvo d'um apîto.)
Do bicîpite outeiro os picos ambos (3)
C'um acêno , os ha Baccho emparreirado ;
E deo a Horacio , a Pîndaro
Dous ôdres por assentos.
Arredai-vos daquî , Vates águádos ,
Que os jôrros de Hypocrêne , e de Agannippe
Veneno são flammîgero ,
Que abraza , e que devóra
Derreados Sonetos , molles Décimas ,
Desenxábidas prosas consoanteiras.
Venha Éschylo , Alcêo venha
Que o ventre allumiavão
Com vinho Grêgo. (4) Vem , meu Ennio astuto
Que antes que a cantar armas te abalances

---

(1) Ha aquî anachronismo. *Nota do Editor.*

(2) Ternos tres cyathos. HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 19.

(3) Os dous cabêços do Pindo, e do Parnasso. Não ha hî cousa máis garganteada *a summo minimoque Poeta.*

(4) Já ha muito que n'uma O'pera do Judêo foi ditto. — Accendão-se em meu ventre as alâmpadas de Baccho. A isso allude o Poéta , e dá a entender que o vinho Grêgo servia de azeite a essas alâmpadas.

Nota do Editor.

A rôxa Cópa empunhas,
A rôxa Cópa empinas, (1)
A' Scipiada mesa. Então a Rómulo
Apoltronado vias empinando
Boquirubio e gaiteiro
Chuchurriado néctar.
Vates póbres e nûs, bebei um trago:
Vesti, por dentro, Baccho.—Baccho enroupa
Os mîseros com manto
Máis tépido que Martas.
Baccho dá fôrças; Baccho até dá Córnos. (2)
Que rechacem Orgulhos, e Insolencias
De Riccos arrogantes.—
C'um trago generoso,
Cáuto Mimistro acérta, n'um Concelho,
C'os lumes da Razão; e um Rei decréta
Proficuas Leis, põe ordem,
Nas Rendas, na Milicia.
Sem vinho, vão as Leis em desbarato,
Cahe em desmáio o Reino; Artes, Sciencias,
Boqueando, resvalão,
No boqueirão do Olvido.
Corrâmos, oh corrámos peregrinos
De romage a adorar Diva Botêlha,
De Rabelais (3) facéto
Auspicioso Numen,

---

(1) Ennius ipse pater nisi potus ad arma prosiluit dicenda.
HORAT. *Lib.* 1. *Epist.* 9.

(2) Viresque et addis cornua pauperi.
HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 21.

(3) Todos os grandes Deoses o erão. Tinha córnos o Júpiter Ammon, na Lybia; tinha-os no Tártaro Plutão, tinha-os Nep-

Cornudo é Baccho : (1) vinde , oh bons Maridos,
Bebei largo ; adegai Baccho na pansa.
Baccho os rasgões remenda,
No surrado conjugio.
Bêbão Bons , bêbão Máos. Cordial é o Vinho ,
Que alenta os Bens , quebranta a fôrça aos Males
Misânthropos trasmuda
Em folgazões convivas.
Vinde , oh Damas beber , vinde Meninas
Vossos ólhos desfréchão máis pungentes
Farpões , se Amor os tinge
Na Cópa ebrifestante.
Acodi , acodi , Sabios e Loucos ;
Vinde haurir , nesta fonte de Sapiencia :
Axioma é cada trago ,
Cada frasco um Lycêo.
O vinho Amigos dá ; o Vinho apérta
Os laços da Amizade ; as pórtas abre
Ao carcerado arcano.
E affouta amores tîmidos.
Aquî os quéro eu vêr , a meia rédea ,
Abraçar-se co' a jarra undi-tremente
E ás guélas emborcá-la ,
Sem verter uma pinga.
Como vai deslizando sonorosa
Na Cisterna do peito ! — Assim discanta
Por entre seixos lisos ,

---

tuno. Até Hércules os tinha : não só ameaçados, quando Nesso lhe levava a Dejanira na garupa : mas muito de raiz, quando Omphale , e Iôle tanto a geito , e á flor do rôsto, lh'os plantárão.

(1) Quem lê o seu Gargantua o seu Gran Gosier, e o seu Pantagruél, achará, no que eu digo, alqueires de Razão.

Trepidando, o Regato,
Encannado na várzea florejante.
Do rôxo Evan as ondas me serpêão
Nas veias jubilosas,
E aos pulos vão-se ao cérebro.
Canto Marcia; cantêmos todos Marcia;
Que Canções vem á tôna da bebida.
Dansêmos, tripudiêmos:
Ama os tripudios Baccho.

O PERALVILHO.

Certo Casquilho, em Casa d'um Banqueiro
(E Banqueiro Judêo) entra atrevido
Até onde elle janta. *P.* — Este Bilhêtte...
B. Não pago, em quanto cômo. — *P.* A' mesa espéro. —
Sem que o convidem, senta-se, e desunha-se
A comer, c'uma fóme de tres dias.
Finda mesa, o Banqueiro paga a conta,
Menos quatro cruzados. *P.* Faltão quatro...
B. — Tanto o Senhor comeo á minha mesa.
Não rogado comeo: pague a despeza.

ODE.

AEquoris nigri fremitum et trementes
Verbere ripas. — — —
HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 27.

EM quanto vai a Náo surcando as ondas,
Inchado o bolso da forçada (1) Véla,
E as ondas vão, revôltas, resvalando, (2)
Com fugitivo arruîdo.
Encostado á amurada o Passageiro
Stá contemplando os movediços combros (3)
Da estrada undosa. « Assim nos córre a vida (4)
» (Diz) sôbre um mar de azares,
» Que se empóla, em carneiros se accappella (5)
» Roncando ao longe, e vem despedaçar-se
» Nas róchas, que co' açoute despiedado
» Retrémem sacodidas. »

(1) A que faz fôrça o vento.

(2) Pelo bôjo da Náo.

(3) As ondas cumuladas.

(4) Reflexão do Passageiro.

(5) Les lames en faisant moutonner lenrs cimes, imitaient des troupeaux blancs répandus sur des bruyères.
Chateaubriand, Génie du Christianisme. *Part.* 1. *Lib.* 5.
Chamão os Mareantes *carneirada*, as vagas, quando umas traz outras se levantão em cachões de espuma.

Quem não correo balanços da Fortuna ?
O'ra agitado do Euro das Desditas ,
No procelloso pégo ; óra adejando
Na plumagem do Zéphyro.
Eu , que ìa , már de leite , deslizando
Na agua mansa de vida amena e honrada ,
Naufraguei nos escólhos da Calúmnia ;
Perdi os Bens , e a Pátria.
Já da spumosa vága o irado rôlo
Me pója em salva praia , bracejando
Fugitivo a Neptúno , á Mórte , enxugo
Os húmidos vestidos.
Co' estudo , c'o favor das doutas Musas
Grangeio um sabio , um generoso Amigo.
Não entrei (não) no Templo da Riqueza :
Mas despedi a Inopia.
Eis n'um pégão de vento vem Marfisa , (1)
Turva-me a mente , (2) o soffrimento apura , (3)
Almoéda-me os Bens , de mim diz males ,
Quáes nunca ouvio Mafôma. (4)
Vem-lhe apóz Jullien , (5) que estraga quanto
Com lida , e com suór , juntei poupado.

---

(1) Co'a córja de parentes.

(2) Foi tal a gritaría que me azoinou ; vágados me tomárão , que nem em pé me tinha , ajudei-me do encosto das parêdes.

(3) Eu injuriado , quando innocente , e queixoso cheio de razão , paguei o que não devia. Todos os Portuguezes o sabem.

(4) Tanto me valeo tirá-la do estado de costureira , sustentá la , e vestì-la 30 annos ; e ter com ella toda a complacencia , e ainda amizade.

(5) Banqueiro , que fallio c'um *deficit* de dous milhões e meio , em cuja mão tinha eu posto quanto me produzírão os versos que imprimi.

Foi segundo naufragio. — E eu sem braços
Com que, a nadar, me salve.

ODE

Encomiastica e panegyrica, em louvor e applauso do furiosissimamente estupendissimo Autor do Soneto seguinte.

Nil parvum, nil humili modo,
Nil mortale loquar. — —
HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 25.
Ego mira poemata pango. (1) *Id. de Art.*

ONDE estás, Lyra? (2) Onde é, que te escondeste?
Pões-te a dormir, n'um caso tão egrégio,
Que péde a vóz de Apollo,

(1) Não estranhem esta basófia, n'um baforinheiro de versos, que *ante prævisa merita*, já as Musas o passeiavão em Carro de triumpho, pelas ruas Capitolinas de Lisbôa. De quantos Poétas tenho noticia, nenhum sei, nem mesmo dos máis famigerados, a quem tal glória radiasse em vêrdes annos. Foi o caso. Vendêra meu Páe ao Conde de Castel-melhor, um mulato, chamado José, excellente Cocheiro. Este que nunca perdeo o amor que me tinha, n'um dia de beijamão tomou azo, em quanto durava a etiquetissima ceremónia, guia a minha Casa a dourada Berlinda, emba ca-me nella, infante de sette annos, e me alardêa a seis poderosos Urcos, e tres aggalloados Lacaios, a todo o fiél patife, que quizésse vêr uma criança mecânica nos coxins d'um Conde, que appostava nobreza c'os máis luzidos Astros.

(2) Direi o que me aconteceo, quando quiz amanhar esta Ode

Que péde as Musas todas,
Toda a córja de Pîndaros, e Horacios
Com Teórbas, com Lyras, com Laúdes?

Venha sellado, e almofaçado o Pégaso,
A'brão-se ahî Castálias, e Hypocrênes:
Sáião dos sacros ânditos
De Délphos, de Amon Jóve
Orac'lisados (1) sons, inspiradores,
Que ouvidos bêbão, corações se embriagem.

Eis o Deos! Eis o Deos! Eis as Camenas
E o Pégaso, que rincha. — O soálho alága
Douto jôrro. (2) Apollo ás Musas
Barréga: — Golfai (3) versos. —
Já pindariza Horacio, como um Gôngora,
E já Pîndaro, a flux galimatiáza. (4)

Eu canto. Eu canto. Dá-me esses sólfêjos,
Rapaz. Não te remanches: dá-m'os présto.
Ut, ré, mi — Ré, mi, fa. —
Mi, fa, sol. — Fa, sol, lá.
Pois que tal? — Não condiz c'o assumpto a sólfa?
Condiz, máis que condiz. E eu continúo.

---

ao sublime assumpto, que me foi requerido. Puz-me nas pontas dos pés, fazendo — upa — upa — como as crianças; e não me foi possivel, com o máis forcejado pulo toccar-lhe nos calcanhares, com a ponta do dêdo grande.

(1) Sons de Oráculo. Imitação Pindárica.

(2) Da Castália, e da Hypocrêne, que corrîão com tal abundancia, que era um desamparo.

(3) Deitai versos ás gôlfadas, como as Crianças deitão ás gôlfadas as sobejidões do leite.

(4) Assim o affirma o Senhor de la Motte Houdart.

Fa, sol, la. — *Sol, ré, mi.*—Subi de ponto!
Arremésso meu Canto lá, que estruja
As bóbedas Empyreas:
Que os Numes as orêlhas
Esfréguem, para ouvir melhor meu Canto.....
Mas, que é do assumpto?—(1) O assumpto sahio gôro.(2)

Tal foi meu subitaneo Enthusiasmo
Que assaltando-me as fibras do miôllo,
Tresvaliado Vate
Disparei nesse arrôjo.
Tal desfécha requébros tonto Amante,
Em noite de Luar, á bilha de agua. (3)

---

(1) Creio, que essa pergunta me fazem os perluxos.

(2) Lá lhes vai a resposta no mesmo verso. Ora os que não sabem o que *é gôro*, pódem perguntá-lo, a quem deita gallinhas de chôco.

(3) Indo lá, pela noite vélha, certo Mocetão fallar á sua Amada, que morava no Campo de Sta. Clara; como, nessa hora, em que os Páes alto-dormião, bruxuleasse, por entre as rótulas, certa cousa branca, que com os bafêjos do Zéphyro, bamboleava, affigurou-lhe allì o seu namorador instincto, que o que bamboleava era talvêz a anágoa, ou faldas da suspirada Chloris. Ei-lo, que se derréte em requebradas finuras, almejando esperdiçadissimo namorado, favorecida resposta. Respondêrão Vms.? Assim respondeo a cousa branca bamboleatriz.

Qual marpesio rochêdo ficou muda;
E emperrou na mudez, té dia claro.
João Tenorio de Castro, na sua Phéniz Lusitana.

Ei-lo o tal namorador, que, bufando de chólera, atira comsigo a casa, esbravejando todo o caminho contra a pécora; passa o résto da noite a compôr uma Carta de esfuziote, descompondo a tal Menina. Ora esta se lhe desculpou muito serôdea, allegando

E tal parte Roldão desatinado,
Co' a espada em punho, os ólhos fuzilando
Chammas de Ira e Ciúmes,
A alanhar d'alto-abaixo,
Em França, o bom Medóro, que, entre os braços
Da bella Angelica (em Catáy) dormia.

A um Penhasco, de que brotava copiosa Fonte fêz certo Autor o seguinte.

SONETO.

Bello Athlante de jaspes, que brilhando,
Vértes cópia de pérolas, seguro,
Essas lágrimas são de riso puro;
Do teu chorar te ris, do rir chorando. (1)
Mas diluvios de aljôfares manando,
Sendo aos Bósques prazer, aos Pólos muro:

(como verdade foi) que na tarde antecedente chegára uma Tia vélha, que morava em Tancos, á qual tinhão armado um leito, a travéz da janella, que de tal modo atravancava a passagem, que era impossivel acodir ella ao reclâmo, dado que muito o desejasse. Quanto á cousa branca, que aos raios da Lua prateados o deslumbrou, se desenganasse de que não fôra ella; mas sim uma bilha de agua, que tinhão posto a asserenar, cobérta c'uma toálha de mãos.

(1) *Piscis iste non est omnium.*

Se choras, por ser brando, isso é ser duro;
Se choras, por ser duro, isso é ser brando.
Quando áspero te fêz a Natureza,
A tua condição de ti murmura,
Vendo brandos effeitos da aspereza.
Mas um raro portento, em ti, se apura;
Pois móstras a brandura, na dureza,
E escondes a dureza, na brandura.

Ouvio este Soneto Fr. Jeronimo Vahîa, lá nos recônditos poéticos Elysios aonde móra, e extasiado exclamou: — Viva sua mercê, o Senhor Soneteiro. Fêz um soneto chappado! Assim os ataroucava eu no meu século dourado. —

Fica-me, a mim Filinto Elysio, a desconsoladeza de não lhe entrar no âmago do conceito: porque o Autor fechou comsigo a explicação. Tenho por fé, que ha nelle muito miôllo de Poësia, e de Éstro máis da marca; mas tão gîrio foi quem o fêz, que nem uma ponta lhe deixou de fóra, pela qual se podésse atinar c'o strambêlho.

ODE.

Não máis Musa, não máis; que a Lyra tenho
Destemperada, e a vóz enrouquecida.
CAMÕES. *Cant.* 10. *est.* 145.

Oh Esperança, oh sônho de acordados,
Quanta escóra da vida me não fôste
Em tempos desastrosos de penuria,
Em tormentas dos Fados!

Abraçado comtigo corri máres,
Estranhas corri Terras, ólhos fitos
No albor d'uma Ventura, que engodava,
Lá do extremo horisonte.

Deslumbrado d'esse astro fui volvendo
Quinze lustros, Desgraças amolgando
C'um teu surriso, inválida Esperança,
Pondo ancia no vindouro.

Mas, hôje, que encetei cansado e póbre,
Sexto-décimo lustro; e que a Experiencia
Rasgou inteiro o véo, que despintava
As côres dos succéssos:

Vêjo o que me encobrias; vêjo os Males
Como em si são; e vêjo como as sôltas
Azas desprégas; vás de mim fugindo
Com desleál despêgo.

Vem-me uma vóz de estranho som, que augusta

Me revolve a lembrança , e me retrata
Infidos Homens , pérfidas Mulheres
D'um séxo e d'outro infamia !

Megéra aquella foi (1) , Erynnis esta. (2)
Quiz-me a Calúmnia pôr no antro de Caco (3) :
Um todo invejas , outro insidioso
Me empólgão bens , e fama.

E um Génio máo , na minha hybérna Quádra , (4)
Me emborcou , sôbre a fronte , infernal táça ,
Que os dias me empéstou , eivou-me as horas
De Morphêo , de Polyhymnia.

Quem me acóde com élmo , adárga e lança ,
Contra monstros de aleive e de perfidia.
Contra Furias do Avérno , que sacódem
Despiedados flagellos ?

Vem , Dia de meus annos. Vê , se te órnas
Com flores de argentada Independencia :
Espanca-me do Quarto as desabridas ,
Ferrenhas amarguras.

---

(1) A Chicoineau.
(2) A Michel.
(3) Masmôrras da Inquisição.
(4) U'ltimo quartél da vida.

CONTO.

« Olho, ou nariz, que faz, ou não, na Cara?
(Dizia, ceceiando Florisbella,)
» O Corpo é nada. O Amor prende só na alma. »
Eis que, da Guerra, chega o ausente Amante.
Párche o nariz lhe cóbre. O nariz? Négo,
Cóbre o sîtio, em que estêve. — Eis se arreméssa
A seus braços o Amante. — Ella recûa.
« Como é possivel (diz) que, tanto, a uma alma,
» Desfeie um narîz menos! »

ODE.

Est enim varius et multiplex usus amicitiæ, multæque causæ suspicionum offensionumque dantur: quas tum evitare, tum elevare, tum ferre sapientis est. Cicer. *de amicit.*

— Filinto não contempla a pena, os passos
(Disséste) — que me custa. (1) Oh ruîn queixume!
Apaga-te, nos ares, que te ouvîrão,
Na bôcca, em que coubéste.

(1) Il me semble que qui sollicite pour un autre a la confiance d'un homme qui demande justice. La Bruyère.

Uma alma nóbre, nunca lança em rôsto
Penas, no bem, que faz ao grato Amigo;
Com meiga mão embébe as da Amizade (1)
Em mél de ha ver bem feito.
Filinto, na áurea quadra de seus dias,
Consolou desvalidos; formoseava-lhe
Com riso a pena, com carinho o custo
Dos dons, da lida e passos.
O prazer que brotava da acção boa
Ameigava a fadiga, e lhe tingia
O semblante, co' as côres bem acceitas
Do affeito máis benévolo.

SONETO.

Toda officioso Amor, toda ternura,
Nize jurava a Albano, estremecida,
Querer-lhe bem: ainda além da vida,
Inda em sombras mortáes da Sepultura.
Que de Albano um surriso, uma doçura
Ella a antepunha á jóia a máis garrida,
A' riqueza com ancia appetecida
A' gloria triumphal da Formosura.
Falto Albano de Fé, no juramento;
Para apurar, se é bom, se é valioso
Põe fincapé, n'um relevante invento.
Finge-se (por fallido) desditoso:
Vai dinheiro pedir-lhe. — Oh ruîn momento!
Resfriou-se esse Amor tão fervoroso.

---

(1) As penas, que lhe procédem da Amizade.

ODE.

Telephus et Peleus, quum pauper et exul uterque
Projicit ampullas, et sesquipedalia verba.
HORAT. *de Art.*

DESEJA o Peregrino, que annos longos
Viveo da Pátria ausente,
Tornar a vêr o técto, onde á luz veio,
E o Lar, que o aquecêra;
Vêr vizinhos, com quem, na idade tenra,
Teceo jôgo, e amizade;
O Vergél, que lhe deo sab'rosos fructos;
E a pampinosa Cêpa,
Que lhe ensombrova o somno meridiano.
Ama, se voltou ricco,
Com dadivosa mão prendar um e outro,
Com quem brincára Infante;
Contar aos Páes, a Amigos, a Parentes
Da vida estranhos casos;
As fadigas honradas, e os disvéllos,
Com que grangeou riqueza.
Se voltou póbre, espéra franco alîvio
Nos Affagos da Pátria,
No ajudador Conselho, na Brandura
Do Chão, que o vio nascido.
Ai do mîsero, que o Fado despiedoso
Travou, pelos cabêllos,

Do ninho paternal o arrojou longe
Entre Philautes duros !
Bebida tem já a morte a tragos lentos,
Antes que o talhe a fouce.

CONTO.

« Dar-me-hás nóvas de ti, cada semana. »
Dizia a Jórge o Páe, dando-lhe a benção;
E Jórge, com seu Páe correspondia,
Sem falhar um Correio em dar-lhe novas.
Vem um Vizinho, e diz-lhe, que era môrto
O tal Jórge. Seu Páe, que sério, e têso,
Faz fincapé no ajuste, e fé nas Cartas
De seu Filho, a tal morte não dá crédito,
Responde: » Se o meu Jórge fôra môrto
Sem fallencia, nas Cartas, m'o disséra.

EPIGRAMMA LXXXVI

DO LIVRO IV DE MARCIAL.

Se ao prometter sem dar, dar chamas, Cayo,
Com dádivas te arraso, e te confundo.
Tóma o ouro, que os Gallêgos campos cérrão;
E o que na agua revólve o ricco Téjo:
Quantas pérolas cólhe o Indiano fulo

Na alga Erythréa ; quanto única a Phenix
Guarda em seu ninho ; quanto affadigada
Recólhe Tyro no Agenório bronze,
Dou-te tudo quanto ha. Não m'o rejeites:
Que assim como nos dás, assim acceites.

ODE.

——— Gratior it dies,
Et soles melius nitent.
HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 5.

Jam nec prata rigent, nec fluvii strepunt
Hyberna nive turgidi.
Id. *Lib.* 4. *Od.* 12.

QUE dias tão formosos vê perdidos,
O caro Brito ! Em vão a Primavéra
Nos Campos alardêa os seus matizes,
E ri, nos Céos, Apollo.
Que vago Alcides, que Thesêo intrépido
M'o arranca de Parîs ? Máis sôlto um matta
Minotauro biforme ; ou rouba Alcéste,
Outro, máo grado a Dite.
Mais fácil foi a Ubaldo, e ao Companheiro
Retirar dos Jardins da Maga Armida,
O Heróe mancêbo, em cujo brîo escóra
De Solyma o triumpho.
Bramo indignado, saudoso anceio

Da ausencia do meu Brito ! Em vão lhe brádo ;
Em vão meus tristes versos dão reclamo
No seu cerrado ouvido.
Quem , máis que Brito , verteria Bálsamo
Nas feridas , que abrio , sem piedade ,
No meu peito a Fortuna. Inda corrêra
O rôxo sangue , em fio.
Se , com maviosa dextra , não amima
A Amizade os pezares , e as acérbas
Desditas dos humanos , louca é a ancia
De conservar a vida.
Se da voluvel Róda cáhes mesquinho ,
E , em teu despenho , quebrantado , pédes
A mão , que te êrga , o peito que te affague
No vigor do Infortunio :
Toda a dextra se esconde ; é dura , é férrea ,
Aos gólpes indigentes , toda a pórta ,
Se o Fado o olhou , com cenho , e foi ludibrio
Da desvairada sorte.
Por prendas , por Virtudes , a Alma nóbre
Estude acearear firme Amizade ;
Que val máis , que rasgar preciosa mina ,
Que chatinar (1) , no Eôo.

---

(1) Cada dia me vou desmemoriando máis da lingua Portugueza. Nem tenho com quem a falle , nem tempo , em que a lêa : todo o emprégo na correcção do Poêma dos Mártyres , e o que me fica , não o dou á Leitura Clássica , quando mesmo bem o quizéra ; porque m'o não consente a cansada cabêça que os annos tem enfraquecido. O meu Brito , que a tem remoçada e frêsca , com a Conversação de Conterraneos , e c'o folheio dos Souzas e dos Barros me indicará as falhas ; e me será (como elle diz) fiscal sevéro , e reparante Aristarcho. Lá vai a (talvêz) úl-

SONETO

Ao Médico, que curou Filinto Elysio d'uma cólica, na tésta.

Alma de Jaspe, que em Tyndareo Pólo,
Vibras conceitos de Apollineo Lauro, (1)
Concéde ás fôrças do áspero Centauro, (2)
Sagittîfera aljava do aureo Apollo.
Das priscas Parcas, no famoso cólo,
Depõe Origens o sobêrbo Tauro (3);
Pérto da lympha, em que se banha Aglauro, (4)
Os conceitos, e a Lyra affouto enrólo.

---

tima-génita, d'uma Musa enrugada, e encanecida, aparar os piparótes da Crîtica. *Ibis, nec invideo.* Irás Ode, e não t'o lévo a mal; que essa é aquî genuîna significação do *nec invideo*; e em tudo a mesma, que lhe dá Ovidio, no I°. dos Tristes. Sempre tive por má a que lhe ouvi dar a certos Latinistas: — *Vai, livro, e não t'o envéjo.* — Pois que lógo Ovidio, nessa mesma Epist. I a. mostra a grande mágoa, com que fica, de o não podér accompanhar a Roma.

(1) Compunha Phebéos Poêmas o tal Doutor — *laurea donandus Apollinari.* —

(2) Chiron, que ensinou Medicina a Achilles. D'onde vêm que os Cavalleiros andantes, curavão feridas suas, ou alheias.

(3) Hervas medicináes que nascem no monte Tauro.

(4) Lá cantava o Doutor as suas Poësîas.

Dos Paracelsos a Arte mui distineta,
Lavra os azares de ávida escriptura,
Que luz em Sapiencia, e que Artes pinta.
Logo Rhamnusia, Divindade escura
Da cólica o labéo monta e requinta
E céde ao teu podêr, co' a fé máis pura.

ODE.

Iguarías (1) suaves, e Divinas,
A que não chega a antiga Egypcia fama.
CAMÕES, *Cant.* 10 *est.* 3.

VEM, meu Domingo gôrdo, aguça as pérnas
Accarréta a Versalhes, o meu caro,
Meu bondadoso Brito; e se ousas tanto,
Tráze Selys, e Souzas.
Venhão máis (tudo é bom) Limas, Abrantes,
Corrêas, e outros Mandriões, que arrédem
De meu peito tristezas, e cuidados
De agourados futuros.

(1) Diz um Scholiastes de Camões, explanando o sentido d'estes versos, que elle sabìa de sciencia cérta, que entre os pratos, que a Deosa Téthis déra por nova e rara iguarìa, ao Gama, no banquête da Ilha dos Amores, viérão por sôbremesa uma Pyrâmide de Trouxas d'Ovos, e uma grande bacìa de ouro attestada de Ovos mólles. — Louvêmos a noticiosa, e recôndita erudição do Scholiastes.

Em pompa triumphal, com elles, venhão
Os O'vos mólles, Reis Conquistadores
Enramados de Louro, de Héra, e Murta,
Máis famosos, que César,
Que Alexandre, e Sesostris, e inda quantos
Flagello hão sido do Orbe. E ha quem lhe entôe,
Na Lyra versos? Que os tão mal emprégue?
No silencio obscurando
O'vos mólles! Os versos campanudos
Nascêrão no Parnasso; e os fêz Apollo
Para honrar O'vos molles, manjar nôvo
Que inventára Thalìa.
Fôrão versos, que as Musas decorárão;
E no Templo do Gôsto Orphêo divino,
C'o Compasso de Urania, em duro bronze,
Os entalhou etérnos.
Déra de Horacio o Doutrineiro Cátio,
(Em mystérios de môlhos) mil sestércios
Por saber do segrêdo de O'vos mólles,
A dóse, o ponto, a têmpera.
Cátio, cujo padár adivinhava
O Séxo, a Idade, a Pátria, a Peixes, e Aves;
Que sabìa, do Camarão máis ténue,
Que Lûa lhe era propria.
Máis fêz Apicio. Foi-se ao ditto bronze
A Receita copiar. O tal Golôso;
Porque ao Templo do Gôsto (1), a Romarìa
Faça, e consiga o arcano;
Empenhou os bigódes, pôz em venda
A Spôsa, a Filha, a Irmãa, soffreo tormentas

---

(1) Diverso do *Temple du Goût* de Voltaire.

Soffreo Ladrões, na estrada; os ólhos fitos
No bronze da Receita,
Ia apprestando as sôfregas guélas
Para o sabor da loura golosîna,
Da Divina iguarîa. — Vinde; oh vinde
Brito, Sely e a augusta
Conserveira, que assim suaviza as almas,
Que máis que Juno, Pallas, Diana, Venus,
E quantas Deosas lá no Olympo luzem,
Pômos merece de ouro.
Ah! que se eu fôra Páris; que se Júpiter
Mandára, por Mercurio, em novo Ida
Co' as Deosas, presentar-me a Conserveira,
Para ella o pòmo fôra.

SONETO

MOTTE.

Deséjo não dar ázas ao Deséjo.

GLOSA (com consoantes forçados).

DESÊJO larga vida affortunada
A Amigos bons, em bem prestar constantes;
Desêjo, ás minhas Guápas, táes Amantes,
Que lhe abonem leáes a Fé jurada.
Desêjo Trouxas d'óvos, na abastada,
Contente mesa; fructos redundantes,
Mùsica douta, versos retumbantes:

Damas — sem quem nenhum banquête agrada.
Desêjo ao Frîo achar, no Lár, guarîda;
Mórte, no Estîo, ao rôxo Persovejo...
Oh Tempo, que me lévas de vencida,
Dsêejo-te a andadura do Cangrêjo;
E, por volvêr, com máis socêgo, a vida,
Desêjo não dar azas ao Desêjo.

ODE.

Quisnam igitur sanus? Qui non Stultus.
HORAT. *Lib.* 2. *Satyr.* 3.

Nossos Nétos quanto hão-de ser felizes!
Que ha-de esta Éra parir ventura, a rôdo,
Todos papéis no-lo rézão.
Transbórda das medidas, a Esperança;
E os Sabichões a fixão, para sempre,
C'o Cravo dos alvitres.
Um nos dá vida (1) de milhentos annos,
Se á Diéta vegetal tomâmos vêzo,
Golósos de álho, e alfáce.
Outro nos vem provar (2) com algarismos,
Com requintadas chymicas, que o Vinho

(1) Journal de l'Empire du 14 Décembre 1810.
(2) Journal de l'Empire du 18 Août 1812.

Peçonha é refinada.
Quem diremos que é sabio ? O sabio, que hôje
Desassombrado escréve devaneios ?
Se os crêmos, larga vida
Vivei, Pórcos, e Bois, vivei Gallinhas,
Coelhinhos, vivei. Livráes da Mórte
Por nábos, e por couves.
Vinhas ? — adeos. Adeos Tokái precioso,
Lachryma Christi, adeos. Ai malvasìa
Que saudades me deixas !
Que dinheiro não forrareis, meus Netos,
Com beber agua, com fugir peçonhas
Do malfazejo vinho !
Com dêz reis de Cenouras, dáes banquête
A' crescida familia ; e os dobrões de ouro
Nas gavêtas se amùão.
Depois virá (nem pêco prophetizo)
Quem contra o desperdicio dos vestidos ;
Nos prégue Adam, e os Cafres. (1)
Então dinheiro a montes ! Tenho pena
Que estou Vélho, e que não me ageitão módas,
Com que não fui criado.

---

(1) Nação que se appresenta sem vergonha *in puris naturalibus*.

EPITAPHIO

DE FILINTO ELYSIO.

Como todos, entrei, neste Univérso
Sem conhecer os Homens.
Co' elles vivi, tratei. Não fui ditoso;
Que a necessaria Bûssula,
Com que inimigos mares se navégão,
Nunca a tomei comigo.
Cuidei, que a Boa fé, que o Termo ingénuo
Me atalhassem naufragios.
Vate (e louvado) fui; mas sempre do óptimo
Modêlo Venusino,
Tão distante, quanto, hôje, de mim distão
Vates de anãas Nerinas.
Nem da Académia fui; que não me achárão
Os táes Sabichões digno
Dessas honras, que tanto esperdiçárão, (1)
Em membros, que óra callo.
Hôje que entro a avistar escólhos pérfidos,
Cobértos de agua mansa,
Nesse Oceâno da Côrte, e seus suburbios,

(1) Basta lêr a Lista dos Académicos, e lêr táes, e táes prósas: que versos — ahi tórce a pórca o rabo.

Lhes dou o adeos etérno.
Por tres (1) Homens, que vi dignos de estima,
Vi mil malvados Judas
Avarentos, Philáutes, vîs Sejanos,
Cavérnas de Calúmnia! —
Sem pezar, me despéço: e, se o previra,
Rejeitára entrar no O'rbe.

ODE.

Bacchum — — — —
Vidi docentem (credite posteri).
HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 19.

NEM Vinho! nem dinheiro, com que o compre!
Que vida hás-de aturar, mîsero Vate!
Bébe agua: e comporás aguados versos,
Sem-saborões, e chilres.
Tóma as Arrãas por Musas: Koáka, Koáka,
Como ellas, nesses pântanos da Hollanda.
Lá (1) dão lições (2), lá tem mil apprendizes,
Mil vates, mil Cantôres.
Assusto-me, estremêço, ólhos em alvo
Pônho, á tremenda vóz, que vem dizer-me:

(1) E poucos máis. *Quibus dignus non erat mundus.*
(2) Na Hollanda.
(3) As Arrãas.

— O vinho já deo fim. Já deita bôrra
A pipa pósta a pino. —
Cuidar que um Carrascão atavernado (1)
Custa além de cem francos ; que myrrhada
A maldita algibeira , e sem soalhas ,
Nenhum chorúme deita ;
São pontadas , que o coração traspassão ,
Que á bôcca arrójão mólhos de blasphemias
Contra essa Inquisição , que me sequéstra ,
Bens de patérna herança.
Furias , máis Furias , que as que attribulárão
O Matricida Oréstes , desengonção-me
O juízo... E c'um punhal.... Tá tá ! dos eixos
Vai fóra o meu arrôjo.
Oh Baccho ! Oh Deos benigno ! Ao teu Devóto
Acóde , acóde. Lembra-te d'esse Hymno ,
Que , em tuas áras puz , por holocausto ,
De gratidão sincéra ,
Quando o Buccéllas , quando o Carcavéllos
(Mimos de Souza : (2) mimos de Araújo)
Pela esconça garganta , deslizava ,
C'os ólhos , no Céo , póstos.
Então me appareceste , e doutrinaste ,
A nascença do vinho revelando-me.
« Eu fui (dizias) (3) quem de amor ardendo ,
» Pela formosa Iphysa ,

---

(1) E com quantas mixordias lhe mettem.

(2) D. Joseph Maria , etc.

(3) Dicam novum , indictum ore alio. HORAT.

O certo é , que ninguem tinha atéquî adivinhado esta origem do vinho.

» No dia em que, ás occultas dos máis Numes,
» Só, com Venus e Hymen, na vôda, á mesa
» Lhes fiz mimo, c'um frasco, que eu furtára
» A Ganimédes, e Hebe,

» Frasco de Néctar! C'o sabor Divino
» Alheada Iphysa, vem-se a mim, me beija,
» Re-beija, e táes meiguices faz, que é fôrça
» Que eu lhe ensine a compô-lo.

» Derreado de abraços, sólto o arcano:
» Québro uma hástea do pampinoso Thyrso,
» E na Térra a profundo. Eis lógo folhas,
» Lógo racimos pendem. (1)

» És Vate, e te é sabida a grande alçada
» D'um Deos, Filho de Jóve, Deos no Olympo;
» Na Terra, vencedor das Indias; no O'rco,
» O que eu fiz, diga-o Horacio. (2)

» Medrava a ólhos vistos, e estendia-se
» C'o rôxo-inchado bágo a Cêpa. Eis Venus
» Se arregaça, eis Hymen depõe o facho
» E eu, como elles me dispo.

» Mãos á vindîma; todo o Cacho á dórna
» Baqueando vai; e nós, na gran taréfa,
» C'os pés nus, no lagar saltâmos rindo,
» Pizâmos, repizâmos. —

» Entre rasgados risos, sahe, e espirra
» Petulante o licor. Sórdidos, turvos,

---

(1) Rómulo, que (quando muito) era um Deos de meia Tigéla, nos conta Ovidio liv. 15 das metamorphóses, que fêz a mesma façanha, encravando em térra o seu venablo.

(2) *Lib.* 2. *Od.* 12.

» Sahimos do lagar , tremelhicando ,
» Cambaleando , a tontas.
» Iphysa não perdeo , de todo , o nórte :
» Tornada em si , vindîma , e pizo , e môsto
» Aos Grêgos ensinou , e alçou primeira ,
» Mortáes , a par dos Numes. »

ODE.

Tu tamen exilii morsus é pectore nostro
Fomentis speras cedere posse tuis.
Ovid. *Epist.3. à Pont.*

Trabalhou o máo Fado em miserar-me.
Mandou-me desterrado , e perseguido ,
A estranho Clima , a lingua esquiva , ignota ,
Desamparado e póbre.
Vivi desconhecido , e sem o alîvio
De util Conversação honésta ou meiga ,
Que o dissabor dos males adoçando ,
Faz quasi não sentî-los.
De destêrro em destêrro , pôz-me na Haia ,
Pôvo de Statuas , de enleado idiôma.
Saturna gente falla , qual de Cafres
Confusa algaravîa.
Depois doenças , pleitos de Megéra ,
Fallida de Banqueiro ; e a Fóme entrando
A passos largos , pela pórta... Ai misero !
Que era de mim , sem Brito ?

P. S.(1) da Carta em que mandei o Idyllio — Almôço. —

Meia noite era dada, quando um Trasgo,
Nos ólhos me assoprou *pós de Vigilia*; (2)
E o somno affugentou-me. Estremunhado
Tórno a véla a accender, empunho a penna,
Para dar vága ao Délphico chorrilho,
Que zunia no côncavo da bóla.
Eis me acho sem papél, em que gravunhe.
Eis, na Cama a Perguiça me soppêa...
Muito vale o bestunto! Atiro a dextra
A um Livro, em que acertei com fôlha branca:
Nella, a correr, despêjo, em larga veia,
Essa córja de aguados sem-sabores.

ODE.

Tu nihil invita dices faciesve Minerva.
HORAT. *de Art.*

CUIDAR, que eu tenho fórja de Vulcano;
Nem ha máis que malhar rúbido férro;
E eis uma grade, eis uma fechadura
Em lhe correndo a lima!
Aos Poetastros de Outeiros consintâmos

(1) Este *P. S.* desgarrou-se do tal Idyllio.

(2) Como ha pós de *Opio* para dormir, ha *pós de Vigilia* para acordar.

Parir a fróxo acconsoantadas régras,
Quáes dava o Peidorreiro, ás enfiadas
Diapasões de estrondo.
Eu sou um páo mandado. Quando Apollo
Me envólve a mente no luzeiro Délphico
Rompem-me em borbotões versos altivos,
Ou suaves Endeixas. (1)
Mas se érgue o freio ao Éstro desboccado,
Vazìa a tésta, seccárão-se na lingua
As despenhadas vozes. Fico inérte,
Embaçado, e até stûpido.
Nunca falhei a achar Apollo, e as Musas,
A zingarem comigo, quando a Marcia
Lhe intentava mandar sonóros versos,
Que ao vivo retratassem
A accesa chamma, que no seio ardia
E no verso envolver, que lhe a alma accenda,
O fôgo, que eu sentia. Se avexado
Pelos rógos de Amigos
Ode alguma emmalhei desenxábida,
Por minha a desneguei; desnégo inda hôje;
Na róda a irei deitar dos enjeitados
Envergonhado, e brusco.
Fallem-me em Trasgos, que me vão levando,
Já por bem, já por mal; que junto á banca,
Me sóprão arremêdos não-disformes
Do Venusino Méstre.
Então, me córre a penna, á desfilada. —

---

(1) Is autem felix quem Musæ diligunt, suavis illi ab ore fluit vox. HOMER. *Epigr.*

O Menino tem mil fecundos (1) Vates,
Que as vindouras proêzas lhe descantem
Em campanudos versos.

P. S. da Carta em que ía esta Ode, e que era resposta á que o meu Amigo me mandou, encarecendo-me as amendoas, que me virîão pelos versos, que eu fizesse ao Filho do Ambrosio, de que falla o Idyllio.

Amendoas, e Confeitos bem os amo;
Mas quando inteira a rua dos Lombardos (2)
Com bocêtas, com teigas venha á porta,
Em vão lá bateria: pôz-me tranca
No Juîzo, emperrado o Deos dos versos.

---

(1) Recueil des meilleures pièces de vers qui ont été inspirées par la naissance du ******** aux poètes français; latins italiens, espagnols, portugais, allemands, hollandais.

Sur 275 choisis entre un nombre effrayant d'autres poètes, 50 ont obtenu des couronnes.

Journal de l'Empire.

(2) Rua onde morão os máis abastados Confeiteiros de Parîs.

ODE

Ao novo Systêma de dilatar a vida a 100, e ainda a 200 annos, comendo legumes, e raîzes (3).

Quicunque terræ munere vescimur.
HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 14.

— — — — Culti Vilhicus horti
Unde epulum possis centum dare Pythagoræis.
JUVENAL. *Satyra* 3.

NUNCA, em tempo melhor veio a Diéta;
Que Pepinos, Cenouras, Nábos pauta
Para alentar a novecentos annos,
As curtas vidas de hôje.
Vivas milhentos séculos *et ultra*,
Pronóstico Doutor, que aforoaste
Tão profícuo segrêdo; e, em ti, a próva
A' Eternidade mandas.
Eu, que á bôlsa vazei o fundo stîtico,
Sou ricco já d'agora. Com seis francos,
Que me mande o bizarro Amigo Brito,
Passo mezes, e mezes.

(3) Vid. Journal de l'Empire de 14 de Dezembro de 1810.

A adéga me é inutil. Vendo pipas,
Garrafas vendo. Um póte de agua pura
Me servirá de adéga; e dou dous trincos,
Para o *Champagne*, e *Beaune*.
Que régabófe, aos caros meus Amigos
Daquî, a nove dias, não aguarda
No banquête, que, em meu festivo dia
Lhes hei-de dar opîparo!
Brilhem Nabos, Pepinos, e Cenouras,
Com amplas jarras de agua. As Rãas nos Cantem.
(Lindas Musas!) O Deos das Hortas danse,
Ao som dos alcatruzes.
Que tem que vêr Lyêo, Sileno, Ménades?
Que tem que vêr o Deos das Comezanas,
E Apollo e Musas, que seu Canto estráguem
Com Gente de Diétas?

ENUCLEAÇÃO

ETYMOLÓGICA.

Funiculus, funiculi, masculini generis.
Prosódia de Bento Pereira.

É tão cérto *Funil* vir de *Funiculus*,
Como é cérto *Barbeiro* vir de *Barba*;
E surdir, de *Caldeira*, *Caldeireiro*.
O mesmo som da vóz o está clamando.

Funiculus que é Páe , *Funil* que é Filho.
Os nossos bons Maióres , que attentavão ,
Com affinco no obrar da Natureza ;
(Não , como hôje os Peraltas , que só cuidão ,
Em módas , em namôro , em Gallicismos.)
Nossos Maióres , digo , que maduros
Punhão o tino em uteis qualidades ,
Vendo correr o azeite fio a fio ,
Por um vaso evasado pela cima ,
E estreito e agudo , pela longa ponta ,
Que dá corrente ao lîquido ; e ajuntando
Esta idéia do fio da sangrîa ,
Co' a idéia do cordél , que pende a prumo ;
Prumo de azeite , prumo de Pedreiro (1)
Fio , e fio , *Funiculus* Latino ,
Que significa guîta de tres fios....
Vós sabeis Lógica , e entendido tendes
O que idéias complexas dizer quérem.
Que fazem elles ? (2) Mingúão , por máis cómmodo
Funiculus de quatro , em duas syllabas ,
E *Funil* mui redondos (3) nos legárão.

VARIANTE.

Quatro Homens , que uma briga presenciárão ,
A seu geito cada um pinta o sucésso :
Quanto á substancia , a conta é sempre a mesma ,
Mas são diversos , della os episódios.
Tal co' a etymologîa funileira

---

(1) Nivél.

(2) Os Maióres.

(3) Esses mesmos Maióres.

Creio que aconteceo. Vá outro Conto.
Um Tapuya apprendeo, pela Prosódia,
Latim tal e que jando; Latim fulo,
Latim de Missionario, (1) máis activo
No bem das almas, que em Virgilio, ou Cicero.
Ora o Tapuya que era seu Criado,
Entra na adéga, e vê arregaçado
O Padre estar vazando nas garrafas,
O vinho do tonél, por um embude.
(*Embude* appellidavão os Vasconços (2)
O váso, que a coar préstimo tinha
Azeite, e mél, vinagre, e rosasólis;
Que côa, nas boticas beberagens,
Com que o Démo regala os seus devotos.)
Tornêmos ao Tapuya. Vendo um dia
O seu Padre vazar sumo da Cêpa,
Que, qual cordél a prumo, em fio, córre...
Vai bailando á Prosódia; e abérta a página
Vê scripta a citação do meu epigraphe;
Entra a gritar — *Funiculus*, *Funiculus* —
O Padre, que era guápo, e que era amigo
De phrasear altîloquo, e tinha ásca
Ao mal-soante, antigo nome *Embude*;
Ergueo ólhos ao Céo, bateo na tésta: (3)
« Dei co' elle !.... E co' elle deo o meu Tapuya!
» Ha-se chamar *Funil*, a máis que eu possa.
» Derivado *Funil* da vóz *Funiculus*. »
Tão bom succésso têve o Missionario
Na tal derivação, que lh'a adoptárão

---

(1) A scena passou no Uraguái.
(2) Antigos habitadores das Hespanhas.
(3) Quem lá se vio lá se achou.

Lógo os Tapuyas , lógo os Portuguezes.
De bôcca em bôcca veio assim correndo
Dar na mui douta Athenas de Coîmbra ;
Que lhe passou Diplôma de Burgueza ,
Correo Lisboa , e se casou comnôsco.
Tomai-a , qual queiráes de melhor grado ;
A origem do *Funil* é sempre a mesma.

ODE.

Quis desiderio sit pudor , aut modus
Tam cari capitis ? —
HORAT. *Lib.* 1 , *Od.* 24.

QUEM me déra ir rasgando , a vôo sôlto ,
Diáphanas Campinas ,
C'o meu Brito , e máis outra Pessoînha ,
Que eu sei ; mas que óra callo !
Que contentes irîamos de rancho.
Vêr a curva Bahîa ,
No Pégaso montados , ver o Rîo
Que d'este mez tem nome !
Ver n'uma , (1) o Borges , os Navarros , Caldas
N'outro , (2) abraçar a Olindo !
Que de affeitos , a borbotões , da bôcca ,

(1) Bahîa.
(2) Rio de Janeiro.

Do coração pulando,
Não tinhão de espraiar-se nos ouvidos,
De quem caros conheço!
Como sôffregos tinhão de tragá-los
Melhor que Malvazîas!
Mas ruîn Philosophîa éstro-tolhente
Rasgou os véos á Fábula;
Desfêz em pó, da Grécia os lindos sônhos,
Seccou as Hypocrenes,
Cortou azas ao Pégaso, e pôz êrmos
Olympos, e Parnassos.
E fêz máis. Destruîo altos podêres
Das amparáveis Fadas.
Já não póde, por ellas protegida
Menina maltratada,
Por mil prodigios, vir, Cendrilhon nóva, (1)
A cabo de seus gôstos.
Nigromantes, adeos: que Dom Quixote
Estancou vossas artes,
Máis recurso não resta, que ir morrendo
De ausencias saudosas:
Esperar uma Carta, mandar outra,
Que pouco, ou mal, exprime
Os accêsos desejos, que consumem
Os peitos de ausentes.
Mal, engóiados, hajão, os Philósophos,
Que tão gratas Chyméras
Nos tólhem, com perluxos argumentos,
Com tyrannas Verdades.

---

(1) Com o título de — Gatta borralheira, — me contava minha Mãe a história de Cendrilhon. E nunca minha Mãe soube Francez.

ODE.

A UM AMIGO QUE PROMÉTTE E FALTA.

Non saxa nudis surdiora navitis,
Neptunus alto tundit hyberna salo.
HORAT. *Canid. respons.*

Por tres vezes faltar-me, como um nêgro,
Quem se ufana de vir de gente branca,
Me apura o soffrimento!
Mudo, qual bronzea Statua, surdo aos vótos
D'um Amigo leal, nem vem, nem tóma
Aliviosa pluma;
Que ás *Cartas enfiadas* respondendo
As occurrencias enuclêe ambiguas (1)
Que o juîzo emmaranhão!
Esperei que o Natal nascer fizésse
Nesta Casa a Alegrîa; e o Nascimento
De Filinto, com festas,
O, de quem salva o Mundo antecedesse;
Que um Amigo viesse dar-lhe salvas,
Novo Pastor, ou Mago.
Actos nullos! Prométte Epiphanias:
Epiphanias passão malogradas,

(1) Imitação do stylo de certa pessôa.

Co'as semanas illusas.
Castél (1) vem co' a Quittança embandeirada,
Mal que ábre Jano as pórtas do Anno novo.
Mal responde engelhada
A bôlsa d'um Poéta ao cru *citóte*;
E os dentes rangem ás ameaças do O'cio,
Por falta de trafìco. (2)

SONETO,

COM CONSOANTES FORÇADOS.

VINHA apostada a malquistar comigo,
A Discordia olhi-tôrva, a minha Amante,
Dá Ciûmes, com Phillis, incessante
A Marcia. Oh intento falsamente amigo!
Marcia não vio o ardil, tão inimigo
Do nosso bem querer leal, constante:
Demudou-se, esquéceo-lhe nesse instante
Quanta angústia um Ciûme traz comsigo.
Porque não fêz como eu? Quando vem Zêlos
Tirar-me o somno, e, armada a Carambola,
Dar-me cabo da vida com disvéllos;
Dou-lhe dous trincos. Fóra Corrióla!
C'os meus quatro risinhos amaréllos,
Lhes desengonço aos Zêlos a Charóla.

---

(1) O Senhorìo das Casas vem pedir o aluguér.
(2) Não trabalha a Fábrica, por falta de materia.

ODE

AD SODALES.

Plerunque gratæ divitibus vices
Mundæque parvo sub lare pauperum
Cænæ, sine aulæis et ostro
Sollicitam explicuere frontem.
HORAT. *Lib.* 3, *Od.* 19.

ENTRE embruscados desabridos Dias,
Lá se érgue ás vezes a dourada Aurora,
E allumîa, c'o Sól, o azul sereno
Do pavelhão Celeste.
Renasce, nos Mortáes, fausta alegrîa;
Os Campos menos-pardos dão aos ólhos
Esprazida verdura, que affugenta
As carrancas do Hynvérno.
Assim me espanca a vista dos Amigos
Disconformes carranças da Tristeza;
E a Fóme, co' a Probreza, por um pouco,
Tráz da porta se escondem.
Ráia no Quarto a Aurora da Amizade;
Se a Phébo apóz si traz, que me allumîa,
Dos Versos a esmaltada formosura,
O Ingenho me enverdêce;
Outro sou. Desnublada de amarguras
A Cûpula do peito, o azul radioso
Da Alegrîa amigavel tóma posse
Dos horisontes da alma.

Póbre mesa, na póbre Casa, aguarda
C'o póbre Dôno, a Amigos, que não cévão
Nos riccos móveis, nas douradas taças,
Os ólhos; e só buscão
No seu Tugúrio humilde, o Vate ingénuo
Máis anciosos d'um coração lavádo,
Que das pompas dos Trimalchiões modérnos.
Oh venturoso Dia!
Conversêmos, bebâmos, divirtâmo-nos
Entre Risos, Saûdes, Chistes, Jócos.
Festivo accôlho o dia sempre fausto,
Em que me honráes sincéros.

CONTO.

Um Normão, cujo Páe morreo na fôrca,
Por Ladrão, já, por vezes tres marcado,
(Longe dallì, da Aldêa não sabido)
Mandou missa cantar, posto de lutto;
E quando o Cura aspérges despartia,
Lhe alçava, ao Cura, o Filho, o cotovêlo.

Normão.

« Máis alto, Senhor Cura. » (Cura) — E por que causa? —

Normão.

« Porque morreo meu Páe, nos altos ares. » (1)

---

(1) A minha dúvida é, onde quereria o Normão que o Cura despartisse os aspérges, se affogado lhe houvéra morrido o Páe.

ODE.

A' ILLma. E EXma. CONDESSA DA ÉGA.

Quem póde vêr um coração tão triste.
Quem uma vida, que ha invéja á Morte!

FERREIRA.

No prazer engolphada uma alma nóbre
Póde, acaso, esquécer, que vive em mágoas
O Honrado, ou o Innocente, que a Fortuna
Accurvou com desditas.
Mas, lógo que a Illusão (espessa nuvem)
C'os ráios da Razão, se vai rompendo;
Sóbe do peito o Dó da humanidade,
E da alma os ólhos québra.
Sóbem lembranças de proméssas báldas,
Acódem mãos, que, arrependidas, pédem
Pelo descuido, graça; arvórão promptas
Da Compaixão a insignia.
Filinto soube, que lembrada Alcippe
Do antigo adorador dos seus talentos,
Premiar quiz o não-cessante Culto,
Com flor do seu Ingenho.
Oh não permitta o Céo, que entre os prazêres
Sublimes, sem iguáes, tão variados
De contemplar, c'um Sábio, c'um grandioso
Estimador das prendas,

Que Apollo, e as Musas vértem, nos amantes
Da bella Natureza, e das Virtudes,
Se esquéça a Filha da máis nóbre Váte
Da proméssa a Filinto.
Filinto entre as angustias d'um destêrro
Falto de bens, distante dos Amigos,
Fita os ólhos na Pátria, vê na idéia
Presente a Sappho Alcippe.
E quanto a Alcippe não magoára, vê-lo!
Com que amigavel dextra, as tão pungentes
Penas, não lhe adoçára! E o Éstro extincto
Lhe resurgìra meiga! (1)

DITHYRAMBO.

Fas pervicaces est mihi Thyadas,
Vinique fontem, lactis et uberes
Cantare rivos. — — —
HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 19.

Eis-me no Ménalo. Nébrides, Ménades
Capri-barbi-corni-pedes-felpudos
Egipães descortino.
De vêrdes Thyrsos abastado souto
Ao stridente clangor das Charamélas,
Méde a compasso a estrada.
Co' as rudes mãos o adufe arripiando

(1) Milagre fôra. Mas que milagre obrar não poderia a dulcîsona vóz da Lusa Urânia!

Estrugindo, a Cohorte alvoroçada
Affugentava em tôrno
Os pavorósos hóspedes das mésses,
Que ás lápas vão do esconso valle a vôo,
E lá despir o susto.
Nûs os peitos, madeixas desgrenhadas
Atiplão as Bassárides o cheio
Da dîssona assuada.
Vóz em grita — Evohé — que rompe as nuvens,
Mil vezes repetido, rebramado,
Vão rematando Cóplas.
Os cornîgeros Faunos, e Sylvanos
Vem, na fila, escanchados nos jumentos,
C'um Vélho mui caráça, (2)
Que, na panda garúpa, duas Nymphas
De azevieiros ólhos, com máis môsto
De emborrachar acábão.
N'um Carro engrinaldado de Héra, e pâmpanos,
Que duas Onças tîrão, vem sentado
De Sémeles o Filho.
A de Naxos aventurosa Amante
Lhe vem luzindo ao lado. O'lhos languentes,
Entrelaçados braços,
Humedecidos párpados, suspiros

---

(1) En littérature, il ne faut pas compter les fautes, il faut peser les beautés; un trait sublime a lui seul plus de poids dans la balance, qu'une foule de beautés communes. Il couvre de sa lumière un grand nombre de fautes.

JOURN. DE L'EMPIRE *du* 22 *Août* 1811.

(2) Caráça foi sempre o appósito, que máis me pareceo quadrar a um bêbado de bom humor, cuja cára se espraia, se illumina co'a mistélla, cujos ólhos piscão engraçados bixinhos.

Ardendo, em vez de vózes, denuncião
Qual Deos na alma lhes lavra.
Os pintados ferózes Agathyrsos
(Comitiva de Evan) quando dão tino
D'esse painél de amores,
Estranho affeito sentem star pulsando
No coração, e dár tregeito á bôcca,
Que vozêa — Evohé. —
« Que formosa que ella é ! Quanto elle é lindo !
» Evohé ! Evohé ! » Eis almagrados,
Com o sarro do vinho
Sátyros fulos vem fechando o couce
Dessas Orgias; c'os pés, co' as mãos ferindo
Destampada battùta; (1)
E affadigando os écchos das montanhas,
C'os retinnidos Silvos surdescentes,
Das rîspidas avênas.
Não fico. Vou com Marcia, nova Ariádna,
Enfrascar-me tambem no mél das Cêpas.
— Evohé, Padre Baccho ! —
— Dá-me a mão; dá-me assento aos pés do thrôno,
— A mim, e a Marcia.. Ah ! não. Que temo ao vê-la,
— Que a Ariádna infido sejas.
— Cá me arrancho com o Aio. Sus, Amigo,
— Que, a roncos, nos resfólgas sustenidos,
— Lá vai, de gólpe, um frasco.
— Bébe oh Marcia, aos bigódes espumantes
— De Silêno; que tens, se a taça empinas,
— Mais meiga a luz dos ólhos.

---

(1) No Dithyrambo máis que em nenhum Poëma é larga a permissão de termos estranhos.

— Outro frasco de máis não me faz pêjo
— Antes me espérta o fôgo das idéias ;
— Dispára , a flux , os versos.
— Olha Baccho , a me ouvir , que encólhe ás Onças
— O.... (2) Maldito , que ao Canto o fio québras ,
— Visiteiro importuno !

ODE

GENIAL.

Ergo quod vivo , durisque laboribus obsto ,
Nec me sollicitæ tædia lucis habent ,
Gratia , Musa , tibi. — — Ovid.

Quizéra eu , hôje , opîparos manjares
Offertar a meus Hóspedes ;
E des-lembrar penurias , inimigas
De Alegrîa , e Festejo.
Mas não me é dado. Oh vem , Philosophîa ,
Com dextra auxiliadora ;
Descárta-me de enôjos , limpa-me a alma
Das nódoas do Infortunio.
Quando a alma é sãa , o côrpo não enferma.
Contenta-m'o com pouco.

(2) O freio (queria dizer ; mas entrou uma Visita de Ceremonia , que quando o Poéta máis inspirado estava , lhe deitou agua na fervura.

Val máis que Imperios a aurea Medianîa.
A Razão se escurece
Co' a fóme de Ambição, e da Avareza.
Pouco fumo é bastante
A marear dourados laqueares.
Conquistas de ouro e Povos
Desatinão juîzo, a alma empobrecem.
Eu já raspei da idéia
O Mundo, e seu descôco; á Poësîa
Dei o meu O'cio inteiro.
Hôje a Brito darei, darei ao Génio
Todo o vão da Vontade.
Bebo á tua saûde, oh Brito amigo;
Bébe, a revézes, Brito.
Nem sempre é bom cevar-se nos manjares,
E assemelhar o Abutre.
Um bêbado chorudo val, na bôda,
Quanto um Heróe, na brécha.
Acorçoar com Bácchicos socátes
Um ronceiro a que bêba,
Val animar um General cobarde,
A que ganhe a Victoria.
Bébe, e não cismes vãas diplomacîas:
No Vinho jaz a fôrça
Para Amor, para a Dansa. O Homem parvo,
Com agua, e não com Vinho
Lava as entranhas, deslavado mórre.
O Céo dá sorte dura (1)
A quem não se envinhou: nem o Cuidado

---

(1) Siccis omnia nam dura Deus proposuit.
HORAT. *Lib.* 1. *Od* 18.

Roáz, que o seio mina
Se despéga de nós, sem Vinho a cântaros.
Quando a alma avermelhâmos
Que se nos dá da Côrte, ou das Batalhas?
E quem não canta — Evohé —
Alumno é de Penthêo, e das Mineides.
Bebo, outra vez, a Brito.
Bébe, a revézes, Brito; e não semelhes
Ao carnes-pica Abutre.
Val máis, com pélle de Ôdre, ir vêr Charonte,
Que arrotando carniça. (1)
Não stá em nossa mão o Dia crástino
Dar por seguro. A vida
Nos fóge, entre esperanças des-sizudas
De ter c'os Reis valîa.
O Homem, que na cerviz, soffreo o *gumo*
Da Libitina fouce
Nunca máis bébe; máis não põe cuidado
No atulhado Celleiro,
Nem, na Adéga, de vinhos atestada.
Que ganancia ha nos sustos?
Estende-me, Rapáz, no leito Rosas.
Rosas me desagastão,
Depois que estanco frascos, e botêlhas.
Chama aquî guápos Vates,
Que bêbão, cantem o meu caro Brito,
E o meu Verdier; que eu, Vélho
Môvo, na Lyra, dêdos decepados.

---

(1) E tão cevados na *carniça* humana, que a fazem muitas vêzes nos proprios filhos e mulheres, só por não estarem ocios os.

LUCENA. *Liv. 4. Cap. 7.*

Rapáz, deita máis vinho
Vê, se inda achas do doce Carcavellos.
Garrafa, n'algum canto,
Quéro toldar-me, ao nome de Araújo,
E de Sely formosa.
Lá vai a Anacreonte, e ao meu Horacio.
Baccho, manda máis frascos.
Téce-me aquî parreiras. Venha á sombra
Venus, co' Amor, bebêrem
Haja galhófa. As Graças des-cingidas
Arregaçadas dansem;
Dêm aos áres as néves animadas
Das léves, déstras plantas.
Érgue os óculos, Brito; vê radiando
O Sól, qual já luzîra
A Avós nossos: no Céo, nada perêce;
Em quanto, relé fraca
Nós perecêmos, como débil Rósa,
Que o Soão bafejára.
Nós viver sempre Nós, da vida sônho,
Viver Nestóreas Éras! —
Co' a árca de Dobrões cheia, Ai! triste Vélho!
Îdolo affumeado
Ao réz do Lár, mal ouve, ou vê, mal másca;
Queixa-se, escárra, e rálha;
De Baccho nem de Venus, sabor tóma;
E, em vêz de guiar baile
Torpecidos joêlhos tremelhîca.
Se tanto os vótos valem;
Dá-me, oh Jóve, que apóz mui cheios dias
De Velhice inda vêrde,
E honrada vida, a Mórte repousado
Ante Éaco me ponha

Com raras, alvas cãas, rugosa fronte.
Mágoa fôra, ir, na bérra
Da idade juvenil, cortar a Stygia.—
Vida viver sem mancha,
Com seu córte de Ingenho, é um Bem valioso,
Se as espóras não sentes
Da Avareza, e Ambição. Quando é que eu cuido
Em conquistar Impérios?
Uma pipa de Vinho, de resguardo,
Algum Amigo, á mesa,
Uma Lyra, que eu tóque avelhentado,
São meu cabal thesouro.

CONTO.

Tem relógios, tem pêndulas Fundano
Em parêdes, em mesas e algibeiras;
Mas tão vários de mólde, tão sem conto,
Que lóge não verás de Relogioeiro
Tão bem sortida
Tem pelas quatro, cinco, ou seis fachadas
Das Casas, mil primores da Gnomónica.
E o Sól, dêsde que násce: até que mórre,
Pelas linhas lhe apponta, enfiando o ôlho
Da chapelêtta, as hóras, meias horas,
E os curtos quartos,

Sem que lhe escape o mînimo minuto.
Vê-lo-hás dar córda, todo o sancto dia;
O'ra avançar ponteiro, ora atrazá-lo.
Por que andem justos,
Uns c'os outros os póbres dos Relógios,
De ponteiro em ponteiro anda e desanda:
Tal lida, bem o vês, ha-de attontá-lo.
Outros, no andar, bem pódem desbancá-lo,
Mas ninguem melhor sabe ás quantas anda.

O D E.

Venus daria a sua Virgindade,
Por de O'vos molles parva quantidade.
Poêma Suêco, traduzido por ALEIXO PATUSCO, *de Samardam.*

Benção de Deos te cáia, oh mão ditosa,
Que sábes os golosos O'vos mólles
Remecher, sazonar, para o d'um Vate
Almejante appetite.
Serás Hébe, nos Céos (se pódem vótos
D'um Alumno das Musas cabimento
Com Jóve ter). Farás, que enfastiados
De Néctar, e de Ambrosîa,
Os Divos lá do Olympo máis que sôfregos
Lambão os venturosos pratos, lambão
A colhér, que os mecheo, e a caçarola,

Que de os cozer foi digna.
Mas, peccador de mim! O ruîn Brito
Deo a todos, grandioso, porção larga
Do mimo ao triste Vate dedicado;
E a mim as rapaduras.

EPIGRAMMA.

Certo Bargante, maganão chapado
Vio passar, pela Praça, em longo fio
Confrarîa de Môças mui formosas,
E, no couce, uma Vélha desdentada,
Magra, engelhada, e calva, e rabujenta
« D'onde vem (exclamou) este Rosario
» De pérlas, com cáveira, por calvario? »

ENIGMA.

Qual vês saltar Cabrito, apenas nado,
Trepar montes, descer ao val profundo;
Tal côrro, côrro, dês que fui creado
Mil e mil annos, sempre vagabundo.
E quem me então creou, por seu mandado,
Me obrigou a correr, sempre, no Mundo.

ODE.

Heu me! per urbem (nam pudet tanti mali)
Fabula quanta fui! — — —
HORAT. *Epod.* XI.

FELIZ, quem rumas de Calções possûe!
(Calções, digo, não rôtos, nem surrados)
O sancto Job chagado, na esterqueira,
Calções não precisava.

Os Cafres, que nas práias Africanas
Sem brágas, sem cuécas, nûs demórão,
Tem o Sól, que os aquéce, e de seus raios
Lhes talha véste splêndida.

Mas eu... Não digo máis. — Passem dous dias;
Não saio. — E se eu sahir: na rua, a Gente
Me córre ás apupadas; e os Garôtos
Me enxovalhão com lâma.

Dous Calções, cujas Éras me não lembrão,
Sobrepondo fundilhos a fundilhos,
Não soffrem ponto, sem rasgar-se o panno,
Que lhes clamou concêrto.

Quiz, da minha Reguinga d'ha seis annos
(Vélha, mas inda inteira) tirar calças.
Eis que ella, á fôrça de uso, é qual Camisa
De que isca fêz Vulcano.

Das Mulheres não fallo; que ólhos fitos

Agução para a plaga dos fundilhos.
Não lhe escapa remendo, nem rotura,
Que attentas não registrem.

Feliz, quem tem Calções! Vai campanudo
Correr Sécas, e Mécas: ante as Damas,
Na luzida Tertúlia, ou no passeio
Folgado se espernéga.

Apollo é nù: nùs quér os seus Poétas.
Sem máis Calções, que os que lhes deo Natura.
E, se, máo grádo seu, Calções, seus Filhos
Trajão, lh'os rasga irado.

ODE

AO MEU AMIGO BRITO.

Nunc se inculcando Poétam, descartat se se hoc opere, in quo plura palavris, sunt vitia, asneiræque, et scribi indigna papèle (1).
ANTONII DUARTIS FERRONIS QUEIXUMINA.

Tomárão Babilónia os Vechabîs?
Chorarás inda, oh Méca, longos annos
Profanado o jazigo do Prophéta?
Captivo o sancto Pôço? (2)
Entrará, no Brazil, a Cheia, que óra

(1) Fallava propheticamente o Autor, de mim, e dos meus versos.

(2) De Jacob.

Dos républicos sêrros despenhada ,
Léva acção de alagar quanto Columbo ,
E Cabral descobrîrão ?
E a Casaquinha curta , pósta em gémeas ,
E esses Chapéos , á Móda , ábas de léque ,
Qual Cauda de Perum , quando elle arrasta
Enrufado á Perûa ,
A A'za ; e que faz *gruglú* , avermelhando
As riccas dómnas (1) com que adórna a guéla ? —
Tu que espreitas as Nóvas , mal que escórrem
Dos Ôdres do Futuro , (2)
Tu , que pódes... Que impórtão táes noticias ?
Noticias que só dignas da Gazêtta ,
Darião gran taréfa ao Gazetteiro ,
E a mim nenhum cuidado ?
Desconsolado estendo essas rabiscas ,
No papél mandadeiro. O Horacio , a frôxo ,
Mandaria , se auri-luzentes Chicos ,
Na bolsa chocalhassem.
Quem Chapéo , quem sapátos rôtos , vélhos
Calça , não compõe versos campanudos : (3)
E o Poêma dos Mártyres padêce
Da penuria do Vate.

---

(1) Allude a cérta anecdota Conimbricense.

(2) Júpiter (diz Homéro) tem duas tinas , etc. etc. Miguel Aranha dá dous Ôdres ao Futuro , donde cáhem pinga a pinga as boas , e as más nóvas.

(3) Se Baccho aquéce a veia do Poéta
Máis a aquéce o dinheiro :
E soube toda a Grécia ,
Que ondas de Éstro manava o ouro em Píndaro.
— Delicias de Diana.
Poëma de D. Miguél Aranha , Portuense.

APHORISMO.

Um surriso, na bôcca d'uma Amada,
Do Amante alenta o amor, a alma conforta.
Um surriso amarêllo desconforta
O Poéta, que em vangloria affouto nada.

ODE.

Urget diem nox, et dies noctem, neque est
Levare tenta spiritu præcordia.
Horat. *ad Canidiam.*

Onde te fôste, venturoso Dia,
Em que, á mesa, Parnasso triumphante,
(Máis doce, (1) que o Phoceo,) com Phébo, e Musas,
Blazonava na Haia?
Brito o mandou compor. (2) Em cima, a Fama

(1) Era de assucar refinado.
(2) Por um Confeiteiro.

Com dous versos de Horacio , (1) tremolava (2)
Louvores de Filinto , (exuberantes !)
Dados de amigo peito.
Onde te fôste , Dia igual ao de hôje
Em que Pinto , Barrôco , e os dous Domingos , (3)
Com versos , com sainêtes engraçados
Celebravão meus annos ?
Em que Marcia , em que Anfrisa : em que Delmira ,
Sem ciûmes , se olhavão , se abraçavão ;
Trincando Cópos festiváes , os ólhos
Punhão , no Vate , lânguidos ?
E Dia , máis que todos , Soberano ,
Em que Apollo , em que as Musas me inspirárão
Louvores á Amizade , á luz lavrados
Da Gratidão sincéra.
Hôje , n'um dia triste (4) , eu triste á mesa ,
Busco saudoso , com frustada vista ,
Um Brito , uma Sely , um Araûjo ;
E em vêz de folgar , chóro.
Mal , de tão longe , (5) tanto mar em meio ,
Me póde Araûjo ouvir. Mas o meu Brito
Não decorrer tão curta estrada , (6) e dar-me
Meigo abraço , em tal dia !....

---

(1) Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os
Magna sona turum des nominis hujus honorem.
Lib. 1. *Satyr.* 4.

(2) N'uma bandeirinha de papél escriptos.

(3) Pedro Caetano Pinto de Moraes; Sebastião José Frr. Barrôco; Domingos Monteiro; Domingos Maximiano Torres.

(4) Chuvoso e escuro.

(5) No Brasil.

(6) Duas léguas , de Parîs a Choisy.

ODE

AOS MEUS CENSORES.

Quid dem? quid non dem? Renuis tu, quod jubet alter.
Quod petis, id sane est invisum acidumque duobus.

HORAT. *Lib.* 2. *Epist.* 2.

SÉvos Juîzes, Verdier, e Brito
Contra os meus póbres versos
Vão dar sentença austéra. Coitadinhos!
Alguns serão capados,
Alanhados alguns. Ameáça a muitos
O rûbido ferrêtte.
Ai! joviáes Nótas! que cavádas rugas
No rôsto me alizasteis;
Que me arrancasteis de caduca fronte
Máis cãas, que, escrevi, Nótas!
De marujas labéo vos porá Brito;
Verdier, de chocarreiras.
Vós ides ser proscriptas, vós riscadas,
E, como Rés de Lesa
Seriedade, póstas no patîbulo;
Onde, Algôz, a Censura
Co' alfange diplomático, vos córta,
Sem piedade o pescôço:
Foi-vos mal, que me achasteis sem dinheiro!

Do prélo, á luz, virîeis:
E, zombando dos Córtes, e Rabiscas,
Vos surririão lédos
Os Souzas, e Araûjos, (ás occultas
Da sevéra Etiquêta.)
Dos Barrôcos, não fallo, e Figueiredos,
(Desempenados Tûnicas!)
Que ás risadas havião de accolher-vos,
Se ouvir-vos alcançassem.

MORALIDADE.

A Virtude á nossa alma dá saûde;
Como a Saûde ao Corpo dá a Virtude. (1)

EPIGRAMMA.

Talo de Légacão, com Scorcioneira,
Mágra Espôsa casou com magro Espôso.
Disse um, que vio a Vôda: « Tal magreira
» (Quanto eu daquî conjecturar lhe posso)
Que progénie ha-de dar, senão um Osso,
Pitança d'algum Gôzo?

(1) *Virtude* vem de *Virtus* que significa *fórça*, *vigor*. E virtude é o esfôrço da alma em obrar bem.

ODE

A HORACIO.

Parvum parva decent.
HORAT. *Lib.* 1. *Epist.* 7.

Tu, que ao teu Traductor (1) dás um Condado,
E ser Ministro, n'um famoso Império,
Como um Alumno teu, que adolescente,
Varão, vélho, te estuda...
Como um Alumno, que apiedada Clio
Te pôz diante, a ouvir-te o altivo Canto,
Não te lembrou tégóra alevantá-lo
Dos bréjos da Penuria?
Soubéste com Augusto congraçar-te,
Com Mecenas privar; Tibur, Sabinos (2)
Grangear, tonnéis preciosos, têr decennios,
E Escravos a teu mando....
Assáz os possuî já. Tanto não péço.
Peço uma independente honrada renda
De meus vendidos Bens, meu ócio Délphico, (3)
Sem me anciar Futuros.

(1) M. Daru.
(2) Prédios.
(3) Vendidos os meus versos, e minhas prósas.

Sem pôr cansada a vista, na precaria
Vontade alhêa, sem ouvir lamentos; (1)
« E que ha-de ser de nós, se Brito, ou Bórges
» Não vem, em nosso amparo! »
Ah! se eu Colonia vêr, aquî, podésse
De Lusos Conterraneos, com quem vida
Portugueza vivêra, ah! como cóstas
Déra á Franceza vida!
Quando, deixar-te, oh Pátria, foi forçoso,
Por não ser pasto de aleivosas chammas,
Accesas pelo infame Sancto-Officio,
Aos sôpros da Calúmnia;
Não leváva nos ólhos, outro alîvio,
Que ter por meigo abrigo, Lusa Dama,
E por Patricios ver-me, em vida, e mórte
Tratado em Luso idiôma.

EPIGRAMMA.

Como, ouvindo o Sermão, um tosqueneja,
Outro boceja;
Tal vi eu succeder, na Academîa.
Mas não sei se me engano; algum dormia
Tão profundo,
Que me fundo
A dizer, que o Deos Mômo, que faz péças,

(1) Da minha Ama.

Soprou pós de Opio, na estirada escripta
D'esses Sábios, que oravão ás avéssas
Da Rhetórica enérgica, e erudita.

ODE.

— — — Abes jam nimium diu,
Maturam reditum pollicitus.

Mal que os primeiros vi, ráios do Dia,
Polyhymnia me amimou, em seu regaço;
E Clio, junto della, Hymnos de Apollo
Com gôsto, me cantava
Oh! quão perdidos Hymnos! Quão perdido
O ensino, que bebi do douto Horacio!
Para cantar, com cãas, os meus desastres
Lidei, nos sons da Lyra?
Assim, meu Canto e Ensino lastimava...
Quando... Eis que Apollo me belisca a orêlha:
— Assaz choraste Desamparo e Perdas.
— Vólve ao Futuro a vista.
— Inda do Pindo sou Sob'rano, e pósso
— Inspirar-te altos Hymnos, nunca ouvidos:
— Inda, a Musa, na Lyra, ama entoar-te
— Poêmas á Amizade. »
» Apollo (eu clamo) como assim recórdas
» Amizade! Esse nome arranca, e arrója

» Do seio, á bôcca, as vozes, embebidas
» De entranhavel Saudade.
» Onde o caro Araújo me arredaste,
» Longe dos ólhos meus, longe da Pátria?
» Por elle chora anciada a nóbre Elysia;
» Chora o grato Filinto.
» Não vês Brito, não vês Sely, co' a vista
» Cravada no Brasil? Com brado ancioso,
» Pedindo aos Céos, a fáce, em que descansão
» Vótos de almas tão dignas? »
—Para o teu (Phébo disse) e bem da Elysia,
—Que sempre lhe aquécêo o illustre peito,
—Distante jaz. —Encolherá a distancia.
—A alma levou partida;
—Métade aquî deixou, n'um térno peito,
—A' sombra da affeição d'um lizo Amigo.
—Não pênes em cuidar-te deslembrado:
» Digna porção te coube.

CONTO.

C'uma bôlsa, e com bom recheio de ouro,
Acertou, n'uma Igreja, cérto Sturdio.
Ei-lo, em bodéga, com máis tres Amigos,
Dando, á pansa, galhardo réga-bófe.
Eis, nas ancas lhe vem da bôlsa o Dôno
Que, pela pista o achou, na comesana.

DÔNO.

« Minha é a bôlsa » Sinâes pedidos , dados.

STURDIO ,

Só lhe falta , Senhor , um pintaînho ,
« Que a Chanfâna gramou , e o Lava-guélas. »
« Inteire o pinto. » (grita um Quadrilheiro).

STURDIO.

« Não tenho pada. » (Quadrilheiro) « Prêso. Na enxóvîa.»
Já deitava o cordão ; mas os Tunantes
Sócios , no bródio , a salvo , o põem na rua.
Córre , córre : dá tombo a uma prenhada ;
Esborrácha o criânço : encontra um Burro ,
Faz do Burro antepáro ; e tanto o rábo
Tira a si , que lh'o arranca. Vem sôbre elle
Quadrilheiro , garôtos , turba multa ,
E no couce esbofando o Dôno. — Acaso
Escada de Pedreiro está na rua...
Vai-se por ella acima... O Quadrilheiro
Lh'a abâna , pelos pés. Vem rebolindo ,
Pelos áres o Sturdio ; cahe de gólpe
No tal abanador , dá co' elle em terra :
Por cima o Sturdio , e o abanador de cóstas ,
E c'um braço quebrado. — Prêso , á Audiencia
Vai ouvir o Juîz dar a Sentença. —
Ouvida acréla , ouvido o arrazoado. (1)

JUÎZ.

— Guarde a bôlsa , até que se inteire o cômputo.

---

(1) Da parte do Rio.

—Guarde a mulhér, té que lhe faça um Filho.
—Guarde o Burro, até que lhe cresça o rabo.
—O Quadrilheiro, á mesma escada suba
—Sobre elle cáia; e o braço (a podêr) québre-lh'o.
—É pena de Talião. No caso a encaixo.

ODE.

Oh Raînha de Páphos e de Gnido,
Désce aos formosos Láres de Martinia.
Imitação de Horacio,
na Od. 30. do Liv. 1.

TRáze-me, oh Môço louros, flôres tráze-me:
Louros ao Vate, Flôres a Martinia; (1)
Laureada a Lyra cuide ás mãos tornar-se
De Pîndaro, ou do Horacio.
Flôres devidas são, devido culto
A' Nympha, que nasceo na plága Ibéra,
E veio afformosear ribas do Sena,
C'um Astro de beldade.
Mal ponho as mãos, nas córdas, sons divinos
Sóbem do bôjo de alaûde Délphico,
Quáes sons nunca lhe ouvi, quando cantava
Albuquerques ou Castros.

(1) A Illma. e Exma. Snra. D. Martinha de Castro Loyna e Souza.

Mór encanto em mim sinto : os ólhos nádão-me
Em luz Celéste. Sou vidente. E os áres
Se povôão de brancas , ráras nuvens
Orladas côr de Aurora....
« Onde îas , Venus , com tão sôlto vôo ?
» Vem vêr , em linda Dama , o teu retrato ;
» Vêr , dos seus ólhos , despedir máis doces
» Settas , que as de Cupido.
» Quando lhe ouças da vóz os sons tão meigos ,
» Cuidarás que és tu mesma , quando , amiga
» Dos Lusos , lhe accareavas do alto Jóve ,
» Fausto , benigno amparo.
» Ouvio-te o Páe supérno. Ouve óra o Vate ,
» Que te implóra. A Martinia faustos dias
» Lhe orválha longamente de Venturas
» Quáes t'as prodîga o Olympo. »

ODE.

Né patisca rifiuto
D'una povera man picciol tributo .
CHIABRERA.

A cantar o immortal nome dos Lusos
Me convidou a Lyra
Da modésta parêde , em que pendîa.
Coméço a temperá-la :
Mas , incérto , no Heróe , que entôe , nella ,
Suspenso titubava.

Cantarei Gama, cantarei Affonso? (1)
Um medônho a Africanos,
Outro, claro, no Eôo Mar, que trilha,
Com Lusitanas prôas?
Mas já cantados fôrão, em som alto,
Por mélicos Homéros.
Elysia, aos dous Heróes, aos dous Cantores
Déve o ser nomeada,
Déve os Épicos Louros, que lhe cinge
A Litterata Europa.
Tu, minha Lyra, já cansada, e frouxa,
Não emûlas medir-te
Com as guerreiras Tubas de dous Vates
De tão perenne fama.
Em vêz de Épico brádo, entôo, humilde
Louvores da Amizade.
Se os doura a Gratidão, bem que singélos,
Tem seu preço e valîa. (2)
De Affonsos, Gamas césse, em tanto o ruîdo:
Sôa-me, oh Lyra, o Amigo,
Modésto em proceder, util á Pátria,
Entre os bons escolhido,
Para menear, com Arte, e com Ingenho,
Interêsses do Estado,
N esta Éra melindrosa, o mui prudente
Consumado Bezêrra.

---

(1) O bravo.

(2) ——————— Che non ignobil Canto
É sol conforto dé veraci Erôe.

CHIABRERA.

IDYLLIO.

O ALMÔÇO DAS DEOSAS MARÎTIMAS.

NÉPTUNO pôz-se á mesa co' as alvissimas
Galathéa, Amphitrite, Doris, Téthis,
A quem quiz banquetear, com lauto almôço
De Percêves, (1)
Lagostins rôxos, Camarões golosos,
Santólas, mexilhões, brancas Amêjoas:
Em azúes conchas, conchas nacaradas,
Mimosas Cadellinhas,
Com môlhos mui divinos convidavão
As feminîs vontades máis preluxas.
Por descuido do Machacáz Mordômo,
(Que meio Tubarão; e meio Phóca,
Por capricho de Téthis fôra eleito)
Sós lá faltavão Ostras.
E essas Ostras (c'os ólhos visitando
Os pratos Amphitrite, a máis dengosa
Das marîtimas Deosas)
Achando-as menos, disse:

AMPHITRITE.

« Que mesquinho banquête dás Néptúno!

(1) Marisco afferrado ás róchas do Mar, longo como um dedo mînimo, corpo vêrde, cabêça vermelha, muito saboroso.

» Dar almôço sem Ostras !
» Com que se enfìem cópos do *Champanha !*
» Triste almôço ! O melhor marisco falha. »

NÉPTUNO.

—Côrre, Palémo ; n'um Delphim cavalga,
—Esporadas lhe báte , a que alto pule :
—Vai-te a Cancalle , e arranca do Rochêdo
—Tres ou quatro milheiros de Ostras verdes ;
—Que se farte , e arrebente essa Gosmenta ,
—Que no almôço põe pécha. »
Em quanto vai e vem o Mensageiro ,
Fallou-se em baile , em roupas de palhêta ,
Em topétes postiços , e Aéreo-náutas ;
Damas politicárão ,
Sôbre Reinos , por Homens mal regidos :
Que é feliz , mui feliz sómente o Pôvo ,
Quando as Mulhéres méttem mão ao léme (1).
Eis que chega Palémo arrepiado ,
Cára amaréla , esgazeados ólhos...

NÉPTUNO.

—Que tens , Rapáz ? Viste alma do outro Mundo ?
—Quiz algum Leviathan tragar-te ? Falla.

PALÉMO.

« Peior ! peior !

AMPHITRITE.

» E as Ostras ?

---

(1) Do govêrno.

PALÉMO.

« Nem cheirá-las.
» Vai lá tal trabuzana de bombardas,
» Que é cousa de espantar... »

NÉPTUNO.

—Prothêo se chame;
—Que é prognóstico, e diga o que nos cumpre
—Em tal caso fazer. —

DÓRIS.

« Prothêo é vate,
» Que adivinha o por-vir : mas o presente
» Qualquér no-lo dirá. Prothêo diz cousas,
» Que ás Damas dão enôjo. Eu abhorreço-o
» De morte; que traz mal penteada a barba,
» E quando falla, põe em alvo os ólhos.
» Val máis Brunet c'um lindo Calemburgo,
» Que duzentos Prothêos.—Se esse basbaque
» De Palémo, que não pergunta á gente....

NÉPTUNO.

—Tritão, assópra o búzio; a Prothêo chama,
—Deixa engrazar dichotes a palreira.
Incha o Tritão bochêchas vêrdenêgras,
Enróla o báfo na buzina crêspa,—
Já se encrespão as ondas, vai troando
Por furnas de crystal o grão rimbombo,
Sobresalta as Balêas e Espadartes:
Púlão do leito os assustados Numes,
Vem a Néptúno perguntar o caso.

TODOS OS NUMES ASSUSTADOS.

« Que disturbio nos dás ! E a que nos chamas ? »

NÉPTUNO.

— Quem sábe, que algazarra, hôje, amotina
— Os mares de Cancalle ?

UMA NERÊA.

« Heróe prestante
« Nasce hôje, e já c'o nome atrôa o Mundo. »

NÉPTUNO.

— Já o sei. Filho é de Ambrosio, meu Compadre :
— Bebâmos-lhe á saûde. Eu cá o espéro,
— Com trezentos Baixéis, que dê um cóque
— N'uma cérta Velhusca, blazonante
Dos fóros de Amphitrite. —

SONETO

COM CONSOANTES FORÇADOS, A' MORTE D'UM AVARENTO.

Dos Sêrros do Brasil pejados de ouro,
Visteis vir um foção de avára fama,
Que as entranhas, a sêcco, estreitar ama
Máis, que toccar no lúcido thesouro.
Antes ha-de deixar a Turco ou Mouro
(Máo grado seu) o que seu sangue chama :
A quem lhe intime a esmóla, a bôcca açama

Com gritos, com razões dignas d'um Touro.
Traja burél, traz prégos no sapato;
E iria c'uma Imagem gloriosa,
Pedinchar, com máis lábia, que um Donato.
Pôz-lhe fim ao fadário mão famosa,
Que os dobrões lhe roubou: e o mentécapto
Morreo, dos bens que teve, e que outrem góza.

ODE.

Labra prolui Caballina. — Pers. *Satyr.* 1.

Um Dia, que engolphado em mar revôlto
De mîseros Cuidados.
Tomei a Lyra, por salvar-me c'o ella
Das pezarosas ondas,
Senti Clio verter-me nos ouvidos
Este Aónio segrêdo.

Quando as Musas, c'o laureado Phébo,
De Jóve galardoádas
Por meigas vózes, por Canções peritas,
Que em seu louvor cantárão,
Viérão tomar posse do Parnasso,
Prémio do egrégio Canto;

A bifrente montanha contemplando,
Povoáda de Loureiros;
As verdejantes Veigas deleitosas
Da opáca frêsca Tempe;

O desnublado Olympo , assento sacro
De immortáes lédos Numes ,
Em face , matizado de Boninas ;
Grande enlêvo ás Piérides
Tomou. Não se fartava ávida a vista
Em se espalhar em róda ,
Por férteis plainos , alterosas Sélvas.
Scena pomposa , e grata !

Eis Callìope vólta entristecida ,
E ao Congrésso enlevado :
« Não reparáes (lhes diz) que o melhor falta ?
» Formoso é o donativo :
» Mas um mesquinho Arrôio , uma só Fonte
» Não jórra , não serpêa
» Com saudoso ruîdo , debruçando-se
» Por québras de penhascos.... »
— Sêcco Dom ! (diz Thalìa) Ouvio-a Júpiter.
Despéde prompto o Pégaso,
Que a rócha fére ; — a Caballina rompe.
Em róda , eis trávão Musas
Dansa de Gratidão , com planta airosa.
Apollo a Lyra de ouro
Mergulha na Corrente , e o dom lhe influe
De inspirar os Cantores.
Homéro lá bebeo , bebeo Virgilio ,
Bebeo o Camões Luso.
Diniz , Garção , Alfêno lá bebêrão.
Filinto , apenas , labios
Molhou , na sacra Lympha. Assaz ! que o inspire
A louvar , lhano , Amigos ,
Que , em dia de seus annos , vem benévolos
Dar-lhe uma hora de agrado.

ODE.

Crescei mágoas crescei, e crescei dores;
Quebrai o vagaroso, e triste fio,
Que alonga a cruél Parca, em seus lavores.
FERREIRA. *Eleg.* 5.

SERVINDO ao Rei, e á Pátria, sessenta annos,
Deixou meu Páe, com que Filinto á lárga,
Vivesse independente, e ao Ocio e ás Musas (1)
Cedesse mansos dias.
Deixou máis abastado patrimonio
Nos transumptos de Probidade, e de Honra,
Com que, desde as mantilhas, lhe ensinava
A ser util á Pátria.
« Affavel, dadivoso, e compassivo:
» Sê, meu Filho, (dizia) nas virtudes,
» Máis que no nascimento; nem meu nome
» Tómes, sem meus exemplos. » —
C'os dons do Estudo, e as Musas, grangear pude
Direitos á Amizade dos Honrados,
E o meu nome soou sempre, sem mancha,
Nos âmbitos da Elysia.
Roubou-me a Inquisição os bens herdados,

(1) Por figura disse o Poéta *Ocio e Musas*, o que disséra em prósa e sem figura *Ocio dado ás Musas*.

Vedou-me Pátria : vólvem já seis lustros ,
Que me arrojou , em mîsero destêrro ,
Infamado , sem crime.
Alguns Amigos me roubou a Morte :
Máis d'elles , que dos Bens deplóro a pêrda ,
Sem que o Tempo me enxugue o amargo pranto.
Roubou-me outros o Olvido.
Com mãos de férro a rîgida Pobreza ,
Me apertou as entranhas ; pôz em fuga
Os dons , com que opulenta a Deosa de Antio
Báte ás pórtas dos néscios.
Vivi póbre , vivi desconhecido ; (1)
Agouro , que não fálha ; e sempre adeja
Sóbre as frontes votadas á Desdita ,
No registro dos Fados.
Fui-me ao Templo de bronze , onde reside
O Lavôr , ladeado de fadigas ,
Banhado de suór , de affan molésto ,
Achei conselho , e alîvio.
Assiduo cultivei , recolhi Cardos
Mesquinho fructo , de obstinadas lidas :
Que tive contra mim o braço alçado
Da Fortuna inimiga.
Louvárão-me , e subîrão alto os gabos ;
Mas gabos fumos são , que não sustentão ;
E o vestido , e a comida não se pagão
Com pomposos louvores.

---

(1) Savoir être pauvre c'est avoir acquis la véritable élévation de l'ame , c'est là ce qui caractérise cette supériorité des ames vigoureuses sur les esprits vulgaires , c'est là le garant le plus solide de l'honnêteté des mœurs , c'est là enfin la preuve du respect constant qu'on a eu pour soi-même.

Oh Lusos, que assim dáes louvor estéril,
Vossa alma ennobrecei : voltai os ólhos
A' Deosa, que nos peitos bem nascidos
Põe maviósa estampa.
Houve um briôso coração, (1) que térno
A vida me escorou, por alguns annos.
Mas, com que mágoa, oh Céos, hoje lastimo
Ausente alma tão nóbre!
Amei a Pátria, amei os Portuguezes :
Inda os amo. — Inda, quando ingratos sejão
Comigo; como o fôrão (feio opprobrio!)
Com o Camões Divino.

CONTO.

Sahio da Samardan (2) certo Pedreiro
Faminto de ouro, em busca da Fortuna;
Embarca, vai-se ao Rio, deita ás Minas
E lida, e fóssa, e sùa, arranca á Térra
O luzente metal, que o Vulgo adóra.
Vem ricco á Samardan; vinhas, seáras
Casas, móveis, baixélla compra fôfo;
Brocados véste, vai-se nos Domingos
Espanejar á Igreja, accompanhado
De lacáios esbéltos; vem o Cura

(1) Araûjo, hoje Conde da Barca.

(2) Certa aldêa de Portugal, que não vem nomeáda no Atlas de Malte-Brun.

Saudá-lo co' a agua benta ; os máis graûdos
Do lugarejo a visitá-lo accórrem ;
Para elle os rápapés , as barretadas
Se apostavão de longe , a qual máis préstes.
Fallárão-lhe os vizinhos , e a Gazêtta
Na célebre Parîs , Cidade guapa ,
Onde todo o Estrangeiro nóbre , ou ricco ,
Vai fazer seu papél. Ei-lo azoado ,
Que deixa a Samardan , que se appresenta
Na Capital Franceza ; róda em côche
Alardeia librés , passeia Louvres
Versalhes , Trianões. Volta enfadado
A' sua Samardan. — Gábão tal gente
— De polida ? Oh mal haja , quem tal disse !
— Corri Casas , Palacios , corri ruas
— Não vi um só , nem Grande , nem Plebéo ,
— Que , ao passar , me corteje c'o chapéo. —

OH PATRIA ! OH PATRIA !

Autor Luso , que a conquistar o agrado
Dos Leitores te cinjes , eu quizéra
Te affigures essa Obra ir devoluta ,
De mão em mão , cahir na austéra banca
Do perspicaz Censor , que o error máis léve
Não tresvê , não desculpa : nas hervadas
Garras do Zoilo , que erro accusa enorme
O que é simples , que é claro , e sem malicia.

Quizéra eu, que no urdir a nóbre têa
Da elegante Oração, o Orador cuide
Que terá por ouvintes Platões, Ciceros,
Que as provas lhe examinem rigorosos;
Que as phrases mesmas, na corrente falla
Lhe affîrão, para ao justo lhe outorgarem
Devido applauso, ou competente affronta.

Quizéra eu Vate, que estendendo o vôo
A' bijuga montanha, a idéia crave
Nas lições do Dircêo, do Venusino;
Lições de exemplo, em Odes exaradas.
Ante o Côro das Musas, ante Apollo
Submisso escute os sons, embêba-os na alma,
E os venha declamar pelo Orbe absôrto:
Dos estranhos inveja, honra dos Lusos,
Desdenhe o vulgo, e Zoilos enraiveça. (1)

---

(1) Quem se abalança a grandes e sublimes Obras, pergunte a si mesmo: » Como o faria Homéro? Como em sublime stylo o diria Platão, Demósthenes, ou Thucîdedes? (no caso de tratar historia.) Tenha fita a imaginação nestes grandes luzeiros; que elles o allumiarão, e lhe enlevarão a alma, a hombrear com o Ingenho delles; mórmente afférre-se nesta idéia. — Se me ouvira Homéro, se me ouvira Platão o que óra escrevo, que conceito assentarião do meu juîzo? — Affigure-se que vai pleitear um prémio de subido preço ante um Tribunal de Juîzes táes, ou n'um Theatro ante spectadores Homéros, e Demósthenes.

LONGINO. *Cap.* 12.

DESENGANO.

Perdido é o louvor, perdida a Crîtica,
Que os Amigos me dêm, Tarêlos fação!
Sou Vélho; fico longe, não os ouço.
E se os ouvira, pouco abalo dérão.
Inda menos, quando eu deixar a Vida;
Ou ella a mim. Quem ha que ouse ir dizer-m'o,
Ao sîtio, em que eu jazer, depois de morto?
Ruîns, por Odio? Amigos, por Confôrto?

MADRIGAL.

Daquî se ausentou Marcia. Adeos Prazêres!
Que todos vos levou Marcia, comsigo.
Tristeza, e dôr ficárão, sós comigo.
Jardim, se á minha mágoa agradar quéres,
Nesta ausencia de Marcia, nega abrigo
A quanta Flor não sejão Mal-mequéres.

ODE

A' ILL^MA. E EX^MA. SENHORA D***.

Dedicando-lhe a versão Portugueza das Fábulas de La Fontaine.

C'est de vous que mes vers attendent quelque prix.
LA FONTAINE.

VEM, Lyra minha, Vem: acóde aos vótos
De Gratidão devida.
Bem sei quanto acanhada, quanto humilde
Repugnas ao meu tóque.
Não ousas arriscar-te precursora
Do Fabulista egregio.

Sei quão tîmida as plantas lhe beijaste
Pedindo o seu acêno
Para dar um bosquejo de seus Quadros
A' nossa Infancia Lusa:

(1) Para melhor intelligencia do sentido parece, que devîa o Poéta dizer — *Sei quanto*. Mas não cabîa no verso. E óra é provavel, que bem inteirado o Poéta, que os benévolos leitores não olharião á bagatélla d'uma syllaba de menos, ou de máis, deixou o verso tal qual é. Outros conheço eu que surripião cousas de máis tômo, e ninguem os belisca por isso.

Nota do Copista.

Quanto (1) os teus sons, e a minha inhabil dextra;
Prudente consultaste.

Mas vai grata off'recer tua humildade
A' generosa Dôna.
Lévas por Companheiro, e por amparo,
Quem teus defeitos cubra,
C'o mesmo véo, com que adornou o Ingenho
Do Moralista Phrygio.

CAPRICHO.

VA' de furia. Farei uma fallada.
E tu, faze outra, oh Marcia.
Eu ponho-me a beber; e venço Baccho.
Tu vencerás Cupido
C'o donoso fréchar dos lindos ólhos.
Se Baccho Eôas Indias,
E se Cupido conquistou o Mundo,
Nós, conquistando os dous Conquistadores
Têmos de conseguir gabos maiores.

ODE

A MADAMA GUILLOT.

Bruni gli occhi, e i capelli, e rilucenti
Rose e gigli il bel volto, avorio il petto
Le labbra de rubin, di perla i denti
D'Angelo avea la voce, e l'intelletto.

Mentio quem disse, que da Terra, o vôo
Erguêra Astréa ao Céo, accompanhada
Do Côro das Virtudes. (1)
Que Tyrannos abhorrecendo, e Hypócritas,
Alteada, a meio vôo, os sobre-vira,
Com despeitoso cenho.
Mas não se alçou inteira ao manso Olympo:
De seu peito deixou grados penhôres,
Em ânimos ingénuos;
Que, ás occultas medrando, enverdecidos
Gárfos lançando vão de mil virtudes
Como em Vergéis viçosos.
Quereis abóno? Olhai o ânimo franco
Da cândida Guillot. Não é de férro

(1) Ultima cœlestûm terras Astræa reliquit. — Virgil.

Toda Éra, em que vivemos.
A Compaixão maviosa, e Honra, o Brîo
Que Astréa, nella pôz, dão mil vislumbres
Do máis dourado século.

PASSEIO,

Com seus arremêdos de Sônho.

Um dia, que abhorrido, de mim mesmo,
Me fui ao Campo, espairecer enôjos,
Sem pensar, onde os passos me levavão,
Absôrto n'uma ausencia não-prevista
Daquella a quem jurei perenne Culto;
Fui rodeando as faldas d'um Outeiro,
Que, com trémula folha, A'lamos véstem,
Frêsca Lápa, de musgo alcatifada
Me convida a recôsto meridiano.
Entro, apenas, que um raio fugitivo
De luz dourada, que entre róchas cala,
Me faz negaça a ir vêr de d'onde rompe.
Applico a vista á fenda dos rochedos,
Que o raio, entállão, de aurea formosura....
Vejo um ameno prado vecejando,
Que Natura bordou com mil matizes
De purpureas, azûes, brancas Boninas:
No meio, um Templo circular, lavrado
De Jaspes, de Alabastro; aurea a Cimalha,

Capiteis de ouro , de Crystal a Cûpula ,
Thurîcremas Caçoulas que circumdão ;
Pyra , no centro , onde arde o Cédro , o Sândalo.
Já désce , e se desfralda a branca nuvem ,
Que o Templo , e o Prado todo abrange , e cóbre. —
« Para quem se apparelha (entre mim disse)
» Tão festival solemne Ceremónia ? »
Não acabava : Eis que resôa , em Cântico ;
— Cybéle hoje nasceo : Jóve , e máis Numes
— A Mãe , vem saudar , das Divindades. —
Inda os sons vão nadando , e vão morrendo
Na circumfusa vága , aérea-lîquida , (1)
Que um thrôno avisto , em rubî vivo , accêso ,
Em que se assenta a Deosa torreada.
Jóve , e os máis Numes do stellante Pólo
Passando , com devido acatamento ,
Ante a Deosa , de dons cólmão-lhe o grémio.
De mãos dadas , delida a antiga injúria , (2)
Venus , Juno , Minerva.... Todo o Olympo
Vem dar guápo festejo ao Dia de annos.
Só falta Amor : busquei-o em todo o âmbito.
Nem junto á Mãe , (3) o vi , nem junto a Psychis.
» Cybéle nunca amou. Esse o motivo ,
» Porque se retrahio o Amor da Fésta. »
Mercurio , que me ouvio ; e que era junto
Da fenda favoravel dos rochedos :
— Não atinas : (me diz) vás muito errado.
— Cupido , ha muito , que esquécêo os Numes ,
— Dêsque ao Mundo desceo a linda Marcia. —

---

(1) Per liquidum æthera. HORAT.
(2) Spretæque injuria formæ. VIRGIL. *AEneid.* 1.
(3) Fervidus tecum puer. — HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 30.

ODE.

Albo pariter, nigroque signanda lapillo.
HOLSTENIUS.

QUATRO de Julho ! Memoravel Dia !
Que hei-de notar com pedra branca , e nêgra.
Branca , porque salvei a honrada vida ,
De Algôzes tonsurados :
Nêgra , porque perdi os bens , e Amigos ,
Perdi a Pátria , e os meigos passatempos ,
Que nascidos comigo , me deixárão
Saudades perennes.
Mas , não vês , Musa , as gentes , que se enójão
De te ouvir sempre repetir Endêchas
Dos bens , da Pátria , dos leáes Amigos ,
Das derretidas Damas ?
« Deixa-os fallar. Do enôjo ri-te , e fólga ,
» Que é enôjo da ignorancia ; é vento , é nada. »
Cada dia , mil cousas se repétem
Por uso , ou móda , ou teima.
Não teimão os badalos sempiternos
A retinnir no bronze ? Não vem Phébo ,
Cada Aurora , *ab initio* as alvoradas
Ouvir das Avezinhas ?
Os Quarenta , a quem deo Piron jocoso

De l'esprit comme quatre (1), não falhavão,
Por uso usado, ouvir do novo Membro
Tres pontos de elogîo.
O do Membro finado, o do Monarcha, (2)
O do Instituidor da Academîa; (3)
Condição *sine qua* não era acceito,
O Pretensor perito?
E nos Tempos da minha Adolescencia,
Ouvio-se algum Sermão dos gabadinhos,
Em que, por *fas* ou *nefas*, não viéssem
Tres passos da Escriptura?
A Escada de Jacob coalhada de Anjos,
Descendo, outros subindo; a de Nabuco
Allegórica Statua; o olhudo Carro
De Ezechiel Propheta? (4)
E, coitado do Pregador garráio
Que os táes tres pontos não trazîa á feira,
Na enxárca do Sermão! Batîão nelle,
Como saraiva, as mófas.
Dirão, que em minhas tróvas zombeteio
Dîgão. Que eu fólgo que, comigo rîão,
Como eu rîo, Leitores, quando leio

---

(1) O que Piron disse de Academia Franceza, dizem hôje do Instituto alguns Praguentos Talvez seja calúmnia. Praguentos conheço eu, que d'outra Académia dizem, como Piron: *ils ont de l'esprit comme quatre*. Dizem, que todo o seu saber se estancou na lettra *A* d'um Diccionario, que está almejando por B. C. D. etc.

(2) Luiz XIV.

(3) O Cardeal de Richelieu.

(4) Expectes eadem à summo minimoque *garrdio*.
JUVENAL, *Satyr.* I.

O meu Ferrão jocoso. (1)
Assaz de sérias Odes enfadonhas
Tem cansado os Esp'ritos delicados;
C'o palanfrorio Divinal das Musas,
De Apollos, de Hypocrênes.

EPIGRAMMA.

Um Orate, como eu, que, por milheiros,
Curtas, compridas linhas,
Dos labios consoanteiros,
Desembestava, em vózes não mesquinhas,
Seus poêmas mostrava
A quem, de prósa, em versos, desdenhava.
Diz (2) mioquenco ao Tarêlo (3):
« Apósto eu, que fez prósa, sem sabê-lo? (4) »

(1) Macarronea de Antonio Duarte Ferrão.

Dirão os meus Leitores, e ainda os mais benévolos Amigos meus. Que engóiada Poësia nos deo á Filinto! — Antes que Vmm. o digão o disse eu. Quérem saber a Razão cabal? Ei-la:

Nulla placere diu, nec vivere carmina possunt,
Quæ scribuntur aquæ potoribus.

Horat. *Lib.* 1 *Epist.* 19.

(2) O Desdenhador.

(3) O Orate.

(4) Allude á scena do *Bourgeois Gentilhomme*, em que este, confirmando-lhe o Philósopho, que tudo o que não é poësia, é prósa, dispara: — Lógo ha 40 annos, que eu faço prósa, sem o saber!

ODE.

— Paupertas impulit audax
Ut versus facerem. — HORAT.

PORQUE acalente a Inópia, tróvas canto;
Tróvas, que não Poësîa.
Quem deo Éstro a Poéta, que sem cóbres,
Passa métade do anno
E a cóbres esperar outra métade?
Hontem, (1) a calções baldo,
Hôje a cuécas: traz de embrulho o Váte
As nálgas, com janéllas,
Pela fralda, frangalho da camisa. (2)
Já foi prolixo assumpto
D'enjoádo aranzêl (3), posto em regrinhas
Estiradas e curtas.
Para tirar sentença, que o fatinho,
E alfarrabios do Vate

(1) Ha 3 annos. Mas lembra-me como se hontem fôra.

(2) As que trago são as com que sahi em 18 de Maio. As janellas de sacada que hôje tem, começavão d'então a serem fréstas; e as fréstas que depois se lhe abrîrão não erão nesse tempo mais que transparentes, ou boas para anteparar lumes furtados.

(3) Allude á Ode — Bem diz Horacio que Homêro nunca sabe, etc.

Salve das garras da împroba Megéra,
Faltão aguados (1) cóbres.
Cóbres, que dão peçonha ás iguarîas,
Na bôlsa, dão mantença.

ODE.

Fit Chærilus (2) ille
Quem bis terque bonum cum risu miror, et idem
Indignor. — — HORAT. *de Arte*, *ver.* 356.

— — Populo, qui stultus honores
Sæpe dat indignis, et famæ servit ineptus;
Qui stupet in titulis et imaginibus.
Id. Lib. 1. *Sermon.* 4.

QUE lucro espero ás litterarias lidas,
Ou que louvor fanádo?
Escrevo, e não m'o comprão: ganho Crîticas
Quando a Arte máis esméro.
Com desleixo as lê Brito, ou com enjôo
Unha-me Stylo, ou phrase.
Mas, sôbre vêzo máo, não é sandice
Empunhar inda a penna?
Malditas Musas, máis maldito Apollo,

(1) Diz-se das crianças que estão águando, quando desejão alguma cousa que lhes não dão.

(2) Chærilus pessimus poeta, magno Alexandro gratus.
Scholiastes Horatianus.

Se aos meus versos . maldosas,
A compra me negáes, negáes que agradem,
Não me sêde importunas.
Já que a pouco prestáes, callai-vos, Musas.
Oh não venháes ociosas
Zunir-me prósa, ou versos. Lustros quinze
De enguiçada Poësîa
Vos malquistão comigo, ide vosso Éstro
Verter no Poetastro
A quem désteis ser nóbre, rodar Côche,
Arrotar Academîas,
Gravar brazões, por engóiadas tróvas.
Quando Filinto águádo
Sob auspicio de Clio, e de Callîope,
Inutil se affadiga,
Afflicto géme, tórce-se, e retórce-se
Nos cêppos da Penuria. (1)

---

(1) Dirão que não morro de fóme, porque ainda cômo vacca, e feijões; mas como terei lenha no Hynvérno, sapatos, meias, vestido em todo o tempo, barbeiro, lavandeira, luzes; e seis vintens ao menos na algibeira se québro um fogareiro?

PERSPECTIVA COMICA.

Bonéca affigurai, curta e redonda
Em meio Tribunal, ante Juîzes
De agaloadas gôrras, fartos de óculos:
Tal era a Ré, no disputal discrime!
Cadentes plumas, lhe no chapéo tremólão
Retinne-lhe, de Pêga, aguda falla. —
Cicero de óbra grossa o seu Letrado,
Albardeiro de rispîda Eloquencia,
Borbotava, entre injúrias, perdigôtos.
Curtas capinhas, polvilhadas trunfas,
Estreitos bacalháos muito engomados
Ornão Porteiro côxo, e têso Scriba:
Máis tinteiros que Scribas, mesas pêjão.
Em tôrno harto plebêo; Homens, Mulheres;
Grão barulho! Porteiros, e Soldados
Berravão, que callem. Tal é a scena,
Em que mui concho fêz papél Filinto. —
Faltou-lhe um La Fontaine que a descreva;
Um Molière, que ao Pôvo, a represente.

ODE

A' MINHA VIDA EM FRANÇA.

Contraque lucrum nil valere candidum,
Pauperis ingenium
Querebar. — — HORAT. *Epod.* XI.

Ao Mundo vim. Melhor, não ter cá vindo.
E que vim cá fazer? Papél de parvo.
Logrado d'um, e d'outro; Homens, Mulheres (1)
Me cevárão de angústia. —
Faltou-me o máis cabal. — Sagaz Ingenho,
(Que, com peitos singélos mal confronta.)
Não lhe scrutei maranhas retrincadas;
Julguei-os de meu panno.
Paguei o mal-julgado. Ah! se eu, co' as notas
Que delles guardo, que consérvo dellas,
Tornasse aos meus tres lustros! Quanto lôgro
Déra em sêcco em meu peito!
A pezar de Minérva, engrazei trovas,
Que uns achão pêcas, que outros achão duras,
Latinas estes, antigualhas esses;
Sem sabor, quasi todos.
Ouvi Sermões, sem pinga de Eloquencia,

(1) A Chicoineau, a Michel, etc.

Médicos vi, que amaldiçôa Hippocrates,
Comédias, em que os Sabios não surrîem,
Indo rir ás Tragédias.
C'um génio pachorrento e descuidado
Quem crêra que demandas me arrastasse m
Por pó de Tribunáes citado, e ouvido?
Arrastão-me hôje, e alquébrão-me.
Nesse banzeiro mar de ancia, e cuidados,
De passadas sem fim, de termos barbaros,
Se me desbóta a lingua florescente
De Camões, e a de Horacio.
No lustro quasi tócco sexto-décimo,
Desterrado, indigente, desvalîdo.
Que me valeo viver? Prendêsse-me antes,
No seu scondrijo, o Nada.

A ASSEMBLÉA DOS POLÎTICOS.

Diálogo, entre um Farroupilhas, e Filinto sentado n'um dos bancos da Ilha Real do Parque de Versalhes.

FARROUPILHAS.

Bons dias, meu Senhor. Sabe indicar-me
O banco da Assembléa dos Polîticos?

FILINTO.

Não lh'o direi, meu Guápo. Só me lembro,
Que hei visto não sei quantos Papa-moscas,

N'um banco máis acima, que a Polonia
Assanhados teimavão ser uma Ilha,
Nas fronteiras de Hespanha. Outros ladravão,
Que era, nas Cóstas da Asia, Terra firme.
Pena é, que Napoleão os não nomeia
Já Condes, já Barões;
Que entre os do seu Concelho não semeia
Tão machuchos, cabáes Politicões!

ODE

A ALCIPPE.

— — Magnum hoc ego duco,
Quod placui tibi.
HORAT. *Lib.* 1. *Sermon.* 6.

ERA noite: e Morphêo me tinha em braços.
Des-lembrança profunda de fadigas,
Do desconcêrto do Orbe,
Me coáva nos plácidos sentidos;
Mal-abêrtos os lábios, membros lânguidos,
Da alma a paz, e o descuido eu respirava.

Vem, manso e manso, no interior da mente
Um frouxo albôr da Aurora esclarecendo;
Sélvas, montanhas, fontes
Surgem ao raio de ouro de Hyperiónio,
Luzem, no prado aljôfres matutinos,

Com trémulos, com rútilos refléxos.

—Esta é Phócide (exclamo), o bipartido
Monte descubro; escuto-lhe á Castália
O rugir sonoroso.
Como os Louros balanção! Aves trillão
Modulados concentos.... Pára a veia
Do Permésso... A' flor da agua as Nymphas surdem.

Sentados pelas penhas, Musas, Vates;
Estes as Lyras, ellas os Laûdes
Affinão jubilosos.
Pégaso alvoroçado azas despréga,
Crinas sacóde, péde Cavalleiro,
Relincha, fére o chão, borbota spuma.

Qual Sappho Lusa, ou Távora Corinna,
A despedir luzeiros, désce de altas
Penedìas do Pindo?
Em seu regaço, as do matiz máis vivo
Flôres colheo, que spárge a dextra pródiga,
Enfeite, e aromas dando á Térra, ás Gentes.

Apollo a mão lhe dá. Clio, Callìope
Lhe vem mil doces vozes sussurrando.
Camões divino, ao lado,
C'rôa immortal, que as Musas hão tecido
Para glória de Alcippe, ás Nações móstra
Ufano das lições, que á Alumna déra.

Janeiro, de 1814.

ODE

A FILINTO.

Em Resposta.

N'hum már de luz os astros se sumião,
Quando o sól transgredindo, do Oriente,
Os limites da Noite,
Expulsava do mundo a sombra, o somno;
Facultava ás idéias o agregar-se
E submetter ao dôce métro as vozes.

Do Pindo os sêrros vi cobertos d'ouro,
De Aganippe a torrente diamantina
Nas sélvas se espraiava:
Quando hum grupo de Génios Apollineos,
A' voz do Deos, me toma sobre as azas,
E da Phócide á Lysia me transporta.

Quaes Zéphyros vibrando as áureas pennas
N'uma obliqua ascensão ás nuvens chegão,
E de lá reconhecem,
Pellas Murtas e louros florescentes,
A Pátria de Camões, e de Filinto;
E em recta direcção á Terra baixa

O Lys, o Lena, as ondas alizando
Vinhão co' Erge e Ponsul brincando n'ellas
E todos em cortejo

Por entre flôres, conchas, arvorêdos
O seu tributo ao Téjo acarretavão
Quando o Côro, melódico descia.
Na gruta o Páe dos Rios reclinado,
O ruído apercebe; érgue a cabêça.
Das roupas azuladas
Cobre as largas espadoas, onde escorrem
Do diadema de Limos, frias gôttas
Qual giada, quaes pérolas em fîo.
Golfinhos chafurdando ao lume d'agua,
Púlão, mergúlhão; piscea dança cérca
O venerando Téjo;
Em rebanhos as Tágides esbeltas
Vem vêr que nôvo caso a praia alégra,
Que benção manda o Céo aos Lysios lares.
Nisto o côro Apollineo desferindo
De Harpas celestes, consonancias novas,
Milagres d'Éstro ousado,
C'os versos de Filinto o Téjo brinda
E dos Heroes a quasi extincta raça
N'elles ressalta com subido estrondo.
Heróes! Que hôje do mundo sois o espanto
Avante... Vencereis a Lérnea féra:
Filinto vos promette
Nome eterno em seu Canto; e outra Deiphóbe
Que os dominios da morte amenos faça,
E de lá mesmo, vos revele á Fama...

ALCIPPE,

Reconhecida e inspirada pelos versos honrosos, que recebeo.

CONTO.

Du côté de la barbe est la toute puissance.

Certa Mulher, que tinha a barba têza
Ao Varunca, e Cabrão, n'uma disputa
Sóbres Couves, que disparou á mesa;
Co' a barba ufano o Espôso, quiz, na lutta,
Levá-la de vencida: ella daninha,
Sîtio mostrou, que básta barba tinha. (1)

ODE.

——— frigidas
Noctes, non sine multis
Insomnis lacrymis agit.
Horat. *Lib.* 3. *Od.* 7.

Cuide em stender a Vida, a largos annos,
Quem de Hygia a saûde, o ouro de Pluto,

(1) Sinite.... illas gloria vana frui
Et usurpare vestri ornatum muneris
Pares dum non sint vestræ fortitudinis.
Phædri. *Fabul.* XIII. *Lib.* IV.

Por sorte conseguio, em boa estrêa,
Ou por ditosa astucia.

Cinjão-lhe a mesa splendida Parasitos,
Borbotando lisonjas, rião-lhe ólhos
De fágueiras Bellezas, Vates cantem-lhe
Mendigantes Ilìadas.

Tu Solidão! Tu, sócia da Indigencia,
Tu fugias de mim, nos tempos de ouro,
Da juvenil donósa cópia alégre
De Damas, e de Amigos.

Hôje (triste de mim!) vens afferrar-te,
Em meu damno, á cansada Quadra esquiva
De meus dias, de inópia desbotados,
Gastados de destêrro.

Quem lédo passatempo ha-de vir dar-me
No escuro sótão de indigente alfáia?
Quem lástimas ouvir? Quem consolar-me
Com franca vóz amiga?

Virìa Mathevon, com peito limpo
De sobêrba dos móveis, riccos trajos.
Tomou-o a Parca: afim de os dissabores
Lhe occultar, de Filinto.

ODE.

Aos Clubistas Portuguezes de Londres.

Et jam dente minus mordeor invido.
Horat. *Lib.* 4 *Od.* 3.

E inda ha, no Mundo, quem dê preço e fama
A' lingua de Camões, nesta Éra esquiva;
Em que só reina o intruso
Malquisto Gallicismo!

Venus, que sempre amou a Lusa falla
Tão Prima das, que amou, vozes Latinas:
Baccho, que nos deo Luso
Por tronco, e dom patérno,

Levantárão pendões, chamárão trópa
De sabios, indignados das injúrias
A' Pátria, á Lingua feitas
Por ensôssos Poetastros.

Na Londinense Terra, em Campo armados
Se bastecem de culto métro Luso;
Armas da fórja vindas,
Que ergueo Camões preclaro.

Lá se alista Filinto, peão razo,
Intrépido, porêm, no ágro discrime,
Em pró da Lingua, e Pátria,
C'os fidos, sabios Lusos.

EPITÁPHIO.

Aquî Filinto jaz. Foi pouca cousa.
Versejou, versejoû. — Hôje repousa.

ODE

A' LEGIÃO PORTUGUEZA.

Hac arte Pollux et vagus Hercules
Innixus, arçes attigit igneas.
Horat. *Lib.* 3. *Od.* 3.

Que digna vóz me dás, Clio divina,
Com que cante louvores merecidos
Da Portuguez Legião? Novos Almeidas,
Alboquerques, e Castros.

Falle a Germania, e os Francos, que vos vîrão,
Nos Campos de Vagram: sôe máis digna
A vóz d'esse valîdo do Deos Marte,
Que vos dá gran valîa.

Com que gôsto vos vi: com que saudade
Vos hei-de ver partir! Ide felizes

Reconquistar a Pátria. A Pátria mésta,
Sujeita a ruîns Tyrannos,
Vos estende de longe as mãos captivas,
E aos modernos Viriátos (1) clama: — Vinde,
Nos abraços das Mães e das Espôsas,
Colhêr condignos louros.

ODE

CUR EGO, SI NEQUEO IGNOROQUE, POETA SALUTOR?
HORAT.

——— Me quoque dicunt
Vatem... sed non ego credulus illis;
Nam, neque adhuc Varo videor, nec dicere Cinna
Digna, sed argutos inter strepere anser olores.
VIRGIL. *Eclog.* 9.

INDA hôje, todo alheio
De mim, das minhas tróvas, fico estranho
Ao nome de Poéta,
Que me impingem, por cá, e pela Elysia.

(1) E isto baste (falla Fr. Luiz de Souza do cêrco do Marzagão) assim em sombra, para dar matéria aos Chronistas, e para abrir os ólhos a quem for tão mal advertido, ou tão pouco affeiçoado á sua Patria, que á vista de táes espiritos, não confessar, que vive ainda nos Portuguezes aquelle fôgo de verdadeiro valor, que por todas as idades os illustrou. Muito quebrantão calamidades, e infortunios geráes! mas o fôgo coberto de cinza, dissi-

Não sei quem me deo vóga. (1)
Quão muito, e muito máis do que eu valião
Garção, Elpino, Alfêno!
E tu, Bocage, a quem negou-me o Fado
Ouvir-te, quando as Musas
Te emborcavão no peito as ondas todas
Da facunda Castália!
Consólo-me c'os cóbres que rendêrão
Tão approsadas lidas.
Porque, em mim não correste, Aónia veia?

---

mulado está, não apagado; e o ouro sepultado na terra, a côr poderá alguma vêz perder, e a fineza nunca.

VIDA DO ARCEBISPO. *Liv.* 2. *Cap.* 11.

(1) Próva mui clára dessa opinião foi o caso seguinte. Veio um Parente nosso lá de Aveiro, visitar-nos. Em quanto depois de Ceia, ficárão meus Páes conversando com elle, peguei eu n'Arte de Manoel Alvares (tinha eu então onze para doze annos) e puz-me a estudar a lição para o outro dia. O'lha o Parente para mim, deixa a Conversação em meio, e me diz: Fazeis muito bem, « Menino; assim se fazem os homens; estudai: mas já d'aquî vos « digo, que por máis que estudeis, nunca chegareis ao bico do « sapato do meu Ambrosio; isso é que é saber! Todos os dias « péga na teiga dos seus livros, e vai para a estrebarìa, lê, lê, lê; - « e d'allî vem para cima; falla, falla, falla máis d'um quarto d'hora « sem se callar. E é tão fundo o que elle diz, que nem eu, nem « tua Tia, que todos os dias lê por um livro gôrdo, que está na « parteleira (creio que se chama o Florio santorio) nem eu (como « digo) nem tua Tia comprehendemos nada do que elle diz. É « um prodigio aquelle rapáz. Mas estudai, estudai; que se lhe « não chegáes do bico do sapato no saber, sempre sereis alguma « cousa, na nossa familia. »

ODE

AD SODALES.

Principibus placuisse viris non minima laus est.
HORAT.

LOUVORES, com que ao Vate exalça, e ufana
Ou já o Nóbre, ou já o Princepe, se como
Os de Augusto, ou Mecenas, os não doura,
Com generosas dádivas;
Assemelhão o Eólio alento stéril,
Que, em póbre Vate assópra, (1) e que lhe furta
Toda a sperança de depôr o manto
Da afferrada miseria.
E, oh como lhe apparece, ao vivo, o Quadro
D'esse (empregado em mal!) prolixo studo.
Abatido o valor, quebrada é a Fôrça,
Dissaboreado o Ingenho!
E que faz! — Põe á pórta inuteis Musas;
Québra a Lyra: — e, a sentir vigor nos braços,
Cansa, e sûa, curvado entérra (2) a enxada, (3)
Máis util do que o pléctro.

(1) Como no jôgo das Damas, se assópra a tábula.
(2) Com a fôrça da pancada, profunda na térra o ferro da enxada.
(3) Pela enxada se entende todo o instrumento fabril, com que se ganha a vida.

Já, pórta em fóra as punha, — Eis que mimosas,
Com carinhos, com graça, as lindas Piérides
Me applácão o rancor; e diz-me Clio:
« Ouve Apollineo Canto. (1)
» Quando opprimida com odioso jugo,
» Gemîa a Anglica América, deo Jóve
» O'rde' Cyllenio, de escolher previsto
» Campião á Liberdade.
» Derrama os ólhos o Celéste Núncio
» Pelo O'rbe septrional, a acinte oppresso;
» Vê Fabricios, Catões, vê Cincinnatos...
» Ao ver Washington, désce.
» Campião te estrêmo, d'entre Heróes, e Sabios,
» (Mercurio diz) tóma este auspicioso
» Bastão de General, Bastão prudente.
» Penhor te é da Victoria. »

RETRATO INTELLECTUAL

DE FILINTO ELYSIO.

Tirado ao natural, pelo Autor mesmo.

Poéta (pois que tanto o assoalháes) (1)
Mediano sou: mas loura, (2) em tudo máis.

---

(1) Allude á sobejidão de versos, que em seu louvor, lhe vem á noticia, por cartas, que recébe.

(2) Loura, ou louraça. Porque só louraças pódem ser tão logrados, como eu fui.

MADRIGAL (1).

A' FILHA DO MEU CASEIRO.

Ao banquête, que a Venus déra Flóra
Vertumno foi chamado;
Foi-o Jóve tambem; quanto a Cupido,
Sabeis, que nunca Venus
A fésta ou regozijo vai sem elle.
A' mesa assumptos varios
(Como é de uso) volvêrão debatidos.
Gabou-se a formosura
D'um Astro de quinze annos, que affadiga
As trombetas da Fama... (2)
Venus córou de zêlos : — mas Vertumno,
Que amava, e protegìa
Anfrisa pomareira, alumna sua :
« Céssem, oh Vénus, zêlos;
« Retrato é teu, que a rógos meus, teu Filho
« Tirou, em fiél cópia.
« Qual Deosa se agastou c'o seu retrato,
Se em tudo é similhante ?

(1) Este madrigal não foi entregue á Menina, por que não imaginasse que zombavão della, escrevendo-lhe em Latim.

(2) Anfrisa, que os Deoses todos muito bem a conhecião.

NOTICIA.

Emprestou sois tostões um Carpinteiro
Sobre um relogio, traste nunca usado
Delle, de Páes, de Avós: que o houve primeiro
A Mulher, com mãos noviças empolgado.
A toda hora, ás vizinhas appregôa:
— São tres horas: são quatro — É meio dia. —

VIZINHA.

Meio dia ao Sól pôsto?

MULHER.

— Ora essa é boa!
No Sól, que simples que é, vóssê confia?
Póde o Sól desvairar, na Quinta sphéra; (1)
Não o Relogio, que o meu Gil tempéra.

---

(1) Não estranhem os meus pientissimos Leitores, na bôcca da Mulher do Carpinteiro a empolada phrase de quinta sphéra. Nada era máis trivial nos Romances heroicos dessa Éra (tinha eu então 10 a 12 annos) que — Zenith do ingenho — quinta sphéra — douta pluma — a todas as luzes grande — etc. etc. Como tambem, n'outra Éra depois (tinha eu então 30 por 40 annos) saberem as Regateiras de cór as outavas da Écloga de Albano e Damiana; e a Paixão, que na Quaresma, lhe ião cantar os Cégos por 12 vintens.

ODE

AO ILL^mo. E EX^mo. CONDE DA BARCA.

Te Colchus..... et ultimi
Noscent Geloni.

HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 20.

No bullicio da vida,
Prêsa a mente a mil Nadas,
Quando nos cólhe a noite do jazigo,
Que impórta haver maneado sceptro de ouro?

Ou, com suor rasgado
A' Terra o duro seio?
Tómes, na dextra o pó do grão Sesostris,
Que por servos contou curvos Monarchas;

Seu pó sobêrbo pésa
Quanto o pó d'um Escravo.
Da balança do Eterno Omnipotente
O ouro só das virtudes désce o braço.

Vão-se ao ar, co' a leveza,
As grandezas do Mundo.
Da alma immortal acanhas o amplo tálhe,
Se ao vicio as rédeas dás. Vê como splende,

Como o Virtuoso crésce,
Como se encólhe o Vicio!
Tu, que ao Thracio Cantor hás modulado
O dulcîsono Canto, vem verter-me

No obediente ouvido,
Os sons, com que o prendaste.
Vagando tóque os términos do Mundo
Do illustre Conde o mérito preclaro.

Brando, clemente, e pio,
De férvida amizade
Desponta as féras lanças do Infortunio,
No broquel do soccôrro, com que ampara.

Venha de iras armada
Erynnis, elle o assalto
Destemido lhe abate. Îndole nóbre
O'lhos não baixa, tîmida, a ameaços.

Em borbotões o sangue
Lhe refórça a coragem;
Ao Deos das iras lhe arrancára o raio,
Pizára aos pés os cabedáes a Pluto;

Invejas e lisonjas
Sóbre-olhando inconcusso.
Rasgue rápido á Noite o escuro manto
O açoute disferindo a Eóo, e Ethonte,

Phébo irado, que o leito
De Téthis deixa, a aceno Olympio:
Tal rompe o Conde os laços da Miseria
Quando os raios benéficos devolve.

Oh ventura sem par!
Clio, a quem, no enlêvo
Dos dótes de Araújo, não dei tino,
Meus sons tomou a si. Lá vai lavrá-los

Em táboas de Diamante.
Vê-los-hão os Vindouros;
E os tem de declamar o Scytha, o Cafre,
Que a zona adusta habita, o Pólo frio.

SONETO.

Que vejo, oh Céos! qual vejo ir-se formando
Um negro vulto horrendo! Uma figura
De feia, de tristonha catadura
Vem pardas nuvens, para mim, trilhando!

Tão ladeada vem de afflicto bando
De spectros, e derrama a bôcca impura
Tal hálito — que mórte de amargura,
Só de vê-la, me está no peito dando.

« Quem és enorme Monstro? » Sou a Ausencia,
« Dos prazêres de amor algôz tyranna,
» Que branduras não sinto, nem clemencia.

» Ser-te-hei (qual sou com todos,) deshumana:
» Nem me allégues lealdade, ou innocencia.
» Vê como estrago o amor de Marianna. »

ODE.

. . . . . Rîsum teneatis amici?

Ao vêr um Hollandez lapuz, mazôrro, (1)
Arrotar gravidade,
Quem ha, que não lhe côlha d'um relance,
Da similhança os visos?
Que não veja estampada allî á finca,
D'um Burro a sizudeza?
Na tromba que não ri, no passo lento,
Mostra um Catão asneiro. (2)

(1) Estes táes quáes versos (antes prósa) a que puz alcunha de Ode, não merecião apparecer entre gente branca, por máos que são, e por serem dirigidos a uma Nação, de que me não posso queixar: já n'outra nóta a um destempêro impresso, primo com irmão d'este delinquente, lhes pedi desculpa, pelas razões lá apontadas. Mas ha pessoa, a quem devo agradar, e que, louca dessas tróvas, me requér, sem fallencia, quanto me sahio pelo bico da penna, bom e máo, e até péssimo. Ahi vai, por lhe dar gôsto.

(2) Fôrão estes versos labarédas de enojadissimo despeito, em que eu rompia na triste solidão da Haya; onde em casa, tudo era segredo diplomatico; tudo fóra érão partidos *Orangistas*, ou *Sans-culottes*. Eu que não conheço outro partido, senão o da paz e do socêgo, adoeci de silencio, e quando vinhão os crescimentos febrîs, tresvaliava, e sahião destempêros, táes como este.

Terei grande pezar, que os meus amabilissimos Leitores, induzidos por este e outros tresvalîos, que dêsde aqui abjuro, fação injusto conceito dos honrados Hollandezes.

Se, contra a natureza, um d'estes trastes
Déspe a casmurra pelle,
E se engrilla a campar por adamado,
Para ahi quéro os risos,
O desprêzo, os baldões, as apupadas
Ao Burro, desertor
Da burrice de seus antepassados.
E, oh que mal que se amanha,
C'os fatos, que ao Francez dão tanta graça!
E no chambão (1) desairão!
Desprezivel relé, que nem merece
Da Aurora o brando orvalho;
Mais desprezivel, quando tóma os fumos
De entallar-se entre Adonis!
Como as Graças do Olympo descerião
A culatráes caraças;
Se lhe é forçoso descozer a côdea
D'um céo cozido em névoas?
Se tem de martellar cabêças córneas
Fumegadas de arenques?
Romper emplastos de batáta ensôssa?....
Quáes Graças! — Isso é graça!
Graças vir a guedêlhas (2) casquilhorias!
Virá, em vez de Graças,
Um riso brôma, um chiste desazado,
(Desistencias de Mômo)

---

(1) D. Francisco Manoel de Mello diz *chambão* neste mesmo sentido.

(2) Guedêlhas, e sempre guedêlhas, descahidas pelos hombros lógra todo o Hollandez, que não chupa a distincta de desenrolar genealogia e brazões, ou que não quér, ou que não póde embandeirar-se com rótulo de Banqueiro.

Dignos d'um Hollandez, bem assentados
No encaixe dos focinhos. —
Vem naturáes as Graças elegantes;
Dão desár as postiças.
Para com garbo vir, péde o arremêdo
Agudeza, e desgarre;
Dons, que nunca fizerão romarîa
Aos charcos desta Hollanda. —
O que Jóve gaiteiro outórga ao Môno,
Trombudo o néga ao Burro.

CONSULTA RÉGIA.

Certo Rei convocou no seu Palacio
Theólogos em barda, e Canonistas.
(Gente que lê chorudo cartapacio,
Para dar glossas co' a razão mal-quistas.)
O ponto da Consulta
Profundo e melindroso
É saber, d'onde a Deos mór bem resulta,
Do theátro, ou *de touros?* — « *Scandaloso*
É vér pernas » (1) (gritava
A turba theologal)

(1) Das Dançarinas, bem que enfronhadas em calções.

Touros, touros, Senhor: (1) *nunca theátro,*
Onde o Démo, com vistas, a alma encrava:
Para os Homens, no córro ha menos mal. —
Por tres que o touro estripa, ao muito quatro!

---

(1) Este passatempo tam usado em toda a Hespanha, que sem elle não ha festa de gosto para todo estado de gente, é mal recebido de todas as outras nações, e nem os Barbaros, que folgão de ter em suas casas Tigres, e outros animáes ferozes e sempre temerosos, o admittem. E na verdade é um passatempo, de cujo exercicio nenhum proveito resulta, e o risco é muito grande e sem nenhuma desculpa. O Jogo da pélla faz o corpo ágil; a Lutta endurece os membros; a Justa, que para briga tem pouco risco, é para festa demasiado; com tudo, o ser exercicio militar a defende. Só nos Touros nenhuma cousa ha bôa; se são *mansos*, é cousa fria e abhorrecem; se são bravos, poucos se correm, que não fação voar corposao Céo e almas ao Inférno. E que entam alégrem, entam sejão materia de gosto, e lhe chamem *bons Touros*, como na verdade assim passa, é cousa indigna do que devemos ao ser humano, quanto máis ao de Christão: é renovarmos as effusões de sangue dos amphitheatros gentilicos. Não ignoro que perdemos tempo neste aviso, como o perdêrão muitas pessoas gravissimas que por vezes o dérão. Mas obriga-nos o zelo do Bem commum, e o Officio de Historiador, que é dar parecer nas materias; e sobre tudo sabermos, que um tam grande sancto, como foi o Papa Pio V. religioso da nossa sagrada Ordem, trabalhou muito pelo tirar do mundo; e fiquem advertidos os authores de tal spectaculo, se algum houver que passe os olhos por estes escriptos, que em boa Theologia lévão sobre si grande parte do sangue humano, que estes Touros derramão.

Fr. Luiz de Souza. Vida do Arcebispo, tom. 2.

ODE Á Sra. D***.

Fragil reina a Belleza curto prazo,
Se lhe néga a Virtude o seu arrimo.
Anonymo.

Na alma assentou seu thrôno, e reluz na alma
Divina a Formosura,
Que enfeites da arte, diamantes e ouro
Enjeita desdenhosa:
As Virtudes celéstes, os talentos
Lhe servem de atavîos.
Se a Minos, não a Páris, (1) Jóve summo
O arbitrio devolvêra

(1) Nunca deparo com esta Fábula das tres Deosas assanhadas por uma maçãa, que me não lembre (teria eu então 13 para 14 annos) minha Comadre *Maria Pereira*, e um painél que ella tinha, em que estavão figuradas tres Mocetonas, nuas como a palma da mão; e um rapagão, em trajos de Pastor, que offerecia uma maçãa áquella das tres, que máis tinha *rostinho de tauxia* (como o Camões, n'uma carta que escreveo da India, chama o rostinho d'uma Lisbonense) *que chía, como pucarinho nôvo ao deitar-lhe agua*. Succedeo pois (por tornarmos ao ponto) que vindo-a visitar um dia, o Padre Frei José da Penha de França, primo em quarto, ou quinto gráo, de seu marido, que andava embarcado; depois que minha Comadre lhe deo de almoçar etc. etc. etc. estando ambos conversando a mão, acertou por acaso de olhar para o painél, de que nunca soube a significação. — « Bem sei (disse ella) que são tres Sanctas Virgens, e talvez que Mártyres; mas não lhes

Nas tres deosas, anciosas pleiteavão
Da formosura os fóros;
Pallas, não Cytheréa houvéra o pômo,
Que a discordia arrojára;
Nem adúlteras cinzas consumîrão
As lidas dos dous Numes, (1)
Sobêrbos muros de Ilion celebrada. —
Despréza da Spartana
Helêna, oh! Marcia, os gabos da beldade
Adúltera e ruinosa.
Cabem sãos elogios só ás Graças,
A' Virtude, aos Talentos.

---

sei os nomes; e reparo, que não é uso pintar as Sanctas nuas; S. Sebastião sim, porque é um homem. Peccadoras vi eu já nuas; mas Sanctas!..» O Padre Pregador, depois de ter parafusado um pouco, respondeo, o Pastor era o Dragão, que com o pômo enganára Éva no Paraîso, que... « Mas (replicou minha Comadre) Éva era só uma, e não tres. » — O Padre *embatucou*, *mas lógo*, com cára de Frade retrucou. — « O Pintor figurou nesse painél Éva antes do peccado, Éva no peccado, e Éva depois do peccado; e assim as tres Évas são só uma. São pontos da Escriptura, que mulheres não devem esquadrinhar. »

(1) Fabricárão Apollo e Néptúno os muros de Troya a pedimento, e promessas de Láomedonte, que depois lhes falhou com a paga.

EPIGRAMMA.

Ex ungue leonem.

PERGUNTEI hôje a um sécio Peralvilho,
Porque unhas grandes traz, por guápa móda
Tanta alta (1) Dama, tanto audaz (2) casquilho?
« A nobreza (me diz) que a agencia toda
» Perdeo de atassalhar a póbre gente,
» De ao merito e á virtude obstar, (3) potente,
» Póde perder brazões (4) placas, alcunhas,
» Mas guardou sempre de Leão as unhas. »

(1) Na noticia, que dos mortos dava a Gazetta de França, vinha (*olim*) se era fidalga *Haute et puissante Dame* por titulo honorîfico.

(2) Nada houve nunca máis desavergonhdo, nem máis atrevido, que a devassa nobreza.

(3) Ainda que alguns nóbres, e a Côrte mesma fizessem alarde da protecção que outorgavão a certos Ingenhos, e Talentos; debaixo dessa máscara protectora, traçavão de polìticos, arredálos, quanto podião, dos postos, em que podessem luzir, ou lucrar.

(4) Por decreto da Assembléa Nacional.

ODE.

. . . . . Levius fit patientiâ
Quidquid corrigere est nefas.
HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 24.

PÉDRA és de fino tóque, oh Infortunio:
Em ti dá manifestos seus quilátes
A virtude, a Amizade não fingida,
O Valor que não vérga

Ao pendor da Desgraça. — Homem mesquinho,
Ao nascer, te fadou a Natureza;
Pôz lembrête — *Infeliz* — Mandou-te ao Mundo
Aparar seus revézes.

O Cultor da Cordura e Probidade
Nasce assumpto das artes do astucioso;
O Sábio paga fóros á Calúmnia:
Ei-lo póbre, ei-lo a férros.

E, se escapou, previsto ás impias gárras
D'um Tribunal iniquo, lá está a Fama
Peitada pelos Máos, que assoálha as nódoas
Que lhe lançou a Inveja. —

Como almas apoucadas cóbrão júbilo,
Na desgraça do Ingenho, ou da Virtude!
É pásto, com que cévão a faminta
Mesquinhez do seu Nada.

Eu, que alvo hei sido ás cruas fléchas
Da Inveja, agigantada em gran Calúmnia
Dou Jôgo ás fôrças da alma, na Constancia,
Com que lhe apáro os golpes;

E lhe rebáto os ímpetos, no escudo
Do quêdo soffrimento, inalteravel,
Lá recúão, lá québrão, lá se esbrôão,
Como ondas n'um rochêdo.

FOGUÈTE.

. . . . nunquam-ne reponam,
Vexatus toties? . . .
JUVEN. *Satyr.* I.

FELIZES forão Barros, Couto, e Souza,
Brito, Vieyra, e Freyre,
Com quem malvados Críticos perluxos
Se não fizérão timbre
De espinicar, palavra por palavra,
Os seus doutos discursos.
Ah! peccante de mim! Que um Fado iniquo
Tomou teiró co' as trôvas
Do mal estreado Elysio. É um regálo
Vêr como encárão óculos,
Franzem téstas, ajuntão sobrancelhas
Porque não se lhe esquive
Positivo, ou composto, antigo, ou novo

Termo, que á fisga fuja.
Se dão com *a la par*, Deos nos acuda! (1)
Vê-los fazer beicinho
A *aventar*, que no Souza é verbo culto; (2)
A *torvellino*, a *aprisco*,
Que andão nos máis volvidos Diccionarios. —
Não star eu lá! — Que tunda
De socátes gaiteiros lhe eu não déra.
Callai-vos, delambidos:
Para Crîticos ser, convêm que d'antes
Deis desquite á ignorancia. (3)

---

(1) Quizérão esses papalvos, que eu fallasse em Portuguez, como elles fallão em Francez. Vá de historia.

Por lisongear o Marquez de Pombal, se abalou meia Lisboa a ir ver uma engóiada Procisssão de Quarésma a Oeyras. Dous Tarêlos do Erario se apeião ante uma casa, onde já dous Tarêlos *ejusdem furfuris* os esperavão á janella; — *Montez, montez, Messieurs.* A quem balbucião os apeados — *Mais .... mais la porte est fêchée.* —

(2) E dá genuina Versão á phrase Franceza — *avoir vent de quelque chose;* e á Latina de Plauto — *Num Patri subdolet?* Por caso o aventou meu Páe?

(3) Muitos Francezes e Francezas ouvem no theátro Obras de Corneille, Racine, Molière etc., em que vem muitas palavras de cuja significação ficão em jejum. Nem por isso clamão. — *É antiquario — escréve obras que se não entendem.* — Os que tem juizo, consultão o Diccionario, e ficão doutrinados para outra vêz. Porque não fazem os Tarêlos outro tanto? — Porque são Tarêlos.

ODE.

Nullus in hac terra, recitem cui carmina, cujus
Intellecturis auribus utar, adest.
OVID. *Trist. Lib.* 3. *Epist.* 14.

DEIXEI-te, oh Pátria saudosa, e ingrata;
Mas recolheo-me, em França amavel Pôvo.
Na Haya vi Rãas, vi Sapos, e Hollandezes,
Por meus grandes peccados.
Não te qneixes, Ovidio, em teu degrêdo,
Que os teus versos não ouvem, não comprendem:
Cá uns Gétas, máis Gétas que os de Tomes,
Tem orelhas, mas de A'sno. (1)
Quando bem se remanchem a escutarem
O meu canto, inda o teu (prazer das Musas!)
Os enormes colchões das cabelleiras (2)
O som lhe abafarão;
E a seu miôllo embaciado ao fumo
Do pertinaz cachimbo, dar-lhes pódem
Só trovões, só relâmpagos, e infernos
De Mîlton (3) luz e abalo.

(1) Esta régra tem sua excepção.

(2) Com effeito são enormes. Tal Cabelleira vi na Haya aos Ministros Protestantes, que vinte trunfas de bem encabellados cascos, não bastarião a encabellá-las.

(3) Foi pena, que Mîlton não escrevêsse em Hollandez; por-

Só trôvas de seus vates de obra grossa,
Tão relambórios, marrafões e broncos (1)
Que, nem Francezes, que agadanhão (2) tudo,
Se dignão traduzî-los.
Ai de mim! que affligido, e solitario,
Arrójo a longas terras os suspiros;
E não pósso, traz elles ir voando,
Ausente d'estes charcos. (3)
Para quando os feijões resérvo, e as fávas?
Senão para os Adeos aos táes Casmurros?
Pythágoras d'avêsso, hei-de atnlhar-me
D'ellas, tres dias antes:
E vóto a Apollo, em daquî sahindo,
(Dia de ouro!) arrumar-lhes tal estrondo,
Tal incenso bufar-lhes, que se lembrem
Da minha despedida.

---

que depararia a cada passo, nesse idiôma, os máis arranhadores e estourazes nomes para os seus Diabos, que até Satanaz mesmo os acharia endiabrados.

(1) Les Muses fuient une langue, dont la rudesse les épouvante. *Lettres Juives*, *CXV*.

(2) Chama certa gente *gadanhos* aos dêdos; quando mórmente os táes dêdos são buliçosos, e mettediços. De lá vem o ditto vulgar. — *Tire lá os gadanhos, que fédem a fumo.* — Quem não vê quanto o verbo *agadanhar* convêm aos Francezes, que tem mettido, não só os dêdos, mas o braço inteiro até ao cotovêlo no sácco da Litteratura, e tirado alto e malo, á vergonha do Mundo?

(3) Supponha o benévolo Leitor, que sóbe da Haya, n'um *aereostat*, e que peneirando-se entre as nuvens, deita uma olhadéla contemplativa para as 7 Provincias da Hollanda. A idéia, que súbito se lhe põe ás cabritas no entendimento, é a representação de Beelzebub, Astarot *et reliqua* (depois do Banquêtte e saûdes, que Voltaire conta que elles fizérão a *Grisbourdon*)

EPIGRAMMA.

Caiio no inférno um frade ; e co' a cabêça
Deo tal baque na pórta , que acodîrão
Milheiros de Diabos. — Mui depressa
A que vinha ás profundas lhe inquirîrão.
« Quero entrar (lhes dizia o desgraçado)
» No calabouço , a que por culpas loucas ,
» Sou por grave sentença condemnado.
» Fiz.... » e entra a descozer tão tôrpes vicios ,
Tão malditas acções , tantos flagicios ,
Que o Démo que lhe faz orêlhas moucas ,
Lhe sacóde o nariz , lhe mostra o rabo ;
E , sem gastar máis longo palanfrorio ,
Curto lhe diz : — « Tu cá entrar ?... Irrorio !
— Máis Diabo és tu , que o mesmo grão Diabo. »

---

sahirem a espairecer pelos ares, e vazar por filistrîa, nessas areias, as retezadas bexigas, fazendo aqui e alêm pocinhas de mijo fedorento, quáes são as de *Mœrdik*, mar de *Haarlem* etc., onde se refrescão, nas grandes calmas, os batatiphagos Casmurros.

EPITAPHIO.

Aqui Filinto jaz, triste (1) e gaiteiro. (2)
Bem que Vélho morreo, morreo primeiro
Sessenta annos, que houvesse rematado
Sessenta Obras, que tinha começado.

ODE

AO MEU CONSTANCIO.

Ludum insolentem ludere pertinax.
Horat. *Lib. Od.* 19.

Quão rápida e voluvel a Fortuna,
A's cégas, sem escôlha,
Vos levanta do pó, vos véste a púrpura
Que despojou dos hombros

(1) Triste e muito triste, quando lamentava a ausencia dos Amigos e Amigas que deixou na Pátria, e por quem, sempre suspirou.

(2) Gaiteiro, quando palhetava co' as Críticas dos Tarêlos, e se lembrava que escapou ás unhas inquisitorias.

Nota do Editor

Do Magnáta de avoengos carcomidos!
Como léva de rastos
O Prudente Ministro, o Grão Guerreiro
Que c'o tino, co' a espada,
Hão acodido á Pátria! Oh Pátria Lusa,
Onde estragaste os prémios
Devidos a teus Filhos, tão prezados!
No destêrro em que vivem,
Quanto os deslembras tu! Oh lança a dextra
A' iniqua róda, e prende-a,
C'um cravo de diamante; que, volvendo,
Insolente não calque
Virtudes táes, táes Méritos, e Ingenhos.
Tens na mão esse cravo, (1)
Chama-os ao Chão nativo; ao gráo os sóbe
Cabal a seus talentos.

---

(1) De diamante.

EPICÉDIO

A' Mórte do eximio Poéta Manoel Maria Barboza du Bocage.

Si quis at est sensus defunctis, sit tibi gratum
Postremum hoc mœsti funeris officium.
Tu lugere vetas, quoniam tua fama superstes
Orbi te illustrem conspicuumque refert.
J. Gallandi.

Saudade perennal géme, e avalia
Thesouro, de que he cóffre a sepultura.
Bocage. *tom.* 3.

Dá-nos susto o morrer, do Sól radioso
Perder a amada luz, passar d'um féretro
A' Styx e ondas do Olvido,
Deixar Honras e Bens, deixar o Alcáçar
De prazer summo, o Posto que accarêa
Acatamento e mando,
Que invéja induz nos Grandes... Descuidoso
O alado Pôvo cahe no mortal laço;
Cahe, cada dia, a Turba
Que habita o Bósque, o Rio, em nada subdita
A cruas mágoas, aos tão mil soçobros
Que nós soffrémos; mîseros!
Nestas almas humanas accurvadas

De infortunios. — Desfructão melhor vida ! —
Tyranno de annos verdes
Nos appunhala Amor. A sêde avára
D'esse ouro insultuoso , nos subvérte ,
Por lucros , a Virtude.
Vai-se apóz Honras vãas , ensanguentado
De abrólhos , o Ambicioso. Outro , que a taça
Esgotára da Invéja ,
(Paixão infame !) as veias se empeçonha. —
Quem não sentio , no seio , os crûs verdugos
Da Tristeza , ou Despeito ?
De Odios ? de Iras , ou de Rancor que ultraja ?
O térno dó do fraco , a quem opprimem ,
O coração nos fende.
Na Terra , no Ar , no fraudulento Oceâno ,
Não ha Animal que igual tormento sinta ,
Qual dá Natura aos Homens. —
Da Essencia Divinal o raio eterno , (1)
Que nasce e anda comnosco , os dias turvos
Da vida nos espinha ,
Compaixões mil. Nem farto da alancear-nos
Vivos ; na Mórte , ensópa a lança inteira.
Mais ágra , allî a Mórte ,
No spêlho da lembrança , nos ameáça. —
Labóra o Juîzo. — E a Mórte é máis medônha
Pensada , que sentida.
Veste-a a Mente de espantos. — Máis affavel
Foi co' as Féras , Natura , não lhes dando ,
Na imprevidente idéia ,
O ante-gôsto da Dôr , que os Homens bébem ,

---

(1) A alma.

Trago a trago, na taça, que lhe embórca,
A cada instante, Erynnis.
E a nossa vida é assim. — Mesquinhos Homens!
Nascêmos para lanço de ruîns Fados,
Em quanto a alma em nós móra.
Quando o Céo põe seus dous, suas virtudes
N'um lindo peito, a Mórte (essa invejosa)
No-la rouba, appressada.
O vêrde, o esmalte d'um risonho prado,
A purpurina têz da frêsca Rosa,
Assim os cóme Sirio. (1)
Assim do anno se acanha a Juventude;
Quando gelado o Hynvérno, o acceso Estîo,
Mais que enfadosos, durão.
Sim refloresce a airosa Primavéra,
Se outróra se murchou. Mas não remóça
As cãas verdor da idade;
Que nos férra a Velhice enferma e triste
(Tétra hóspeda (2) da Mórte) e ás sombras oucas
Da campa nos despenha,
Vasos de enôjo infindo. — Tu, Quinctilio,
A quem as Musas favorecem, honrão
Entre os que a Apollo séguem,
E as lições lhe ouvem no fendido monte,
O'lha um *Bocage*, glória do aureo Téjo,

---

(1) O Cão, ou Canîcula, que traz comsigo, no mez de Julho, as calmas, o bochôrno (ou suão, as seccas, as maleitas, os *recipes* dos Médicos, as peçonhas dos Boticarios, as mórtes, os gatos pingados, os entêrros, as offertas para os Priostes, a ganancia para os Curas, etc. etc. etc.

(2) Que hospéda comsigo a Mórte, ou que a traz comsigo tarde ou cedo.

Nesta Éra alto prodigio ,
Brazão deste O'rbe. — Ascosos vérmes pasce
(Ultraje inevitavel !) no jazigo.
Nada lhe approveitárão
Raios de Phébo , mimos das Piérides ;
Bem que , por lhe assistir , deixado houvessem
O vocal gémeo cume :
Quando elle , á Lusa Terra , todo o Côro
Harmónico attrahio , porque entoásse
Da Elysia o Ingenho , a Fama ,
Proëzas de seus Reis , de Amor proëzas, —
Como pôde esse Deos , (1) que Infante o amára
Não o arrancar á Mórte ,
Deos , que as Canções lhe amou salvar Divinas. (2)
Vir-te-ha , Quinctilio , assim , tambem ; — o applauso ,
Que te esclarece no O'rbe ,
Cahirá , comtigo , no jazigo , mudo ;
Grandezas , Honras não terão máis pôlpa ;
Que a pobreza do vulgo.
Teus sacros versos , que silencio e pejo
Plantão nas linguas , plantão nos semblantes
Dos Mestres do aureo pléctro ;
Que as dextras lhe entorpecem ; que , de invéja
Lhes deslizão das mãos papél e pluma ,
Perderão a toáda ,
Que lhes vinha do peito altivo , e forte ,

---

(1) Apollo.

(2) Quando lhe furtárão o Manuscripto dos seus versos, Apollo, que os sabìa todos de cór, lh'os foi dictando. Tal lhe não mereci eu, ao Senhor Apollo , que de muitos versos meus impressos , e não impressos de que me não ficou treslado , perdi todo o feitio, por mui desmemoriado. Não os achárão as Musas

Onde as Musas os sons lhes affinavão ,
C'o Délphico alaûde.
Tu , não menos verás estôfas ondas ,
Que todo o humano avista : ao Náuta (1) avaro
Tens de pagar teu O'bolo ,
A fim que á adversa margem te navégue. —
Porquê aos eterni-fluos , vagos Rios ,
Que o leito nunca mudão ,
Não semelhâmos nós ? Nem aos balanços
Do Oceâno coévo aos Céos ? aos Céos sem têrmo ?
Não cábe lastimarmo-nos ,
Que em despeito de Eólo , e de Néptúno ,
De Jóve iroso , e dos fendentes raios ,
Entône audaz a cima
Ponteagudo penhasco , e eterno jaza ,
E se ufane seguro , altivo seixo ! —
Que ás sévas mãos das Parcas ,
Môrrão Ingenhos grandes , quáes *Bocage !*
E o ferro não tremeo na mão de Clótho ,
Quando cortou tal vida ?
Lamentavel Destino ! — O Varão , que altos
De Ingenho assômos lógra , no-lo furtão !
E deixão de Éra em Éra ,
O Parvo blazonar co' a calva fronte ! (2)
Quem , desd'ora entoará , como compéte ,
Com sons Marciáes , na Tuba ,
Do Luso braço a glória , já que é extincta

---

dignos do mesmo favor , que fizerão a Bocage. Diz muito bem o Dittado : — Muito vai de Pedro a Pedro.

(1) Charonte.

(2) Que encalveceo de estirada velhice.

A Musa , que a cantava altisonante ?
Quem dirá seus Combates ?
O destemido arrôjo de Pacheco ?
A intrepidez de Nuno ? o forte Castro ?
O rîgido Alboquerque ?
Quem o ousará , Quinctilio ? A tua Musa
Lhe acceitaria a Tuba , se (fugindo
Todo o terreno assumpto)
Não tomasse por alvo o Céo , e os Hymnos. (1)
Quem nosso Homéro , quem Virgilio nosso
Heróes cantará Lusos ?
Senão Erminia (2) , que o seu nome espalha
Na amplidão do O'rbe ; como quando Phébo
Sentado sôbre o Pindo ,
Toma a Lyra nas mãos , modúla os versos
Com que , a saudarem Jóve , ensina as Musas.
A vóz , que em cheio sólta ,
Vai desdobrando o som de longe em longe ,
E estendendo-o — as folhas estremece ,
Nas madeixas dos troncos.
Erminia , Erminia , as Musas te convidão ,
Clio o seu alaúde te offerece ,
E para ti o affina.
Junto de si te quér. Oh que allî podes
Cantar louvores dignos de *Bocage* ,
Com vóz igual á sua.
Onde estás Sappho ? Aonde estás , Corinna ?

---

(1) E le cose del Ciel piú sante e belle
Ora scrive in caratteri di stelle.
Ditirambo de Francesco Redi.

(2) Adivinhá-lo ; — Que eu prometti segrêdo.

Sappho, e Corinna, oh Erminia, em ti concorrem:
Concorrem melhoradas.
Erminia, Successora tu só réstas
Da Lyra de *Bocage*. Tu consóla-nos
Da perda do grão Vate.
Clio não queira; oh não consinta Apollo,
Que (dado á fouce da impia Libitina
Bocage) um Vate falte,
Que nos cante a Virtude! Oh venha Erminia
Enternecer as penhas, prados, selvas,
Com saudosas Endeixas,
Em memoria de *Elmano*, aos Lusos caro!

ERMINIA.

« ELMANO; oh *vále*! A Abelha, em teu moîmento
» Sempre o seu mel componha!
» Manná dos Céos, e Bálsamos da Arabia
» Allî distillem; Louros enverdêção,
» Heras, nevados Lyrios!
» Basto Rosal, com mil botões o abrace!
» Mangerona, Tomilho, e a Flor vermelha,
» Que annuncîa em queixumes
» De Ayax a dôr, n'um Ai tincto em seu seio! (1) —
» Do Sado as Nymphas, Nymphas do aureo Téjo,
» E as Indicas Nerêas,
» Com lágrimas a campa lhe humedêção!
» Clótho, com fria mão, cortou-te o fio
» A' vida — desbotado
» Pelo Infortunio, pelas manchas lívidas

(1) Tincto no seio d'essa flor.

» Da doença importuna, precursora
» Do angustioso gume.
» Ouve, oh *Bocage*, as queixas lastimadas,
» Que entre as graças, que Elysia manda ao Olympo
» Pelos dons, com que a exalça,
» Méscla arrojados ìntimos suspiros:
» *Ai falta-me um Bocage! um igual Canto.*
» E a vóz allì desmáia-lhe:
» Que ao romper das entranhas magoádas
» Lh'a entalla a perda do Cantor sublime,
» E a fronte inclina, e géme. »

Sólta, oh Quinctilio, o nó que te áta os Hymnos
Na mélica garganta. O teu *Bocage*
Desfructa a luz do Elysio. —
Feliz Elmano, *Salve*. As negras roupas
Da amargura as rasgou a mesma fouce
Que te ceifou a vida. (1)
Já arraiáda de luz tua alma illustre
A' sombra de frondìferos Loureiros
Aspirando os aromas
Dos Hesperides pomos, na alcatifa
De esmeralda que, a fio, dá de rôsto
Ao bochôrno, á geada,
Heróes te vem saudar, Heróes, que o néctar
Comtigo bébem, festiváes Convivas.
Vem-te saudar os Vates,
O tão famoso Eumolpo, o Orphêo Divino,

---

(1) Tanto fortior, tanto felicior: hominis effugisti casus, livorem, morbum; existi è custodia: non tu dignus mala fortuna Diis visus es; sed indignus in quem jam aliquid mala fortuna posset. — SENEC. *de tranquillit. animi.*

Lino, Amphião, Musêo, e o que, aquécendo
A Tuba, abrazou Tróya; (1)
Vem de Mantua o Cantor, e Horacio, e Pîndaro;
Com mil applausos, lédos appregôão:
Não céde á Italia, á Grecia
A Lusitana Musa. — Tecei c'róas
De héra e louro a BOCAGE. — Nós, saudosos
Dizemos: « *Vale*, ELMANO! »

ODE.

Quid nos? quibus te vita sit superstite
Jucunda; si contra gravis.
HORAT. *Epod.* 1.

COM mágoa ouvi, que partes, caro Bórges.
Deixas-me nestes êrmos (2)
Saudoso, vélho! E ameaçadora a Mórte
Brande (não de mim longe!)
A luzidîa fouce. A'gra a Pobreza,
De feia catadura,
Co'as sêccas mãos me aperta o peito anciado.
Em quanto o alîvio tinha
De receber teus versos, tua prósa,
De, em cambio remetter-te

---

(1) Homéro.
(2) Da Thebaida de Choisy.

As minhas, socegava a séva frágua
De atribuladas penas,
Com que o Futuro me ennegrece os dias.
Mas tu, que óra te ausentas...
Afasta-te de mim, acérba idéia!
Vai, Bórges: brandos Zéphyros
Nas azas teu baixél contînuos tómem, (1)
E á Patria te confiem.
A' Patria, que contente os braços te ábre,
Para te estreitar nelles.
Verás o Páe, que te ama, e que respeitas;
Os Irmãos, os Amigos,
O técto, o bêrço, onde, com ráio puro
A ti, recem-nascido (2)
Deo prima luz o sól. — Quanto se prézão
Os Bósques, onde infantes
Démos os tenros passos mal-seguros!
Com que prazer não vemos,
Depois de longos annos de apartados,
Os que, na vêrde idade,

---

(1) Sic te diva potens Cypri
Et fratres Helenæ, lucida sidera,
Ventorumque regat Pater,
. . . . . .
Navis, quæ tibi creditum
Debes. — — Horat. *Lib.* 1. *Od.* 3.

(2) Não: nunca o sól nos luz tão amigavel,
Como no sîtio, em que, primeiro o vimos:
Lá, máis nos riem os prados, que elle doura;
Máis frêsca, e máis formosa é lá a verdura.

Oberon. *Liv.* 4.

Comnosco erão no studo, erão no jôgo!
De tudo vás lograr-te:
E eu, a pezar da dôr da ansiosa aucencia, (1)
Devóto aos Céos t'o imploro.

París, 17 *d'Agosto de* 1810.

RESPOSTA.

Veio-me co' a razão o amor da Pátria,
Aquella ennobrecendo, este incitando
O estudo; veréda encontrar busco
Que ao fim de meus desêjos me encaminhe.
Nas plagas de Cabral, meu pátrio ninho,
Tão louçãa, quanto inculta a Natureza,
Admiro absôrto. Aquî longévos bósques
Com vêrde espesso manto insultão, québrão
De Phébo os raios; co'as erguidas cimas
Vão tupetar co' as nuvens; empinados,
A curvas praias ornão, os pés dando
Aos abraços das ondas; hospedosos,
Ferteis Coqueiros, que no fructo off'recem,
Ao lasso navegante, o licor doce,
A saborosa pôlpa, a taça, o prato,
E nas fibras do tronco a forte amarra.
Por entre lúteas flores, vêrdes ramas,
Do patente casulo, pende a félpa.
Do nîveo algodão; bem quaes, d'Odino
Nas plagas, os Carambanos alvêjão.

---

(1) Qui sentit les maux de l'absence,
A senti tous les maux du cœur.

No matizado prado érgue a cr'ôa
O cheiroso ananaz, qual Rei dos fructos.
A quente especiaria aquî se encontra,
Os bálsamos, o aroma, e a casca amiga (1)
Da existencia dos Homens. Máis brilhantes
Máis vivas côres patentêa Flóra,
De máis gostosos, máis formosos fructos
Pomóna aquî se arrêa: aquî de Céres
São pródigos os dons: máis longe encaro
O gigante das aguas, dominando
Déspota sôbre os mares. Nestes climas,
Ao lado de tão sólidas riquezas,
Porque as fontes d'esse ouro insultuoso,
D'esse empêço da industria, esse qu'incita
As sórdidas paixões, deslumbra o Estado,
Natura pôz? Ancioso delle os homens
O curso aos rios mudão, desmorónão
Os montes, e insultada a Madre terra
Na face estéril sua injúria ostenta.
O insulto, pertendi vingar de Céres,
Deixando a Pátria, por alheio clima.
Luzes vim mendigar. — E quando o esp'rito
Refocilar da lida pertendia;
Deleitavão-no as Musas — Li teus versos,
E Horacio, em Luso métro, lêr cuidando,
A' mente, e ao coração juntos fallárão.
Ah! quantas vezes lamentei teus fados!
Quantas, depois, aos meus graças hei dado,
Quo hão permittido eu visse o Vate Luso!
O Poético stadio tu me abriste:

---

(1) A Quinaquina.

Sem o incentivo teu, sem teus conselhos
Como versejarei, de ti distante?
Teus versos estudar, louvar teu nome,
Em baixa escura prosa, é quanto alcanço.
Os perigos do oceâno fraudulento
Vou de novo arrostar; vou ver o bêrço
De Franklin immortal: ficas Filinto,
E eu parto... Porque o mar divide as terras?
Porque os corpos ligar, fiél, não sabe
O, que almas liga, laço da Amizade?
Tal quér a Natureza, e tal nos dicta
Na saudade; attracção que o peito arrastra
Para ao do Amigo, que está longe, unir-se.
Se os Céos dérem, que um dia, a cara Pátria
O mui querido Páe, e Amigos veja,
Com nosco vivirás Filinto Amigo.
No certame Poético, teus versos
Nosso faról serão. O Luso idióma
Hemos da estudar nelles, e comtigo
Relendo-os vêzes mil, conversaremos;
E quando juntos, no amical banquêtte,
Nos cópos espumar festivo Baccho,
O primeiro tinnir será teu brinde.
Em tanto qual vai ser a sorte minha!
Alhêas terras deixo, alhêas busco.
Quando verei os *bósques*, *onde infante*
Dei os tenrinhos passos mal seguros,
Quando.... Filinto adeos, lembre-te ás vezes
O mui saudoso, gráto Amigo Borges.

Começava estes broncos, mas sentidos adeos, quando o muito estimavel mimo da Ode, que me enviou,

lágrimas me arrancou: tanta ancia tinha quando cheguei a França em querer vê-lo, quanto medo tenho agora de ir a Choisy; todavia antes de partir não hei de lá ir uma só vez, hei de ir varias — Tenho tempo, pois que a partida se alonga. — Deixêmos tristezas; — quando lá fôr levar lhe-ei o meu Epicédio revestido de outras roupas; então dar-me-ha o seu parecer. — Em quanto ás regrinhas pelas quaes encetei esta carta, não pensava escrevê-las quando peguei na penna; o coração as foi dictando, e se a mão não soube traçar o que elle sentia, a culpa não é d'elle, é della — E que hei de eu fazer? se ella não sabe escrever melhor! — Li a sua dissertação á cerca d'Horacio, e deo-me summo gôsto. Muito desêjo ver certa obra sua, que ao dizer do Senhor Brito, e Verdier, « é a melhor cousa, que lhe tem saído de penna » — Cá me derão outra noticia; e vem a ser, que certa Exma. Snr^a^. lhe ia levar, da parte da Exma. sua Mãe, nova traducção da Poética d'Horacio.

ODE

AD SODALES.

——— eripe te moræ.
HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 29.

ORA Phébe nos móstre a face inteira,
Raiando brancas luzes emprestadas;
Ora apenas uma órla mal-luzente,
Nos escássêe avara;

Nenhum dos bons Amigos de Filinto
Se lembra que elle vive na Thebaida: (1)
Um culpa o Hynvérno frio, as alvas néves,
Outro os mui-bréves dias.

Eis chega a Primavéra, a louçanîa
Das arraiadas flores, a esmeralda
Dos férteis prados, com a amiga sombra
Das árvores folhudas;

Nenhum se arranca de Parîs, do encanto
Dos Concertos, das O'peras, dos Bailes:

(1) Choisy-sur-Seine, onde depois de lá morar dous annos, não tive máis conhecimentos, que o de uma pessôa, e meia.

E Filinto aturado Anachorêta,
Bébe porfiado enôjo.

Se inda hôje, em meu semblante vecejasse
Da Mocidade a flor, se inda outra Nize,
Ou branda Marcia me encantasse os ócios,
Com donôso surriso;

Se, em Thebaida morassem Britos, Borges,
Navarros, e Corrêas eruditos,
Fôra máis léve a mágoa, máis macîa
A dôr da Saûdade.

Mas, de ferózes ventos alquebrado
O baixél de Filinto, em vasto Oceâno
Da Calúmnia, e Destêrro empobrecido,
Céde o lado á tormenta,

Descóze-se o costado, e tóma em cheio
As ondas da Amargura, em que se alaga;
Vai quasi a pique já seu baixél rôto,
Cansado o Soffrimento.

Não fôra assim, se as Parcas me fiárão'
Lá, nas lôbregas Casas do Destino,
Um longo estáme de palreira vida,
Igual ao da Vizinha (1)

Hécuba desdentada, que borbóta
Da sumida, bachareleira bôcca,
Perenne fluxo de convérsa, e nunca
A Solidão a enója. !

---

(1) O Ganimédes de certa tavérna (embandeirada em Casa de pasto) no caminho da Boa Viagem, mancebinho de 50 a 60 annos, gôrdo e curto (parece-me que o estou vendo daquì) cabêllos grisalhos, alguns delles espetados entre o toutiço e a

FÁBULA.

Mui contente um Páezinho
Nas graças do Filhinho se mirava :
Seu , ou não seu , não o diz a Historia ao cérto ;
Mas (cérto !) bem sabìa
Que a Spôsa lh'o parìo ; que o Padre Cura
Por Páe o pôz no assento.
Cállem-se as linguas más. Enfìo o Conto.
Tóma o Páezinho , sôbre seus joêlhos ,
O engraçado fedêlho ,
Que lá pula , lá dansa , e do Inez d'horta
Nos hombros se empoleira ;
Lá grita : — *Ai , meu Páezinho ,*
— *Que Anões que são os homens , comparados*
Co' a minha alta statura ! —
Um pôsto dai ao Néscio ; ei-lo já crente ,
Que os outros são enguiços.

ésta , rôsto avinhado , e façudo , nariz esborrachado etc. vinha-se pôr á pórta , mal que sentia rodar sége , ou pizo de bêsta cavallar ; e gritava , com bérros de Touro — *Dá fundo* — a fim que lhe entrassem na bodéga quantos passassem. Ora esse mesmo Ganimédes , a cada hora , m'o arrástra á lembrança uma tal Vélha , vizinha minha , que móra nos quartos baixos das Casas , em que eu assisto. Não passa mulher , homem , criança , a quem não dê tréla : todos allì *dão fundo ;* e quando a miûdo acontece que esteja a rua solitaria , e que Cão , ou Burro , ou Gallinha pásse , co'a Gallinha , com o Burro , ou Cão vai desfiando palratorio.

ODE.

Non doctarum ederæ præmia frontium
Diis miscent superis *me*.
HORAT. *Lib.* 1. *Od* 1.

Pois que o Senhor Mandar põe seu capricho
Em vir vêr uma cára vélha e feia, (1)
Com gôsto espéro, no êrmo da Thebaida,
Receber-lhe a visita.

Não só, na dórna, recebeo Diógenes
Do famoso Alexandre a glória splendida;
Máis mesquinho do que eu, a Dom Quixóte
Recebeo Montesinos.

Monsieur Mandar, a quem tão poucas Odes
Tanto assarapantárão, que disséra,
Se alêm de outo volumes já impressos
De Odes táes e que jandas,

Visse inda outo volumes manuscriptos
De burundanga igual, préstes e léstes
Mandaretypis, que sómente aguardão
Dinheiro, para o custo?

Cá fiz as minhas contas; todos juntos
Lyricos Vates Grêgos e Romanos
Não farião metade dos volumes
Do tal Filinto Elysio.

(1) Prometteo ao Amigo Borges vir-me visitar.

Sempre do que val pouco ha grande cópia.
É raro o Bom, rarissimo o Sublime.
No côrno cresce o Boi ruîn : Urtigas
Médrão melhor que Rosas.
Todo o caso que fêz (1) das minhas tróvas
De preconceito vem. Deo-lhe a Noticia (2)
Candeînhas a vêr ; julgou, por ellas
Vêr sóes, no que erão trévas.
Tal conceito não fêz, nem fará nunca
O Páe, que as engendrou : que inda hôje mesmo,
Se a Pachôrra lhe não cortára os împetos,
As tornarîa á fórja.

A PASSAGEM DE VENUS.

Monsieur Mondor, (3) amigo de Cassîni,
Convidou a jantar Damas, Fidalgos ;
E depois de jantar, irem de rancho,
Pelo disco do Sól vêr passar Venus. (4)

(1) O Senhor Mandar — não hája equivocação, que sempre detestei travacontas com Grammaticos.

(2) Outra advertencia — a Noticia de que elle aquî falla, é a que vem no avental das *Poésies lyriques*.

(3) Quem diz Mondor, diz riccasso, diz Assentista, diz Pelão pôdre de ricco, e póbre de cachimonia, bazófia, e que imagina, que tudo se lhe déve.

(4) Em 172.

Ei-los, á pórta já do Observatorio,
Quando a gente de lá se despedia.
« Monsieur Mondor, chegámos já mui tarde. »
(Dizião pezarosos os do rancho)
—Se Venus já passou (muito redondo
Respondia o Mondor) — sou grande amigo
— De Monsieur de Cassîni, e ficai certos,
— Que o favor nos fará, por amizade,
— Que Venus, vinte vêzes, (1) se lh'o eu peço,
— Por tal gôsto nos dar, passe, e repasse. —

ODE.

Gaude sorte tua. — Horat. *Epod.* 14.

Que Lúcifer levou para os seus quintos
Infernos um Capucho assaz roliço;
E com elle levou duas rodélas
De espreitador calibre?
Castigou-o Pilatos, por ventura,
Porque as promessas não cumprio, bargante?
Foi bem feito. Esta vez Poncio Pilatos
Sentença deo mui justa.
Vêde, que eu devaneio despeitoso!

(1) Como os saboyanos mostrão o *tótilimundi* (a quem lhe paga), quantas vêzes queirão.

O tal Capucho, a flux, fragalhotêa,
Por Quintas, por Campinas florejantes,
Sem que o Vate lhe lembre.
Entre jógos, e equîvocos bicudos,
Do fallar atravéssa o chão sentido;
Fait de l'esprit (1) avêsso do bom senso,
No cortejo das Damas.
Tempo virá, que na cabêça calva,
Algumas lisas cãas mal-semeadas
O avisem (mas quão tarde!) do descuido,
Com que tratou Filinto.

DOENÇA DE D. CHLÓRIS.

D. CHLÓRIS.

Ai, Doutor; não vir hontem acodir-me!
Apertou-me uma dôr.... Mas dôr tão forte;
Que o não póde ser máis a dôr da mórte.

MÉDICO.

D'um apertado parto despedir-me
Não pude, em toda a noite. Aquî me tem.
Vejâmos onde é a dôr. (D. Chloris) Ai, muito afflicta
Me vi; mas não me lembra agora bem.
—Onde é que eu tive a dôr? Responde, Rita. (2)

(1) *Discreteia.*
(2) Rita Rosa se chamava a Criada, e foi a mesma, que tinha

ODE

AD SODALES.

Oblivioso levia Massico
Ciboria exple. —
HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 7.

Ei-los, que chegão. (1) Ei-los que celebrão
Este quatro de Julho; e que, á saûde
Do Vélho Vate, empinão dons de Baccho
Rubicundo, e festivo.

Viva Baccho, e Silêno; vivão Ménades;
Danse aquî Venus, dansem lindas Graças:
Co' altérno pé descrevão figurados
Emblemas da Victoria.

Abiit, excessit, evasit, erupit (2)
O Tribunal infame; cabis-baixo
Môrda, e trágue o *Citóte* inquisitorio,
Em que, iniquo, estribava.

ido na véspera chamar com muita pressa o tardîo Médico, para a dôr de sua Ama. Era uma Môça de maço, que padecia comichões nos antîpodas da bôcca.

(1) Tinhão de vir de Parîs alguns amigos Portuguezes, visitar-me nesse dia.

(2) Cicer. 2ª. Catilinaria.

Ao retinninte som de alçados cópos ,
Cantem as Musas lédos Epinicios ;
E os Amigos , com cândidos applausos ,
O Canto lhe accompanhem

Em quanto engano a esquiva Malquerença ,
Calúmnias de Megéra , e que as sepúlto
N'uma taça de rúbido-espumante
Licor deslembrativo (1),

E , nos braços dos bons Visitadores.
Cóbro consolações , apérto esforços ,
Para esganar enôjos solitarios ,
Em que a Thebaida abunda.

ODE.

Mollis inertia cur tantam diffuderit imis
Oblivionem sensibus ?
HORAT. *Epod.* 14.

ESPEREI. — Esperei. — Já desespéro
Da visita dos Lusos madraceiros.
Todo esse árgél de Cartas , e Promessas
Deo comsigo em Pantana.
Todo o poder das Fadas deo em dróga.
Cinco Vizinhas minhas , todas Fadas ,
(Com seus laivos de Bruxas) por máis rógos ,
Com que favor lhes péço ;
Não podérão dár inda um léve abalo

(1) *Oblivioso* , que vem no epigraphe.

A tão ronceiro, esquivo desmazêlo.
Fui ter com Venus, fui-me ter com Jóve,
C'o versîfico Phébo;
Todos achei tão fracos, e esmalmados
De acodir ás chamadas dos Poétas, (1)
Que nem fallar podião: — c'um acêno,
Embóra me aviárão.
Viva o Senhor Mandar! (2) Isso é que é gente.
Hontem correo Choisy, muito aguçado,
Sem me atinar co' a pórta; e sem fallar-me,
Tomou, mui guápo, o *tólle*.
Ficai: madraceirai: não venháes nunca.

---

(1) Não vereis ahi Poéta d'agua doce, que para a menor ninharia acconsoantada, não apêne, e não québre os ouvidos a Apollo, e a Venus, e até ao supremo Júpiter. Ora tenhão por cérto, que por máis que esses milheiros de versejadores invoquem Apollo, e Musas, como cada anno esse Deos não quér dar senão uma certa quantidade de enthusiasmo; essa, tal qual é, repartida por tantos, apenas lhe fica a cada versejador o cheiro do éstro, que lhe Apollo podia dar. Um sujeito que entendia bem o ponto, comparava o enthusiasmo, Apollo, e os Poétas, ao que succedeo a El Rei com os 400 frades de Mafra: levava El Rei um frasquinho de licor mui suave que deo a cheirar a todos elles. Cheirárão todos, e a cada um coube a 399ª. parte do licor. Assim cabe a mil Poétas a 1000ª. parte de garrafinha do éstro, e por essa conta quanto máis Poétas, menos parte de Poësîa cabe a cada um. Quando Camões compôz o seu Poêma, havia em Portugal 4 ou 5 Poétas: toda a dóse do éstro se distribuio entre elles. Hôje que os Poétas se contão por milheiros, e que a dóse não é mais avultada que então...

(2) O caso foi que me enganárão no nome e na pessôa. Sim me veio buscar a Choisy uma pessôa de Parîs, a quem não derão a minha endereça mui corrente; mas não foi o senhor Mandar. Quando conheci o engano era já partida esta Ode.

Que se eu me agásto, mando lá Megéra,
Que vos ha-de aguçar, mal que vos arme
Demandas, e penhóras.

ODE.

Possent ut juvenes visere fervidi
Multo non sine risu,
Dilapsam in cineres facem.

HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 13.

Ao vir buscar o perguiçoso (1) leito
Do passeio da tarde espairecido,
Refocilada a mente dos barrancos
Mal-vencidos de Silio (2),
Não me estremece o peito, com pavôres
De vir quebrar-me o somno atroz Esbirro;

(1) O leito não é perguiçoso, mas insinúa perguiça. Estes adjectivos passivos com significação activa, são usados com muita elegancia pelos nossos melhores Clássicos; e porque são triviáes os exemplos, não os cito.

(2) Fallo das difficuldades não pequenas que encontro na traducção de Silio Itálico, na qual me vejo desajudado de todo o socorro litterario e pecuniario; sem ao menos ter um Lexicon Latino e Portuguez, de que me valha, um Conterraneo intelligente, a quem consulte. Grande infortunio! E quem tem a culpa de tudo? Um máo Governo, que tantas pósses deo a frades, e fidalgos.

Mostrar-me a Palma, a Cruz, a Espada, (1) insignias
Do infame Sancto-Officio.
Nem, se uma vóz soltei máis livre, os sustos,
Me anceião, que engolida (2) pela orêlha
Um Frade, um Nóbre stúpido e fradesco
Em denuncia a vomite.
Hôje, indo a róda volteando o Tempo, (3)
Me assinallou, de longe, o quarto lustro,
Dês que deixei a Pátria, saudoso,
E os braços dos Amigos.
Assinallou-me erguida a mão furiosa
Da Inquisição iniqua, e a bôcca abérta
Da Calúmnia; os grilhões, que vem rugindo,
Franca a masmôrra escura. (4)
Mas, d'outra parte, com risonho gésto,
Me appontou, desparzindo, a Liberdade (5),
Seus raios salutiferos, na França,
Em claro meio-dia.
Láctea via apinhando, vai correndo

---

(1) Quando um Familiar prende um desgraçado, autorisa a prisão com a mostra das insignias.

(2) *Bibit aure.* Não só a bêba pela orêlha, mas que a engula, para a ir vomitar no execrando tribunal.

(3) A mesma idéia de voltear o Tempo a quarteada róda das estações, a teve um Relogioeiro, que compôz uma Pêndula na qual as horas esculpidas n'um annél, ou círculo, volteavão sôbre um pião; em cima o Tempo com a ponta da fouce as indicava.

(4) Não dê nunca Deos a conhecer a algum homem honrado os sumiços d'esse infame Tribunal.

(5) Sed me per *hostes* Mercurius celer
Denso paventem sustulit aere.
HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 7.

Até á Capital do O'rbe Romano ;
Sentada no Tarpeio , lança os ólhos
A' Sardenha , á Sicilia.
Como volvia , na Sob'rana idéia
Os vótos , as offrendas , com que as aras
Lhe cumulavão , nessa idade antiga ,
Valentes Lusitanos !
E quão desmerecidas vê agora
Travada a lingua , as mãos maniatadas
Dos que no peito a invocão , lhes tem préstes
Perennes sacrificios !
« Oh Liberdade ! Oh sancta Liberdade !
» (Reclamão , com vóz baixa , os desditosos)
» Vem restaurar teu Templo , erguer a chamma ,
» Que este ar apure , e acclare.
» Co' a poderosa mão arruîna , arraza
» O covîl dos ferozes Poliphemos ,
» Dos Busires de lôba , que estragárão
» As carnes innocentes.
» Pize-lhe aos pés a ruîna o Passageiro ;
» E erguendo as mãos aos Céos , bem diga os Francos,—
» Bem diga os Portuguezes , que seguîrão
» Tão heróico exemplo.
» E os vindouros estranhem , que a soffrêssemos ,
» Erguida em mal dos Bons , essa fogueira ;
» Cujas cinzas então o Austro , zombando ,
» Sópre-as na cara , aos Frades.

ODE.

O Donna, o don del cielo
Qual cosa non hai tu del ciel più bella?
Pastor fido atto 3.

Quem quéres que eu celébre, ingénuo Brito,
Na enrouquecida Lyra? Annos viçosos
Da bellissima Anarda? (1) Não concordão
Formosura, e Velhice. (2)
O'rço c'os sessenta annos; frouxa a dextra,
Pela attezada córda me resvala;
E a vóz que fórço a remontar do seio,
Arqueja de açodada.
Os Amores, os Cantos presumidos
Que rodavão no bôjo, e pelas córdas
Da Lyra de Venusa, ha longo tempo
De mim se despedîrão,
Para ir pousar na estudiosa banca
Do bizarro Araújo, e lá, comsigo
Levárão de presente as duas Pombas (3)
Da Cypria carruagem.

(1) D. Anna Apollonia, etc.

(2) A senhora formosa e môça, e eu avelhentado, e feio.

(3) A primeira vêz que lhe entrei no quarto, mal que cheguei á Haya, vi junto da banca de estudo do ditto senhor, duas lindas Pombas, ou Rôlas. — Valha a verdade.

Olha-o na lutta, as fôrças ensaiando
Entre versões perluxas do árduo Horacio.
Hôje o traduz (1); e já ámanhãa o iguala (2).
Quem sabe, se inda o vença?
Elle é quem só podéra o teu assumpto
Desempenhar, com ampla gloria, oh B....;
Se disferisse o Canto delambido, (3)
Que ás occultas entôa:
O Canto, com que enléva o brando ouvido
Do Morgado M***, do Doutor Sóla,
E o teu, que lhe concedes primazia,
Sobre os teus Gerundìficos. (4)

---

(1) Rodeado o achei de 15 traducções de toda a laia, de 10 Diccionarios, e 8 Commentarios de *Variorum*.

(2) Prophecìa que ainda está para se cumprir.

(3) Versos mui delambidos nunca serão versos, que lamba o Gato. Tenho visto muitos Poétas (por alcunha) que apurados em que não haja que censurar no que elles escrévem, dão obras á luz, que ninguem censura; mas que quem as começa a ler, nunca as acaba. Devêra o A. antes chamá-los diplomáticos; pelo muito resguardo que põem em que a energìa não offenda ouvidos Reáes, ou que algum crìtico mecânico se affoute a pôr pécha em verso ou prósa de Excellencias.

— — vitavi denique culpam
Non laudem merui. — —

HORAT. *de Arte*.

(4) Versos, quáes os podéra compôr Fr. Gerundio de Campassas, se assim como se deo á prédica, se houvéra dado á metrificancia; versos mui panegyricados, mas nunca vistos, nem ouvidos.

ODE.

— — Hinc apicem rapax
Fortuna cum stridore acuto
Sustulit. — — —
HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 34.

QUE diff'rente que vinhas, ha trinta annos,
Dia de regozijo, ladeado
De Apollo e Musas, com lauréis, e rosas,
C'roar ditoso Vate!
Então Dorindo, Alfêno, e a linda Marcia,
E a Amizade, c'o bando dos Amores,
Co' a taça em punho, alçavão boa estrêa
A' tua alégre vinda.
Então cobérta a mesa não-pomposa,
Mas abastada, e franca, offerecia
Aos gratos ólhos do feliz Filinto
Os mimos amigaveis. (1)
Pyrâmides de louras trouxas de óvos,
Honravão o dessér, entre mil doces,
Lidado empenho dos devotos dêdos
Da affeiçoada Freira.
Brómio espumante no crystal dourado,
Já louro, já vermelho trasbordava;
E entrando co' a Alegrîa nas entranhas,
Gaifonava nos rôstos.

(1) Presentes, que, nesse dia, os Amigos me fazião.

Quanto hôje eu dessemêlho no agasalho
C'um pedaço de boi, nû de áve, ou páio!
C'um vinho, a que Silêno o nariz tórce,
Mesquinho te recebo.
Delmira (e inda dou graças á Fortuna)
É quem só me deseja annos felizes,
E trincando, uma vêz, cópo com cópo,
Me festeja este dia.
Mudão-se os tempos, mudão-se os manjares.
Sórve o Fado a despensa dos Poétas;
E se Apollo lhes enche de Éstro o spîrito,
Lhes vása as algibeiras.

SONETO.

De preconceitos máos desempoado
Um Guápo Monsenhor Patriarchalense,
Monsenhor, que os roquêtes (1) todos vence,
No viver co' a Razão muito appontado; (2)
Affavel, e cortez, c'um desterrado,
Dando á Amizade o dom, que lhe pertence,
O'bra bem, (e por gôsto) e se convence
Do que o ouro val, por dignas mãos bem-dado.
Musa, abre os ólhos, tal milagre admira!
Entôa um Hymno excelso, e primoroso

(1) Não o Roquête toureador.
(2) Que anda sempre em pontinhos com ella.

Na máis ricca, e máis campanuda Lyra.
Mas, se inda (por bom Fado generoso)
Tens V.... : — vai-lh'o dar ; que só suspira
Por V.... ; — (1) só de V.... é goloso.

SONETO.

Póde o meu Fado injusto, e desabrido
Atribular-me o sp'rito com cuidados;
A Invéja, e o O'dio apunhalar-me irados,
Sem me ouvir um só ai, um só gemido.
Póde um Tyranno, qual Leão ferido,
Acometter-me com sanguîneos brados;
Verei, sem me assustar, de férro armados,
A séva Mórte, o algôz endurecido.
Póde a Terra alluir-se, e nas profundas
Moradas da roaz Melancholîa
Mostrar- me Erinnes têrvas, furibundas.
Póde máis.... Mas se eu vejo a fradarîa
A'spáda, (2) com patrônas injucundas, (3)
Fazer não póde, que eu não folgue, e ria.

---

(1) Cérto diche, que uma vêz perdido, se não recóbra.

(2) Em razão de que os soldados trazem a tiracólo o tálim do xifarote, e a corrêa da patrôna, que lhes cruza em áspa sòbre o peito.

(3) Correo aquî o boato, que o General Francez entrára nos Conventos, e que a todo o Frade não constituìdo em ordens sacras lhe envergára a farda.

ODE

HAGÆ COMITUM. (1)

O magnus posthac inimicis risus!
HORAT. *Lib.* 2. *Satyr.* 2.

ESSES livros tão pulchros, tão dourados,
Que a mattar gente ensinão,
E a derribar muralhas, devolutos
A' queima! — (2) Que amargura!
Assim o quiz o Fado; e assim quizerão
Indisciplinos Gallos, (3)

(1) Haya dos Casmurros, Haya dos Condes (*Hagæ comitum*) se chamou este lugarejo, em tempo que Condes erão alguma cousa. Muita gente o sabe; e muita máis o saberia, se o quizesse perguntar: mas o que muita gente nunca saberia, por máis que o quizesse perguntar; é, que antes de se chamar assim, se chamava *Haga Casmurrorum*, invocação que novamente recuperou, pelo decreto da Assembléa National Bátava, ou *Batatiphaga*, que abolio em toda a República os títulos de Condes, Barões *et cætera gothica*.

(2) Tinha o Senhor D. J. M. de Souza promettido queimar quantos livros militares possuia, se Coburg não vencia os Francezes.

(3) Surrado axióma dos Emigrados; que os Francezes faltos de Generáes fidalgos, e com soldados bisonhos serião vencidos pelas bem exercitadas trópas Austriacas, Prussas etc. etc.

Que enfadárão Coburg, depois de terem
Posto Brunswick de lado.
Os Reis, e os Generáes vão naufragando
Nos escólhos, que bordão
As práias da sagaz Philosophìa:
E os Talapões, e os Bonzos
Já appréstão orações de agonizantes
Aos caducos Pagodes.

DIÁLOGO

Entre o Poéta, e o Môço.

Poéta.

Vai vêr, Rapaz, quem é, que á pórta batte.

Môço.

É um bóde em pé, que traz uma saccóla,
E um pequenito, louro bonifrate;
Para o sepulcro vem pedir esmóla.

Poéta.

Conheço o lôgro d'esse grão birbante,
Não cáio na fradêsca alicantina.
Dize-lhe, que eu tambem, sendo estudante,
Andei c'o sacco, e entrei na golosina.

ODE.

Non libet in tales animum contendere curas,
Nec venit ad duros Musa vocata Getas.
Ovid. de Ponto. *Lib.* 1. *Epist.* 5.

Porque consentes, Clio, que o teu Vate
Passe entre Gétas amargosos dias, (1)
Longe de ti, longe das fontes claras
Dos laurîfero Pindo?
Em que desmereci, que assim me entrégas
A's terras, que desama o louro Apollo;
De sapos fartas, fedorentos bréjos,
Sem louros, sem seáras?
Dás ao Caldas, (2) e alarve Castrioto
Os ares Ulysséos a mim negados
Por máos versos má prósa das-lhe a veia
Do Téjo auri-luzente?
E eu, co' estes gansos, que em grasnar porfião,
Quéres, que apprenda a fabricar cachimbos,
Batátas adubar, ferver cervêjas;
C'os gansos, seja eu Ganso?
Pois ouvir-lhes a falla! .... *Vade retro.*

(1) Sic mihi tarda fluunt ingrata que tempora
Horat. *Lib.* 1. *Epist.* 1.

(2) Que enfermou d'uma dysentéria de versinhos anõezinhos, e chòchozinhos.

Antes ser mouco. —Os meus ouvidos puros,
Onde Horacio cantou (1), cantou Virgilio,
Sujos com *nighe-naghe*!!! (2)
Onde ha Castálias! Onde ha aquî Parnassos?
Terra sem fontes, terra sem montanhas,
Terra de solidão, sem trato amigo,
Cartuxa de avarentos!
Serás contente. A vóz já me enrouquece:
Já tôrpe a Lyra não responde aos hymnos
Que altîloqua soou, n'outra éra de ouro, (3)
Pelos auritos montes. (4)
Irei buscar aos campos a Alegrîa?
Aos campos a saûde? Entre uns Jagodes
Faltos de dansas, faltos de folguêdo,
De Cómo, e Baccho odiados?
Irei, por gran função, rilhar, num canto,
Correias de rançoso pergaminho, (5)

---

(1) Et tenuit nostras numerosus Horatius aures.
OVID.

(2) Nulla mihi cum gente feræ commercia linguæ.
OVID. *Trist. Lib.* 3. *Epist.* 11.

(3) Reinado de D. Jozé I. Segunda idade de ouro para a Poësia Portugueza; na qual, se não imitámos Camões, vencêmos a primeira idade das boas lettras Lusas, na Lyrica competidora com Pîndaro, e Horacio, como se vê nas Odes de Diniz, e de Garção e de Alfêno.

(4) Se os montes não tivessem ouvidos, não lhes irião lá os Amantes contar os rigores das Olayas, e não lhes responderião com écchos as montanhas.

(5) É o divertimento dos táes Piûgas, nos Domingos, e festas de arromba, ir ás bodégas da estrada, que lhes servem de parreiral, tomar uma, ou duas cachimbadas de tabaco, á chucha calada, comerem cru um tal peixe sêcco, que não tem máis que

Bem travadas de espinhas maresîas (1)
E molhá-las com birra.
Acóde, oh Clio; vem, sê compassiva
Co' Vate, que ao nascer, no teu regaço,
Recolheste risonha, e ao Venusino
Levaste, para Alumno.
Désce agora, como hôje (2) descendias,
Quando inspiraste a vencedora fuga,
E baldaste os flammi-vomos furores
Da Inquisição infame.

EPITAPHIO

DE J. J. ROUSSEAU.

Com claro ingenho, com saber profundo
Abriste á França, — e, quem me diz, se ao Mundo,
Das Leis, da Liberdade o sacro Templo,
E ás dignas Mães da Natureza o exemplo.

TRADUCTION.

Ton génie, ô Rousseau, ta science profonde
Conduisit les Français au temple saint des lois;
La Liberté, par toi fut annoncée au monde;
Et la maternité vit respecter ses droits.

Augustin Routiez.

---

pélle e as espinhas, beber a cervêja, ou Zimbro; e os máis xibantes jogarem a chóca, a que dão a alcunha de *Taco rasteiro*.

(1) Que cheirão, que empéstão de maresîa.

(2) Dia como hôje 4 de julho de 1778.

EPITHALAMIO.

Brûlez d'une flamme constante
Époux, heureux époux, soyez toujours amants.
VERGIER.

HYMEN, oh Hymenêo,
Désce, Hymenêo, do Céo sagrado, désce
Coroado de rosas;
Vem unir com Marilia o lindo Aónio,
Um do outro escôlha digna.
Vem, que com rógos, com sonóro canto
Ancioso te intercedo...
Mas eu, que sinto! Que prodigio sancto
Me aligeira, me eléva
Nas azas, que ornão sp'ritos abrazados!
Onde é! que me eu remonto!
E quem me chama, nos luzentes ares?
És Hymen, Hymenêo,
Que a mão me dás, por que em teu Templo admire
Os quadros de alta Historia
Onde apontas os prósperos successos
Dos Consortes felices,
De que sinto a memoria tão pejada,
Que a publicá-los côrro...
Eis què Hymenêo me cerra c'um sinêtte
Os labios insoffridos;

Porque ao profano Vulgo não proceda
Que, em despeito dos Fados,
O arcano revelado lhe anticipe.
Eis désce, e em puro lume
Da ára nupcial accende ambos os fachos,
Que hão-de abrazar os peitos,
Dos Espôsos; com que árdão á porfia
Em caricia incessante.
Por todo o trilho, que nos ares fende,
Me vem dictando meigo
A nova, a transcendente melodia,
Com que suave entôe:
» Sêde sempre festivos, sempre amantes,
» Em virtuoso laço,
» Espôsos, que amo; e prósperos nos Filhos
» De ingenho, e brio ornados,
» Virtuosos Heróes, que a Pátria illustrem.

EPIGRAMMA.

Quiz um Princepe (1) entrar na régia Liga (2)
Do Bem-publico, e da Justiça amiga:
Na Gazêtta, (3) uma Armada alardeou,

(1) Certo Princepe, que á falta de homens, regîa cérto Reino lá no cabo do Mundo, em ausencias de juizo da senhora sua Mãe.

(2) Certa coalição de Potentados, que se gabavão de affogar á nascença, certa palavra, que lhes esfóla as orêlhas.

(3) Todos sabem os eloquentes arrôtos da Gazetta nas conse-

Que arou mares de França — a vio — e entrou (1)
Com a guerreira prôa,
No pacifico pôrto de Lisboa.

ODE.

— — — Cum tua
Velox merce veni.
HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 12.

COMO virá inchando o nosso B * * *.
Que fallou c'o Regente, face a face; (2)
Qual fáce a fáce vio Panurgo em Roma
O Papa. Oh gôsto! oh Dita!
Que entuffados trará os dous ouvidos
Com palavrões que francezismo travão?
Mas lá stá o Caldas, que lhes dulcifique
Com tróvas casqui-molles.
Que frades que lá vio! que sermões guápos

quencias da Desgravidação augusta; arrôtos similhantes exhalou a Gazetta *in laudem* da ditta Armada.

(1) Não cuide o Pio Leitor que a Armada entrou em França. Barbas lhe deo Maio!

(2) Quando Pauurgo (vide Rabelais) declarou, na Ilha de Papimania, que chegava allì, de vólta de Roma, aonde vîra o Papa, todos esses ilhéos embasbacados, tripudiavão de contentes, e admirados. Respeitavão-no, servião-no, regalavão-no; e dizião uns aos outros — *Il a vu le Pape!*

Daquelle argél de Ciceros machuxos,
Por des-gravidação tão badalados
No Campanario Hennerti! (1)
Depois de ouvir as filagranas vozes
De Meninas, de angélicos Capados,
Com máis tédio ouvirá cá dos Casmurros
O arranhador grasnido.
Virá sujo das gósmas fidalguescas,
Se as não limpar com lenços da *Igualdade*,
De que levou das Lóges (2) Parisinas
Provîda fatióta.
Mas venha elle; e nos traga a Paz risonha,
Com saudades, a Olindo o bem-dansante;
E para mim, luzente coscorrinho
Nas lárgas algibeiras.

ODE

TRADUZIDA DE HORACIO. *Lib.* 1. *Od.* 12.

Que Homem, que Heróe, que Deos, oh Clio eléges
Na Lyra celebrar, na arguta flauta,
Cujo nome re-cante Eccho engraçada,
Na umbrosa falda do Hélicon?
Ou nos cumes do Pindo, ou do Hêmo frio?
De d'onde, apóz Orphêo, se desprendião

(1) Successor de Gerigoto no Gazettifico palavrorio.

(2) De Pedreiros livres.

As sélvas, de rondão, quando cantava,
E com arte materna
Demorava as correntes despenhadas,
E os ventos desenvoltos; e co' as cordas
Canoras, convidava brandamente
Os auritos Carvalhos?
Quáes louvores, primeiro, que os usados
Dar a Jóve, direi? que o Mar, e as Terras
O O'rbe, e o trato dos Homens, e o dos Deoses
Dispõe, variando os tempos?
Tal, que nada é nascido maior que elle,
Nada se alenta igual, nem lhe é segundo:
Só Pallas occupou lógo, apóz Jóve,
Immediatas honras.
Nem, Baccho, hei-de callar-te, affouto em lides;
Nem tu, Virge' inimiga das bravîas
Féras; nem, Phébo, tu, para temido
Pelas certeiras fléchas.
Direi Alcides, e de Léda os Filhos?
Bisarro Cavalleiro este (1) realça,
Aquelle (2) déstro Athleta. — Apenas brilha
Sua alva estrêlla aos Nautas,
A agua alv'rotada escórre dos rochêdos,
Québrão os ventos, fógem os negrumes;
Dórme no pégo a vága ameaçadora,
(Que assim o elles (3) quizérão.)
Traz quem, hesîto se hei-de nomear Rómulo,
Ou já Numa, e o manso Reino seu; ou Váras (4)

---

(1) Castor.
(2) Pollux.
(3) Os dous Filhos de Léda.
(4) Tarquinius Priscus, devictis Hetruscis, duodecim Hetru-

Sobêrbas de Tarquînio, ou já a mórte
Briosa do Uticense? (1)
Narrarei grato, com insigne Tuba,
Scauros, Régulo, e a ti pródigo, oh Paulo,
Da grande alma, quando a assobérba Hannibal,
E a ti, Fabricio, e a Curio (2)
De empeçada melêna (bons na guerra!) (3)
Com Camillos: do chão (4) Pobreza austéra
Os ergueo, e os criòu, nos competentes
Lares, (avita herança!)
Como A'rvore de idade obscura, médra
A fama de Marcello; a Estrêlla Julia
Entre todas reluz, qual splende a Lua
Entre os fachos menores.
Padre, e Conservador da stirpe humana,
Saturnia próle, os Fados te incumbîrão
Velar o Grande César. — Reina, e César
Seja segundo Jóve.
Elle, ou léve em triumpho bem-ganhado,
Os já domados Parthos, imminentes (5)
Ao Lacio, ou Séres, e Indos, já vassallos
Lá dos bêrços da Aurora;

---

riæ Lucumonum sceptra, quæ postea fasces vocabant adeptus est.

(1) Catão.

(2) Fabricio, Camillo, e Curio todos tres póbres, mas excellentes guerrieros.

(3) Curius Dentatus dixit eum esse perniciosum Civem, cui septem agri jugera non sufficerent. — *Vet. Scholiast.*

(4) Allude ao costume Romano de não dar por filho legîtimo, o recem-nascido, se o Pâe o não levantava do chão.

(5) Que se appiestavão a Conquistar a Italia.

Contentar-se-há, se régé manso e justo
O O'rbe extenso, menor que tu, que o Olympo
Co' grave côche abálas, raios vibras
Hostîs a incastos bósques.

DESCRIPÇÃO.

Que sîtio encantador! A Primavéra
Surge aquî, como a Aurora
Do máis formoso dia. Aquî se lógrão
Os bens, que ella comsigo
Vem trazendo, e inda os bens, que alêm promette.
Os fulgôres de Apollo
Já grávidos vapores os não turvão;
De Sirio as lanças rubras
Não lhe espertão o ardor; e uma luz pura,
Que se estende, e repousa
Na mólle flor, na verdejante fôlha,
É a luz, com que no Olympo
Os Numes se aureólão. Quando ella ábre
A lice do Horisonte,
E dá combate ás trévas, e as derrota
Nos ramos se alvoroça
Das folhas o verdor recem-nascido.
Com os Hymnos das Aves,
E c'o som das samponhas, que a Montanha
Remette ao prado, em écchos,
Resoando estão as margens do Ribeiro:
E quando o Sól resvala,

E entre véos de ouro transparentes, fóge,
As Nymphas destas veigas
Vem, com tîmido pé na miûda relva
Tecer ligeira dansa.
Nem a fugida luz tárda a ser vista,
E brilho igual trajando,
Da usada ausencia as saudades rompe;
E faz, que até se olvide
A estrellada mudez da frêsca noite.
Sól novo, em novo Mundo,
Lhe augmenta, a cada lance, a formosura.
Caminha a aperfeiçoar-se,
A seu influxo, a face do Universo.
Que tóques não dão na alma
Da Noite a mansidão, da Luz o brilho?
Que cópia de deleites,
Não devólvem táes quadros, nos sentidos?
Como te vi, neste anno
Deos dos Prazeres, Deos da Primavéra
Raiar toda a tua gloria!
Passear triumphante, nestes campos
Destrançando da fronte
As flores, com que os prados esmaltavas!
Se ao valle îas descendo
Enverdejava, e rîa a parda Terra.
As Sérras te saudavão
(Quando as tu visitavas) com perfumes
Do Serpól, do Tomilho.
Adejando nos ares, desparzias
Dos teus serenos ólhos
O Socêgo; e os Amores accorrião
Ao teu mimoso aceno
A disparar flammîgeros virótes:

Ardia o monte, o valle.
Eis tudo nasce, tudo se enformosa
E em apprazer se esméra.
Tal, ao romper do Cháos, estava o Mundo,
No prazo delicioso,
Em que enlevado Adam, no seu dominio,
E, de existir contente,
Na Dita que o cercava tinha fixas
Todas do sp'rito as posses;
O coração abérto a mil desêjos,
A alma prompta a cumprî-los.

ODE.

——— Si neque tibias
Euterpe cohibet, nec Polyhymnia
Lesboum refugit tendere barbiton.
HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 1.

QUAL fôra o meu prazer, se hôje sentados
Comigo á mesa, alégre celebrassem
Quatorze lustros, menos dous hynvérnos
Do cândido Filinto
As Damas, e os Amigos, que me honrárão
Com sincéro querer, com meigo affago,
Co' a Amizade sem preço, em dias lédos,
E em annos de infortunios!
Como em tôrno de nós adejarião
O'ra o surriso brando; ora, entre os brindes,

De Baccho festival, o chiste airoso
Que as frentes des-franzisse!
Embóra fôra parca, e póbre a mesa,
A Amizade engenhosa, divertida
Adubaria os pratos, sabor déra
De Faisão, ao Marréco. (1)
O vinho da tavérna fôra néctar,
Ambrósia a sôpa; tal, que a cubiçassem
Lá no Olympo, prová-la á nossa mesa
Os enfastiados Numes.
E quem sabe se ao vêr o meu Marréco
O Senhor Jóve não recórda o Cysne,
Que com fogôso apêgo deo a Léda
Tanto amoroso beijo?
E quem sabe, se os Numes, descobrindo,
Pelo alçapão do Céo, tal desfastîo,
Não quizéssem tomar seu régabófe
Na concorde alegrîa?
Elles já, com menor razão, descêrão
A's vôdas de Pelêo, e a varios brodios
Que este nosso convite não valião
Na engraçada lizura.
E que fôra, se Pîndaro e Horacio,
Disfarçados em Mathevon, e Alfêno
Desatassem os rios da aurea falla,
Em Délphica harmonîa?
Se nas Damas Euterpe, e máis Polyhymnia,

---

(1) Com effeito, o máis guapo, e o máis regalado manjar da mesquinha mesa éra um Patinho mui engoiado, que veio nas ancas da vacca cozida, accompanhado d'uma triste salada. Não era assim, ha 30 annos, lá na abastada Elysia.

Disferindo do Pindo as Cantilenas,
Embebessem este ar no douto Canto
Procreador de Vates?
Oh, que então não tivéra inveja a Jóve,
Nem máis Divos do Olympo, quando nelle,
Nùa, e das salsas ondas orvalhada,
A Venus recolhêrão.
Embóra Hébe almo néctar lhes entórne,
E Apollo lhes modùle, em Lyra de ouro,
Dulcîsonas canções, e que os divirta,
Com chocarrices Mômo;
Eu máis feliz que Jóve, e os Numes fôra.
Os Numes: como os Reis, não tem amigos;
E os que eu, por meus nomeio, são de próva,
E em nada aos Numes cédem.

EPIGRAMMA.

O Médico Purgão, ao seu doente,
Que de enôjo, descanso marasmava,
Diéta, e máis diéta recommendava,
Cama, e máis cama, e ser mui continente:
Co' isso á fouce da Mórte fugirìa.
Niste um Amigo vem, que officioso,
De Purgão zomba, e c'um bom vinho annoso,
C'um naco de prezunto, o desafìa.
Eis que se espérta o enfêrmo, cóme, e bébe

Brinca, e salta, faz mimos, faz caricias
A' sua Dona da casa, que em delicias
Paga os mimos ausentes, (1)que recebe.
Cansado se deitou. — Purgão á tôa,
« Mui bem (lhe diz) minha receita é boa. »

ODE.

— — apricos necte flores,
Pimplea dulcis. — Horat. *Lib.* 1. *Od.* 26.

Arróste Cook, arróste La Peyrouse
Os penhascos de gêlo, os crus Selvagens,
Um nas ondas naufrague, outro ache a mórte
Na buîda azagáia;
Por ter nome no Mundo, e ser cantados
Por algum Vate ocioso, de que déra
Lá, n'um canto do Pólo, c'uma hervinha,
Não-vista entre Botânicos:
Decépe o Grão Sultão, co' alfanje frio
Do Visir a cabêça basti-barba;
Ou nos turvos enrêdos do Serralho,
Se lhe azôe o juîzo;
Pois que ingenho maior, máis perspicacia,
Não dá com mão mais franca a Natureza

(1) Que, ha muitos dias, lhe não fazião fésta.

Aos Sultões, que a um scravo; e talvez menos,
E esconso, e mal-guiado:
Que eu, c'roando em Parîs, risonho a mesa
Com honrados Amigos, Damas guápas,
Zombo de aleives (1), zombo de Tyrannos, (2)
Longe da sua alçada.
Désce, oh Musa; festeja-me este dia,
Dia salvado das cruentas garras
Do vêsgo Fanatismo; espalha as rosas
Da alégre liberdade.
Dêsça comtigo Baccho rubicundo,
Que, exultando no seio dos Amigos,
Me arróje os parabens, cheios de riso,
Entre empinados cópos.
Cante Delmira amores bem-logrados,
E as tres Irmãas (tres Graças) co' ella entôem
Os podêres do facho inevitavel
Do jucundo Cupido.

---

(1) Os aleives, com que me denunciárão, os que me tinhão invéja, os que sabião, que eu os conhecia por máos, por Tartuffos ignorantes como elles erão.

(2) Tyrannos, e mui Tyrannos, que prendem, mettem em masmôrras, dão tratos a quem vale máis que elles; a quem não só não tem culpa, mas, a quem em máis esclarecidos governos, caberião premios, pelos mesmos motivos que causárão as suas denuncias, e as sentenças de queima.

ODE

Ao Illmo. e Exmo. Senhor D. Lourenço de Lima.

Tuque, testudo, resonare septem
Callida nervis:
(Nec loquax olim, neque grata, nunc et
Divitum mensis et amica templis),
Dic modos, *Lima* quibus *obsequentes*
Applicet aures.

Horat. *Lib.* 3. *Od.* XI.

Se atégóra invoquei Apollo, e Musas,
Para Marcias cantar, cantar Delmiras,
Hôje, que á mesa assiste o meu Bomtempo,
Déstro em sonóro piano:
Hôje, que nova Clio Portugueza (1)
Ameiga este ar Francez com voz suave,
Só d'essa Musa, só do tal Apollo
Beber o influxo quéro.
Hôje, que, ha cinco lustros, quasi estive
Morador das masmôrras do Rocìo,
E que (adeos gracas!) bebo salvo, a gôsto
Das Damas, dos Amigos:
Quéro, com este cópo, transbordante

(1) D. Maria Urb. d'Oliv. Barretto.

Saudar Dom Lourenço, cá de longe; (1)
E mandar-lhe o meu brinde envolvido
Neste Délphico métro.
Dom Lourenço reclamem, no Parnasso,
Com éccho os Laurîferos cabêços;
E a Fama, inchando o bôjo á Tuba de ouro,
Dê Lima aos Pólos ambos;
Lima, de Reis progénie illustre, e guápa,
Que Alexandre não ha, não ha hi Cesar
Que o vença nem que hombrêe (ao menos) co' elle
No desfraldar promessas. —
Só péço á Mãe das Musas, a Mnemósyne (2)
Lhe acuda co' a memória, de que é Deosa;
E a Jóve, que lhe acuda co' a vontade
De m'as cumprir bizarro.

O SCRUPULO.

Cérto Bispo almoçava: entra um fradinho
Mui barbeado, muito amoladinho,
Todo cheiros, falla adocicada.

Bispo.

Sente-se á mesa. (*frade.*) C'uma Confessada
Duas vezes já almocei. (*Bispo.*) E esta a terceira.

Frade.

Hôje, que da Paixão é sexta feira!!!

---

(1) Morava eu então em Paris muito longe delle.
(2) O senhor Desembargador Fernando Antonio Jozé Alvares.

SONETO.

EM APPLAUSO DA TRAGEDIA

OSMÎA, PREMIADA PELA ACADÉMIA DAS NECESSIDADES.

Sôbre o nóbre (1) poial do Pelourinho,
C'uma canna (2) na mão o Doutrineiro, (3)
— *Quem diz o Crédo?* — (4) Lógo mui lampeiro
Subîa a espevitar-se (5) um Rapazinho
Persignava-se, e o *Crédo* enfiadinho
Se vinha a lume, em parto dianteiro, (6)
Tinha o Rápaz os vivas do térreiro,

E não se admirem de que eu lhe chame Deosa, sendo elle homem, e homem de barbas; que barbudas forão muitas Deosas, que em Grécia e Roma altares tinhão. Ora leião Servio Mauro Honorato, nos Commentarios de Virgilio, e muitos outros Expositores de antiguidades (que com o sentido no jantar, que já, lá da mesa, me está cheirando, se me varrem da memoria) e verão, que elles appontão, que os Pagãos contemplavão dous sexos em cada Divindade. Este pontinho péde recôndita leitura, que óra me falta; escrevo á toa o que neste apertado instante me lembra.

(1) *Nóbre*, porque allî erão degollados os fidalgos.

(2) Com que dava cóques nos rapazes inquiétos, ou ignorantes.

(3) Rodeávão o poial os Meninos das escolas, que o Doutrineiro mandava assistir á doutrina.

(4) Para merecer o premio, importava, que o Rapaz espevitasse muito bem o que papagueava.

(5) Ouvi discutir a uma Parteira este pontinho dos partos, e concluio, que o dianteiro era o melhor.

E a Verónica loura, de caminho.
Tambem tinha Verónica (sem Crédo
Saber de cór) mas só por cortezia,
Rapaz louro. — Jesuîtico segrêdo !
Como Jesuîta obrou a Academîa,
No stylo bom Juîz, bom Juîz, no enrêdo,
Quando deo a Verónica a Osmîa.

ODE

DE HORACIO. *Lib.* 1. *Od.* 13.

Quando de Télepho o rosado cóllo
Louvas, oh Lydia, e os nîveos (2) braços louvas,
Ai ! que as entranhas férvidas me empólão
Com assanhadas iras.
Nem juîzo me pára então, nem côres,
Em seu fixo lugar; chóve-me a furto
Pranto nas faces, delatando o quanto
Me gastão lentos fógos.
Ardo, se os alvos membros, te magoárão
Rixas, que immoderado causa o Vinho;
Ardo, se o Môço, (3) em furia, nos teus labios
Ferrou lembrada nódoa.

---

(1) Quem é que o duvida, lendo os nômes de cértos Académicos, e os escriptos d'outros cértos?

(2) Ou *céreos*; o que se póde entender, ou já pela alvura, ou já pelo torneado. Entre nós era usado dizer—*parece feito de céra.*

(3) Télepho.

Se bem me crês, não tenhas por constante
Quem tão bárbaro insulta os doces beijos,
Que Venus embebeo na quinta essencia
De seu subido néctar.
Oh tres vezes, e máis, affortunados
Os que o laço não sóltão, nem Cupido
Por máos arrufos, antes da hora extrêma,
Despegado, os desune. (1)

A CÉRTA ACADÉMIA REAL.

Memorias, e Memorias, — máis Memorias (2)
Sóbre búzios, sóbre Alga, sóbre escórias,
Se lêm com tédio, (3) em cérta Companhîa
De saber mui profundo.
Anda azoado o Mundo

(1) Podia-se traduzir máis fielmente esta últimа Strophe; mas cérta vóz gritava — *Parce piis auribus.* —

(2) Dos ouvintes, e ainda de alguns Lentes de juizo.

(3) Quelques hommes de lettres (mais ils sont bien rares) aimant et sollicitant une judicieuse égalité parmi les écrivains, ont regardé avec un dédain constant ces puérilités académiques, qu'ils ont eu la sagesse de rejeter; ils n'ont pas imaginé qu'il existât d'autres distinctions dans les lettres que celles que donne le succès. Rousseau fut de ce nombre; et lorsque des hommes en place lui offrirent d'applanir toutes les difficultés pour son entrée à l'académie française, il ne répondit que par un sourire.

Co' alto brado da ditta Academîa.
Mas ao Mundo pósso eu prophetisar,
Que d'esse espalhafato,
O'bra, que lamba o Gato (1)
Nenhum (2) (por máis que sûe) a póde dar.

ODE

AOS ANNOS DE DELMIRA.

A celui qui m'est fidelle,
Dit la sagesse éternelle
J'assurerai mes secours:
Je raffermirai sa voye;
Et dans des torrens de joye,
Je feraï couler ses jours.

CONTENTE lógre as horas descuidadas,
Justo Varão, que ao mîsero consola,
Com escondida mão acóde ao póbre,
O enfraquecido ajuda.
Entrégue ao seu devêr, os Céos contempla

Vicieuses par leur nature, essentiellement inutiles et radicalement nuisibles, elles fomentent l'ignorance et l'orgueil, inspirent le charlatanisme, et favorisent l'oisiveté inepte, au préjudice du mérite laborieux. — MERCIER.

(1) Ou a que contenha o *miscuit utile dulci*.

(2) Toda a régra tem sua excepção.

E ao seu Autor adóra : vive izento
De ambições ; fita a vista na Inteireza ,
Despéde os máis cuidados.
Para o descanso meu só este anceio ;
Delle derivo a régra dos costumes.
E Porque nelle os homens não se emprégão ?
Todos forão felizes !
Poucos bens , parco traje , sóbria mesa ,
Algo máis , com que possa dar soccôrro ,
A rógo vergonhoso ;
Bons Amigos , que dêm bom pasto ao sp'rito ,
Delmira , que a Velhice me disfarce ,
São os únicos bens , que ao Céo imploro ,
Para morrer contente.
Delmira , que (comigo dadivosos)
Os Céos , por gran mercê , me concedêrão ,
E a quem peço lhe dêm perenne fio
De vida , e de ventura ;
Se branda , se entranhada de amizade
Continûa em ser meiga ao seu Filinto ,
Filinto renderá aos Céos mil graças
Dos dons , que ella lhes dêva.

EXCLAMAÇÃO.

Oh meus Autores, quanto sois ditosos!
Cingîs as frentes, com lauréis viçosos
Gozáes, em vossas lidas,
Delicias desmedidas:
Se sois bons, contentáes as doutas gentes;
Se sois máos, de vós mesmos sois contentes.

ODE

AO SENHOR GASPARD BERTRAND PILAER (1).

Poscimus, siquid vacui sub umbra
Lusimus tecum, quod et hunc in annum
Vivat et plures; age dic *promissum*,
Barbite, carmen:
Horat. *Lib.* 4. *Od.* 32.

Quando nas margens do sereno Téjo,
(Em dias máis ditosos)
Tomava destemido a Lyra de ouro,
Que as Musas enramárão

(1) Em parabens do se desposorio com Mademoiselle Du Plessis.

De vivaz Louro, e recendente Murta;
Começava, nas aguas,
A remover-se um brando murmurîo;
D'aquî, d'alêm se empóla
A borbulhante espuma; os Tritões verdes
Fazendo largo cêrco,
Com as fitas orêlhas me escutavão;
Das crystallinas lapas,
As Tágides formosas, para ouvir-me,
Subião á flor da agua
Sentadas em Delphins, aos áres dando
Com garbo voluptuôso,
Os alvos membros, e as madeixas sôltas
Em annéis, pelos hombros.
Alfêno (1) altisonante, e grão valîdo
Do poderoso Phébo,
Pedindo vénia á contumaz Perguiça,
Deixava o leito amigo,
Seis passos dava, e vinha ouvir meu Canto.
Do Loire o agudo Vate, (2)
Que estima ao Venusino, e o traz no peito;
De Irlanda o ameno Cysne, (3)
Que Apollo inspira com trilingue orac'lo,
Ao lado meu os via,
Quando applacada a furia sonorosa,
Tornava ao meu remanso.
Que, antes... (de mim, por Phébo, arrebatado
Ao cume do alto Pindo,
Pelas ìnvias verédas despenhadas,

---

(1) O senhor Bacharel Domingos Maximiano Tôrres.
(2) O senhor Antonio Mathevon de Curnieu.
(3) O senhor Guilherme Joseph Billing.

Que Pîndaro corrêra)
Deoses, e Heróes, ousado! estrêllas, mares
E o Ténaro profundo
Com desenvôltas azas discorria.
Quantas vêzes, no vôo
Despedido, transpondo as Lusas raias,
Novo Îcaro dei sustos
A quem, co' a vista, a esteira me seguîa,
De dar meu nôme ao pégo,
Quando rûe (1) do Olympo Apollo inteiro,
E me pésa no peito!
Quando a Délphos, d'um tiro, me abalanço,
E Orphêo máis venturoso,
A fatîdica vóz á Pythia roubo,
Roubo a Erato o Canto,
Báto ás pórtas da Parca, e salvo Amphrysa!
Camenas ingenhosas
Que outróra assim folgáveis de ensinar-me,
As Canções Olympîacas,
Com que, igual aos Varões, que o Mundo honrárão,
Os Castros, e os Alboquerques
Cantei, com alta vóz, que grande sôa. — (2)
Os mudos Nadadores,
Não os vîsteis parar, descendo ó Téjo?
Parar no ár librada
A tenra Pomba, o Rouxinól saudoso,
Quando affinando a Lyra
Do amante Ancião de Téos, brandamente
Discanto enternecido

---

(1) *In me tota* ruens *Venus* etc. *Jupiter ipse* ruens *tumultu.*

(2) Os magna sonaturum. HORAT.

De Delmira a saudade, o amor de Marcia?
Mas, que insoffrivel tédio
É disferir o Canto em terra estranha!
Longe daquellas Tágides
Que á porfìa os meus Hymnos recolhião!
Longe dos bons Amigos,
Que ânimo ao Vate, c'os applausos, davão!
Do Sena as cultas Nymphas
Dos meus barbaros sons tîmidas fógem,
E nas máis fundas grutas,
Os ouvidos, co' as mãos molhadas cerrão;
Quáes, na polida Athenas,
Se estranhavão as Damas de escutarem
O rouco som, grosseiro
Do morador do Euróta endurecido.
Hôje de novas cordas
A Lyra remontei, para cantar-te,
Pilaër honrado, e amigo,
E a bella Duplessis, teu puro incendio.
Invóco a branda Venus,
Chamo Cupido, e a tropa abrazadora;
Com rógos, com incensos
Cubro os altares, enterneço os Numes;
Vejo descer risonhas
As alîgeras trópas de Cupido
Em terços desparzidas,
Brandindo as fléchas, sacodindo os fachos,
Vir recontar-me á ponto
Do dia as festas, o rumor da noite;
Já de Hymenêo as c'roas,
Já do branco listão os castos laços....
Ouvir narrar espéro
Aos travêssos Amores, que assistîrão

Em tôrno de teu leito ,
O'ra espreitando pela avara fisga
Da mal-fechada sêda ,
Os incendidos beijos , os mui fróxos
Repudios pudibundos ,
As caricias , o chôro namorado ,
Os vivos desacôrdos ,
E mil mysterios ás Vestáes negados ;
O'ra.... Eis o bando alégre
Quando ía a entrar , olhou o sótão triste ,
Desaceiado , e estreito ,
Em que o Vate morava... rio-se , e foi-se.
Então , a mim tornado ,
Não vi Deoses , nem Nymphas , nem Amigos ;
Esmoreci ; — callei-me.

ODE

A Élia voltando da Gran Bretanha.

Hò visto al pianto mio
Risponder per pietate i sassi e l'onde,
E sospirar le fronde
Hò visto al pianto mio.
Tasso, *nella Aminta.*

Jardins , prados viçosos ,
Inhóspitos téquî , êrmos infaustos ,
Adornai-vos de Lyrios ,
De Jacintos azues , Goivos dourados ,

Tomai de Chypre as côres , a fragrancia ;
Troncos , vesti-vos de arraiadas folhas.
Vós sois o meu transumpto ;
Des-folhaste-vos , quando ausente a visteis ,
E enverdeceis comigo ;
Comigo agóra florejaes garridos ,
Comigo as Aves cantão , que magoadas
Queixas , não canto , pelas sélvas , davão.
Já cuido , que vos sinto ,
(Depois que Élia , co' olhar vos aviventa)
Campos , soltar perfumes ,
Que dão inveja á recendente Arabia ;
Nem sei , se Venus quér trocar ciosa ,
Por vós , as suas Amathunta , e Paphos.
Este claro Ribeiro
Depôz as turvas ondas , e ás montanhas
Pedio a limpa veia ,
Com que órla a rélva , em que Élia se recósta.
Lá detráz do horisonte se escondêrão
As borrascas , que o Céo ennegrecião.
Deponde o tardo manto ,
Tomai azas , erguei daquî o vôo ,
Pezares feios : ide-vos ;
Meu hospicio deixai : não cabeis na alma ;
Outro alvergue buscai , mal-agourado ,
De má sombra , dos Deoses abhorrido.
Vinde , fugidos Gôstos ,
Que , depois de Élia ausente , andáes a monte.
Oh vinde , que Élia anciosa ,
Des-caminhando a estrada de Néptúno ,
Tornou á Elysia , ao peito de Filinto ,

Cavar a mina dos fiéis amores.

Tão térnos, tão piedosos
Meus Rógos, revoando ante os altares
Da namorada Venus,
Pedìrão graça, que, descendo airosa
Ao monte Idalio, consegui do Filho
Saudosa flécha, de mordaz ferida. (1)

Pezares, dai-vos pressa;
Que os ólhos de Élia, máis benignos Astros; (2)
Que os dous Tyndáreos lumes,
Bonançosos aos Náutas descórádos,
Vem volver, sôbre mim, dias sem nuvens,
A's Graças, aos Amores off'recidos.

ENIGMA.

Esse decem nos finge: quibus si accesserit unus
Tunc erimus tantum, lector amice, novem.

VERSÃO.

Nós sempre dez, Leitor amigo, somos
Mas se nos juntas um, só nóve somos.

X IX.

(1) Que obrigou Elia a repassar os mares, e vir mattar saudades.

(2) Que Castor e Pollux.

— Quorum simul alba nautis
Stella refulsit,
Defluit saxis agitatus humor,
Decidunt venti, fugiuntque nubes.

Horat. *Lib.* I°. *Od.* 13.

ORPHÊO

DESPEDAÇADO PELAS BACCHANTES.

Em quanto a si trazia o Thracio Vate,
Com métros táes, os ânimos das Féras,
Os Bósques, e as sequazes Penedîas;
Eis as Cicóneas Noivas (1), que cobrião
Eivados peitos, com ferinas pelles,
De cima d'uma empósta a Orphêo avistão,
Que o Canto ajusta co' as feridas cordas.
Sôlta a madeixa aos ares, uma dellas: (2)
— *Lá stá* (lhe diz) *quem nos despreza.* — E lógo
A', do Vate Phebêo, canora face,
O thyrso arroja, que enleado em folhas,
Resvala, sem ferir, magôa, e passa.
Faz tiro, outra, c'um seixo, que, zunindo,
Rompe os áres; mas, lá, vencer-se deixa
Da accorde voz, da harmoniosa Lyra;
E aos pés lhe cahe, perdão quasi pedindo,
Do frenético arrôjo. Porêm crésce
A temeraria guerra; reina Erynnis
Insana, e sem maneira. Bem que o Canto
Podéra embrandecer todo o arremêsso,
Se a vozerîa ingente, o inchado tubo
Da Berecynthia gáita, os atambores,

(1) Que querião ser Noivas.
(2) D Bacchantes Noivas.

As palmadas, os uivos das Bacchantes
Não lhe estrugissem Lyra, e Délio Canto.
C'o sangue, então, do Vate não-ouvido,
Os penedos, por fim, se avermelhárão:
Que Aves, Sérpes sem conto, inda enlevadas
Na música doçura, e o cêrco espesso
De Alimárias, brazão de Orpheio theátro,
Já as Ménades d'allî, expulso o tinhão.
Eis volvem contra Orphêo as mãos cruentas,
E se embandão, quáes Passaros, que avistão
Vagar, em dia abérto, Ave nocturna;
Ou qual no còrro amontoado em tôrno
Prêa é dos Cães perecedouro Cérvo,
Na areia matutina. — Táes remettem
Contra o Poéta; arrojão verdes thyrsos,
Para tão feio emprêgo não lavrados.
Estas terrões lhe atirão, seixos outras,
Ou de alto Chôpo os escachados ramos:
E por que a Furias táes não faltem armas,
Acaso uns Bois, co' a rebaixada rêlha,
Dallî não longe a terra submettião;
Que as ferrenhas campinas os braçudos
Lavradores, nas messes pondo a mira,
Com farto suór volvião. — Mal descobrem
O bando, (1) fógem; do lavor as armas
Deixão. — Pelo êrmo Campo jazem sáchos,
Compridos enxadões, graves encinhos.
Tudo ellas roubão, té do jugo arrancão
(Sem tino) as Vaccas de minaces córnos.
Já á sina vóltão do penoso Vate,
Que as mãos lhe estava erguendo, e que em tal lance
(Quem nunca em vão fallou) em vão fallava.
Sacrîlegas o arabão; — que as não móve

A vóz de Orphêo ! — Partio-se-lhe a alma , expulsa
Aos ares , pela bôcca ; oh Jóve , pela
Bôcca , que as penedîas escutavão ,
E das Féras calava nos sentidos.
Pranteárão-te , Orphêo , as Aves tristes
As Féras da montanha , as duras Róchas ,
E os Bósques , que arrastaste apóz teus versos.
Despindo as folhas , e escalvando o cume
Te chóra o Tronco ; até os Rios (dizem)
Que engrossárão com lágrimas sentidas.
As Driadas , as Nayadas trajárão
Nêgros linhos , e as tranças desgrenhárão. —
Desparzîdos por terra os membros ficão :
Só tu , Hébro , a Cabêça , a Lyra accolhes ;
E a Lyra , que resvala , ao fio da agua ,
Não sei que tristes queixas (oh prodigio !)
Vai toando ; ou que flébil murmurîo
Da lingua exangue vem. — Com éccho flebil
As ribas lhe respondem. — Já deixando
O patrio Rio , e pelo mar boiantes ,
Surgem na práia de Methymna Lesbos.
Allî , na estranha areia , exposta a face ,
Vem féra Sérpe , affronta-a , os espalhados ,
Gottejantes cabêllos lambe , e anhela
Atassalhar o hymnîfero semblante.
Eis Phébo sobre-vem , que o Drago expulsa ,
Quando investia c'o ferrenho dente ,
E a guéla voraz lhe géla em mármor.
Désce ao Tartáreo , penetrando a Terra ,
A sombra Orpheia ; e todos , que antes vira ,
Sîtios recórda : a Euridice procura
Pelas piedosas veigas , e encontrando-a ,
Com saudoso abraço , a cinge e estreita.

ODE

A CUPIDO.

Dolce requie de pianti e de' sospiri,
Dolce union de cori, e de' voleri,
Da cui Natura trahe gli ordini suoi,
Dio de le meraviglie, e che non puoi?
MARINO, NEL ADONE. *Lib.* 1. *Stanz.* 116.

INVICTO General da léve trópa
Dos frécheiros Amores,
Que em teu férvido têrço me alistaste,
Quando na face lisa
Mal me appontava adolescente pêlo;
Que me ensinaste, duro,
O espérto assalto, as frias sentinéllas,
E saber na alta amêa,
Manso, e sagaz adormentar o Pejo: (1)
Porque me não deseobres
Segrêdo de arrazar Capricho, e Enfados
No peito de Delmira?
Potente Amor, se facil a meus vótos,
A' petição annûes,
N'um templo de crystal, de ouro, e de pérlas,
Quáes traça, nos seus Cantos
Alcáçares magnîficos o Ariosto,

(1) Natural nas Virgens.

Quáes nunca os Reis possuirão,
Pôr-te-hei, (1) n'um diamante affigurado
Máis bizarro, e glorioso
Que Jóve se assentou no Capitolio.
Allî, de puro incenso
De finezas, de rógos amorosos
Terás perenne cheiro,
E táboa, (2) ao lado, e na inscripção votiva:
— Filinto agradecido. —

QUEIXAS A APOLLO.

Dos Vates Páe cruél, e Deos injusto,
Que o luzente metal, c'os raios crias,
Porque o négas escasso,
A' tua póbre próle?
Desamorado Páe, que a grão galópe,
Ródas a azul calçada, blazonando,
E deixas os teus Vates
A pé, pelos lameiros:
Antes que sáias dos umbráes dourados,
Te embriagas de Ambrosia, mui redondo;
Em quanto ás Almas tocão

(1) Sollers nunc hominem ponere, nunc deum.
HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 9.

(2) — — me tabula sacer
Votiva paries indicat. — Idem. *Lib.* 1. *Od.* 5ª.

C'os dentes os teus filhos :
Vestes os Campos de bordados riccos ,
As A'rvores de fructos recendentes ,
E os mîseros Poétas
Vestidos de farrapos ?
No teu Palacio (diz Ovidio (1)) brilhão
Diamantes , Carbunculos , *et cætera*
E nós pejamos tristes
Quatro paredes nuas.
Sê Páe : trata com máis brandura e termo
Teus filhos , os Poétas indigentes ;
E , por forrares gastos ,
Cuida nos bons sómente.

ODE

A DELMIRA.

Cosi nel variar di vostro ciglio
Hor nubilo, or sereno avien ch'io miri
Hor segno di salute , hor di periglio.
TORQUATO TASSO.

Nos teus ólhos , Delmira , nóto os Astros ,
Que ao meu baixél , nas amorosas vagas ,
Promettem bons galérnos ,
Ou trépido negrume.

---

(1) Metamorph. *Lib.* 2.

Nelles vêjo , se o panno desfraldando ,
Serêno surgirei na amena práia ,
Ou se colhê-lhas devo ;
Que as não rompa a borrasca.
Assim , na prôa , o próvido Mareante ,
Na escura nuvem sanguinosa , obsérva
Da borrasca imminente
Os naufragosos sôpros.
Se vê porêm , ao longe , o Sól dourado
Claro subir , dos Camarins de Téthis ,
Manda soltar seguro
As infunadas vélas.

JURAMENTO VALIOSO.

Na verde folha d'um rosal frondoso
De te sempre adorar gravo a promessa.
(Táes , outróra , de Apollo sonoroso ,
No antro , a Sybilla as fallas arremessa. (1))
Mas ai ! Lá léva o Vento
A folha , e com a folha o juramento.

---

(1) Virgil, *Æneid.*

ODE (1)

DE J. B. ROUSSEAU.

Désce do bipartido monte, oh Nympha,
Cujo filho amoroso
Dobrou canóro o peito desabrido
Do tétrico Sumano.
Vem, Deosa; sópra o éstro, que me inflamma;
Dá-me essa Lyra tua,
Ou dá-me a Lyra do teu claro Grêgo,
A quem, na ignobil próle
Respeitou Alexandre despiedado,
Entre as cinzas de Thebas.

Que Deos propicio guia aos nossos Láres
A perdida Esperança?
Quér, c'um filho de Téthis, ou de Alcmena
O Céo affortunar-nos? —
O Céo quér reparar enternecido
O gólpe desastroso,
Por quem vertêmos (crêde-o) tanto pranto.
Casta Lucina, acóde;
Que nunca mereceo o teu auxilio
Progénie máis illustre.

(1) Dedicada ao Rdo. Senhor Carlos Francisco Garnier Cappellão da Nação Franceza na Igreja de S. Luiz da Cidade de Lisboa.

Dos bens, que se vos guardão, este, oh Póvos,
É o avançado abono:
Do anhelado remanso é este Infante
O ditoso presagio.
Vereis da Inveja, e da Discordia os fachos
Apagados cahirem
C'os seus trophéos, por terra, á luz nascente
De seus benignos dias;
E as Sérpes das madeixas, como Alcides,
No berço affóga, e brinca.

Assim clara reluz na escura noite
A rutilante Venus,
Penhor propicio do lustroso dia,
Que lhe trilha as pisadas.
Assim brilha na horrîsona tormenta
O lume aos Naútas sancto, (1)
Pelas vêrgas, dos máres açoutadas;
E alta paz annuncîa,
Que o lîquido Sob'rano estender manda
Nas movediças ondas.

Que monstro tragador, sangui-sedento
Se apoderou deste O'rbe?
Que impia Furia empeçonha os mansos áres,
Com seus lîvidos fógos?
Que Numen sópra, em toda a parte, a guerra,
E a despovoar o Mundo
As mãos ensanguentadas nos instiga?
Degredada do inferno,

---

(1) Santelmo, ou Castor e Pollux.

Dos Homens libra os fados duvidosos
Hôje árbitra Megéra ?

Detem-te , insana Furia. O Céo se applaca :
Põe termo aos seus rigores.
Máis que ha muito as entranhas nos consumem
Os fachos do O'dio injusto.
Désce , Oh Virgem sagrada , oh Paz amena ;
Désce da azul pousada ;
Teus templos ólha erguidos : guîa ao grémio
Das tûrbidas Cidades ,
Os que enojámos , c'os flagicios nossos ,
Benignos , mansos Numes.

Mas , qual me sóbe horror sùbito á mente
Celeste aura me anima ,
Com prophética insania um Deos me abraza ,
E me revolve o peito.
Fugi , profano vulgo. — Apollo , Apollo ,
Me esclarece , me inspira.
Eu vejo-o... Eu sinto-o... Sim. É elle , é elle.
Céde a alma a tanto Numen !
Mortáes , vêde-o patente : respeitai-o ,
Dai tento ás minhas vozes.

Os tempos , que ante-disse alma Sybilla ,
A' méta avizinhados ,
Encetâmos o plácido governo
Do ancião Saturno , e Jano.
Esta Éra é a suspirada , em que restaurão
Seus altares Divinos
Thémis imparcial , e a branda Astréa.
Co' ella vem as Virtudes

Que aos Deoses já outróra convidárão
A conviver comnosco.

Onde estou ? Que portento estranho prende ,
E encanta os meus sentidos !
Que amplo spectac'lo , sumptuoso , os ólhos
Me assombra; e me deslumbra !
Lá bróta um O'rbe novo : lá nas frágoas
Do Cháos se depura
Da antiga stirpe a maculosa massa.
Larga série de Heróes
Baixa do sancto alcáçar , que as ruînas
Vem reparar do Mundo.

Québrão a esquiva guerra os Elementos ,
Cóbrão o azul primévo
Os Céos : sagrada flamma a terra alimpa
De toda a iniqua nódoa.
Já mortîfera planta se não têma ;
O Crocodilo infido
Já não turva do Nilo as férteis aguas ;
Retoução c'os Cordeiros
Os férvidos Leões , e pastão juntos ,
Todo o rancor depôsto.

Que assim comécção a fiar as Parcas
O século ditoso ,
Que ancêia pôr remate aos vótos justos
Do máximo Monarcha.
Dias máis brandos déscem. — Pois que os Deoses
Nossas maldades punem ,
Inflexiveis não são ; e muitas vezes
Seus salubres castigos

São, de seus altos dons, penhor seguro,
No rigor do flagéllo.

Fólga o Céo de encobrir-nos seus decretos,
Com cerração escura.
São os Reis, do Universo, os Soberanos,
Dos Reis o são os Numes.
Nem lhe estórvão o braço providente
Valor, Viveza, ou Sizo.
Nada as Leis lhe transmuda, ou lhe interpréta:
Com vára eterna e justa
Méde aos Mortáes, no subjacente Mundo,
Os gôstos, e os trabalhos.

Mas, onde érgues o vôo ambicioso?
Onde, insensata Musa?
Dos Deoses ao Congresso affouta sóbes
O livre pensamento?
Refreia o ardor caduco (1), e máis não queiras
Com presumidas azas,
Buscar, nos débeis ares, teu perigo;
E por trilhos ignotos,
Novo Scaro, das nuvens remontadas,
Téme o despenho, os mares. (2)

---

(1) Caduco-nem sempre significa decrépito de avançada velice. Na sua primigénia significação *caduco* quér dizer prompto a cahir.

(2) Falta aqui a última Strophe, que como era de desculpa satisfactoria aos Poétas de agua doce, não a traduzi aquî. Se pôrem alguem ha, que a deseje vêr, procure-a na Carta impressa, *Philosopho Avellar* etc. etc.

A NOVA AURORA.

Estes Cantos, que as Aves, gorgeando,
Espalhão pelos ares;
Estes sons, que o Ribeiro, singulares
Concorda, sussurrando;
As A'rvores, que o Zéphyro menêa,
Com seu suave alento;
O Mar, que sôbre a arêa
Desdóbra a vága, em brando movimento,
Quérem acaso saudar a Aurora? —
Eu, que outras madrugadas
Vim passar, nestés prados, como agóra,
Nunca lhe ouvi tão lédas alvoradas.
Mas, passos sinto....
Os molles ramos
Se encurvão reverentes;
N'um labyrintho
Soltão contentes
Canções os Rouxinóes; — montezes Gamos,
Saltões Cabritos, rápidos púlando,
A nóva luz festivos celebrando,
Mostrar-me quérem... O'lho — Era Delmira
Nóva Aurora, que a Térra adóra, e admira.

IMITAÇÃO

Da VIIIª. Ode de Horacio a Barine, no 2º. Livro.

Se de teus esquécidos juramentos
Te houvéra o Céo punido,
Desmedrando-te um tanto a formosura,
Quando os Amantes burlas,
Te amára unida a mim, meiga te eu créra
Mas, oh quão bem te assenta
Ser bandoleira e pérfida! Mal sáhes
De ser á fé traidora,
Que eis-te máis linda, que eis-te máis donosa!
Corações a ti svoação!
Mentes? máis fresca rósa te órna a bôcca;
Máis meigos são teus ólhos,
Quando vens de tecer atróz perfidia.
Quando por quantos Deoses
Contêm o Céo, por Mânes da Mãe juras,
(Malvado juramento!)
Então rî Venus, rî cruél o Filho,
Que na sangrenta pédra,
Affìa a flécha ardente, que nos vibras;
Fólga, c'o mal que fazes,
Te ensina, em prémio, a que inda máis agrades.
Sim: para a ti render-se

Médra, e te incensos queima a Mocidade.
Quanto, á tua pórta, Amante
Jura não mais te amar? Quanto ancião téme
Que esse ar que te rodêa
Não lhe eive o caro Filho! Quanta Noiva
Não se lhe envisque o Espôso
Na, que armárão teus ólhos, de attractivos
Cilada inevitavel!

MADRIGAL.

De flor em flor; na frêsca Primavéra
Vôa, liviano Maripôsa, vôa,
Beija o seio da Rósa não-sevéra:
Da occasião tão boa
Te approveita, infiél. Amante amado
Triumpha, e vai correndo
Render culto á violêtta, namorado,
E dando, e recebendo
Deleite variado,
Doura astuto os annéis da curta vida.
De avisos táes a minha foi tecida,
Té que a Delmira dei da alma o Reinado.

CONTO.

Vá de conto. Houve em Africa um Leopardo
Que casou c'uma Zêbra; d'esse ajôjo
Nasceo um tal mostrengo, tão estranho,
Que espantou toda a gente. Correo nóva
Por toda a redondeza. Os Curiosos
Deixando Pátria, Amigos, Conhecidos,
Atravessárão mares turbulentos,
Soffrêrão tempestades, calmarîas,
Corrêrão valles, montes; palmilhárão
Areias movediças, affrontárão
Furiosos Leões, malhados Tigres;
Vîrão da Fóme a magra catadura,
E da Sêde o sequioso vulto estîtico.
Homens baços, ou nêgros perguntados
Onde morava o Monstro, bem ouvião;
Mas nada concebião da pergunta.
E o que elles respondîão máis frisava
Com uivos de Mastins, de Lobisómes
Com gritos de Rapôsas, que regougão,
Quecom humana vóz. Passárão dias,
Inda mezes, na busca duvidosa.
Por fim cansados, tristes de amargura,
Bem tostados do Sól, bem consumidos
Acertárão c'o aduár, onde pastava
A estrambótica Bêsta; aquî foi ella. —
Mal que esse enxalmo os vio, deita ás carreiras,
Vai pela areia aos pulos desunhada. —

Séguem-na os meus Patáos, esbaforidos,
Inda hôje, creio, que a vão seguindo;
Que delles, nem da Bêsta, nos vem nóvas.
Quem se acha ahi com baço de ir sabê-las?
Eu não; que nunca fui Naturalista.

ODE

Ao Illmo. Senhor Domingos Pires Monteiro Bandeira.

Cur pendet tacita fistula cum lyra!
Horat. *Lib.* 3. *Od.* 59.

Agóra, que já lassos de combates (1)
Os sanhudos Guerreiros
Arrimão as espadas, e Néptúno
Manda os Tritões biformes
C'os tórtos búzios pregoar socêgo,
Por toda a azulCampina;
Agóra, que dos Céos descendo airosa,
Em argentada nuvem,
Do regaço dourado a Paz saudosa
Nos sólta os bens amigos;
E co' a mimosa dextra apponta a Marte

(1) Acabada a guerra contra os Estados-Unidos da América.

O Bósphoro revôlto :
Agóra Clio te urge, oh nóbre Vate,
Que á Lyra mal-depósta
Vóltes as mãos culpadamente ignavas.
Não têve poder tanto
A Amizade téquî, não a Proméssa,
Que á Perguiça as roubasse.
E Filinto entoou, em vão, seis vêzes
O Canto Venusino ;
Em vão Cupido redobrou os tiros,
No teu chagado peito,
Que um só ai não tirou melodioso
Da pertinace Lyra.
Quem te mudou, Dorindo ? Tu, que acceito
Outróra ás altas sombras
De bîfido Parnasso, discantáras
C'o Teano venusto (1)
Doces feridas da travêssa flécha,
Que o cégo Amor abrira,
E que, com mão macìa, e caridosa
Curou a branda Venus :
Tu, que aos Astros o vôo disferindo,
Transpondo triviáes métas
Com Pîndaro parêlhas emulavas,
Nas Lyricas fadigas,
Callas-te inerte, sem temor de Apollo !
Sem temêres das Musas
Nem do fiél Amigo (2) descorçoado
As graves, justas iras ?

---

(1) Anacreonte.
(2) Filinto Elysio.

ESTHER. (1)

Oh meu supremo Rei, a ti me off'reço
Tremente, e só. Meu Páe, na minha infancia,
Mil vêzes me contou a sancta alliança,
Que comnosco juraste, quando approuve
Ao Teu amor tirar dos Avós nossos
Um Pôvo, aos ólhos Teus, sujeito, e grato.
Da bôcca Te desceo sacra promessa
De eterna innumeravel descendencia.
Tua Lei desprezou o ingrato Pôvo;
Quebrou a fé (ai triste!) a amada Terra!
Pôr estragar o culto n'outros Numes
Deo repudio a seu Páe, a seu Espôso!
Ei-la Escrava de estranho Soberano,
E máis que escrava, aos fios d'um cutélo.
Já sobêrbos os nossos vencedores
Mófão do nosso pranto; e suas armas
Por pósses de seus Numes crêm ditosas.
Hôje quérem, que um golpe só, destrûa

(1) Esta scena 4ª. do 1º. acto da tragedia Esther de João Racine, traduzida como vai impressa, achei-a eu entre vários papeis, que um Francez amigo das boas lettras me confiou da sua Bibliotheca, composta antes de livros escolhidos, que numerosos. Eu teria por injustiça feita ao Traductor, e á lingua Portugueza, privá-la da impressão, que tantas menos benemeritas conseguirão. A sua phrase me pareceo de bom século, e de quem imitou os bons.

Ninguem me negará, que o século de Camões, Ferreira,

O Teu Nome, o Teu Pôvo, o Teu Sanctuario.
Que apóz milagres táes estrague um pérfido
Toda a crença, e o valor de teus oráculos:
Roube ao Mundo o penhor máis dadivoso,
O Christo promettido, suspirado.
E soffres, que esta gente séva, e impura
Em sangue nosso, aquellas bôccas cérrem
Que, sós, neste O'rbe, os teus favores cantão?
Confunde os Deoses, que o não são, nem fôrão.

Eu, que estes infiéis retêm, (Tu o sabes;
Quanto lhe as tôrpes féstas abhorrêço):
Que adversa ás libações, festins, banquêtes,
Profanações contemplo o culto idólatra.
Eu, que aos pés, quando só, quando em retiro
Piso esta fóta, meu forçado adôrno,
Que reluctante cinjo, nesses dias

Barros, Lucena, Brito, Souza etc. não foi a nossa idade de ouro; e que assim como os Poétas, e Oradores, do tempo de Pericles, fixárão, e abalizárão a lingua Grêga, os do século de Augusto a Lingua Latina; os Tassos, Ariostos, e Boccacios a Italiana; os Racines, Bossuets, Boileaus, e Fénélons a Franceza; os nóssos, com a erudição que bebêrão em casa, e fóra, entre estrangeiros, nos formárão, e polírão a lingua dos Lusiadas, da Castro, das Decadas, que tanto nome nos dérão, e dão ainda hôje. Que descuido pois, ou que ignorancia nos impelle a desprezar o estylo, e as phrases dos que nos fundárão, e ennobrecêrão a lingua. Leião o que antes delles andava escripto, e verão na rustiquez d'esses Autores, quanto lhes deve a lingua Portugueza. Leião depois Jacinto Freire, e Vieyra, e verão quão bem ambos soubérão imitá-los. Entre nós vivem Garção, Elpino, e Alfêno; leião suas estimadissimas composições, e admirem, como com exquisito talento soubérão approveitar-se dos riquissimos cabedáes, que lhes legárão os nossos Clássicos. Se a vaidade ignorante nos léva a abraçar-mos o numero, e volta, e ainda

A' solemne sobêrba consagrados ;
Que a este ornato vão prefiro a cinza ,
E só fólgo do pranto que derramo...
Do Teu decréto o prazo me aguardava
Para abraçar os uteis do Teu Pôvo.
Esse prazo chegou. Prompta , obediente
Expor-me vou , d'um Rei ao sévo aspeito :
Tu me mandas. Meus passos accompanha
Ante o Leão féro , que te não conhece.
Manda á sua ira , que se applaque ao vêr-me.
Dá o dom de agradar ás minhas fallas ;
Os Céos , Austros , Tormentas Te obedecem ;
Furiósos cáião nos contrarios nossos.

SONETO.

MOTTE.

Morreo de agua , quem de agua esconjurava.

GLOSA.

— Fuja de agua , que lhe ha-de dar a mórte
(Dizia a meu Avô um Adivinho)
Ei-lo (de susto) que entra a beber vinho ,
Como um Taful da Bacchanal Cohorte.
Contra a agua concebeo ódio tão forte ,
Desta feita ; que nunca o Avôzinho ,

---

as palavras dos Autôres estrangeiros , apagando o pouco que nos résta do cunho da boa linguagem , cêdo fallarêmos lingua franca do Levante , ou outra remendada gerigonça.

Pérto de Rio, ou Charco fez caminho,
Por fugir do trespasso a aguada sórte.
Tomou té mêdo á chuva : e em sua asneira,
De ouvir um Aguadeiro desmaiava;
Com vêr um Chafariz tinha cenreira.
Tanto no mél da cêpa se enfrascava,
Que, hydrópico em misérrima canseira,
Morreo de agua, quem de agua esconjurava.

EPIGRAMMA.

74 do Livro 2 de Marcial.

D'onde vem não se dar louvor aos vivos ?
Vem, que raro Leitor seu tempo estima.
Sim, Régulo, táes são da Inveja os usos,
Que antepõem sempre antigos a modérnos.
Que, de Cátulo (ingratos!) os vîs (1) templos
Louvão os Vélhos, chórão por Pompeio.
Zombou de Homéro a sua indouta idade.
Poucas palmas venceste do theátro,
Menandro, se cingiste honrada c'roa.
Ao seu Nasão só conheceo Corinna.
Se a Mórte, oh vérsos meus, vos põe em preço,
Meus vérsos, não corráes, fama não quéro.

(1) Tôscos, e que parecião vîs, comparados com os que edificou Augusto e outros Romanos riccos.

ODE

Ao Senhor Desembargador Antonio Diniz da Cruz.

Multa Dircæum levat aura cygnum
Tendis, Antoni, quoties in altos
Nubium tractus. —
Horat. *Lib.* 4. *Od.* 2.

Só quando o desfructá-la é já defêso,
Entendêmos em desfructar a vida:
Fógem os annos, sem que o umbral saûdemos
Dos intactos prazêres.

Viva o Sophi em cárceres dourados
Salteado de sollìcitos regalos,
Bandos de Damas, servilmente alégres
Contendão captivá-lo;

Exquisitos sabôres lhe trabalhem
De Aves custosas doutos Cusinheiros;
Na captiva Theórba os sons lhe apure
A comprada Circassia;

Esgóte-se em donáires estudados
Por divertî-lo o pago Chocarreiro

Insîpido se ri, se alégra o farto,
E enfastiado prêso. (1)

Fóge o Prazer dos cortejados Thrônos,
Para as chóças singélas dos Pastores;
Onde cândidas almas, sem rebuço,
Sem etiquêta o abração.

Nem o nosso bom Sá (2) viveo sab'roso,
Entre deleites sãos, limpos de enfado,
Senão, quando voltou á Côrte as costas,
E ás cansadas lisonjas.

Feliz, quem compra, com trabalho brando,
Com revezada fóme, obter desêjos,
Que embóta, e pérde o Ricco assoberbado
De opîparos manjares.

Se não rasga as entranhas perguiçosas
Da Terra, inérte o luzido arado,
Crêspa ferruge o róe, e prematuro
Sôlto em folhas acaba.

A Caça, a Esgrima, Elpino, (3) e a lida equéstre
Sazonavão as tôscas (4) iguarîas
E as branduras do Amor, appetitosas
Aos nossos bons Maiores.

---

(1) No serralho, onde a Perguiça, e desanimo o tem como encarcerado.

(2) Francisco de Sá, e Miranda.

(3) Elpino Nonacriense, assim ditto na Arcadia de Lisboa.

(4) Não porque o fossem; mas porque os delicados golosos d'esta nossa Éra, lhe chamavão tôscas, comparando-as com os industriosos tempêros de agóra.

Corpo robusto, e são: alma tranquilla
Erão dons, com que o Céo então prendava
O desprêzo dos O'cios mal-gastados,
E a fugida da Inércia.

LATINE VERTIT

JOSEPHUS GUILLIELMUS BILLING.

Elpine, vita tum cupimus frui
Actos per annos, cum minime licet:
Libatur haud ulli voluptas
Sistere dum levis aura nescit.

Degit Tetrarches carcere lucido
Quem mille circum deliciæ volant;
Necnon jacentem multa pellex
Illecebris recreare certat.

Illi parantur nectareæ dapes
Gnaris ministris. Carmina dividit
Captiva testudo, coempta
Eliciente modos puella;

Illius ergo sedulus artifex
Mercede ductus, multimoda jocos
Hinc arte fingit, vix feroci
Et saturo placitos tyranno.

Mutat, nec ægre regificas domus
Dulcis voluptas simplicibus casis
Cessura tranquille colonûm
Mentibus exiguo beatis.

Miranda noster gaudia tum tulit
Sincera, quando vocibus invidis
Turbæ procacis sponte, necnon
Terga dedit sapienter aulæ.

Omnes per annos his bene vivitur
Quibus saluber hand nimius labor
Escas ministrat, nec paratis
Eximie dapibus laborat.

Ducantur arvis assidue nisi
Sulci benignis ruricola bove
Subit rubigo, vomer atque
Interit exiliente lamna.

Olim palestræ, campus et area
Condire suetis Patribus integris
Cibos inemptos, atque fidi
Blanditias faciles amoris.

Tranquilla mens, et vivida sanitas
Ultro secutæ desidiæ fugam;
Tarda terebantur senecta,
Assiduo vegeti labore.

EPIGRAMMA TRADUZIDO.

Olhando, ha pouco, o mármore, o moîmento
Do mui ruîn Arverno; (assim me eu disse)
« De que vale estragar tantos Cruzados ?
» Nem Princepes, nem Reis se acanharião : »
As lágrimas me cáhem quatro a quatro,
Lavando-me em corrente ambas as faces.
— Porquem chóras ? (me diz um viandante)
— Por esse algôz da Pátria, que hi jaz dentro ? —
« Não chóro (lhe respondo) o sepultado,
» Chóro a pédra, e mal-gasta sepultura.

AMOR E CIÚME.

Pouco sabe de Amor o que presume,
Que não cabem Ciúme, e Amor n'uma alma :
Tanto se não debatem pela palma,
No coração, de que fizerão prêsa,
Que Amor empresta as settas ao Ciúme,
Ciúme sópra na alma a chamma accêsa.

EPIGRAMMA.

Umas cabêças vãas, uns Ociosos,
Despidos de Virtude e de Talento,
Põem grande estudo, grão divertimento
N'uns naipes máos, n'uns dados acintosos:
Perdem, por passatempo,
O irrevocavel Tempo.
Néscios! não vêm, não sentem consumida
A saúde; queixosa a Honra, a Vida?
Só depois de agastar-se um dia inteiro,
Sentem o menos — sentem o dinheiro.

ENIGMA.

O máis nóbre animal: o máis valente,
Que Deos creou no Mundo,
Tréme de mim; e mal que a vóz me sente,
Concébe horror profundo.
Os Reis não temo, as Leis não tenho em preço;
No vasto meu Serralho,
Fiél ao meu dever, forte, indefesso,
Máis que o Grão Turco valho.

A QUARÉSMA ENGROLADA.

CONTO.

Pérto da crêspa cósta da Bretanha,
Entre os vaivens das assanhadas ondas,
Jaz uma Ilha mesquinha, apaûlada,
E nevosa, e dos Astros mal-querida,
Habitada por gente desditosa,
Selvática, e boçal, que d'este Mundo
Separada — só do Céo é conhecida.
Raras lá dão um salto as novidades
Do que passa por cá, neste Universo;
Tarde, e sédiças chegão as toádas
Das guerreadas guérras, da paz feita,
De Beltrão que casou, de Inez que é mórta.
O Cura d'esse estranho Povoado,
Engolfado na sancta mandriîce,
Em herdada ignorancia, cóme, e bébe
De Baptizados, Missas, e Responsos.
Mui sábio, entre os graûdos da Parrochia,
Se diz quantos são hôje, e em que anno somos.
Cuidáes, que eu encarêço? « Quem crer póde
» (Me dizeis) que haja uma Ilha tão escusa!
» Que ignore de cada anno o mez, e o dia!
» Salvo, se é Robinson dessa Ilha o Dôno. »
De vagar, meu Censor; ouve o meu Conto.
O Cura da tal Ilha mencionada,
Home' idoso, e Christão de boa avença,

Um cérto anno (varreo-me da memoria
O anno cabal) se descuidou in *totum*
De mandar vir Folhinhas , Repertorios ,
Quando era tempo ; e temperar com elles
Os Officios , e as Missas ao seu Pôvo.
Grande falha ! Mas mór rependimento !
O vento era ponteiro , os máres verdes ,
Os revoltos negrumes escondião
De França a praia aos pávidos Pilotos :
Só no affago da amena Primavéra
Pousavão do meu Cura as esperanças.
Mas quem póde contar as amarguras
D'um Pastor douto , que quér dar sustento
Regrado , e bom ás ávidas Ovelhas ,
E se vê sem forçoso Kalendario ?
Não sabe onde o Jejum , a Fésta encaixe ,
Nem que Sancto , ou que Sancta hôje apregôe :
Dá-se a pérros , revolve os alfarrabios ,
Dá co' a Réza a travéz , e c'o Juîzo.
Não succedeo assim ao nosso Cura ;
Que qual o Burro vélho , na atafona ,
Piza , e repiza o péguinhado cêrco ;
Pela estrada do Sancto Breviario
Aviava Lições , Psalmos , a êsmo ,
Sem se metter em tortos Labyrinthos.
Não sei , se com razão : — digo sómente ,
Que era vélho , e matreiro , mui amigo
Do bom carão , da nîtida saûde ;
E sabîa , por alta experiencia ,
Que táes consumições , táes embelêcos
Desengonção a vida , de seus eixos.
Outro Cura máis môço affrontarîa
Agudo Nórte , accapelladas ondas ,

Pela sancta Folhinha ; novo Martyr
Do Officio , e do Missal assazoado.
Não assim o meu Cura rubicundo ,
Que , em dia do Anno-bom , disse aos Freguezes :
« Esta semana inteira se não passe
« Sem festejar os Reis. » (1) Todo o *bus-illis*
Estava no arrumar as Féstas móveis ,
Ahî quizéra eu vêr , que vólta dávão
A's vérsas Sabichões de grande prôa ,
Que em parólas são muito , em obras nada.
O meu Cura , Senhores , não-bazófio ,
Antes mui pé de Boi , todo se entréga
Nas sábias mãos da larga Providencia.
Diz comsigo : « Virá a Primavéra ,
» Que nos traz sempre a graciosa Paschoa ,
» O Vento será mudo , o Már de leite ;
» Irêmos tomar lingua á terra-firme ,
» E Deos bençoará meus bons intentos. »
O bom tino lhe admirão , lhe assegurão
A sua Ama , e o Barbeiro novellista , —
Os dous máis doutos cascos da Ilha toda.
Isto assentado assim , córre Janeiro ;
Fevereiro máis curto , máis se appréssa ;
Tóma-lhe o pôsto Março — e o Nórte azêdo
Não dá quartel , e sempre o nosso Cura ,
C'os ólhos fitos , na aurea Primavéra ,
Que impedida não chega , nem apponta. —

---

(1) Vendem-se nesse dia em França muitos bôlos de folhado , que se repartem em tantos quinhões , quantas são as pessoas , que estão á mesa ; e aquella em cujo quinhão se acha uma Fáva , é acclamada Rei , ou Rainha. Cada vêz que elle bébe gritão todos El Rei bébe.

Elle que errar não quér em pontos graves,
E que em Cômputos, Cyclos, e Aureos Numeros
Não quér co' a Madre Igreja travacontas;
E máis, — que ouvira outróra a um Missionario,
Que só, para arrumar da paschoa as Luas,
Houve québras-cabêças, muitos annos,
De que alguem não sahio co' a pélle fôrra.
Outros dizem (as Chrónicas varião)
Que, nelle, fôra falta de memoria.
Mas, no que óra direi, concorda a frôxo
A Tradição, e Annáes dessa Éra, e tudo,
Que não passava dia, sem que o Cura
C'um bom Capão o stômago forrasse,
No tempo mesmo, em que, por toda a Igreja, (1)
Ha máis d'um mez, as suas leis austéras
Estendia a Quarésma: — única a Ilha
(Graças ao Cura, e ao sancto desfastîo)
Se cevava de carne, *aliás* defeza.
Não carne fina, opîparos manjares;
Mas cada Ilhéo (Ilhéo já dos graûdos,
Entre nóbre, e villão) ornava a mesa
Com seu prato de hervilhas com toucinho:
Seguindo o exemplo do Pastor honrado,
Ceavão todos boamente, em quanto,
Por elles jejuava todo o Mundo. —
Mas já Bóreas, os sôpros recolhendo,
Levantava dos máres o asp'ro scéptro.
O Diabo, que vê, que é mais que tempo
De doutrinar esta Ilha impenitente

---

(1) Por toda a Christandade que compõe uma única Igreja Cathólica.

Des-fécha a Primavéra. — Que elle fôra
Quem, por lhes gatunar uma Quarésma,
E tomar um pequeno régabófe,
Soltára, sôbre as aguas, os negrumes.
Ei-las já mansas; e o meu Cura em azo
De ir vêr como ia o Mundo cá por terra.
Deita lasto á barriga, com tres nácos
De prezunto, e tres tragos de Borgonha. —
Reparai bem, Leitores piedosos,
Que já a quinta semana de Quarésma
Estendia a esgalgada longa pérna. —
Almoçado, e forrado, e o bafo quente,
Deita a córáda mão ao sécca-bofes,
(Que nunca *sécca-bófes* foi do Cura;
Como no andar do Conto será claro)
Põe-se a peitos com elle, enfîa a réza,
Com pausa, e attenção: que inda não consta
Que a visita de enfêrmo, á cáça, ao jôgo,
A's conversas, em casa dos vizinhos,
Sahisse nunca, sem o almôço, e a réza.
Entra pois a rezar, descabeçando
Psalmos, Lições, c'os ólhos appontados
Nas Rûbricas communs; mas máis nas prêtas
Que com próvida mão assinalára
Pelas cáudas dos Psalmos bem-paridos:
E e Rûbrica dizia: — *Aquí se bébe.* —
E pontual á Rûbrica, bebia.
Que ao lado Baccho, n'um pichél pansudo,
Lhe faz negaça c'o sabor vermelho.
Finda a taréfa, diz adeos á Ama,
Tóma a via do cáes, embarca, e vóga. —
Como attónito estáca, ouvindo á gente,
Que nos confins Cathólicos, a Paschoa,

A dez dias d'allî, prompta cahîa!
« Pois não me ha-de lograr. » (isto dizendo,
Cálca o nédio castor, (1) na rôxa tésta)
« Bemdito Deos! que tenho tempo ainda.
» Boa viagem fiz; minhas Ovelhas,
» A' voz do Papa, fartarei de Paschoa. »
Disse: e enfeirando em O'culos, Folhinhas,
Assúcar, e Canéla, para os Fartes,
Para a Ilha, mui contente re-navéga. —
Dia de Ramos, na manhãa seguinte,
A' estação, com grão fervor, e zêlo;
« Fréguêzes meus, (lhes diz) bem que estejamos
» Já na Semana Sancta, e que hôje contem
» Já Domingo de Ramos, não se afflijão
» Os vossos corações, nem se amargurem.
» Neste Mundo, cada um tem seu systema:
» O ponto está, em dar bom fim ás cousas.
» Vós, nada perdereis, se me seguirdes;
» Que bem á ovelha vai, que ao Pastor ségue.
» Se a Quarésma vai longe, a pêrda é pouca:
» Podêmos, pela cáuda, inda apanhá-la.
» Seja pois Terça feira o Entrudo nosso;
» Quarta, as Cinzas; tres dias máis, de peixe,
» E sevéro jejum serão Quarésma:
» E então, Domingo; unidos com a Igreja,
» Sem escrupulo já, — e sem maranhas
» Do Démo mal-fazejo, cantarêmos
» Com todos os Fiéis, as Allelluias. »

---

(1) *Chapéo de Castor.* Chama-lhe o Autor original simplesmente *Castor*; porque era casquilhice nos Clérigos o chapéo de pêlo muito fino, muito prêto, e muito luzidio.

ODE

Ao Exmo. e R^mo. Senhor D. Fr. Ignacio de S. Caetano Arcebispo de Thessalonica, Confessor da Serenissima Senhora D. Maria Ia. Raînha de Portugal.

Si quæret Pater urbium
Subscrivi statuis, indomitam audeat
Refrænare licentiam
Clarus post-genitis.
HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 24.

O que espéra ter nome esclarecido,
Que adórem os presentes,
E os Vindouros escutem com respeito,
Encrave, fito a fito
A vista na bellissima Virtude.

Nas mãos seguras tenha affouto a rédea
Das Paixões desvairadas;
E, quando o vento sópre da Lisonja,
Nas infunadas vélas
Nunca falsêe da Razão o rumo.

Vibre, contra elle lanças a Calúmnia,
No broquél da Innocencia,
As apáre soffrido, e des-sombrado.
Não ha farpão tão rijo,
Que não québre no muro da Constancia.

Se o Pôvo injusto os Uteis não avista
Das Leis máis bem traçadas,
Lá raia, nos dourados horisontes,
A disvelada Aurora,
C'os bens lucrosos, com que a Lei se arrêa.

Quando menêe o léme do Governo,
D'aquî, d'alêm, tormentas
Despedindo, rajadas, e coriscos,
A Náo assoberbada
Géme, co' embate das cavadas ondas;

Revestido de-tres dobrados brios
Seu ânimo assaltado,
Co' a vóz, c'o braço intrépido acorçôe
Os pávidos remeiros,
E os Euros rugidores acobarde.

Minérva, que ante mim, co' a fulgurante
Égide angui-comada
Me allumiava a mente, assim dizia,
Celeste e sábia, a dextra
No hombro pousando d'um Varão maduro.

E eu, que do intenso assombro em mim tornava,
Fitando no alto vulto
Os ólhos respeitosos, vi o intacto
Moderador prudente
Da alma da virtuosissima Maria.

EPITÁPHIO.

Fruges consumere *natus*.
HORAT. *Lib. Epist.*

AQUÎ jaz o Pái-pái (1) ; a pédra dura
Lhe cóbre só as cinzas esfaimadas ;
Que a Sombra (2) ronda as pórtas abastadas
Ao cheiro de Feijões, e de ferçura.

SONETO

MOTTE

Amor se quiz vingar com tal cruêza.

GLÓSA.

VI, nos ólhos da minha doce Amada,
Trabalhar seus farpões Amor malino,
Qual bate tórtos ráios o Divino
Ferreiro, na cavérna abrazeada.

(1) Clemente de Oliveira, de quem admiradas as Nações difficultárão crédito ás proêzas manducativas d'esse Heróe, a pezar das estrondosas trombêtas da Fama.

(2) Manes.

Tanta faìsca salta martellada,
Que, em róda o ar reluz; a vêr me inclino
(Por meu mal!) a bigórna, — eis repentino
Sinto o fôgo lavrar-me na alma ousada.

Mortáes, que um vão desêjo duvidoso
Convida a ver das Nymphas a belleza,
Relevada no olhar vivo, e formoso;

Vêde, em mim, como queima a chamma accêsa.
Porque vi seus lavôres, curioso,
Amor se quiz vingar com tal cruêza.

ODE.

— Deus hæc fortasse benigna
Reducet in sedem vice.
HORAT. *Epod.* 13.

DESCÌA por um Valle, que veceja
Co' as roupas da risonha Primavéra,
A espairecer cuidados;
Pardos troncos de abastecida rama
Salpicão o matiz da vêrde rélva,
Raros, e solitarios,
Mas, co' a cópa sombrìa, e generosa
Convidão a espalhar ao vêrde Zéphyro
Turbados pensamentos.
Aquì dão viração, dão doce alìvio

A' frágua, onde trabalhão nêgras Mágoas
Desesperados tiros.
Pintados Passarinhos innocentes
Músicos trillos, músicos gorgeios
Redobrando á porfia;
Allî, pelas quebradas burbulhosas,
Entre vermelhas, gárrulas pedrinhas,
E revolvida areia,
O lânguido regato, saudoso
Desliza as claras aguas, retalhando
Campinas de esmeralda.
Ao longe, uma Montanha, a quem povôão
Troncos de folha triumphal, as duras
Empinadas espáduas:
Na pedregosa fraga, uma espadana
Rebenta estrepitosa, e crystallina,
Que, ao longe alveja, (1) e cáhe.
Ao pé da fonte, com sonora Lyra,
Louro Mancebo, de prestante fronte
Dava alma a léve dansa:
Nóve Donzellas de ademan bizarro,
Parecidas no rôsto, e só diff'rentes
Na côr do airoso traje,
Com déstro pé ferião, compassadas,
O chão, e os léves saltos revezando,
Davão luz (2) á memoria:
Travando-se das mãos, entre si tinhão
Um Mancebo de Grécia, outro de Roma,
E um, que das Gallias chega.

---

(1) Espumando na quéda.

(2) Fazendo recordar, por meio da imitação, rasgos da Historia, ou Fábula, como compete á dansa figurada, ou pantomima.

Apenas me avizinho, québra o baile;
E eis lógo uma das Nymphas, desprendida
Da festival cadeia,
Anciosa vem saber, que agra tristeza
Me enluta os ólhos, me desbóta as côres
Na emmagrecida face.
Em tanto, uma traz outra, vem chegando
As gentîs Nymphas do desfeito côro,
E co' ellas os Mancebos.
E apoz elles o louro Soberano
Da selvosa montanha bi-partida,
E dos meus labios pendem.
« Mas, que Nymphas sois vós? E qual respeito
» Se déve a tal Congrésso? E a quem govérna
» Este paîz estranho? »
— Estranho o chamas? Quanto demudado,
— Quão diff'rente de ti vêjo o meu Vate!
— Não conheces o Pindo?
— Não conheces Apollo, e as tuas Musas?
— A Pìndaro? ao teu caro Mestre Horacio?
— O teu Rousseau sublime?
— E a mim, que te avivei no sp'rito o lume,
— Que Apollo te infundira?
(A graciosa Clio me dizia.)
» Tão quebrantado (lhe respondo) e turvo
» Me trazem meus pezares, que não vêjo
» Máis, que Dôr, e Penuria.
» A funesta Desgraça, pela côma
» Um dia me tomou, (quando innocente
» Me dava por seguro)
» E! abalando-me, irada, sobre a róda
» Da voluvel Fortuna, d'um encontro,
» Me despenhou por terra.

» Ajudada da Inveja, e da Calúmnia
» Foi manchar os ouvidos do Monarcha,
» Com pérfidos embustes:
» Lançou iniqua as varredouras rêdes
» Nos caros bens, tão justamente havidos,
» Pelas Leis conservados
» Na paternal herança, recolhida
» Com tanto zêlo e honra, no serviço
» Da Pátria, e do Monarcha.
» E pôz-me fugitivo, e desterrado
» Dos Penates, da Pátria, e dos Amigos,
» Criminoso, sem crime;
» Se já é crime dar-se a austéro estudo,
» Entre longas fadigas disvelladas,
» Para adornar o Ingenho:
» E dar proficua luz, qual tócha ingénua
» A espalha, nos juîzos en-sombrados
» Co' a tréva da Ignorancia.
» Se já é crime dar-se, inteiro e prompto
» Ao bem dos máis, sem resguardar o proprio,
» Sem ver, sem buscar prémio;
» Senão o que as Virtudes, e Honras guardão,
» No sacro Templo da perenne Fama,
» A generosos feitos.
» Déz longos annos de miseria amarga
» Não amólgão ainda os implacaveis
» Animos inimigos
» Dos que me diffamárão, me despîrão,
» E no meio do peito me cravárão
» O punhal da Pobreza.
» Ah! se a bella, a piedosa Soberana,
» Que rége o Luso Estado, enternecida
» Volvêsse os brandos ólhos

» A um Vassallo, que correo sem mancha
» Os caminhos da Honra mal-seguidos,
» E os da árdua Virtude;
» O seu volver benéfico, e sagrado
» A Vida, a Honra, os Bens, a Pátria, a Fama
» Resgatára a Filinto.
» Fallai, Amigos, súpplices joêlhos
» Dobrai ante Raînha, em que refflécte
» Da Divindade o raio;
» Em quem, sôbre a dobrada formosura
» Da alma Virtuosa, do prestante corpo,
» Reverbéra a Clemencia. (1)

EPIGRAMMA

A uma Vélha, que presumîa de Bons O'lhos.

Que os teus ólhos, cada um foi uma estrêlla
Cousa é, Chlóri, sabida:
Mas que hôje, em vez de brilho tem reméla,
Tambem ninguem duvîda.

---

(1) Esta Ode, com algumas outras, que já fôrão impressas nos primeiros caderninhos, que mandei a Portugal, longos tempos ha, são hôje tão raras, que nem eu mesmo conservo a maior parte dellas; por tanto as re-imprimo, e cérto sou, que para muitos Leitores passarão por inéditas.

VERSOS

QUASI REPENTINOS

A um Amigo, que jantava comigo no dia dos meus annos 23 de Dezembro de 1787.

— — — — — secunda
Ratem occupare quid moramur alite?
Sed juremus in hæc. . . . .
Nos manet Occeanus circumvagus : arva beata,
Petamus arva, divites et insulas.
HORAT. *Epod.* 16.

AVELLAR, tu não és aquî ditoso.
Esta Terra, estes áres são infestos,
Do Deos Apollo mal acariciados.
Eu triste, sem Amigos, (1) sem saûde,
Parêdes nûas, escorrida a bôlsa,
Vejo em róda de mim turvos e nêgros
Levantar-se os amargos Infortunios,
C'o Sól, quando a nós se érgue, ou quando baixa.

(1) Sem vergonha o não digo; que a razão
De alguem não ser por versos excellente,
É não se vêr prezado o verso, e a rima:
Porque quem não sabe a Arte não a estima.
CAMÕES, *Cant. 5. est. 97.*

Delmira, em solidão malogra os dias,
Que Amor, para o Prazer tecidos tinha.
Vamos, vamos; despéde-te da Térra;
Vamos dar vista aos máres espaçosos,
Fartar-nos de riquezas ós (1) alqueires:
As pérlas, os rubîs, os diamantes
Que o Sól, c'os raios cria no Oriente
A ávida mão convidão do mesquinho, (2)
Que não afferrolhou, com sêccas (3) chaves,
Os cabedáes ganhados, com baixeza;
Que do Orphão, se apiedou e da Viûva;
Ou pouco cuidadoso do Futuro,
Empunhando o Prazer, pelos cabêllos,
Vive hôje; (4) que á manhãa é longe, e incerto.
Vamos, vamos, despéde-te da Térra.
O Navîo te chama, a plancha é posta.
Mas que vai? Tu recûas, e as orêlhas
Abanas descórádo? O Mar te assusta,
E os cachópos infames por naufragios?
Tens razão; que eu não via, de insensato,
Que o Mar é todo de agua — agua salgada.

---

(1) Tenho lembrança de ter lido em Bernardes, em Ferreira, e em Sá e Miranda (quando eu tinha livros Portuguezes) que *euphoniæ causa* — por evitar máo som, usavão esses Poétas de *ós*, em lugar de *aos*. Fundado no exemplo d'esses nossos Mestres em Poesia, me atrevo (dado que raras vêzes) a imitá-los.

(2) *Mesquinho* nem sempre significa *piranga*, nem *tacanho*, que o não era Inez de Castro, quando Camões lhe chama mìsera e *mesquinha*.

(3) Chamo-lhe *sêccas*, não para as distinguir das chaves molhadas, mas para indicar a sequidão da alma, que assim as afferrolha.

(4) Vive hodie. HORAT.

Não, que de te affogar concebas medo;
Mas de affogar-te em agua, e não em vinho. (1)
Quão feliz foi, quão cheio de bom tino
Esse Princepe Inglez (2) famigerado,
Que, condemnado á mórte, por tyrannos
(Bebedores, ou de agua, ou de cerveja:
Que nunca foi tyranno um bom Chupista!)
Dando-lhe acção a que escolhesse a mórte,
Por escôlha pedio, que o mergulhassem
N'um tonnél de dourada Malvazîa, (3)
Onde bebesse, alégre, e á tripa fôrra,
Um pedaço de mórte, em cada sôrvo.
Que ditoso affogado padecente!
Que invejas não terião delle, no O'rco,
Os que a mórte nos mares engolîrão,
Quando em trôco dos cabedáes aváros,
Que nos bêrços do Sól lhes reluzião,
Himpárão de agua, sem nenhuma sêde;
E os peixes, que comêmos, os comêrão?

---

(1) Não o tómem ao pé da lettra. Máis sóbrio que este meu Amigo, não conheço que haja alguem.

(2) Duque de Clarence, Irmão de Duarte IV. Vid. Historia d'Inglaterra.

(3) Malvazîa póde muito bem ser uma contracção da phrase seguinte — Mal é pósta a peitos uma canéca d'esse doce-ambrifôgo-odóro licor, que esvaîndo-se pelos ávidos gorgomilos, dá a canéca em sêcco, e fica vazîa. — Grande prerogativa da Lingua! Ah! que se ella podésse fazer contracções simillhantes ás estiradas phrases de tanto grosso volumaço, que abarrota estantes de livrarias, — que grande des-fadiga para os Leitores!

CONSELHO PRESTADIO.

Fóge do Amor, das Nymphas graciosas,
Que dão mordaz tristeza;
Ou ólha-as, com tão pura singeleza,
Como ólhas frêscas Rosas.

SONETO GLOSADO.

La' vai Glosa, Menina; vai Soneto.
Deos me ajude: Deos digo, o Deos Apollo,
Co' as Musas todas nóve, ao hombro, ao cólo;
Que eu, sem Musas, em versos, me não mêtto.
Então,... (como lhe digo) o meu affécto,
Que me faz retumbar de Pólo a Pólo,
Quando as finezas apurado enrólo...
Que tal!... Dei fim já a um, e outro Quartetto.
Menina, tenha fé; que largo panno
Tenho nos dous Tercettos, para a empreza;
E eu, nisto de glosar, sou Soberano.
Fique aquî entre nós: sua Belleza
Nos versos do Macedo, (1) ou nos de Albano, (2)
Vence as Deosas do Ida, em gentileza.

(1) O tôrto.
(2) J. X. de M.

HIPPÓLYTO.

JA' de Hippólyto ouviste, e sua mórte:
Crédulo o Páe lha deo, e a ruîn Madrasta;
E o peito vos magoou o seu desastre.
Vede-o. Sou eu. — Cérta é, bem que árdua, a próva.
Phédra Pasîphae urdio, que em pátrio thóro
Mancha eu quiz pôr: manchá-lo ella querîa.
E, inversa a culpa, máis me accusa, irada
Dos repudios, que afflicta dos indicios.
Meu Páe (sem causa) lança-me de Athenas,
E, indignado, ao partir, me maldiçôa.
Guîo, á Pîtlhea Trezene, o fugaz carro,
E as práias trilhos já do mar Corinthio:
Eis que o pégo entumece, e o combro aquoso
Se arquêa ingente, e qual montanha crésce;
Muge horrendo, e pelo alto cume estoura.
Das ondas, que se esbrôão, surge fóra
Um cornîgero Touro, que assomado,
Do peito acima, pelos ares frôxos
Das largas ventas, da rasgada bôcca,
Parte do mar vomita, A' comitiva
O ânimo esmoreceo. Todo embebido
No exilio, o esp'rito inteiro eu só consérvo.
Mal que o cóllo feróce, ás ondas vólvem
Meus Cavallos, affitão as orêlhas,

Me despenhão de encontro o côche, ás róchas. (1)
Co' as mãos, forcejo, em vão, reger os freios
Deslembrados, que alvejão de alta espuma,
E as frouxas rédeas tiro a mim derreado
Para traz. — Nem dos Brutos (2) a fereza
Vencêra em pósses meus forçosos pulsos,
Se uma róda, que em tôrno do eixo buîdo
Gira açodada, abalroando um tronco,
Não quebrára, e em pedaços não partira.
Sacodido do carro, e enleado o corpo
Nos lóros, viras, fumegando, e a rastos
Ir as entranhas, e afficar-se os nervos
Nos estrépes (3): — dos membros, parte, córre,
Parte fica espinhada pela sérra. —
Aquî stálão, com dôr, quebrados óssos,
Lá sáhe a alma cansada, sem que deixe
Parecida, no corpo, uma só parte:

---

(1) Supponhâmos que este hypérbato fique difficil a intelligencias accostumadas a versos caseiros, como os de.... os de.... etc. ei-lo ahi vai trocado em miûdos. — e de encontro ás róchas, os Cavallos me despenhão o côche: ou os Cavallos me despenhão o côche, de encontro ás róchas. Muita paciencia necessita ter um póbre autor, que se tem de haver com Leitores acintosos em não quererem entender o que bem se entende!

De propósito atravessei o collocado das palavras, para imitar os encontrões do côche, entre os rochedos. Leião com attenção o verso, e reparem no soîdo que fazem as palavras assim desarrumadas.

(2) Não se imaginem, pelos verem com B. grande, que estes Brutos são os Brutos tão célebres na história Romana nem são os homens assalvajados; são Brutos brutos, são Cavallos (com perdão de VVmmes.) e cavallos do côche de Hippólyto.

(3) *Estrépe* vem de *stirpes* latino. São aquellas pontas de ár-

Tudo era uma só chaga. — E pódes, e ousas,
Nympha, (1) a par d'este estrago o teu oppores?
Tambem os Reinos vi, de luz privados;
E fomentei de Phlegeton na veia
O espedaçado corpo; e, sem o válido
Elixir da Apollînea próle, a vida
Não me voltára. A qual a mim tornada
C'o Peónio (2) auxilio, e com potentes hérvas,
(Máo grado de Plutão). Porque da Invéja
Alvo esse dom não fosse, apparecendo, (3)
Com nuvens Cynthia me cobrio espessas;
Por máis me assegurar, e visto a salvo
Poder ser, de annos tardos me accumula,
E me apaga feições do antigo rôsto.
Longo tempo hesitou, se por morada,
Créta, ou a sua Délos me darîa:
Créta, e Délos pospôz, e aquî pousou-me;
E junto me mandou mudar de nome;
Que, de Cavallos (4) póssa erguer-me a idéia.
« Serás (me disse) d'óra-em-diante Virbio. (5)

---

vores, e mórmente de raîzes que empécem a pés, a fatos etc. Pela similhança, que as puas, e máis ferros pontudos, usados na guerra contra a Cavallaria tem com estas pontas de raîzes, adquirîrão esses instrumentos o nome de *estrépes*. Esquécendo a significação primitiva, os Diccionarios, só explicão a metaphórica.

(1) Falla com a Nympha Egéria.

(2) O Médico Péon, de quem conta Homéro, que curára a Plutão, da ferida que Hércules lhe fêz.

(3) Outra vêz entre a gente cá no Mundo, como resurgido.

(4) De *ippos*, cavallo, e *luo*, desato, despégo.

(5) Vir-bis, ou bis-vir, homem duas vêzes.

» De Hippólyto , que fôste. » Esta floresta ,
Desde então , como Deos de menor plana
Ignoto habîto , e da alta Deosa o numen
Aquî me ampara attento a seus mandados.

EPIGRAMMA

DE MARTIAL.

O Barbeiro Entrœpélo rápa em róda ,
Com tal fleima , a Lupercio a barba toda ;
Que , em quanto elle o escanhôa , o arrepélla ,
Nasce outra barba , no lugar daquella.

CARTA

A ALFÊNO.

Tu stás na frêsca Cintra , divertida ;
E nós , tristes , dos Deoses mal-acceitos ,
Lidâmos neste tráfego da vida.
Sempre , em Lisboa , ás luttas com os Nórtes ,
Rompendo pelas nuvens de poeira ; (1)

(1) Assim nos succedia ordinariamente , no Estîo ; mas agóra depois da Revolução de França , e depois que o Princepe se foi , não sei se o Nórte tem ainda os mesmos podêres.

Qual, entre as ondas do Scamandro, Achilles
Bracejava sem fôlego. Os Prazêres
Já, ha muito, Amigo Alfêno, que fugîrão
Da esquiva Côrte, para os amplos prados.
Natura em nada quiz constrangimento.
A Planta, que acanhada no craveiro
Minguada crésce, em campo abérto expósta
Engróssa, e se agiganta, a rama ufana
Destouca pelos ares, cópa, e ensombra.
Todos os dias vês as tuas Vaccas
Como vem das pastagens, gôrdas, nédias,
Co' a tésta erguida, as têtas retezadas,
Brazão do Dôno, gôsto dos Bêzerros:
E as de Lisboa mágras, espalmadas,
Cahindo de lazeira, e de fraqueza
Mal esprémem dos engelhados ubres,
Aguado leite de mesquinhas hérvas.
Quem vê carmim comprado, que rebóca
Da Coquêtta o carão sediço, e rélho,
Bem o distingue do carmim nativo
Da roliça Saloia, ao Sól curada. —
Não assiste entre bêcos, entre alfurjas,
Nunca do louro Phébo visitadas;
Fartas de lâma, esquivas de aura amena,
A Saúde, amadora da largueza;
Nos bósques, veigas, prados, que discórres,
Buscou aprîco templo, os dons derrama
Pelos póbres, singélos Pastorinhos,
Que ao Sól, ao frio, á Chuva o corpo off'recem
Sem máis resguardo, que um pellìco rôto.
Nós bem-comidos, nós bem enroupados
No Jozézinho de custosas pélles,
Mal ousamos sahir ás onze hóras; —

Por fugir do Pleuriz , ou do Defluxo ,
Nunca vemos (de mêdo) o Sól que nasce.
Quanto é grato , no abrazador Estîo ,
Ir saudar , ao Campo , a parda Aurora ,
Que aljófra as flôres de luzente orvalho !
Os Palacios dos Reis não tem alfaias
Tão vistosas , como é , na Primavéra ,
Ver vestir-se de folhas recortadas ,
O viçoso arvorêdo , e sôbre o vêrde ,
Lançar-lhe e Natureza a bordadura
Das matizadas , recendentes flôres.
Só recolher o cheiro brando , e livre
Dos perfumes , que os ares embalsêmão ,
Faz odiadas as ruas asquerosas ,
Que a Ambição antepõe á mólle félpa ,
Da campéstre alcatifa recamada.
Nós , c'os ouvidos aturdidos , surdos ;
Arranhados de gritos de Aguadeiros
De pregões de choquentas Regateiras ;
E tu , ouvindo os Rouxinóes saudosos
E os atiplados , flavi-bicos Mélros !
Que differença , oh Tôrres ! Não te culpo ,
Que enlevado em seus québros namorados ,
No quadro da viçosa Natureza ,
Dos cansados Amigos te deslembres ,
E , em dous mezes , não mandes uma Carta.

SONETO

DE ALFÊNO,

Em respósta á Carta antecedente.

Douto Méstre da simples Natureza,
Teus versos, que as Piérides dictárão,
Da longa somnolencia dispertárão
A minha Musa, da Perguiça prêsa.

Surgio a Gratidão, em ira accesa,
E a Amizade: a Perguiça affugentárão;
Que uns nédios Monges lógo agasalhárão,
Onde, *cheia de unção* boceja, e réza.

Tempéro a Lyra; e em métro peregrino,
A cantar minha Musa se apparelha,
No tom do almo Cysne Venusino.

Mas, nisto... Phébo me bellisca a orêlha:
« Como a Filinto (diz-me) em tom indigno
» Ousas cantar, com vóz de Grálha vélha? »

ODE.

Non hæc jocosæ conveniunt Lyræ.
Quò, Musa, tendis?
HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 3.

QUE enleiada anda agóra, e turva, a fronte
Dos que o léme meneião do Govêrno! (1)
Que ventos travessões! Que máres vêrdes
Lhe enjóão o Navîo!

Não lhes luz a Polar Estrêlla, no alto;
Cégos áres o rumo lhe em-noitecem;
Estálla o másto, a gávea se espedaça,
As cintas se descózem.

Mas tu, comigo, oh Musa, sem fallencia,
Com táes phrases, darîas em Pantâna;
Se, a mim tornado, não descesse uns furos
D'esse éstro aventureiro.

Alinhava-me o assumpto, que óra emprendo
Com vérso mais caseiro, e comesinho;
Dize comigo, em não-troante Tuba
Os meus sinceros vótos.

(1) Falla o Poéta do govêrno dos 5 Directores, que se vião abarbados com óbra. Guerras exteriores, facções de opinião diversa, no interior, dissabor entre os Póvos, que se julgavão mal governados, faltas de dinheiro. Quantos motivos para atarantar táes Cabecinhas! *Nota do Editor.*

« Se escapa a Rapariga de outo annos (1)
» Dessa tão complicada macacôa,
» De cêra uma Repub... ao meu ricco
» Sancto Amaro penduro:
» E c'um cento de vêrdes candeînhas,
No seu altar, com luz miûda, accêsas,
Abóno a gratidão, e inculco aos séculos,
Nesta Ode, (2) o grão milagre.

FÁBULA.

« Mimo de pouca dura
» Nos fêz Jóve, em nos dar a formosura,
» (Dissérão despeitosas as Mulhéres)
» Mal damos azo ao nosso poderîo.
» Jóve, és injusto, (clamão) que assim quéres,
» Com tyranno alvedrîo.... »
— Não de mim (lhes responde) mas do Fado
— Vos tendes de queixar. — Mas, céssem iras:
— Tal dom vos posso dar, que valha dada,
— Perenne formosura. — — Ah! que se as viras

(1) A Rep. Fr.

(2) De que, (por falta de tinta) deitei agua, no tinteiro, procedeo, que devendo esta Ode, por isso mesmo, levar agua no bico, succedeo-lhe, e a muitas outras sahirem por muita agua deslavadas, e ensôssas. Mas as que fôrão escriptas com tinta virginal e estrême.... Isso é outro cantar. Tem amóras. O busillis é saber quáes ellas são. Eu mesmo ainda as não conheço.

Sahir tão satisfeitas !...
Deo-lhe a Vaidade. — As feias, as mal feitas,
As Vélhas se dérão por formosas
Tão frêscas tão corádas, como as Rosas.

ODE.

——— Precibus non linquar inultis,
Teque piacula nulla resolvent.
HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 28.

MYRTILLO, máo Myrtillo descuidado,
Que a Filinto prométtes dar-lhe cópia
De Ti, de tuas Odes, e máis lidas
Da Délphica Officina :

Porque tardas ? Porque o meu triste Osório
Não restáuras na estante entre alfarrabios
Do póbre Traductor ? Achas mui léves
As penas padecidas

Nas mãos tacanhas do Ministro avaro
Que o tinha como seu arrecadado ?
Achas léves os êrros que o minárão
Na Régia Typográphia ?

Já dias, mezes, e anno tem volvido,
Depois que prometteste, e hás, como um Nêgro,
Faltado ao cumprimento da promessa,
Sem maldita vergonha.

Muito em meu soffrimento hás confiado !
Mas termo põe Rhamnusia ao soffrimento ;
E o peito , que atéquî foi mudo , e quêdo ,
Qual Marphésio penhasco ,

Convertido em Vulcão , lançará chammas ,
Penêdos abrazados , que , d'um tiro
Te arrombem as janellas , te dem cábo
De livros ; e painéis. —

Não tómes susto. — As chammas , os penêdos
Serão só versos , versos d'um Amigo ,
Que , inda enfadado , em Ti conhece um Sócio ,
E Irmão em Deos Apollo.

ODE

AO MEU BRITO.

Em *coalhando* alguns vintens... irei passar
Um dia com Vmce. para conversar-mos.
Carta do dito Senhor de 11 *de Maio de* 1812.

De vêr que o caro Brito se remancha ,
Por falta de *coálho* , o bom Filinto
Desespéra , dá pontapés , na banca ,
Raivoso atira , a a tombos ,

Os livros ; e o Poêma alveitarando
De aleijões , arestins , e mataduras

Aquî córta o que é são ; allî o queima ,
Sem que atine co'a chagas.

Oh Jóve , oh Páe dos Deoses , e dos Homens ,
Que golôso de natas , e de leite ,
(Bem que himpando de Néctar , e de Ambrosia)
Chupavas nas tetinhas

Da poderosa Juno , quando um Marte
Da pansa vomitiva , ou coxî-pede :
Manda *coálho* ao Brito com que enqueije
D'alguns vintens a nata.

Tu , que pródigo fôste , na Éra argentea ,
Em parir , pela tésta a altiva Pallas ,
Potente em guérra , em lettras , e Oliveiras ,
(Macha-fêmea Beldade !)

Ou , pela côxa , um Nyctilêo thyrsîgero ,
Féro Conquistador das mólles Indias ,
A quem (máis que ao valor) graças devêmos
Por sumos de bacêllo :

Torna a parir , meu Jóve um novo Numen ,
(Pela ventrêcha :) um Deos de nova fórja ,
Deos *Coálho* , dos pés , até o toutiço ;
Deos , que o milagre faça

De lhe *coalhar* em chicos , quantos versos ,
(Todos natas) compõem os derretidos
Vates de Outeiro ; c'os Anões versinhos ,
Feitos a Anãas Nerinas.

---

(1) A traducção dos Poêma de Martyres.

ODE

Ao Senhor Timótheo Lecussan Verdier.

— — Non ille pro caris amicis,
Aut patriâ timidus perire.
Horat. *Lib.* 4. *Od.* 9.

Que infausta estrêlla, oh Sabios desditosos,
Dardeja, sem cessar as desventuras
Nos lidados disvêllos,
Dom que acclaráes o Mundo? (1)
Forjáes apenas na Palladia (2) fronte
Um ráio de Verdade; e des-cozendo
A crassa tréva, brilha
No subido hemisphério:

(1) Nous éclaire-t-on, on nous humilie. Porte-t-on la lumière au nid des petits hiboux, son éclat les importune; ils crient. Les hommes médiocres sont ces petits hiboux. Qu'on leur présente quelques idées claires et lumineuses, ils crieront qu'elles sont dangereuses, fausses et punissables.

Helvet. de l'Homme. *Tom.* 1. *Chapit.* 17. — Lisez encore le chap. 20 du même tome.

Triste et dangereux emploi de dire la vérité à ceux qui craignent qu'on dévoile l'erreur, et que l'on brise l'idole que l'ignorance révère.... sans égards aux intérêts des Grands, et aux systêmes politiques des ames ambitieuses.

L'Abbé Brisard

(2) São denominadas *Palladias* todas as Obras de Ingenho, e

Ao ver-lhe a Aurora, um vulgo de embusteiros
Que vivem de illusões accreditadas;
Que tem, c'um véo espesso,
Cobérta a vista aos Póvos;

Que tem nas mãos da atada venda as pontas
Cérrão os nós da tîmida cegueira;
A luz amaldiçôão
De mui clara, e nociva; (1)

Conspirão contra o Sól, que nasce; e irosos
Érguem contra o clarão manto de trévas;
Clamão que é falso — clamão
A Deos, aos Reis vinganças. (2)

« Môrra esse ousado: algêmas, e masmôrras
» Torturas, fógos présto se apparelhem. (3)
» É precîto quem fére
» A lucrosa Ignorancia. »

Incorrupto Verdier, o scéptro annûe
Aos vótos execrandos, mal-cuidoso

---

estudo, em razão de que Pallas, ou Minerva têve (na fábula) dominio nas sciencias, como Venus na fôrmosura, etc. etc.

(1) C'est une plaisante idée, qui a passé par la tête de quelques fanatiques de notre siècle, de crier sans cesse, que tous ceux qui ont quelque esprit ne sont pas chrétiens.

MERCIER. *Tabl. de Paris.*

(2) Néro foi o primeiro Imperador, que perseguio os Christãos, porque differião delle em opinião, sôbre pontos que Néro, nem elles podião radicalmente conhecer. E são Néros todos os que obrão como Néro, em materias que não são palpaveis. Se algum tem vontade de ser Néro, persiga, como elle.

(3) Il faudrait éclairer les hommes, le prêtre s'y oppose.

HELVET. *Tom.* 1. *Chap.* 10.

Dos bens que aos máis impéde,
Do abysmo, que a si funde.

Máis, que aos clamores d'um Faquîr iniquo,
O Rei se déve ao Sábio, que o doutrina.
Ao Céo cabe vingar-se
Com armas não-humanas. (1)

Inda hôje sôão, nos Alpinos valles, (2)
Mîseros écchos; inda alvejão óssos
Dos tristes, que (sem culpas)
Cortou sagrado férro.

Déve o que tem as rédeas do ginêtte
Cáuto encurtá-las, que se não desbóque;
E não malógre, cégo,
Da Arte as lições tradîas.

Nem cansa os Deoses General previsto,
No vivo da peleja; mas acóde
C'o prestante refôrço;
E inda melhor, c'o exemplo.

Quando dos sévos Aquilões sopradas
Do Bósphoro, a revolver-se, as ondas (3)
Coméção, espumando,
Os Céos se enlutão; — parte

De lado o tôrto lume, (4) que annuncîa

---

(1) Mil exemplos nos mostrão o Novo, e Velho Testamento.

(2) Lisez l'*Histoire des Persécutions religieuses.*

(3) N'estas palavras des-construidas, e como revôltas cuida o Poéta figurar o revolvimento das impellidas e desatinadas ondas. Os que dão louvor á poësîa imitativa, não censurarão o Autor de o ter emprendido.

A próxima tormenta ; os áres trémem
C'o estálo , c'o stampîdo
Da nuvem , que rebrama ;
Descorçoado acóde á vêrga , aos bórdos
O marinheiro , se o Piloto incauto
Deixando o léme , implora
Ajoelhado os Numes.

ODE

Nos dia de annos de Senhora D. F. G. X. de Souza.

— — il ciel pietoso
Mostrarla volle alfin al mondo ornata
Per mano delle Grazie.
Pignotti ombra di Pope.

Hôje , que é o fausto dia ,
Em que airosa festeja annos Amphrysa ,
Vem , oh Lyra ditosa
Accompanhar-me a vóz , em seus louvores.
Tu fôste sempre , oh Lyra ,
Quem com suaves sons aliviaste
Meus sentidos gravados
Com sêccos , fastiosissimos estudos :
Mittigaste a saudade
Do meu amor primeiro ; e a aguda flécha
De pungente amargura
Embotaste co' a tua melodîa.

Tu já cantaste alégre
As bréves dádivas da branda Venus,
As mui doces lembranças
Dos lédos dias, das mimosas noites.

Canta de Amphrysa agóra
Seus annos em viçosa Primavéra;
E a meiga vóz, que encanta
Que c'o encanto pleiteia da belleza.

Ella ao thrôno de Venus
Subio infante; as Graças, com disvéllo
Lhe alcançárão dos Numes
Prendas de Aspasia, e formosura de Hélena.

Que prazer não concebo,
Quando inclinando a face á minha face,
Lhe luz nos térnos ólhos
A, que no coração lhe lavra, amante chamma!

Ufano a sinto, e a admiro,
Dentro em mim mesmo absôrto considéro
Por que favor os Deoses
Dérão ao meu amor prémio tão alto.

Oh não emprendas, Lyra,
Descrever o que na alma sinto; és frouxa:
A' divina Callìope
Desempenhar o assumpto custarìa.

ODE.

Ibimus, ô socii comitesque,
— — — nunc vino pellite curas.
HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 7.

NUNCA eu cuidei, que piedoso o Tempo
Desviasse de mim a affiada fouce,
Tão longos annos; que a cerviz votada
A sévos infortunios
A' prolixa miseria, a infirmidades
Colhidas em tedioso Desamparo,
Escapasse ao seu gume, e que encetasse
Eu os quatorze lustros.
Quantos bebi venênos de amarguras
Das mãos de meu Destêrro calumnioso!
Vingados dévem star os ruîns Bonzos,
E a stûpida sequéla.
Vingados se não crêm; — que me não vîrão
Passeiar o Rocîo, com carocha,
Tisnar nas chammas, e chiar-me as carnes,
C'o fundido da enxundia.
Vingados se não crêm; — antes enráivão
Que amparado de mui fiéis Amigos,
Hôje, em vêz do Rocîo, dou passeios
Na França, que os assusta.
Em Parîs, — onde os raios se trabalhão
(Nas fórjas da prudente Liberdade)

Que hão-de abrazar masmôrras, e carrascos
Do infame Sancto-Officio.
Tempo virá (e Deos me outórgue vê-lo)
Em que os Clérigos tristes, despedidos
Da infernal Curia, côrrão apupados
Dos Réos, que encarceravão.
Arrazada essa Curia, esses segrêdos,
Lacerada a perfidia dos Cartorios,
Queimados os cordéis, os Cavallêtes,
E os ustensîs dos tratos,
Vêja o Pôvo enganado os rasgos vivos
Da gabada clemencia dos algôzes,
E a Doutrina de Christo sancta, e meiga
Por Néros insultada.
Vêja o Pôvo a vorage', onde ha tres séculos,
Se tem sumido o Ingenho; de quem trémem
Aleivosos Tartuffos — não lhes rásgue
As embusteiras máscaras.
Lá padeceo a pia formosura (1)
Que ao Páe, sem culpa, não trahio culpada. —
Martyrios máis studados lá soffrêrão,
Que os Mártyres máis mártyres,
Os que ousárão picar no vivo da alma
Esses Perillos, quando descobrîrão
Seus vicios, seus embustes, seu fingido
Falsario stratagêma —

---

(1) Uma donzella de 18 annos, linda como uma rosa, que por não accusar seu Páe, foi condemnada á queima; e que voltando-se (em S. Domingos) para a Raînha, que acodisse á sua innocencia, a Raînha encolheo os hombros, dando-lhe a entender, nesse gésto, que se não podia oppôr aos podêres dos Inquisidores.

Já não entonão féros as cervizes ,
Nem tyrannos se escórão tão sobêrbos
Na sancta Casa ; nem com queima ameação
Quem lê , quem os conhece.
Sim. — Que ólhão França , que ólhão cabisbáixos
Os Bispos , os Abbades , que esmagavão
Co' as douradas berlindas , e c'os urcos ,
Os Sabios baldos de ouro :
O'lhão zombadas Pastoráes ensôssas...
Quanto ás excomunhões.... Nem fumo dellas.
Que a san Philosophia , que enforcavão ,
Hôje os esbofetêa.
Lá lhes irá fazer largas visitas
Esta Luz , que d'aquî veloz caminha ,
C'os seus ráios , rompendo , destemidos
As barreiras do engano.
Irêmos , Mathevon , irêmos ambos
Dar parabens , aos Tristes , que se alegrão ,
Aos Bons , que por Messîas esperavão
Um Salvador das Gentes
Irêmos vêr as terras saudosas ,
E os Amigos , que lá , com dôr , deixámos ;
Que , com dó , lastimamos accurvados
Com fanático jugo.
Co' elles entoarêmos gratos Hymnos
A' grata renascida Liberdade ,
E com gôsto verêmos baixos , tôrvos
Os Náyres , os Faquires.

ODE

AO ILL^mo. SENHOR D. P. M. B.

A QUEM FÔRA DEDICADO O POÊMA VIRGINIDOS.

Quid referam unhadas, queis singula verba notantur,
Queisque cataneiant Lectores carmina quæque
Indocti dôctique simul!

ANT. DUARTIS FERRONIS QUEIXUMINA.

DUAS vezes cantada,
Já séria, (1) já burlesca (2);
Agóra em trajo estranho, (3)
Sáhe a nóva Donzella aventureira.

A Malandrins follões, (4)
Des-comunháes Gigantes, (5)
A máos Encantadores (6)
Vai, na jornada, expósta a Dolorida.

(1) Por Chapelain.
(2) Por Voltaire.
(3) Por Agostinho Soares de Vilhena e Sylva.
(4) Crîticos desalmados.
(5) Nayres devotos.
(6) Inquisidores.

Por descampados êrmos,
Por hórridas florestas,
Sózinha, sem soccôrro,
Verá sua honra, a cada passo, em transe.

Oh Tu, de Orphãas amparo, (1)
Arrimo de Viûvas, (2)
Desfazedor de tórtos (3)
Sê da cuitada (4) Dama Cavalleiro:

Tóma a nodosa lança,
E o élmo de Mambrino; (5)
Seja o fiél Dam...
Em nôvo *ruço*, novo Sancho Pança.

Da viril (6) Dulcinéa
Barbi-louro (7) Quixóte,
No possante *Corujo*, (8)
Faze lembrar o antigo Rossinante

---

(1) Muita gente sabe como o Illmo. Senhor D. P. M. B. amparou do vento a Orphãa** a Orphãa** etc. etc.

(2) Tambem é sabido o como elle arrimava as Viûvas.

(3) O *como*, fica em segredo.

(4) Bem conhecido pelos seus feitos é o Illmo. Heróe a quem foi dedicada a Ode.

(5) É notorio, que o verdadeiro élmo de Mambrino o possuío Giraldo sem-pavor, e que por legîtima descendencia andou sempre na casa de ***, e que, entre outras péças máis, o dérão em dóte á Mãe do nosso Illmo.

(6) Pela régra de Géneros do Cartapacio do P. Manoel Alvares, que diz — Mascula censentur specie depicta *virili*.

(7) De várias experiencias que Académicos Chymicos e Physiologicos fizérão, está assentado que a barba do meu Illmo. Heróe não é das prêtas.

(8) Nome de certo mácho, que levava as lampas na corrida.

E faze que conféssem
Os Andantes máis guápos
Humilde vassallagem
Ao virgo intacto da sem-par Donzélla.

ODE.

Cervi, luporum præda rapacium,
Sectamur ultro, quos opimus
Fallere et effugere est triumphus.
HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 4.

QUE desastres que eu vi! Que desacêrtos
Nos treze lustros da cansada vida!
Os homens menos tino tem que os brutos,
No que é de são proveito.

Debalde a Experiencia de mil annos
Em bronze lhes escréve, em mármor duro
Os êrros dos Maióres: elles loucos
Vólvem do bronze a vista.

Tinctos de sangue frêsco se avermelhão
Alcantîs de precîpite Riqueza;
Os que céga a Ambição vérgão sem mêdo
Na quina do despenho.

Inda de A'frica um Juba, (1) inda de Grécia

(1) Leião a História Romana; por quanto fôra mui longo explicar-lho.

Um Persêo, os grilhões nas mãos sopésão
(Deshonra de Sob'ranos !) inda ráivão
Das váias do triumpho. (1)

Inda hontem tantos Reis ajoelhados
Pedindo paz a insólitos Burguezes, (2)
Não são Lições que cálem nos juîzos
De improvidos Monarchas.

Que Pyrrho, nem que Antiôcho podérão
Destroçar a Républica de Bruto?
Um, com todo o saber da Arte guerreira,
Outro c'o poder da Asia!

E sois máis sabios vós, (3) máis poderosos?
Vós Reis de pouca terra, e de pouca Arte!
Que ousáes luttar (vencidos tantas vêzes)
C'os répûblicos Francos?

Nem sois vós quem luttáes: lutta arquejando
Contra a Razão robusta o vão Orgulho;
Luttão fogueiras, cárceres, verdugos
Contra fôrros Escravos.

Quando estenda a Répûblica dous braços;
Um que abarque Vienna, outro Bengala,
Onde ireis esconder-vos? Que Pitts astutos
Vos salvarão os thrônos?

---

(1) Em Justo Lypsio, e em Rosino entenderão o que as vaias erão.

(2) Les 5 Directeurs.

ODE.

— — — meæ, (si quid loquar audiendum)
Vocis accedet bona pars : et ô sol
Pulcher, ô laudande, canam,
HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 2.

VEM, Dia fausto ! Dia o máis formôso
Que Apollo trouxe no vermelho carro,
A allumiar os homens generosos,
Nas despóticas sombras.

Vem, Dia alégre ! Tu lhe abriste a senda,
Que d'entre as brenhas vîs do captiveiro
Guia aos campos aprîcos, onde a brados
Os chama a Liberdade.

Cahio por terra derrocada a Rócha,
A Cavérna de Cáco (1) máis sumida ;
A furna dos antropóphagos Cyclópes
Estalou nas entranhas.

Essa Sphynge sacerdotal, que enigmas
Propunha aos Póvos, acertou em França
C'o Edîpo, que os soltou ; que lhe deo mórte,
Pelos Bons desejada.

Onde córre em tropél tanta Nobreza (2)

(1) A Bastilha.
(2) Os Emigrantes.

Ajoujada de Títulos, de Cruzes?.....
Cansados ares trôão com vinganças,
Que arquêjão de impotentes.

Tu, feliz Dia, lhe cortaste o braço,
Quando o dos Cidadãos desalgemaste;
E a Bastilha, a teus ólhos devassada,
Lhe affracou os impulsos.

Eis-vos zombados, fugitivos, póbres!
Zombada a ráiva dos astutos Bonzos!
As Honras, o Interêsse em vão clamados,
Em grande affan perdidos.

Oh Dia de prodigios? Tu rompeste
Do alicerse Répûblico o alto rêgo, (1)
Que o Déz de Agosto encheo; Fleurûs, com glória
Carregou de columnas.

Vem, fausto Dia! vê sobêrbo o Templo
Tremolar os pendões, que B*** *** (2)
Consagrou ao Valor. Vê dentro em thrôno
Pousada, a Liberdade;

E em róda da cimalha, a Musa Clio
Que, (como a um Nume) o insculpe, debruçando,
Do carro da Victoria, alma Oliveira,
Sôbre humildes Monarchas.

---

(1) Costumavão os Romanos designar o sîtio dos edificandos muros das Cidades, lavrando com um arado a linha dos alicerses.

(2) Et quid tuæ non perficient manus
Quas et tremendo Gallia fulmine
Armavit et curæ sagaces
Expediunt per acuta belli?

ANT. MATH. DE CURNIEU.

ODE

AO SENHOR AGOSTINHO ROUTIEZ (1),

Que me criminava de perguiçoso em escrever.

Doctor argutæ fidicen Thaliæ,
Phœbe, qui Xantho lavis amne crines:
Lysiæ defende decus Camenæ.
Levis Agyeu. —HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 6.

AQUÎ d'El Rei! A mim, a mim é que ousão
Arguîr de perguiça! E quem me argûe?
Um mandrião Romano, que em dous annos,
Nem me assinou seu nome.

Acodi, Musas: vem, Apollo; acóde
Pelo crédito, e brio de Filinto,
Assim manchados com labéo injusto
Pelo Réo máis culpado.

Trazei por meus authênticos abonos
Quatro cantos de Silio (2) traduzidos,

(1) Que apprendeo comigo a lingua Portugueza, e deo impressas traduzidas em Francez as duas Odes — *Assim deixou de Créta as cem cidades etc.*, e a outra — *Não tinha em ondas de ouro desparzidos etc.*

(2) Silio Itálico Poêma da segunda Guerra Pûnica.

E a Cópia de Camões (1) limpa das nódoas
Dos ignorantes prélos.

Trazei (bem que encolhidos de vergonha)
Arremêdos de Horacio (2) mórte-côres :
Não de ânimo escassez , mas sim de ingenho ,
Lhe accobardou os rasgos.

Inda podereis , graciosas Musas ,
Dar-lhe máis volumoso testemunho ,
Se aos métros lhe encostásseis cértas prósas
De entretida amizade. (3)

Clio trará , por cérto , Obra máis digna ;
A Traducção de Osório , que illustrára
O sec'lo de Manoel , e os nóbres feitos
Dos fortes Portuguezes.

Fôra alta injúria , se por meu desfôrro ,
Vos péço , que mostreis a papelada
De charro-diplomático hieroglyfico ; (4)
Enfastiosas lidas !

Que assaz desáirão vossas mãos divinas
Farragens de torcidos embelêcos ;
Nem entre Deosas de Artes , de Sciencias ,
Uma ha para maranhas.

---

(1) Manuscripto rarissimo de Camões copiado na Haya por inteiro.

(2) Quatro volumes de vérsos meus.

(3) Cartas missivas.

(4) Tem dente de coêlho este vérso.

ODE

Aos annos da Senhora D. Maria Antoinetta Dittmer.

Puissiez-vous, Papa, Maman, Enfans,
Pousser votre carrière au-delà de vingt lustres.
Mlle. Poulain *de Nogent.*

Vem, minha Clio, vem; que inda que vélho
Alguma vêz, com teu formôso rôsto,
Me amenisas, e c'o teu sôpro á mente
Dás auras do Parnasso.

Ah! que não deo Apollo aos homens todos
Ter commercio co' as Musas; — dignou poucos
Do dom Sob'rano de exprimir ás gentes
Oo segrêdos dos Numes.

Juno, em collóquio (1) c'o supremo Jóve,
Lhe dizia: « A Antoinetta qual destinas
» Grato mimo, no dia de seus annos? »
Eis Júpiter, lançando

A vista divinal ao Livro escuro
Dos Fados, decifrou assim as notas

(1) Collóquio de Juno com seu marido não semelha os collóquios das Cuzinheiras com os Lacáios seus amantes. Este collóquio aqui arreméda o — *Gratum elocuta consiliantibus Junone divis* de Horacio, *na Ode* 3ª. *do Livro* 3º.

Do Futuro: Antoinetta é venturosa
— C'os filhos, c'o marido,
— C'os irmãos; — e será (se ella o desêja)
— Máis ditôsa, quando ouça, quando cumpra
— De seu honrado Páe os sãos consêlhos,
— Com tanto amor dictados.

ODE

Ao Illmo. e Exmo. Senhor D. Jozé Maria de Souza e Portugal, Embaixador do Princepe Regente á Côrte de França.

Cose tai, che il gran numer degli sciochi
Sopra qualunque pregio ammira e loda,
l'Abbate Casti. *Cant. 2°. degli animali parlanti.*

Correios — máis Correios — vem sem cabo
Dar lida, e escripta ao meu Jozé Maria;
Appoquentar-lhe a mágra paciencia,
Com fósmeas diplomáticas.

Triste Officio! desconsoladas honras!
Se as não aliviassem as mezadas,
Co'as válem-tudo lúcidas carinhas,
Que o Brazil desentranha!

Triste Officio! (bem disse) e oh quem m'o déra!
Que ainda que indouto em Máximas de Estado,

Escreveria tanto, ou máis que uns cértos,
Por métade do custo.

Oh mal hajão Correios, que lhe tirão
O tempo da visita promettida,
Com que anceio abysmar de Embaixadores
A relé do meu bairro. (1)

ODE.

Ao meu Amigo Antonio MATHEVON de Curnieu (1).

Quelques-uns prirent le cochon
De ce bon saint Antoine,
Et lui mettant un capuchon
Ils en firent un moine;
Il n'en coûta que la façon, etc. etc.

Meu ricco sancto Antão, no vosso dia,
Dia de gála, e beijamão no Empyreo,
Dai-me com que brindar um bom Amigo,
Amigo de trinta annos

(1) No dia de sancto Antão, em que toda a sua familia o festejava.

(2) Cada vêz que os meus vizinhos vião á minha pórta sége, ou côche de espavento acodião estes á rua, e as mulheres ás janellas; e tinhão a curiosidade de perguntar aos criados de que amo erão; e para quem era a visita.

Hôje, que a vossos frades dáes banquête,
Mandai um Anjo, que me traga um prato
De Celeste manjar, um papo de Anjo,
Ou bôlo da Esperança.

Se vos acháes de geito a fazer mimos,
Regalai-me c'um páio, ou c'um prezunto
Do vosso Companheiro, (1) defumado
Nas cheminés celestes.

Outros Vates invóquem Phébo, e Musas,
Com Pindáricos vôos se remontem,
Que eu venho a pé pedir-vos graça, e metto
Por pedreira o Porquinho.

Se m'o dáes, vou-me lógo rebolindo
Jantar com Mathevon, e dar-lhe um náco,
Que o regale, regale a Filha, e o Néto
Com cousinha do Céo.

---

(1) Nunca os Francezes pintão, ou estampão Sto. Antão, sem lhe pôrem o porquinho á ilharga.

ODE

AO SENHOR FRANCISCO XAVIER DA FONSECA.

— — — — — — — — — Liberius si
Dixero quid, si forte jocosius, hoc mihi juris
Cum venia dabis. — HORAT. *Lib.* 1. *Satyr* 4.

Em quanto gózas da áurea Mocidade,
E o Tempo emprégas, com proveito e gôsto
Em lidas Mathemáticas, e Chymicas,
Morîgero Fonseca;

Em quanto apuras Portuguezas fallas,
Bebidas nos bons Clássicos, e zombas,
Dos néscios Lusos, que Francêz empurrão
Pelas pórtas da Elysia:

Filinto, já quebrado de seus brios,
Apenas ri de compaixão, quando ouve,
Ou vê em táes escriptos, ou táes fallas,
Laivos de francezismo. (1)

(1) Ouvi Francêlhos em Portugal, e li os livros, em que elles bastardeávão a lingua Portugueza, enxertando Pepinos de S. Gregório em Melões de Benavente; e disse comigo: » Mui baldos de lição Clássica andão estes Tarêlos. Ouvi certo fidalgo de meia tigéla dizer — *affróso*: tal nome não o achou elle nos pergaminhos surrados de seus avoengos, unica leitura d'esses soberboẽs. Cérto Espantalho legatorio arrotava *Egidio*, *Massacrar*. Ai quem

Néscios ! e muito néscios ! Que cuidando
Que alardeião sciencia d'outra lingua ,
Mostrão póbre nudez da lingua propria ,
Que cóbrem com farrápos.

Pois outros (cá se sábe) que gaguêjão
Francêz , nas Lisbonenses Assembléas !.... (1)
Inda máis néscios ! — Que Francêz só o sábe
Quem bem o estuda em França.

---

me apérta c'um colchão esta cabêça ! Ouvem táes necedades os Portuguezes, e não os córrem com vàias ? Oh que feliz que sou, em me vêr longe de quem falla tão mal a sua lingua! se os Médicos da Academia Real (fallo de alguns socios della, como Antonio Ribeiro dos Sanctos, Jozé Corrêa de Serra, etc. etc.) não curão com remedios académicos (melhor fôra com piparótes) esta sárna, que tanto tem lavrado; pouca vontade me vem de os ir lá ouvir. Creio que nos não entenderiamos. Gabo-lhes o descôco.

Supponhâmos o caso, que o Senhor Schegel, com quem fallei aquî em Parîs, ou outro Allemão tão erudito como *elle* que, como Schegel, saîba Camoẽs de cór, e que tenha folheádo muitos Clássicos nossos, vai a Lisboa, e que em razão de boas Cartas de recommendação que léva, entra nas máis guápas assembléas: daquî, d'alêm ouve fallar Tarêios, e Tarêlas. — Põe o ouvido á escuta, para colhêr a lingua Lusa, que apprendêra, e não a encontra. Ei-lo fóra do rumo. Esgaravata as orêlhas, para aguçar as ouças, e ouve *ressórtes*, *ressurças*, e o tal *affroso*, e ainda fica máis aéreo. Vira-se (parece-me que o estou vendo) vira-se para o Negociante Allemão, que o introduzîra naquella senzála, e pergunta-lhe que mixtiforio é aquelle! Ora meus Francêlhos, fação-me mercê de me adivinharem quê resposta lhe darîa o seu Introductor; ou qual serîa a de Vmm. em caso similhante ? E. R. M.

(1) Que direi da nova móda, que (ao que me dizem) vai grassando de fallarem em Francêz, os Portuguezes nas suas Assembléas ? Direi que não sabem Francêz, nem Portuguez. Direi que é bem feliz quem tal não ouve. Direi que nada perde quem

Nem quem mal soletrou Francêz c'um birba
Cabelleiro, que usurpou capêllo
De Doutor, em *Francéz*.... E assim na Elysia
Alguns se doutorárão!

EPODO VII DE HORACIO.

ONDE ides de tropél? onde, malvados?
A que é tanto preparo
De acicalados ferros, para as dextras?
Acháes escasso o sangue
Latino desparzido pelos campos
Por pégos de Néptúno?
Oh! que não é, por que os Romãos abrazem
Os bastiões sobêrbos
De Carthago a rival; nem porque dêsção
Os Britannos intactos

---

nellas não apparece. Esses, que tal Francêz gaguêjão; fallassem elles Mouro, ou Tapûia, bem cérto estou, que o que elles dizem, não merece ser escripto, nem lembrado. Ora eu bem de assento estou que nenhum homem de juîzo segue similhante móda, mas sómente os Tarêlos, e as Tarêlas; como por móda cortão o cabêllo á *la Titus*. E na verdade que módas táes requérem tanto o desprezo dos sizudos, como em 1778 grangeárão risadas os córnos do toucado de certas Inglezas, que estavão vendo a Procissão de certas sacadas da Praça dos leilões.

Envergonhai-vos, ridiculos francêlhos! Qual homem cordato,

Pela sagrada via maniatados.
Mas sim, porque esta Roma
A's suas proprias mãos, em fim, pereça;
Como os Parthos o anhelão.
Nem Lôbos, nem Leões tal nunca usárão,
Senão com casta estranha.
Impelle-vos talvez insania céga,
Ou fôrça máis possante,
Ou culpas? Respondei. — Mas emmudecem;
A pállida brancura
Lhe infia o rôsto, e assombra a alma atterrada.
Sim; que os Fados acérbos
E a mórte, que o Irmão a Remo déra
Atribulão agóra
Os Romanos; e assim como o seu sangue
Innocente corrêra,
Córre agora o dos Nétos, pela terra
Em maldição daquelle.

---

fallou (sem precisão) na sua patria, lingua estrangeira? Apprendei bem a vossa; fallai-a com pureza, com elegancia; e sereis louvados dos vossos e dos estranhos. Que quereis que diga um Francêz, que vos ouve commetter tantos erros, quantas são as phrases, que vomitáes, n'uma lingua, que não apprendestes de nascença, nem na terra mesma em que ella é natural! Cujas allusões não conheceis, cuja fôrça, cuja applicação de termos com propriedade é tão difficil, ainda aos Francezes.

ODE.

— — Nec civis erat, qui libera posset
Verba animi proferre, et vitam inipendere vero.
JUVENAL. *Satyr.* 4. *Vers.* 90.

QUATRO lustros, com duas Primavéras
Vi já cahir na escura eternidade,
Dês-que os Lares deixei, na amada Pátria,
E da Amizade o seio.

Ficái, frades; ficái, Conselho iniquo,
Onde é Réo, onde ás chammas é lançado
O Sábio, que incorreo no enorme crime
De lésa-fradaria.

Tão saudoso da Pátria sou, quão lédo,
De não ver balandráos, não ver cercilios;
Nem sórdido Capucho, que me empurre
A manga, que lh'a beije.

Nem me venha, com insolencia humilde
Pedir, para o sepulchro, ingrata esmóla,
Que em direitura vá parar á noite
Em mãos d'uma michélla.

D'há longos annos, te posérão jugo,
Portugal féro, na cerviz indócil,
D'uns os sophismas, e óra os brazões d'outros,
Já Bonzos, e já Náyres.

Porque não sacodîs , valentes Lusos ,
Dos usurpados póstos eminentes ,
Ignaros , Soberbões báldos de mérito
Que vos vem com desprezo.

São vossas as Virtudes , os Talentos ,
A quem sós cábe a glória , o prémio , o mando.
Que elles vão co' a vangloria , e pergaminhos
Viver lá c'os Tarquinios.

Ponde os ólhos na França. Quão briosa
Derribou os altares orgulhosos ,
Espantalhos erguidos por matreiros ,
Para lôgro de néscios.

A si , que não aos Îdolos , os Bonzos
Buscárão cultos : mira em si posérão ,
Alcançar , nos Pagódes bem-rendados ,
Senhorîos , Podêres.

Que feliz fôra a Pátria ! (e eu com ella)
Se , varrido esse lixo de ruîns Nayres ,
E purgada esse escória dos Pagódes
Fôsse sádîa , e nédia.

ODE.

Ab homine homini quotidianum periculum....
Homini perdere hominem libet.
SENEC. *Epist.* 103.

QUE não acabão desastrosos dias !
Affastando das Leis da Natureza ,
Os que ella , com amor , e com brandura
Criára em seu regaço !

Vimos o homem clamar : —*São meus os Campos ,*
Que a meu Irmão tomei , co' a espada em punho , —
E rejeitar das abastadas pórtas
Os famintos sobrinhos ; (1)

E , em despeito do Nume omnipotente ,
Que o Céo de astros vestio , o chão de flores ,
Ante pédras , metáes ajoelhar-se. ..
(Desmesurada insania !)

« Decepar c'o Sacerdotal cutello
» Tenras gargantas pódes ? — A um Deos brando ,
» Que a sacrificios táes dando de rôsto ,
» Fóge , agastado , de ira ? »

(1) — — pellitur paternos
In sinu ferens Deos
Et uxor et vir, sordidosque natos.
HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 18.

Eu vi homens devótos, de alto sangue:
Vi esses, que assoalhavão *caridade*,
Juntar a lenha (1) para a atróz fogueira
Do invejado Filinto (2).

Vi lançar a seus bens do Fisco a rêde;
E em vingança de haver-lhes escapado,
Com névoas de calúmnias empanar-lhe
O crédito lustroso.

Oh cégo, interesseiro Fanatismo!
Quando verei teus fachos apagados,
E a dextra da Verdade lançar no O'rco
O teu punhal sanguento?

Vem, vem, Solar Verdade: — ás róseas pórtas
Te espérão Philosóphicos Disvéllos;
Já para o thrôno te prepara a estrada
Apurada Leitura.

Os Reis (a pezar seu) lições máis rectas
Tem de beber da fonte, que hôje mana
De erguida rócha, onde se assenta em França
Briosa a Liberdade.

Cérra, oh Musa, no peito impaciente
Intrépidos bolhões de árduas Verdades;
Que inda não é maduro para ouvî-las
O negligente Pôvo.

---

(1) Bem vale *juntar a lenha* o ir amontoar calumniosas denuncias, que havião de parir a sentença da queima.

(2) La Religion est le voile dont les diffamateurs se couvrent aujourd'hui, pour perdre les hommes qui peuvent éclairer les autres. PHYS. DE VAUT. *Tom.* 4.

Le manteau de la Religion a toujours caché le poignard des

ODE

Ao Nascimento do Delphim de França.

Ultima Cumæi venit jam carminis ætas.
Magnus ab integro sæclorum nascitur ordo,
Jam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna;
Jam nova progenies cœlo demittitur alto. (1)
Virgil. *Eclog.*

Qual brando Orvalho, na manhãa serena,
Vem consolar a Terra sequiosa;
E abrilhantando as folhas com aljôfar,
Desempoeira os prados;
Ou qual, de árvore bella, bello pômo,
Dá prazer ao faminto Caminhante,
E a mão tentando, que a colhê-lo sóbe;
Cortêz se lhe debruça;

fourbes et des bigots. Souvenez-vous des Ravaillacs, des Jacques Clément, et dernièrement des Jésuites de Portugal. Volt.

Quand les Prêtres, et leur séquelle veulent perdre un homme de lettres, ils commencent par insinuer dans l'esprit des sots qu'il sent mal de la Religion, préparant ainsi la voie au titre d'athée.
Roub. *Lib.* 1. *Chapitre* 4.

(1) Parece que adivinhei, quando appliquei ao Delphim, por epigraphe, os mesmos versos, que Virgilio cantava ao filho de Asinio Pollião; fomos tão máos prophétas, um como outro. O Delphim a quem prometti tão bellas cousas, morreo criança antes de as ver cumpridas; como o filho de Pollião nada vio de tama-

Assim, Delphim, á França alvoroçada
Desceste; de alma nuvem grato Orvalho,
E da hástea de altos Lyrios, flor mui bella,
Brotaste appetecido.

Nasces entre Canhões, (1) e Luminarias,
Do teu lustre, e do teu estrondo emblêmas.
Vinho a rôdo, (2) Chouriços, Putas sôltas,
Não é sem grão mysterio.

---

nhas prophecias Virgilianas. O cérto é que Owen tinha razão, quando fallando dos Poétas, e dos Prophetas, disse pouco máis ou menos — Illi de rebus dicere vera futuris; isti de preteritis dicere falsa solent.

De Paris, le 6 Novembre.

Le 28 du mois dernier, au matin, le Parlement de Paris, la Chambre des Comptes, la Cour des Aides, la Cour des Monnaies et le Corps de Ville de Paris, conduits par M. de Nanteuil, et M. de Vatronville, Maître et Aide des Cérémonies, présentés par M. Amelot, secrétaire d'État, ayant le département de Paris; furent admis à l'audience du Roi et le complimentèrent sur la naissance de Monseigneur le Dauphin. Les Chefs de ces Compagnies portèrent la parole. Elles eurent ensuite *l'honneur de complimenter* Monseigneur le Dauphin. L'après-midi le grand Conseil, l'Université, l'Académie Française, furent conduits de la même manière et présentés au Roi, et ensuite à Monseigneur le Dauphin. *Mercure de France.*

(1) Canhões de 24 libras de bálla, e não canhões de casaca. São tão importantes estas materias, que toda a explicação é necessaria.

(2) Costume antigo de França, nas féstas de arromba, he pôr tonéis de vinho nas Praças, arremessar de varios tabernáculos queijinhos quadrados, que chamão de *marolles*, chouricinhos que chamão *cérvelas*, pãezinhos de vintêm, ao vulgacho, que ahi se ajunta em tão cerrada balburdia, que abafão de apêrto. Ora nesse anno, para augmentar o festejo dérão soltura ás máis bréjeiráes marafonas, que toldadas de vinho, convidavão da-

Já pelas ruas crésce o fervedouro
Das bêstas de dous pés, (Pôvo malvado)
Que ao tinnir dos escudos (1) desparzidos
Desfêcha em algazarra.

Já rebentão as vias de Versalhes,
C'os lisonjeiros côches; gôrdos Urcos
Tirão grandes fidalgos, donáirissimas
Damas de alto calibre.

Póbres *fiacres* (2) arrastão máis ronceiros
(A pezar de incessantes chicotadas)
Mesquinhos frades, clérigos tumbeiros,
E á pé póbres versistas.

Ouvirás co' as insólitas orêlhas
Académico-flóridos discursos,
Latinos comprimentos da Sorbonna, (3)

---

graça, ou quando muito por um copinho de agua-ardente, a seu conchêgo a máis gáfa marotagem. Todos esses desafôros permittia a Policia no público regozijo. Era um desatino, e um azoamento universal nas Praças, e pelas ruas. A gente honrada não podia dormir; tantos erão os disturbios, e a algazarra, que vinha accompanhada com os ladridos dos cães, e com o estrondo dos foguêtes.

(1) Sahio o Duque de Cossé, Governador de Parîs, com toda a sua comitiva a cavallo, a quem deo ordem de arremessar alguns mil cruzados ás manchêas.

(2) Carruágens tão pifias como as nossas más alugatrizes.

(2) Mais si jamais on vit un spectacle indécent, odieux, risible, c'est un corps de Magistrats, le Chef à la tête, en habit de cérémonie, prosternés devant un enfant en maillot qu'ils haranguent en termes pompeux, et qui crie, et qui bave pour toute réponse.

ROUSSEAU *dans l'Emile, livre premier.*

Marchetados de phrases. (1)

Tens muito que aturar. Os grandes nomes
De César, d'Alexandre, e Carlos-magno
Te hão-de embutir. Dá graças a Deos summo,
Que mammas, ou que dórmes.

Vermelho (2) ira prégar-te um Arcebispo
A defensão da combalida Igreja:
Não percas uma syllaba (te clama)
Da interesseira falla:

Nem, faltando ao respeito vingativo (3)
De impertigados Bonzos.... Ah não ouses
Chorar feio, peidar desentoado,
Nem borrar nos cueiros.

---

(1) Que se póde dizer a uma criança nascida de hontem, se não phrases, ou palavras embrulhadas em papéis? (como diz o Govêrno do Mundo em sêcco.

(2) Com effeito M. de Beaumont tinha a cara muito avinhada.

(3) Muita gente, que não põe antólhos á Razão, sábe quão vingativos são os Bonzos etc. etc. etc.

Não necessito apontar exemplos; cheias estão as Historias; sem contar os exemplos que os Historiadores callárão de medrosos. Ora de vinganças modernas de Bonzos, qual é a familia, que não póde contar máis de dous ou tres. Um clérigo conheço eu muito, que por dar um pontapé n'um barrete d'um Cura, esteve (por muito favor) só dous mezes e meio no Aljube.

Tantas iras em animos devótos!

HYMNO

Com pretenções de sequencia.

Dia alégre e folgazão !
Que a Raînha , um Rapagão (1)
Nos deitou de trambolhão.

Do ventre , como outro Jónas ,
Sahîo , fazendo gaifônas
A's mesuradas Matronas. (2)

Mas de Jónas foi o avêsso ;
Que sahîo detráz do sêsso ,
Por onde entrára travêsso.

Sinos , tiros , Luminarias ,
Foguêttes de fórmas várias ,
Fôrão féstas necessarias.

Sôltas , por mór fésta , as Putas
Dérão dansa em suas grutas
De mil cadilhos hirsutas.

E foi máis novo o festejo ,

(1) Parîo a Raînha (diz a Gazêtta) um Delphim , que pesou 13 arrateis , e tem 22 pollegadas de comprido.

(2) Damas d'honor , Açafatas , e máis Rascôas.

Por que dérão , neste ensejo ,
Todas , de graça , o badejo. (1)

Chóvem chouriços nas Praças ,
Saltão mochachins , caraças ,
Que o ventre enchem de vinhaças.

A's manchêas o dinheiro
Sáhe do Regio mealheiro ,
Para o pôvo piolheiro.

Férvem couces , férvem murros (2)
Das patas de humanos burros ,
Entre alaridos , e zurros.

Tudo concorre a Palacio ;
Vai Galêno , (3) e vai Cujacio ,
Co' a lisonja em Cartapacio. (4)

Vão longos , (5) e curtos Nóbres ,
Vão sábios , riccos , e póbres
Vão em sége os que tem cóbres.

---

(1) É verdade pura , e não ficção Poética.

(2) Quando se espalha o dinheiro ao pôvo , andão certos Arganazes á lérta , e arremessão-se , como milhafres a apanhá-lo. Eu vi um dos táes rasgar o lenço do pescôço a uma rapariga , em cujo seio (por desgraça sua) tinha cahido um escudo de 6 francos, metter-lhe entre as mammas a mão até o embigo, para desencantar de lá o dinheiro.

(3) Vai a Universidade com os Doutores das 4 Faculdades.

(4) Lévão em pásta os flóridos discursos , que hão-de espanejar á criança.

(5) Chamo *longos* aos máis graûdos , em razão das longas listas genealógicas , que *basofeando fóro* desenrolão ; e curtos , aos pelões , que nóbres de dous dias não tem tão estirados pergaminhos.

Por seu pé, que de carne é
Vai toda a baixa relé,
A quem Deos não fez mercê.

Vão correndo mui gáiteiras
Réfestelladas peixeiras
Bem providas de algibeiras. (1)

Com doutas Latinidades
Fallão Universidades
Das conquistas das Cidades.

De Alexandres, e Romanos,
Que fôrão, ha muitos annos,
Quinta essencia dos humanos,

Que ensinárão toda a gente
D'Oriente, ao Occidente,
A fallar Latim corrente.

O Arcebispo da Matriz,
De estóla e sobrepelliz
Da Igreja altas cousas diz.

Diz, que importa correcção,
Nesta herética opinião,
Se querêmos salvação.

Delphim, salva essas perrucas
Que affagão as sábias nucas,

---

(1) Depois que ás táes regateiras fazião certo comprimento de boa laia, mandava El Rei dar-lhes um beberête, n'uma sala baixa do Palacio de Versalhes, onde ellas, depois de bem comerem á tripa fôrra, e beberem melhor ainda, ensacavão os restos em mui amplas algibeiras, feitas de propósito para essa função.

Do fanatismo baiûcas.

Para glória das Nações,
Bébe as doutas instrucções
Dos chapados Sabichões,

Guarda as lições na memoria,
E terás aquî victoria,
E no fim eterna gloria.

Prostrados os humildes Portuguezes diante da Augustissima Desgravidação, supplicão mui venerabundos a mercê de beijar as devotas Reliquias della, com aquelle respeito, e obediencia, de que tem os Supplicantes dado tão abonadas demonstrações, em todas as festividades de mui panegyricada Gravidação.

CANTICO

De alvîçaras, e juntamente de Parabens

Ao Senhor Felix Antonio Gerigôto,

Presumido Rei de Albania, Académico das Necessidades, e Gazetteiro afrancezado, e mixtifório da Côrte de etc. etc. etc.

A lingua da Gazêtta, que não céssa
De badalar na Europa, ha sette mezes.
— *Gravidação, Gravidação augusta,* —
Des-badalará préstes:

Porque ao des-gravidar-se a Serenissima
(Para bem dos Vassallos venturosos)
A Secundina (1) Augusta empapa a lingua
Do Augusto Gazetteiro.

ODE.

Non ego hoc ferrem calidus juventa.
HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 14.

NUNCA tal vîrão Grêgos, nem Romanos,
Nem Moysés, (2) védor-mór, corni-luzente;
Nem tal o vio, na feiticeira Cólchos
Jason, taful de Espôsas. (3)

Quatro mezes! — Quáes tardas Tartarugas,
Gastar na ronceirissima jornada

(1) Devia o Poéta (fallando Chirurgicamente) dizer *secundinas*; mais as leis do verso o obrigárão a faltar ás da Grammática. Lambinos, e Scaligeros haverîa ahi, que accarretassem mui eruditas citações para desculpa d'este erro; mas eu não quéro ser Lambino, nem Scaligero. Já lá chamou Camões donzélla a D. Inez de Castro, que era Mãe de filhos: que era engano máis relevante que o meu.

(2) Não se admirêm de vêr tanto Moysés nas minhas Odes. Estive 5 annos em Hollanda, e não tinha com quem fallar, senão com Judeos Portuguezes; porque da lingua Hollandeza, ainda que alli vivesse 100 annos, nem palavra.

(3) Haja vista a Hypsipile, Medéa, Creusa, e talvêz outras de que nos não dérão parte as Historias.

Da Hollanda até Parîs, dous arrastados
Bahûs d'um póbre Vate! ! !

Onde estás, Padre Apollo? Onde estáes, Musas?
Onde as Horas, e rápidos Ethontes,
Que não tomáes no carro auri-flammante
A mélica fardagem? (1)

Como nos poude armar teu filho Homéro
Tripéças, que — redondas, que — sizudas
Tão pelo seu pé, pôr-se de fila,
No sîtio assinalado?

E tu, Phébo, que lhe dictaste a Ilîada; (2)
Que és Deos; — que tens podêr de andar á róda, (3)
Ou de fazer andar; (4) me não pões ródas
Nos meus Bahûs, — e que andem?

Fôste dos Vates Páe; hôje és Padrasto,
A quem não lembrão filhos; como agóra
Não lembra ao B*** o argél de.....
Põe tranca á lingua, oh Musa.

---

(1) Fatiota Poética.

(2) Allude a um epigramma da anthologia, que Boileau traduzio.

(3) Segundo o Systêma de Ptolomeo,

(4) Segundo o Systêma de Copérnico.

ODE

AD SODALES.

—— Cras foliis nemus
Multis et alga litius inutili
Demissa tempestas ab Euro
Sternet; aquæ nisi fallit augur
Annosa cornix.
— HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 17.

JA' os frios vem ; e as névos não nos falhão :
Curtos os Dias , Noites estivadas
Fêchão campo ao Passeio , e as pórtas abrem
A abhorridos Enójos.

Com mão de chumbo a ruîn Melancolîa
Vem tomar pósse do arrédîo peito ,
Que se deo fólga na áurea Primavéra ,
No fructîfero Outono.

Lá jazem pelos Bairros fortunados
Da gaudiósa Parîs , as Assembléas ,
Theátros , onde os Jócos , onde os Risos
Dansão co' a linda Venus.

Lá , sem sentî-lo , passa bréve o Hynvérno ,
E apponta a Primavéra , quando apenas
As bellas Damas , os Mancêbos guápos
Sahir do Outono cuidão.

Quando eu cá, na Thebáida, me consumo
De saudades de retardões Amigos;
Que, divertidos, cuidão de relance
No triste Anachorêta.

Um, que vir prometteo, cóme a proméssa; (1)
Outro, que ha-de mandar Pennas, (2) Poêma
Dos Martyres, e Sólfas promettidas,
No cadóz as desleixa.

Porque não concedeo Júpiter summo
Pés e pérnas a Música, ao Poêma?
Ou ás Pennas não deo podêres, e arte
De empennar as Consócias? (3)

E virem muito ázádas, pelos áres
Voando até Choisy, Poêma e sólfas;
E os Aldeões pasmar, embasbacar-se,
Nos Passarões estranhos? (4)

---

(1) Como o ruîn devedor engole a lettra de cambio, e escurece a divida.

(2) Esta, com que lhe escrevo, já não consente aparo.

(3) Consócias, ou camaradas chamo as sólfas, e o Poêma que tinhão de vir com as Pennas.

(4) Com effeito os Aldeões dos redóres de Parîs, sendo finissimos em pontos de interesse, e em lograrem os Burguezes, são bêstas em tudo o máis; e vendo voar um livro, e sólfas com azas, desconhecendo Pássaros dessa nova fábrica, não é muito que se embasbacassem.

CASO TRAGICO MUI VERDADEIRO.

Quid quisque vitet, numquam homini satis
Cautum est in horas.
HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 13.

BEM diz Horacio, que homem nunca sábe
O Bem, ou mal, que tem de acontecer-lhe,
Qual o Fado o escreveo em bronzeas folhas.
Dias ditosos ha, e aziagos dias,
Que as nêgras Parcas, em seus nêgros fusos,
Retorcêrão. Tal foi a noite infausta
De sabbado, quatorze d'este Outubro.
Quiz do Domingo saudar a Aurora
Com Camisa lavada, e brancas cuécas; (1)
Que esse aceio é devido: — é uso usado

(1) Muitos annos andei á pésca da etymologia da palavra — *cuécas*. Bem sabîa eu que de certo ôlho lhe vinha a primeira syllaba; mas — *écas* — me desatinava. Hôje 21 de Outubro de 1809 dei com ella. *Ekas* palavra Saxonia, significa em Inglez *also*, *likewise*, que o nosso Vieyra transtagano traduz por — *tambem*, *de mais*, *além disso*. Ora ajuntai o tal *ôlho* com o *demais* e tereis *cuécas*, tereis ôlho e *etc* Como se disséramos *Parîs* e *ekas* se entenderia Parîs e seus arredóres. As Cuécas pois, são como estôjo, em que esse diche, ou joia, ou miniatura, se encóbrem ás inclemencias do ár, e á espreita do pôvo malvado.

Entre gente, como eu de pouco fato!

Invisto co' a gavêta, que o thesouro
Aferrólha da minha roupa branca.
Vou-me ás Camisas (lóte de máis pôlpa)
Camisas seis, não mais, *reliquias Danaum* etc.
Das doze, que embainhou a Costureira,
Hagæ Comitum Haya dos Casmurros. (1)

Mêtto mão á primeira.... Oh Deos me acuda!
Vejo um rasgão, que d'alto abaixo a alanha.
Já desdóbro a segunda.... Vejo, em róda
Da cintura, appinhados buraquinhos,
Quáes os vês na furada escumadeira,
Ou no crivo de Iáccho mysterioso,
Ou qual d'ólhos um cento Argos abria
Em róda do toutiço, disvellados
Em vigia da Vacca, Ino formosa.

Pois a terceira..... Ai Manas, que frangalho!
Toda penderucálhos tremolantes,
E os collarinhos rôtos, dava-me ares
D'uma vélha Bandeira esfarrapada,
Que as guerras vio de Flandres, ou de Troya.

Na quarta não fallêmos. Era um trapo,
Que podéra servir a algum Barbeiro
A alimpar as babujes das naválhas,
Ou queimada dar isca á Cuzinheira.

A quinta era máis sãa, só tinha a pécha
De ter na dianteira a fralda rôta,

---

(1) Vai o texto, com a traducção, para melhor intelligencia, e satisfação dos Leitores, que não sabem Latim, ou que o sabem mal como eu, e outros.

Mas (salvo tal lugar) c'uma boccárra ,
Que a pérna toda inteira , pela fenda ,
Mui folgada , e sem custo passarîa ,
Sem a abrir máis. Se eu fôra môço , e guápo
Nunca eu Camisa tal , ás carnes déra
Em tempo de Delmira , ou da alva Nize..
Que vergonha não fôra , e que ludîbrio
Ir com tal avental fazer-lhe fésta !
Hôje estou vélho , e só descubro aos muros ,
A's esquinas o pîfio cortinado ,
Com que o talão-balão , com pêjo envôlvo.
O tempora ! O mores !

Quem diria a Filinto , quem diria
Que alguma hora mesquinhos , nêgros Fados
Agorentar-lhe houvessem poucas váras ,
Não digo já de Hollandas, nem Cambraias ,
Mas de algum linho , que não cóce a pélle !

Em fim vesti a sexta , em que só via
Quatro , ou cinco remendos , e tres fréstas.

ODE.

— Inquinavit ære tempus aureum:
Ære , dehinc ferro duravit sæcula:
. . . . . Horat. *Epod.* 16.

Para unidos se amarem , soccorrerem ,
Com muros , nas Cidades , se cingîrão
Os Homens , téllî sparsos pelas brenhas ,
Como os Leões , e os Tigres.

Quáes Leões, quáes Tigres, hôje, se espedáção
Com Invéjas, com Roubos, com Calúmnias.
De que nos sérvem Leis? E qual tirâmos,
Dessa união, proveito?

Ide a Parîs, a Londres, ide aos Campos:
Burguezes, e Aldeãos não tem máis régra,
Que a Cubiça das Honras, Sêde de ouro,
E a pertinaz Philáucia.

Homem próbo, Matrona de Sabina, (1)
Innocente Donzélla, ingénuo Jóven,
Co' a prevista lantérna de Diógenes,
(Por caso) os depararás.

Os tempos de Saturno, Éras de Astréa
Sorveo a férrea Idade; e golfou spessos
Enxames de Maldades duradouras
A nós, mortáes mesquinhos.

ODE.

Oh! ego, ne possim tales sentire dolores,
Quàm mallem in gelidis montibus esse lapis.
TIBULLI. *Lib.* 2.º *Eleg.* 4.

QUAL sahe em borbotões, da vêrde encósta
A murmurosa Fonte, me rebentão
Gritos contra os cruéis formosos ólhos
De Lindana insensivel.

(1) HORAT. *Epod.* 2.

Meu coração, que amante chamma queima,
Vou sepultar nos Hyperbóreos gêlos;
Té que, no peito affumegado esfrîem.
As rubentes lembranças.

Improbo Jóve, que me não convértes
O côrpo, n'um rochêdo agreste, hirsuto!
Tórna-me os pés, ao menos, em mordazes
Raîzes retorcidas;

Porque não côrrão vîs, e despejados
A rondar os umbráes desprezadores,
Onde ouvi o sobêrbo desengano
De amor tão malogrado.

Tomai ligeiras azas vagabundas,
Meus tristes pensamentos amorosos;
Ide espalhar pela estranhada gente
Vossos térnos queixumes.

Em quanto uma flor pállida aquî nasce
Da côr do meu pezar: — que em hásteas sinto
Brotar-me o corpo, e em folhas estender-se-me
Pela magoáda várzea. (1)

Junto a meu tronco saudoso e grato
Virão depôr seu pranto Amantes tristes;
E de insofridas lágrimas regado
Darei maviosa sombra.

---

(1) Possivel é que alguem ache encarecimento, e a inda impossibilidade no que diz a Ode; mas sinta o Leitor o que sentia o Poéta, e nada achará encarecido. Leião a Ode de Horacio *Non usitata* etc, e verão que não é mais inverisimil converter-se um Vate em árvore, que outro em áve.

Venus, de mim, sentidos ramilhêtes
Virá compôr, para juncar a campa
Do alvo Adónis, nos dias revolvidos
Do seu trespasso acérbo.

MADRIGAL.

Amor, vendo vazîo
Todo o cóldre, contar vinha açodado
A' Mãe, quanta proêza
Nos mîseros mortáes obrára impîo.
A Marcia, inconsid'rado
Abraça: — que illudio-o tal belleza!
Que a creo Vénus. — Filinto diz-lhe (rindo) (1)
« Não és só, quem com ella, oh Amor, se engana
» Já Pallas, já dos Numes a Sob'rana,
» Illusas; como tu, fôrão fugindo,
» Lembradas do Ida, em túrbido ciûme,
» Dos ólhos faîscando irado lume.

(1) É de crer, que o tal Filinto lá se vio, e lá se achou.

ODE.

Nunquam ita quisquam benè subducta
Ratione ad vitam fuit.

TERENT. *Adelph.*

QUANTO é certo, que entrâmos no Universo,
C'uma venda nos ólhos apertada!
Nos ólhos d'alma, onde luzir não pódem
Da aurea Razão os raios.

Allì devêra Jóve piedoso
Mostrar o seu poder, sua bondade,
Rasgando o véo, que atou a Natureza;
E, com Celeste lume,

Acclarando a região do Entendimento,
Benigno descozer as turvas trévas,
Com que nos cinge o vil Engano, a Astucia,
A Hypocrisìa, o Êrro.

Se inda máis poderoso, e compassivo
Désse aos mortáes auróras do Futuro,
Fôra um presente a Vida; que, hôje, é trágo
De amargor rejeitoso.

O homem, que assim dotado por Deos summo,
De vista perspicaz, que ao longe alcance
Um Congrésso de hypócritas Busìris,
Em sanctos nêgros trajos,

Que acceitão , com devóto ouvido , aleives
Contra o triste Innocente descuidado ;
Preparão-lhe , com sancta dextra , os tratos
No rangedor equúleo ;

Estendem , pelas pontas , rêde escura
Varredoura dos bens do atormentado ,
Clemenciando o rôsto , e na alma iniqua
Saboreando o crime ;

Com quanto ardor não abrangêra a fuga ?
E , pôsto em salvo , com seus bens , co' a vída ,
Sustos forrára a si , forrára a mórte ,
E aos ruîns máis um flagicio.

Salvei a Vida : — não a salvei toda ;
Que os bens , com que eu havîa alimentá-la ,
O vingativo tonsurado monstro
Todos sorveo d'um trago.

E eu fraqueio á Tristeza , que me accurva ,
Aos alongados annos desvalidos ,
A' carencia de mimos , que apiadem
Meus dias derradeiros.

NARCISSO D'OUTRA LÁIA.

Novo Narcisso sou , que me amo e adóro ;
Que (na agua não) no vinho me namóro.
Quando , ante mim , na taça vem ondeando ,
Vem rubicundo Baccho trasbordando :
Meu rôsto allî contemplo avermelhado

E lógo de meu rôsto enmamorado
O rúbido retrato , em que me vejo , (1)
Engulo-o , a poder de ancioso beijo.

ODE.

— — — — — Vin' tu
Curtis Judæis oppedere?
HORAT. *Satyr.* 9.

Quão cheios de razão ião em Roma
Os Mancebinhos (galhofeira gente !)
Traquejar , na pocilga das Esnogas , (2)
Aos Judeos cerceados ! (3)

Com quanta máis razão traquejarião
Estes Lusos Hebreos , que , na Haya , arrótão
Em livros , em Brazões , seu nóbre orgulho ,
E antiga fidalguîa ! (4)

(1) Diz o nosso antigo anexim ; *Cada vez que me vejo , toda me mejo.* Nunca pude atinar com a significação do verbo *mejo.* Quem a soubér muito favor me fará de m'a dizer. Virá o verbo *mejo* do verbo Latino *meio* ? E então que fraldas tão molhadas !

(2) Sim , Senhores : assim chama as synagogas Barros , e outros. Os Judeos Portuguezes tambem lhe chamão Esnogas , e as derivão d'um mome Hebráico , d'onde os Grêgos deduzirão Synagoga.

(3) Circumcisos.

(4) Costume foi sempre dos Padrinhos dar os seus nomes ,

Nem que nos fôra escura a tôrpe lépra ,
Que os enxotou do Nilo ; (1) os captiveiros ,
Os escárneos , e infamias.... escornados
Até do humano Tito ! (2)

Com brága aos pés , expulsos de Solyma ,
Viérão pôr Solar demon-mitrados (3) ,
Quáes , no Campo da lãa , quáes , no Rocio ,
E os foráes , na Chamusca.

Vestião-lhes , por cótta , o Sambenito ,
Por élmos lhe encaixavão as Caróchas ,
Que óra gravar-lhes cábe , nos escudos ,
Por única nobreza.

Que as alcunhas de Telles , Castros , Pintos ,
Com que as Judîas fézes enfeitárão ,
Fôrão postiços dons ; com que a Lisonja
Armou ás Reáes graças.

Vous ne trouverez en eux (dit Voltaire en parlant des Juifs. *tom.* 7 , *chap.* 1) qu'un peuple ignorant et

---

e appellidos aos afilhados. E ora os fidalgos querendo , por agradar a Elrei , ser padrinhos dos Judeos , em seu forçado baptismo , lhes dérão os appellidos de Teixeiras , de Telles , de Menezes etc. , etc. , de que os Judeos hoje blazonão como se lhes viérão d'alta stirpe.

(1) Tacito o diz , e muita gente alli o leo.

(2) Vid. Josepho. Cerco de Jérusalem.

Fils de Vespasien , grand Tite , tu devais
Détruisant leur cité , en détruire la race ,
Sans leur donner ni temps , ni moment , ni espace
De chercher autre part autres divers endroits.

RONSARD.

(3) Com caróchas (no Auto-da-fé) pintalgadas com chammas e diábos cornudos e rabilongos.

barbare, qui joint depuis longtemps la plus indigne avarice à la plus détestable superstition, et à la plus horrible haine pour tous les peuples qui les tolèrent et les enrichissent.

ODE.

Quod si me lyricis vatibus inseres,
Sublimi feriam sidera vertice.
HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 1.

QUANDO as Musas, no Conclave Divino,
Fallão de Homéro, fallão de Virgilio,
Pheáces, Antiphates,
Cuméa, infeliz Dido
Recordão satisfeitas.

Vem lógo Adamastor, e vem os cláros
Trabalhos de arrojados Lusitanos,
Que abrîrão novo trilho
Aos mortáes cubiçosos
De ver o rôxo Oriente.

Como se alégrão, como allî festêjão
Ter emborcado em vaso tão precioso
Seus Délphicos influxos;
E ver fulgentes raios
Da sublime Poësîa,

Que despedira ufana a mente nóbre
Do Luso Alumno, para etérnas honras

Das Musas, que o criárão,
Para adôrno da Pátria,
Para traslado vivo

A Corydons, a Elpinos, e aos Alfênos?
Lá, junto de Camões, junto de Horacio
Pousa o splêndido thrôno,
O Louro, e as héras pendem,
Para assento, e corôas.

Que direi de Filinto? Oh quão contente
Seria, apoz de tão caudáes Poétas,
Se os vótos dos Amigos,
Na Lista o põem dos Lyricos,
Em dia dos seus annos!

ENIGMA.

Dêvo a um bruto animal as coberturas;
E as linguas, com que fallo, ao bósque as dêvo,
Co' as parêdes de em tôrno: as ligaduras
A's hérvas d'esse prado.
A' Terra o metal lùcido, esse enlêvo
Com que homens (como é de uso) me enganárão,
O dêvo, não pedido, nem pensado.
Có' elle assim me enfeitárão
Para brilhar ao Sól. Esta sonora
Vóz, com que eu abálo entranhas duras
Os áres m'a emprestárão.

C'o ruîdo, que alcancei do Ingenho, et da Arte,
Vali Conquistas conseguir egrégias.
D'um dos quatro Elementos boa parte
No ventre vôlvo; cóbrem-me armas régias.
Brilho : mas porque falso brilha esse ouro,
A ter eu fél, de ráiva déra estouro.

ODE.

— — — — — — — — Recepto
Dulce mihi furere est amico.
HORAT. *Lib.* 2 *Od.* 7.

Eu, com Marquezes, Cavalheiros guápos,
Nos êrmos da Thebáida! !! Acudi, Musas,
Trazei comvosco fôfas, e fandangos,
E algum Londun modérno.

Venha o sobrado a baixo, com folîa;
Assustem-se os Vizinhos co' arruîdo:
Ou venhão espreitar as táes Donzellas
Em desfeita (1) galhófa.

Alarguem-se as parêdes do quartinho,
Que a tanto hóspede é estreito: surja um Templo,
Qual já de Baucis se mudou a chóça,
Que honrou Jóve e Mercurio. (2).

(1) Desfeita, por grande: como dizemos — tormenta desfeita.
(2) OVID. *Metamorph. Lib.* 8.
Como diz o Cartapacio de syntaxe, quê nesta oração *aiunt*

E o meu Verdier, prudente e bom amigo,
Que as facecias da minha léda Musa
Sem piedade condemna, receôso
Do sonhado futuro.

Que não farei! Já pôsto no desplante,
Dansar quéro. — Oh protérva maravilha!
Danso: — não tem remedio! — Dansas altas
Chatés, quartas, e outavas.

Segurem-me: que a dansatriz manîa:
Me léva pelos áres, e co' a ardencia
Dou c'os téstos, no técto do casêbre,
E arrombo á bóla os tampos. (1)

Milonem occidisse Clodium ha amphibologia, e que se póde igualmente inferir que Milon mattára a Clodio, ou que Clodio mattára a Milon; eu que não quéro travacontas com a Grammática á d'aquî declaro, que não foi a Chóça a que honrou a Mercurio e a Jove; que não tem essa prerogativa uma humilde Choça de honrar duas tamanhas Divindades: mas sim (e fique bem entendido) que o meu intento foi dizer com Ovidio que esses dous Numes honrárão a Chóça, erigindo nella um Templo para memoria de que elles alli assistîrão, alli comêrão, e alli achárão duas pessoas de ajustado viver.

(1) Com effeito assim me aconteceo já; e sempre depois lhe fiquei com mêdo. Contarei o caso. Era eu rapaz, e aprendia a dansar com M. Rigaudon, um vizinho meu, de cabelleira loura de crêspo cortado, homem que já dobrava alêm de 50 annos, mui boa pessoa, se lhe descontáes o amor de Venus e de Baccho em que lucrou cérta doença, e todas as noites cérto atordoamento de cabêça, accompanhado com cértos engulhos que cheiravão a maçãas maduras. Como pois lhe ia dizendo; apenas já um pouco desemburrado em *passapié* quiz começar o *Amable* e nelle passar a dansas altas.... Eis (salvo tal lugar) ás primeiras quartas que passei, tal éstro, se me accendeo no ânimo, que fui trocando, pés e pérnas, que

VATICINIO HORACIANO

Máis complétamente verificado, que as tróvas do Bandarra.

Et omnis cópia narium. (1)
HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 15.

CADA vêz, lendo Horacio, me confirmo
Máis e máis, que era Vate, era Adivinho:
E vós sereis, Leitores meus, concórdes
Na minha opinião bem apurada,

fui subindo e o Méstre a gritar que baixasse; e eu sem ouvir Méstre; sem attentar, no que fazia, fui sempre e com máis furor trocando, e subindo ... e só dei sentido de mim, quando tal pancada dei com a cabêça no técto da casa, que atordoado e deitando sangue pelos narizes, vim baqueando ao chão, e não tornaria a mim tão cedo, se a vizinha de baixo, que ouvio o baque, e assustada vinha ver o que era, não trouxéra comsigo um frasquinho de agua de virtude, com que me lavou o sangue, e refrescou as fontes da cabêça. Louvores sejão dados á vizinha Jerónima Maria, e á sua agua de virtude. Dêsde então prometti a todos os sanctos advogados da Dansa, de não máis dansar, que me não ponhão um quintal a cada pé. Gatto escaldado, etc., etc.

(1) *Omnis copia narium* bem traduzido ao pé da lettra, quér dizer — Toda a cópia, toda a abundancia dos narizes — Óra essa abundaucia de narizes péde abundancia de ra-

Se com ólhos attentos, prompto sp'rito
Os seus Poêmas Sibyllinos lêrdes.

Já vistes, como além d'um milhar de annos
Previo, de Roma, que haverìa em França
Enramadas Guinguêttas bálhadeiras,
Quando, inspirado pela vóz de Baccho,
Proferio o infallivel vaticinio,
Que o Vinho, e sua sêde brotarião
Pontuda cabroada. Ouvi o Vate,
Incrédulos Leitores, como rompe:
— *Et addis cornua pauperi* — Hôje, lendo
Os damnos que farião ás lavouras
Os sumptuosos vastos Edificios,
Os Lágos máis extensos que o Lucrino,
Os Bósques, e Alamedas infructuosas,
Damna a nociva móda do Tabáco,
Que tinha de inventar, (para mór pêrda !)
João Nicot. — Não foi previsto o Vate,
Quando vio alastrados, no futuro,
Campos, e Campos, co' essa hervinha sancta?
Estanques, sôbre estanques, nas Cidades?
Nas Villas? nas Aldêas? Vio reinando,
Com scéptro de fumîfera Carótta

---

flexão para adivinhar a que propósito vem, n'uma Ode séria tal abundancia de narizes. Como entre as figuras da Rhétórica, vem uma (não sei como é a sua graça) que tóme o continente pelo conteûdo; crivel é que Horacio tóma a abundancia dos narizes, pelo conteûdo nesses mesmos narizes. Todos sabem que nesses mesmos narizes o conteûdo, ou é monco, ou é tabáco. Monco, não é cousa digna de entrar n'uma Ode séria. Lógo a abundancia conteûda — *omnis copia* — é narizes atulhados de Tabáco. — Disse.

Um Estanque Real, nos máis estanques?
E os chorudos Rendeiros do Contracto,
Bazofeando féros (1), nas Berlindas?
Nas Quintas? nos Banquêttes? Dando pérro
Aos tristes pedinchões Phebéios Vates?

Bem o previo Horacio, quando soube,
Que se havia vender, por alto preço,
A sancta hervinha, atulho dos narizes,
E que o Tabáco, em todo esse O'rbe, acceito,
Tomava a praça d' — *Omnis copia narium.* —

ODE.

Quò, Musa, tendis! Desine, pervicax,
Referre sermones Deorum.
HORAT. *Lib* 3. *Od.* 3.

QUE quéres, Lyra? Céssa as aldavadas
Que na mente me dás, porque te attenda.
Quéres ir ás Madamas? ir a Brito
Descantar-lhes as Janeiras?

Vai: não t'o négo. Assaz és descocada;
Assaz já te atreveste, em mãos de Horacio,
Quando o arcâno de Jóve, iras de Juno
Soaste, em livres córdas.

(1) Bazofeando ferox, et victor inchando bochêchas.
PALIT. METRIC.

Lyra és do Venusino, mas meu pléctro,
Mas minhas mãos não pulsão tão valentes:
Que enjeitou Phébo reforçar Alumnos,
Que luctem com tal Méstres.
Ousarei, arrojado, abrir o Templo
Do ennublado Futuro? scrutar folhas
Vedadas aos Mortáes? bruxulear nellas
Desejadas venturas,
Para o meu Brito, Amigo bondadoso;
Cujo peito é sacrario de Virtudes,
Cuja alma nóbre só respira á lárga,
Quando no Bem se exerce?
Ousarei descifrar lôbregas nótas?
Nellas desentranhar os Vaticinios,
Que o Fado allî reserva; o insigne prémio
Das acções d'Araújo?
Os tempos vem chegando — (alégres tempos!)
Que, nas ázas ligeiras, faustos Zéphyros
Trarão nóvas do Heróe, que apértão na alma
Sely, Brito, e Filinto.
Então, Lyra prezada, então retinne
Com desenvôltos sons. Das tuas córdas
Aurea Alegrîa rompa: e escute a América
Accentos da Amizade.
Já assim ... Já de Jason, dos Argonautas,
Para acolhêr-lhe as venturosas nóvas,
Os peitos saudosos alargávão
As Thracias Mães, e Espôsas:
E, enrolados, nas nuvens dos aromas,
Aos dadivosos Numes remettêrão
Esperanças, os vótos, acrédôres
De dons máis relevantes.

ODE.

Dissolve frigus, ligna super foco
Largè reponens.
HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 9.

DÉSCE, Musa, á tribuna de Pilatos; (1)
Aquéce-me esta idéia resfriada
Pelo gêlo dos annos.
Aquéce-me estes dêdos, engelhados
C'o sôpro do Aquilão, que entra mui frio
Pelas fisgas do sótão.
Péde a teu Páe Apollo, alguns dos raios,
Que elle esperdiça, no Verão tostado;
E nos mesquinha agóra.
Ou se inda nesse Pindo, ou no Parnasso
Ha gravato de lênha, ou inda ha Louros
Despidos, des-ramados,
Para c'roas de mil cansados Vates;
Oh manda-me, se quér, duas carradas
Com que affugente o Hynvérno.
Sou Vate (culpa tua!) póbre Vate,
Sempre — *póbre* — do *Vate* foi o ajoujo,
Em éra antiga, e nóva.

(1) O sótão, em que eu então morava, n'um arrabalde de Paris, tinha um armario pegado ao técto, que assemelhava muito á tal tribuna.

Manda lênha : ou , dos ouros , que tão fartos
Nos dás para cabêllos de formosas ,
Um saquitél me envia ;
E venha lógo ; e antes que o regêlo ,
Que já me prende as mãos , não chêgue ao peito ,
Em que reside Marcia.

ODE

Ao Illmo. e Exmo. Senhor Commendador
H. J. BRAAMCAMP.

O Diva, quæ regis Antium ,
. . . . . .
Injurioso ne pede proruas
Stantem columnam.
Horat. *Lib.* 1. *Od.* 9.

A vista o crime a inficionada Mente ,
Dá rebáte á Vontade , que liviâna
Impelle a dextra obediente e néscia ,
Que executa a maldade.

Mas lá , no seio da alma assiste o duro
Verdugo de flagicios , que não céssa ,
C'o despiedado açoute , de magoar-te
Com vergões dolorosos ,

Desgraçado Mortal ! O'lha o repouso ,
A innocente candura do homem justo ,

Que as mãos néga á maldade, como zomba
Dos gólpes, dos verdugos.

Applicado á Razão o ingénuo ouvido,
Bébe puras lições, só téme faltas
No excesso dos devêres bem-cumpridos,
Ou curteza de pósses.

Feliz, e mui-feliz quem gôsto, e pósses
Alcançou do magnánimo Destino!
Quem, como tu, Braamcamp, imita em óbras
Os Heróes da Virtude!

Oh não se abale, ou cáia a generosa
Columna, que lá pôz, para modélo,
Junto ás áras do Proceder honrado,
Benigno justo Númen.

CONTO,

COM SEUS LAIVOS DE HISTORIA.

Si peau d'âne m'était conté,
J'y prendrais un plaisir extrême.
La Fontaine. *Fabul.* 145.

Um dia, que o Deos Júpiter,
Se achando com pachôrra,
Dos ciúmes de Juno deslindado,
De altercações de Numes, e de enrêdos

Do Olympico serralho,
Mexericos *et cætera*
De Divindades fêmeas, — Vontadinha
Lhe vêm de dar devassadora olhada
A's cousas cá do Mundo.

JUPITER.

« Abre, oh Mercurio, um alçapão celéste
» D'esses, que outróra fiz rasgar, com fito
» De alagar montes, e affogar humanos, (1)
» Por cértos peccadões de máis da márca.
» Tira do estôjo o meu longo Canóculo,
» Que mil-milhentas léguas traz ao pérto.
» Estou vélho; licôres e femeáço
» Me tem gastado a vista:
» Nem sempre, como tu, e Apollo, e Baccho
» Somos todos rapazes. »

MERCURIO.

—Que reboliço, oh Páe, vai lá por baixo! —

JUPITER.

» Sempre fôste atrevido!
» Rapaz mal-ensinado:
» Quem te deo confiança
» De olhar pelo meu óculo, primeiro
» Que teu Páe? Outra tal não te aconteça.
» O reboliço é grande. Examinêmos. »

MERCURIO.

— Apósto, que ahî anda o teu Ambrosio;

---

(1) OVID. *Metamorph. Lib.* 1.

—Que alguma fêz das suas !
—Exército , que vai desbandalhado ;
—Ou fésta Imperial de Casamento.

JUPITER.

« Muito espérto és, Rapaz. Adivinhaste. »

SAUDADES

D'UM AMIGO

QUE A MORTE ME ROUBOU.

O Téjo nos olhou outróra absôrtos
Naquelle alto pensar que o mundo ignora,
Vagos os passos, vagos os discursos
Dar cabo ás horas, encurtando os dias ;
Ou mansos debatendo agudos pontos ;
Na florîfera rélva reclinados.

Dura lei , que não pódes ser quebrada !
Tu vens do Eterno : e quantos hôje vivem,
Quer venhão de Páes Reis, de páes pastores,
Co' a mesma mão a Parca os lança á cova.
Os que em terra máis firme se arraigavão,
Como hóspedes d'um dia se partîrão.

Riccas librés, sobêrbas armerias,
Doirada chave no bordado bôlso
Não retem o crédor do lago estygio :
Findo o prazo imos nûs, aos êrmos reinos,
E os Fados nos arrancão dos amigos.
Oh durissima dôr das duras dôres!

SONETO.

MOTTE.

Ancias, Dôres, Lamentos, e Suspiros (1)

Glósa.

Dôres, Ancias, Suspiros, e Lamentos,
Suspiros e Lamentos, Ancias, Dôres,
Ancias, Suspiros, e Lamentos, Dôres,
Ancias, Dôres, Suspiros e Lamentos.

Suspiros, Ancias, Dôres, e Lamentos,
Lamentos, e Suspiros, Ancias, Dôres,

---

(1) Este móte deo uma Senhora viûva de 8 dias, que não consentia que as pessoas que a visitavão por pêzames, lhe fallassem de outra cousa, que de ancias, dôres, lamentos, e suspiros, nem quiz que outras palavras entrassem na glósa do seu pezaroso mótte. (Poéta) Como hei de glosar, sem máis palavras, que essas? (Viûva) Co'essas mesmas, e nem um só til de máis. (Poéta) Pois que assim o quér, Lá vai Soneto.

Ancias, Lamentos, e Suspiros, Dôres,
Dôres, Suspiros, Ancias, e Lamentos.
Lamentos, e Suspiros, Dôres, Ancias,
Dôres, Ancias, Lamentos, e Suspiros
Suspiros, Dôres, e Lamentos, Ancias.
Ancias, Lamentos, Dôres, e Suspiros,
Dôres, Lamentos, e Suspiros, Ancias,
Ancias, Dôres, Lamentos, e Suspiros. (1)

ODE.

Lysia, domusque subit, desideriumque locorum
Quidquid et amissâ restat in urbe mei.
Ovid. *Trist. Lib.* 3. *Eleg.* 2.

Que tristeza aquî lávra na Thebáida!
Um dia de Comadres, sem filhózes!
Dias de Entrudo, conchos, e Saturnos,
Sem pós, sem ráboléva!
Quem me diz, que a Nação dos táes Francezes
Amiga é de galhófa, e de brinquêdo,
Mente, com quantos dentes tem na bôcca,
Sem maldita a vergonha.

---

(1) Considérem os pientissimos Leitores, que é quasi insuperavel a difficuldade na Glósa d'este motte, com a restricção que lhe pôz a dadora d'elle; e máis attentamente considerem que o Poéta, no máis caloroso delirio de seu éstro, levou-

Viva o meu Portugal. Viva a Laranja,
Que derriba o chapéo; viva a Syringa
Que ensópa o passageiro; viva a bóla
De barro, pespegada

Na Sarêsma (1) do Ginja, ou carapuça
Da farfante Saloia cavalleira;
Viva a fôlha (2), rascando pela esquina,
Que assusta a Vélha Zôrra!

Que splêndido, na mesa, não blazona
O encostellado Lombo, e o Arrôz-doce,
E as Murcéllas Monjáes (3) accompanhadas
Co' as louras trouxas de O'vos!

Oh feliz Portugal! Que saudades
Me não dás, nestes êrmos da Thebáida!
Lusas Meninas, Peralvilhos Lusos,
Todos luzente talco,

Como brilhão, com visos multi-côres!
Como se dão as mãos, c'os pés se tóccão!
E que abraços, que beijos se não furtão
Nessa indulgente quadra!

---

sempre o fito em que nenhum vérso se confundisse com outro na variada, e symétrica postura das palavras: e mórmente reparem que sendo estas unicamente quatro, da combinação dessas únicas quatro se compõe a Glósa inteira. Que talento!

(1) Assim chamavão em Portugal as cabelleiras, que aqui os Francezes chamão *tignasses*.

(2) Com vélhas Chocolateiras, ou outros ustensilios de folha de Flandres ráscão pelos Cunháes, e esquinas os rapazes, e fazem estremecer as vélhas.

(3) As melhores Murcéllas (das que se cómem falló) nos vem das freiras, ou monjas.

E eu vivo só (1) e os dias pássão, pássão,
Sem commércio de Amigos apraziveis,
Sem conchêgo de Portuguezas Damas,
Mimo, e primor da Europa!

Vertei, ólhos, vertei cansado pranto,
Longe de Portugal, que tanto prézo.
Dái ás Furias do Tartaro medônho,
Os infames Obreiros

Da Calúmnia, os ruîns Inquisidores,
E o parvo Rei, que deo de vós denuncia;
Que vos pôz em demérito destêrro,
Inda ha máis de seis lustros.

ODE.

Qual tra le spume d'un tranquillo mare
Venere apparve allor quando ella naque,
Tal la mia Donna maestosa pare.
FRANCESCO REDI.

Vio-te Prothêo descer do Olympio grémio
De Jóve, quando o Mundo aditar vinhas;
Da substancia dos Céos formando um véo,
Que te envolvia, oh Marcia.

---

(1) La solitude est belle en vers,
On est charmé de sa peinture;
Mais elle a de fâcheux revers.
DU CERCEAU. *tome* 1.

Da Primavéra então era o reinado :
Todos os seus arômas , do ar colhidos ,
Pela loura madeixa te esparzia ,
Em ondas debruçada.

Com desfiado Lyrio , do alvo corpo
Teceo-te a liza têz , bordou-te as faces
Co' a fina côr , com que matiza a Rosa ,
Quando ábre do casulo.

De lá te vem o tão nevado seio ,
Vem o rubi dos labios ; mas o brilho
Dos amorosos ólhos , deo-t'o em dóte ,
Roubando-o á Mãe , Cupido.

EPITÁPHIO.

Famósos Mausoléos , que o fausto erguêra
Máis ao Sculptor dão fama ,
Do que inculcão saudade , e dôr sincéra.
Sem arte , o que bem ama
Chóra o perdido Amigo.
Saudosos prantos meus irão comtigo ,
E tem de , em raza Campa , accompanhar-te :
Que tenho , em quanto eu viva , de chorar-te.

ODE

AO SENHOR T. VERDIER.

Venháes embóra, embóra venháes,
E as barbas do Démo no c.. as tenháes.

As vinhas de Peramanca, Poêma épico anonymo, inédito, composto por Balthazar Filistria de Cueiros.

Já de todo estancada a Paciencia,
Tres meses ha, que espéro uma visita
Do meu Verdier, Aristarcho sevéro
Da minha allegre Musa.

Por máis que pela estrada, as manhãas todas,
Estenda os longos ólhos, nunca avisto
A alugatriz, que aos êrmos da Thebáida
Tem de trazer-te, Amigo.

Tens faltado á proméssa, como um nêgro,
Tu branco, tu de coração lavado.
Vem lógo e já: ou téme a hedionda Furia,
Que as fálhas da Amizade,

C'o sévo açoute de enroscadas sérpes
Castiga no O'rco. Téme, oh téme as penas,
Que dás, a quem terá de sempre amar-te,
Descuidado, ou ronceiro.

EPITÁPHIO

QUE PO'DE SERVIR A MUITA GENTE.

AQUÎ Fulano jaz. Foi pouca cousa.
Cansado de mandriar, aquî repousa.

ODE

AD SODALES.

Non enim posthac alia calebo
fœmina. ——
HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 11.

SALVE, oh Musa, (1) que em margens do aureo Téjo
Cantaste já comigo
A térna Marcia, a nîtida Delmira.
Quanto ditosos fômos!
Nesses dourados annos, em que cheia

(1) Cuidei esta manhãa que a via, e que lhe fallava: mas a frieza da Obra declara bem que me enganei: e que tomei um phantasma por uma Musa.

Do spîrito de Apollo ,
Vertîas em meu ânimo as enchentes
De altîsona Poësîa ;
E em que eu , com tigo os gabos grangeava
De eruditos Amigos !
Vinhão-me ornar a mesa , em dia de annos ,
Os Dorindos , e Alfênos.
Vinha Marcia ladeada dos Amores ;
Como quando da spuma
Sahio Venus , os verdejantes prados ,
C'o sorriso alegrando.
Marcia , que eu tanto amei ! Cumprî o vóto ,
Que fiz de única amar-te.
Já quiz Phébo inspirar , em linda Dama
Amizade a Filinto ;
Já quiz que em outro dia , igual ao d'hôje , (1)
Sely o convidasse ,
E com almo sorriso de bondade
O festejasse incólume ;
Longe das iras , longe das calúmnias
De tonsurados Bonzos.
Por que me véda o meu Destino infésto ,
De Sely , de Araûjo
Ter presente na mesa a graça , o brio
E o donairoso chiste ?
Supprirá Brito supprirão Amigos
Uma Sely , ou Marcia ?

---

(1) Nesse mesmo dia em que eu, com tanto gôsto desfructava o convite, e a companhia de tão amavel Convidadora, e a do meu amigo Brito, me fazião em casa a penhora dos meus bens. *Quid quisque vitet nunquam homini satis cautum est in horas.* — HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 13.

ODE.

. . . Indocilis pauperiem pati.
HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 1.

ONDE estás, caro Assúcar ?
Desamorado Assúcar, que assim fóges ?
De mim, que te amei sempre ?
Sempre te appeteci ! . . . . Por ti suspiro !
Das mágoas, que as entranhas
Me traspassão, Cruél ! tem piedade.
Caffé, nem Chocoláte,
Nem vermelhos Morangãos, (culpa tua !)
Vem consolar, ha tempos
Já sem conto, o padár do teu Devóto !
Deixas tão fino Amante,
Que ou venhas puro, ou disfarçado, envólto
Em licor, em conservas
Sempre, no peito seu, te deo gasalho ?
Que temperou a Lyra
Para cantar a amiga Origem tua ? (1)
Que, em lójas de Tendeiros
Só de te vêr, se alégra; como o Mago,
Quando detraz da Sérra,
Vê o Sól appontar, e alégre o adóra !
No assômo de abraçar-te
Beijar-te, e te pousar, no âmago da alma,
Como a mão vai anciosa

A' bôlsa ?... E se retira amargurada !
Então resálta , e brâma
Despeito da pobreza , que tão férvidas
Vontadinhas malógra.
Mal-hajão frades , figadáes calúmnias ! —
Oh vólve a mim , Benigno ;
Como , quando , nos dias prosperados ,
Do Paternal remanso ,
Em Cáras , Fêchos dávas grandioso
Golosa fartadéla ;
Quando , á porfía , em Féstas , Dias de annos
As Freiras , os Amigos ,
Com Bandejas , de Dôces cumuladas ,
Recheavão , vistosas ,
Armarios , e gavêttas ; com negaças
As mãos me convidávão.
Oh vólve a mim , oh vólve , caro Assúcar!

ODE.

Ceux-ci s'occupent sérieusement d'une ville à bâtir , toute peuplée de Sages , qui soumis aux lois de Platon , couleront doucement leurs jours en amis et en frères.
Triomphe de la Religion , *livre* 4.

Muito ha , que ouvi dizer , que da Ignorancia
Vem todo o mal ao Mundo. As Bibliothécas
Gémem , com mil-milhentos volumaços

Que essas doutrinas rézão.

« Se, de Sábios compósta uma República
» Nos quadrîs existisse do Univérso,
» Creadores de Utópias (no-lo chimpão) (1)
» Fôrão as Leis inuteis. »

E eu vi numerosissimo Congresso (2)
De Sábios, como táes, do Pôvo estrêmes,
Parar em furna dos máis vîs malvados,
Dos máis facinorosos.

Sei uma Terra, onde os bons Livros chóvem,
E se alága em Moral; e em que os Collégios
(Quasi, a par, co' a quantîa de Individuos)
De sans lições rebentão:

E eu nunca li, nem vi gente tão péssima,
Tão dada a furtos, mortes e calúmnias,
Tão invejosa, e falsa, e com tal vêzo
A tudo quanto é vicio.

Oh feliz Tempo, que corrêste outróra,
Quando Abraham, nem Noé, não tinhão livros;
Nem nos Collégios se apprendião artes
De dourar a Malicia!

---

(1) D. Francisco Manoel de Mello. Relogios fallantes. *pag.* 18.
(2) Convenção Nacional de França.

ODE.

Tu potes tigres comitesque Sylvas
Ducere et rivos celeres morari.
HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 11.

PODÉSTE, oh Lyra, em mãos d'um Grêgo Vate (1)
Levantar iras, n'um quiéto peito; (2)
Ameigá-las soubéste, a teu arbitrio,
Oh Lyra poderosa.

Podéste em mãos de Horacio, obter amigos,
Em Mecenas, e Augusto; accarear Lydias,
Vencer prágas, feitiços de Canidia,
Sôbre o mofar-te della.

Ah! se podéras, na feliz lembrança
De que escapei á gárra inquisitória,
E salvo de iras, de vinganças, dar-me
A beber ares livres;....

Se podéras, oh Lyra, abrir me francas,
As estradas do Haver! com mão Libérta,
Colhêr os bens herdados, innocentes
De assacadas calúmnias;

Praça aos Vérsos abrir, dar-lhes consumo

(1) Terpandro.
(2) Alexandre-magno.

(Vérsos, que tu cantaste) e haver o preço
De lidas não triviaes, sob o modélo
Do Venusino Méstre !....

Oh como, então, cantára eu com deleite,
Dia tão festival ! C'roára a mesa
Com Amigos leáes, ao som dos Cópos
Razos de alégre Baccho.

Não sou Anacreonte : que, a eu sê-lo,
No viço, no vigor de alma gaiteira,
As Musas, frêscas Damas, jôgo franco
Em Filinto acharîão.

Mas a Fébre, com dêdos macilentos,
Me alquebrou os desêjos, e os podêres.
A Brito as mando, mando-as a Constancio
Heróes de desempenho.

Por Doente, por Mîsero, hôje a Fésta
Se fará, com dous O'vos, sôbre a sôpa
C'uma alcachófra ripa-a-dente,
Sem póstres, sem doçuras.

Ficar tenho, com bôcca de Lacaio :
A quem os Amos sobremesa négão ;
E a Fésta, em que houve, outróra, (1) súcreo Pégaso,
Lastimará penurias.

---

(1) Appareceo, na Haya, em similhante dia, á mesa, um Parnásso de assúcar, com Musas, Pégaso, e a Fama em cima com cérto lettreiro; etc. Mimo ingenhoso do meu amigo Brito!

POESIAS LYRICAS

DE RAMLER. (1)

Ia.

A EL REI DE PRUSSIA.

Federico, a quem Deos a tão p'rigosa
Sórte outorgou de Regedor dos Póvos;
Tu, que, oh portento! tão cabal a cumpres,
Mortal, com tanta gloria.
Vê, nos Fastos da Fama, já apagados
Mil e mil dias teus, outróra inscriptos.
Quantos, hôje, padrões ufano te érgues,
Tem de assim derrocar-se.
Tem de ruînas ser os que consagras
Templos a Apollo, a Pállas, ao ferido
Marte; e os Annáes do Mundo tem, (por cérto)
Quando já, nos moîmentos,

(1) Estas Poësîas, que não sendo minhas, valem talvez máis que ellas, pareceo-me bem dá-las ao Público. Quem sabe se ellas não darão emulação aos nossos vates de as imitar, e (melhór ainda) de as exceder? *Faxit Optimus Maximus.*

Jazer dos Reis sobêrbos o ciûme,
De te acclamar Conquistador, e Magno.
Mas, das Virtudes tuas qual, ai triste!
Glória te cábe digna!
Já na Europa deo brado, e na Asia antiga
Tanto Rei, que, em Sapiencia, não te iguala.
E qual vive, na Historia, esse Alexandre,
Que admiro, e que não amo!
Que um Pîndaro não têve, cujo canto
Entrasse pelos seios dos Vindouros,
Máis feitos entoando, que nem mármores
De Phidias, nem as côres
De Apelles, no Universo memorárão.
Mas attenta, como inda Octavio Augusto
Ondêa na trombêtta Mantuana:
Sua înclyta memoria
Nas fôlhas, jaz lavrada, da aurea lista
Dos Deoses (1), se aos Fiscáes salva deslumbra.
Sempre amada, dará aos Páes dos Póvos
Nórma.... Oh ditoso o Vate
De Lisonja in-suspeito, que nas córdas
Da Lyra ingénua teus louvores puros
Melhor, que os d'esse Augusto, ou de Alexandre
Ferir, com mão ousada.
Ditoso! se o seu grito estende aos Pólos
Pejado de teu nome, ou já Guerreiro,
Legislador, Philósopho, ou já queira
Celebrar-te nob'lissimo,
Máis Páe, que Rei; leal, e bom Amigo,
E nas Artes das Musas Méstre. Oh Numes,
Se eu esse Vate fôra, autor de invejas!

---

(1) Crîticas, Praguentos, Fiscáes das acções e escriptos alheios.

Heróe , se tu me inspiras ,
(Bem que eu mui ténue sou) se com sonóro
Accento , qual a Tuba de Callîope ,
Me soccôrres , traz mim longe vos deixo ,
De Henrique , (1) e Luiz , Cantores.

II^a.

A APOLLO.

Ás tuas scenas , Phébo , ha Federico
Lavrado um Templo , e o consagrou contente ·
E em tôrno accompanhou-o com columnas ,
Em magnîficas bases.
Lá dansará Terpsichore : — óra armada ,
O'ra envòlta em pacîficos adôrnos,
De Erato á Lyra entoará Melpómene
Lastimosos successos.
Dá á branda Venus , dá a Cupido térno
No Templo teu lugar , onde elle fólgue
Ligeiro , ante Erycina , e nû , que espreite
Alvo ás traidoras armas.
Tambem o dá ás Graças des-cingidas ,
A' Persuasão o dá labi-melliflua ,
Nem o négues ao rancho luminoso
Dos Olympicos Numes.
Acóde , Ingenho vivo , acodi Jócos ,
Risos brincões , Desdêm donôso , gráta
Desenvoltura , embaidor Gracejo ,
Alma social dos Póvos.

(1) Henrique IV, Rei de França.

IIIª.

AMYNTAS, E CHLÓE.

Sou eu... Não fujas Chlóe ; não magôes
Teus nûs , mimósos pés , nesses espinhos.
Oh não fujas de Amyntas ,
De Amyntas comedido. Vólve , vólve.
Eis o teu cinto , e a c'rôa ; vem tomá-la ,
Vem ; banha-te , a prazer , não te inquiéto.

O'lha : neste Salgueiro (vou-me , e affasto-me)
Penduro os , que colhi , caros despójos.
Oh ! não fujas ! não cáias !
Que eu Sátyro não sou capricornîpede
Selvático das brenhas , nem Cyclópe
De broncas mãos , de endurecido peito.

Colhi-te em fim , oh fugitiva Nympha ,
Que , em teu ligeiro , e esbélto pórte , és Côrça.
De ti máis não me affastes.
Tóma a corôa , o cinto , vai-te ao Templo ;
E á esquiva Deosa , a quem dás culto , os vóto ,
Em seu altar dos Póvos desprezado.

IVa.

Ao Nascimento do Princepe FEDERICO GUILHERME em 1744.

Embórca esse almo sumo (cujas cêpas
O Rhêno (1) deo , nutrîrão Cóstas de Africa)
Que á minha alma ázas dá , e que m'a embébe
Toda em Éstro divino.

Ouvis ? ouvis ? Um Rei , próle de Brenno ,
Nos nasce , e a nossos Nétos. Trinta fauces
De flammivomo bronze ao ár o dizem !
Oh ! como me regala

O ronco do trovão ! que me rimbomba
Na abóbada do peito ! Párras , Murtas
Cinjão das nossas Nymphas hôje as frentes,
Não se consinta pausa

Nas Dansas , nos Cantares , no Folguêdo ,
Té que os venha atalhar esse Astro da Alva.
Como espérto o Lyêo a alma me rouba !
Perdão , perdão , oh Numen

Das Ménadas raivosas ! Já submisso
Canto quanto me inspira temeraria
A tua embriaguez. Celébro a Dita
De ágros , de guérras fôrros ;

---

(1) Das ábas do Rhêno passárão as cêpas ao Cabo da Boa Esperança.

De donosos vergéis as fructas canto,
E, na Vindima, e Ceifa a amante Virgem.
Cantarei os baixéis, oh Chypre, e Athênas,
Que os ventos, pelos pórtos,

Vos impéllem. Das Artes os prodigios,
E dos máis longes Climas os thesouros
Descarregão, depõem. Direi a nóva
Castália, em que hôje bébem

Francezes, e Britannos; vastas Scenas,
A que, em bandos, córre hôje a Europa inteira.
Quando venha a Velhice ornar-me a fronte,
Com cans da côr de Cysne,

Débil, e que eu não póssa pleitear Louros,
Tanto farei co' a vóz, farei co' applauso,
Que alente ao prémio os Filhos da Éra de ouro.
Ditoso, e mui ditoso,

Se eleito fôr, e que eu com mão profusa
Aos nóbres Vátes émulos, as Urnas,
As Trîpodes preciosas distribûa;
A uns, que na branda avena,

Na Lyra melodiosa modulárão;
Ou sons altivos, na Meónia Tuba,
Revolvêrão; ou quaes o da Sicilia
Pastor, e o Ancião Teio

Imitárão nas fláutas. Qual estranho
Abalo em mim não fôra dar a c'roa
Ao Váte mais estreito de meu seio!... (1)
E se o prazer sobejo,

---

(1) Allude ao Poéta Kleist, que elle muito entranhavelmente amava.

Nesse instante me não cortasse o estame
Que a alma me prende, neste antigo encêrro!
E se eu, por testemunha de meu extasi
Tivesse a Federico!....

Vª.

SAUDADES DO HYNVÉRNO.

Debátem-se, nos ares, as Tormentas,
Que o Céo, com nuvens tóldão;
Trovoando, as Torrentes se atropéllão
Pelas trementes várzeas;
Déspem-se os Bósques, Euros disbaratão
As hospedeiras folhas,
Por Valles, e por sêrros desgarradas.
Sêcca vara o Bacêllo....
E, óra porque lastîmo esse sarmento? —
Bebâmos-lhe o spumoso
Alégre sumo, Amigos. Fuja o Outono
Co' a sua Cornucópia;
Que já no-la vazou. — Chame-se o Hynvérno;
De Pinheiros c'roado,
Com diamantino manto adárga os Rios;
Do Sól affronta os dardos;
Com carambanos seus enfeita os ramos...
Crês, que as Sélvas florejão! —
Desdóbra néves, com que o chão tapîça;
E o Poéta arrobado
Alcatifa de Lyrios a imagina.
Na embalançosa Gôndola

A Amante já não tréme ; óra desliza
Desassustada , e alégre
No voador trenél : não sem malicia ,
No arminho da Formosa
Que ri , que o affasta , e que affastando-o , o sóffre ,
O Amante as mãos aquéce.
Já os Jóvens , no alto Rio , se não banhão ;
Mas c'os patins ferrados ,
Pela côdea fluviátile resvalão. —
Disséras , que Vulcano ,
Da alma Venus Espôso , depôz , nélla , (1)
O velóz do relampago.
Hynvérno , accende as iras , dá-te pressa ;
Impelle um glacial Léste ,
Que da Bohemia nos traga as nossas hóstes ;
E arrepiado , e transido
O caro Kleist , que ha-de achar-me firme
Na Amizade ; e lhe guardo
Amores , e Saudades de Licóris ,
Com vinho de outenta annos.

---

(1) Sentido co'a relação do pronome *nella !* que se refére á côdea , e não a Venus.

VIª.

A LÁLAGE.

E esse rôsto brilhar, sem que lhe venha,
Do Amor, o brilho, oh Lálage! E o teu seio
Ondear, sem que emboscado algum desêjo
Nas veias, lhe dê abalo!

Se eu, que o móve, dissér, térno suspiro?...
E hei-de eu, sem prémio, e em frágoa sempre accêsa
Mal que o Véspér apponta, ao som da Lyra
Soltar tristes Endêchas?

Pôr em tua ára, na alva matutina,
Magoados vérsos; ir, qual sombra tua,
Ao Theátro, comtigo, ao Baile, entre esse
Tropél de desvairadas

Máscaras, entre flores odorîferas,
E abobadados Bósques, que com trillos,
Dulcîsonos gorgeios formosentão
Pintadas Avezinhas?

Castiga a Mãe do Amor Nymphas sobêrbas,
Que do amante queixume fazem gála.
C'um sobrecenho seu, Rosa te abrólhão
Invejosos espinhos.

De Dáphne téme o fado. De mui casta
Fugio do Jóven Phébo.... Ei-la óra tronco
Ei-la raîzes, ramos, com que c'ròa
Phébo os doutos Alumnos.

VIIª.

A VULCANO, CONSAGRANDO-LHE UMA CHAMINÉ.

A ti, filho de Juno, estes marmóreos
Lares consagro, a ti, Rei das de Lemnos
Fórjas. Com essas chammas
Devoradoras, recolher fizéste
Meio-crestado, e evaporado em fumo,
O Xantho, no seu álveo.

D'aquî, co' a sua gelada Comitiva;
Affugenta-nos o A'quilo; e eu por prémio,
Cada manhãa te vóto
Graciosa fôlha, escripta por Elvira,
Do tôrvo Balbo Spôsa; que a não manche
Injusta, e má Suspeita.

Consórte ciòso da alma Venus, queima
A' Mãe das Graças o holocausto insigne,
Ou quando eu matutino
Sôrvo, ante o teu altar, licor da Arabia;
E qual, se eu fôra um Deos, me ondêa, em róda
Da fronte, ambrosia nuvem;

Ou quando, á tarde, saboreio as fauces
C'o dos Tudescos vinhos Rei néctáreo,
Que resguardar jurára
Ulfo riccasso, para o dia de ouro,
Que os Numes lhe outorgassem um menino,
Que rindo, e balbuciando,

Acodisse a encontrá-lo. — Annos já trinta
Gastos co' a cara Spôsa ; ei-lo na Campa ,
Sem conseguir tal filho ,
Sem d'esse vinho des-rolhar um vaso ,
A que eu , máis que elle , óra contente ,
Dou Carta d'alforrîa.

VIIIª.

CANTO LUCTUOSO.

Chorái , chorái , oh Filhos da Alegrîa ;
Chóra , amavel Loucura , chorái Jócos ;
Chorái , oh da Hamonîa quantas Filhas ,
E vós da Primavéra

Irmãas , oh Avezinhas , e vós , Zéphyros ,
De Náys , a Codorniz chorái que é mórta !
Ella folgava tanto de agachar-se
No ouco da mão da Dama ,

Quando esta co' a outra mão lhe anadeava
A mosqueada pluma ; co'argentino
Retintim (1) dava soîdo a porçolana
De purpurino esmalte.

Cantava Náys ? toccava ? Attenta e quêda
Plaudîa a Codorniz c'um meigo gésto :
Deixada a Lyra , ou Canto , sôbre a Lyra
Lógo îa dar gorgeios

(1) D. Francisco Manoel, Apol. Dialog.

A' mimosa Sólfista , e ao vácuo bôjo
Se põe de escuta ao som do tampo , e córdas
Com pensativa orêlha. Quando a Dôna
Via embebida , e tácita

Em alto devaneio , a folgaz Ave ,
Enfiava o vôo á tésta bamboleante
Do Ìdolo Lâma ; e lá empoleirada
Se embalançava nélla.

Ai ! que Ave não ha ahi , que se lhe iguale :
Nem inda , co' a ólhi-cáuda , essa de Juno ,
E menos a de Pallas , por mui sábia ,
E sobejo sizuda.

Formosa a nossa foi , e foi sabida.
Náys palestrar folgava , e divertir-se
Co' a linda Codorniz ; que a comprendia , e
Respondia donosa.

C'um aceno de Náys , a Ave gorgeiava ;
A' chamada acodìa ; eis ìa , eis vinha ;
Saltava espérta d'uma em outra espalda ,
Debruçando-se aos beijos.

Nos mesmos labios da dilécta Dona
Debicava o sustento. Qual nessa Ave
Pousava humano sp'rito ! Oh falla , dize ,
Donosa Validinha ,

Antes que a sêda funeral te envôlva ,
E para sempre a campa nos te ausente ;
Fôste outróra , por caso , já no mundo
Bom Toccador de flauta ?

Ou guápo Trovador ? — Já não diz nada ;
Que a Mórte lhe affogou a voz mimosa ,

E lhe roubou o encantador meneio
Da cabêça. — A mui feia

Mórte, que em fórma de escarnado Abutre
Vága á noite, a nenhuma Ave perdôa,
Ou corpulenta, ou ténue. Mas teu bico,
Teu bico tão prezado

Não tem de perecer; que a linda Dama
Em pérlas, e ouro, em preciósas pédras
Embalsemado o põe, para entre mágoas
O olhar, e entre suspiros:

E em lágrimas banhada, vê-lo a miûdo,
E chegá-lo a seus labios meigamente.
O teu cadáver frio aquî repousa
Neste rosal florîdo.

Teu jazîgo erigi; orlei-o em róda
Com Lyrios dos convalles, e amarantho;
E tua alma jucunda (affirmo, e juro)
Qual rûtila centêlha

Subio ao Olympo. Deixa-a que repouse
No hombro teu, oh Céres, que a aula ethérea
Tens por morada, e espigas, e papoulas
Nas mãos, no cêsto guardas.

IXª.

CHELÔO, BACCHO, E VERTUMNO.

ACHELÔO.

Ferî, eu filho do Oceâno, a rócha,
Na espadana jorrárão minhas aguas
Pelo Valle. A Arcanania,
Que súbito rasguei co' a sétta, undosa,
Com flores me brindou, com suaves fructas.

BACCHO.

Filho eu de Jóve, das crestadas Çarças,
Dôces cachos refrîgeros brotando,
Com seu nectáreo sumo,
Aos Pastôres da Thracia dei contento,
Com que Deos Bemfeitor me proclamárão.

ACHELÔO.

Piscosas povoações argenti-scâmeas
Nutro em meu seio, e alastro o fundo em nácar
De esmaltadas Conchinhas,
Com meu licor benigno a sêde apágo
A's Féras, Gádo, e a Bois ruminadores.

BACCHO.

Da Vinha largi-párra o fructo esmágo;
C'o licor novo os homens refocillo;
C'o elle humedeço os Numes,

Nas Féstas dos mortáes. Bêbão os Brutos (1)
Nas nascentes de mîseros ribeiros.

ACHELÔO

Quem conserva o Univérso? Em minhas ondas
Vêrto saûde e vida em peito humano.
Bebei, bebei, Pastôres
Crystal dos Rios; vivei máis que os Princepes,
Que com seus tragos mátta o Deo do vinho.

BACCHO.

Tu o Mundo conservar! Consérva-o Baccho;
Que d'entre os homens o Pezar destérra.
Do meu micante Néctar
Bebei, oh Reis, ditosos quanto os Numes,
Sêde; vós, como os Reis o sêde, Escravos.

ACHELÔO.

Mostra-me o lindo corpo a pudibunda
Virge', ante mim despida, e em minha lympha
Transparente, se banha:
E espreito, entre canniços agachado,
Das Nymphas a belleza, e travessuras.

BACCHO.

Quando eu á Virgem tîmida persuado
Que góste o meu licor, d'um brinco, em outro,
Lhe amacîo o Recato;
Em módo, que do Amante pérde os mêdos,
Que o cinto, manso e manso, lhe des-lace.

---

(1) Vina bibant homines, animalia cætera fontes.

ACHELÔO.

Teu possante licor anaça, Amigo,
Co' a minha lympha. (Oh guápa sociedade!)
Quando espraiar a vida
Teu licor, durará, com minhas aguas,
Máis innoxia, e máis larga essa alegrìa.

BACCHO.

Embórca Hóspede meu, embórca oh caro
(Tu tirîtas de frîo!) na Urna tua,
D'este meu Ôdre as chammas:
E aprenda o Mundo a prolongar astuto
Mocidade, Saûde, e Somno brando.

VERTUMNO.

Consenti-me no rancho, nóbres Émulos.
Olhái, como vos ri a Cornucópia
Colmada de áureos pômos!
Seu acîdulo succo uni aos vóssos
Licores, dái accésso ao alvi-doce
Crystal, que das mellîfluas espremêrão,
Cannas, do Hydaspe as Nymphas, vertei-lhe inda
O affogueado spîrito,
Que dessas cannas sáhe, e que eu, cerrado
Nésta Urna de O'nyx trago prevenido. (1)
Nas taças o embebáes. — Sabei, que outróra,
Quando a Pomôna esquiva, (eu grave Dama, (2))
Gabei esta ambrosîa,
Ella a saboreou, e facilmente
Se deixou requestar, e foi rendida.

---

(1) O Deos dos fructos gaba o Ponche.

(2) Vertumno converteo-se em Dama, para conquistar Pomôna.

Xª.

CALLIOPE A UMA ROMAN, QUE AMADURECEO EM BERLIN.

« Tu, de vêrde c'roáda? e aquî te encontro
Com teu abérto purpurino seio
Do Sól Boreál aos raios!
Oh fructa mui valîda
De Pomôna, e mui cara a Proserpîna, (1)
Que com tanto prazer, no Avérno Reino,

» Teus bagos rôxos sôffrega comêra.
Do Olympo ella não fez, do Néctar caso.
Que revóltas neste O'rbe!
Fóge o Már, fôrros deixa
A' rêlha do Colôno, Campos: Penhas
Se sumem pelo chão, que n'outro sîtio

» Vomita sérras. Traja-se de flôres
Teu arneiro, oh Berlin. Pomôna póde
Dos pômos máis suaves
A sua Cornucópia
Encher nos teus vérgeis. Flóra, a seu grado,
Estremar mil grinaldas multîcôres;

(1) Céres, Mãe de Prosérpina, que lhe Plutão roubára, obteve que lhe seria a Filha entrégue, se nada houvesse comido no Órco: verificado porêm que engolira sette bagos de Roman, allude o Poéta então ao vérso de Virgilio.

Nec repetita sequi curat Proserpina matrem.

» E a loura Céres passear á sombra
De gigantes espigas. Estrangeiras
Sélvas te traz Sylvano ,
De longes territorios ,
E os tenros tópes déstro lhes decóta ,
E , ante as ufanas pórtas , de floréstas
» Te enleia Labyrinthō ; abértas pórtas
A quantos Vates vem. Vejo esses Filhos
Do Ingenho , a vôo rápido
Por Térras , e por Máres
Buscar-te ; óra o cinzél , óra o Compasso
Na expérta dextra adrêde meneando ,
» As róchas desentranhão , e as transmudão
Em Palacios Ausonios , que ornão Státuas ;
Pouco ha frio-bronco o Seixo
Respira , e quasi falla.
Lá , sôbre ruînas , te érguem templo , oh Pallas :
Vértem Sábios doutrina , e a bébem Póvos.
» Falla ás Esphéras , Homem : dá-lhe o número ;
Móstra aos Ventos o alcance impetuoso ;
Do Sól desfìa os raios ,(1)
Pésa a Lua : e a remota
Aponta origem do Ouro ; os fuzìs narra
Da Cadeia dos Entes , dêsde a Terra ,
» Té que prenda no Sólio de Deos Summo. »
Assim cantou Callìope enlevada ,
Quando aos profanos ólhos
Da sobêrba Cidade
De seu Valìdo , tálha ignota os áres ,
De Apollo ao Templo endereçando o vôo.

---

(1) Com o prisma.

Já lá, co' a fláuta, e Lyra promptas a aguardavão
Com disfarce, (1) as Irmãas, cobrindo os rôstos.
Cinge a frente Melpómene
Com Cypréste, e as máis Musas
De variegado traje, em sôlta dansa
De atilado saber, dão ála ás Artes.

XIª.

O ARREPENDIMENTO.

E pude eu falsear as lições suas
Alumno, em vêrdes annos, de Callîope!
Entregando-me a Ti, sevéra Crîtica!
Agóra arrependido
Vôlvo a Ti, sempre amavel Déa. Um tiro
De Censura offendéo o meu Amigo,
Caro Selim. — Dulcifiquei em balde
O desastrado arrôjo!
Inda a chaga, no peito, se lhe assanha.
Dêsde hôje, oh grata Musa, para sempre
Me ságro a Ti. — Quando eu, por Ti, Poéta
Cantei jucundas Sélvas,
Cantei Amor, e Baccho; o meu Amigo
Me amava. E é gran ventura ser amado!
Não te hei Sacrificar, oh Amizade,
A' gloria de que as Gentes
Me admirem, me assinallem, appontando-me;

(1) Com as máscaras da Tragédia, e da Comédia.

Nem que me atrôe o Theátro, com applausos;
Nem que, para saudar-me, á uma se êrgão,
Como a Virgilio outróra.
A ter c'os Reis entrada te prefiro,
E, dos Valîdos, me sentar ás mesas,
Opîparas, mas sempre sitiadas
De vîs aduladores.

XIIa.

Á CIDADE DE BERLIN.

LASTIMOSA Berlin! a Divindade
Do teu Rîo eu a vi, (me assombra ainda!)
Ir, c'os seus alvos Cysnes,
Passeando entre os Abêtes
Do teu sagrado Bósque.

Dá á minha débil vóz; que eu diga, oh Náya,
Quanto entoado veio a meus ouvidos;
Quanto cantou divina
A tua bôcca aos Fáunos,
Cantou ás Hamadrîas.

» Salve, Cidade augusta, e glória minha,
As Alemãas Cidades se te inclinem;
Presencêem, humilhem-se
Ante o meu nóbre orgulho
Vólga, Ister, Rhódão, Báltico.
» Bem que inimigos meus, sem conto, igualem
De ambas as minhas práias grãos de areia,

Que ha que temer ? Não ólhas,
Do meu Amigo ao lado,
Um Tutelar ? um Nume ?

» Não vês Jóve guerrear, com seus coriscos ?
Pôr-lhe em fuga os contrarios ? Stender Marte
Densa nuvem, nos ólhos
Do Adversario, que lida
Em pôr o Heróe por terra ?

» E eu não o vi, travando do Estandarte
Transmudá-lo nessa Égida terrîfica
De Pallas ? Os odiosos
Inimigos pararem,
Como em térra arraigados ?

» Lógo, qual mésse, que o pedrisco accâma,
» Derribados pela hóste victoriosa,
» Não vi, como alastravão,
» C'os desangrados córpos,
» Máis de trezentas geiras ?

» Meio O'rbe se arreméssa a um só Hómem,
» Perjúrios, e traições contra elle urdindo,
» Chammas, nóctúrnas trévas,
» Com todo o horror do Avérno
» Maquîne em seu destrôço ;

» Triumphos lávra ao meu Heróe Prussiano ;
» Seu magnîfico Filho os Céos amparão.
» Vê-lo-has, Pôvo querido,
» C'roado vir de Louros.
» Lá vem. — Que eu já o avisto.

» Radiôso vem ; qual chêga Apollo a Délos,
» Depois, que com mil séttas homicidas,

» Arrancou victorioso
» A Python, monstro horrendo,
» O alento denegrido,

» Présto, aos Vindouros, dai seu vulto, em bronze;
» Présto um Templo lhe consagrai, nas ábas
» Do meu Rîo, que anceia
» Os degráos tapeçar-lhe
» Com sempre-frêscas flôres. »

XIIIª.

A BERNARDO RÓDE.

Tu, que com pincél déstro, á vida vólves
Lavado em sangue, um César,
Que, co' a purpurea tóga o rôsto encóbre
Ao punhal de seu Filho,
Por lhe não exprobrar, com meigo aspécto,
O parricidio, o infando: (1)
Tu, que o Filho animaste de Philippe,
Olhando mavioso
De Darîo o cadáver; e affiguras
O Antîstete Troyano,
Nos nós gemendo, com que o estreitão Sérpes
Horrendas... Que a Melpómene
Pintas; oh deixa, Róde, um curto prazo
A multicôr palhêta;
Deixa os valentes quadros, que o cásto ânimo
De Scipião o Magno....

(1) Crime de ser o mattador de seu Páe.

Que a Coriolano, e o p'rigo, se obedece...
E essa admiranda série
De Heróes Brandeburgenses, dêsde o Achilles
Alberto, que a Bandeira
Inimiga tomou, até ao Grande
Guilhérme, que o exército
Qual furioso tufão, levou de arrôjo,
Por néves, e por gêlos
Do Contrario as espaldas accossando....
Deixa esses quadros; conta-me
Qual Nume te embebeo no vivo lume,
Que em tuas óbras lávra?
E qual te deo o manso soffrimento,
Com que a váidade, o orgulho
D'esse enxame fiscal, tão temerario
Vês, sem que a Invéja punas,
Co' a sátyra d'um Quádro? nem o Ultrage,
C'um cenho de desprêzo?
Só dos Apelles, só dos Miguel-Angelos
O ingenho em tal desméntes.
C'os ólhos fitos, no radiôso Templo
Das Artes, pérdes tino
Da alcantilada senda, que trilhaste?
E ouves modésto, e callas-te
A's lições, que quér dar-te ufano o Ricco,
E o que por postos campa?
E esses Mancêbos vãos, que perpassárão,
(Da Presumpção no cólo)
Tal, ou qual Galerîa das famosas?
Callas-te, vendo Gómetras,
Consultos, ou Guerreiros, incapazes
De prezar o grandioso,
O enérgico, a nobreza, a formosura

Dos assumptos , que estrêmas ,
Lhes preférem pinturas de Ruînas ,
De Bois , remoendo o pasto ,
Açafates de cáchos , de boninas
Objectos , que deparas
Na máis trivial , ignóbil Natureza ?
És tu o Artîfice único
Que , sopeando , os împetos , te digas ,
« Não desprezes quem mînimo
» Na Pintura , co' as prendas , que não lógras
» Dos Céos foi máis ornado ,
» Ou com virtudes próvidas á Pátria ? »
És tu o Artifice único
Que nas O'bras dos Émulos coévos ,
Só contempla a belleza ,
E aos máis deixa o perluxo dos defeitos ?
Tanto amigo és dos homens
Que , ao fraco , alardear valor , consintas ?
E que ao mal-déstro Obreiro
Sôffras , que empunhe o scéptro da Arte illustre ?
Que , sem pezar , enjeites
A escassa glória , que , sem custo , alcanção
Entre os Ingenhos bôtos ?
Pela Arte mesma , e não pela alta fama ,
Teu coração sublime ,
Tem a tua Arte em preço ? Como o Sábio ,
Por ella , ama a Virtude ?
O que á Lyra preside Grawn famoso
O dulcîssimo Canto ,
Que ouvio no Olympo , e cujos sons espraia
Pelas ribas do Suévo (1)

---

(1) A Sprée.

Como tu fêz : nunca de tôscos Mársyas ;
Zombou dos sons agrestes ;
Nem conceito , ou des-músicos ouvidos
Fiscalizou dos Midas.
Em teu louvor , e seu , gráve a Verdade
Lavrou em lettras de ouro :
« Grandes ambos , (1) nas Artes sublimadas ,
» Maiores na modestia. »
Quem , no sagrado Côro dos Poétas ,
Para Con-socîo vosso ,
Irá buscar meu Canto encomiástico ,
Senão meu Kleist amado !
Provado Amigo , campesino Vate ,
Modésto... (Ouvi attentos
Tenros Tirões das Musas , ou de Marte)
De dous lauréis cingido ,
De Poéta , e de Heróe. — Se eu nésta lingua
E de Theut , e de Manno ,
Tão sujeita a mudanças , colhêr inda
Duradouro diadéma ,
Kleist me acceite a c'roa da Modestia !
Das c'roas a máis rara.

---

(1) Rode, e Grawn.

ODE XIV.

AOS INIMIGOS D'EL REI DE PRUSSIA.

Até quando Megéra enfurecida
Tem de incitar o facho ? Reis d'este O'rbe,
Porfiados assaltáes a um Rei invicto,
Por lhe augmentar a glória ?

Com vêr, que lucta contra tantos p'rigos;
Que alcança tantos louros; que executa,
Aventurando a vida, acções tão nóbres,
D'um Semideos condignas....

Domados tantos monstros, com tal brîo,
Não vos dóbrão á Paz ? Nunca a vingança
D'algum Deos abrazou tenaz o seio
Com denegrida tócha.

Lógo que Alcides suffocou nos braços
Nemêo Leão, da pélle armando coura;
E a espada vingadora, qual relâmpago,
Despio, miûdando gólpes....

Na Hydra, que o cansava, e os pullulantes
Cóllos lhe decotou, máo grado aos împetos
Do monstro, que se tórce, e se destórce,
Por lhe morder as plantas;

Que de arrancá-las dos paûes, e brenhas
Têve azo (que ás mãos de Hércules é jôgo
Destruî-las) as Stymphálides... que a briga
Evitávão — e dos rôstros

Medônhos gritos dando , e com as gárras
De bronze arreganhadas.... e os Cavallos
De Thracia tomou vivos , lógo expôz-los
Aos animáes vorazes...

Soprando elles das ventas labarédas
Queimavão mésses , Chóças commettîão ,
Para nas fáuces engolir famintas
Desventurados homens (1)...

Então , nos Deoses , se abafou a cólera ;
Juno enfreando as iras , diz primeira :
« Filho de Jóve , acodidor dos Póvos ,
» Máis Deos , que os grandes Deoses ,

» Lógra o , que eu te impedia , alto remanso ,
» Eu , que inimigas chammas te inflammava ,
» Te enganei , com meu ódio , e puz malquisto
» Contra ti , todo o Olympo :

» Lógra holocáustos , que hão-de consagrar-te ,
» Máis do que a nós , os Póvos do Univérso ,
» Do suáve néctar a primeira taça
» Das minhas mãos a acceita. » (2)

---

(1) Vid. os 12 trabalhos de Hércules.

(2) Allegóricamente se designão n'esta Ode os Soberanos , contra quem guerreou El Rei de Prussia. Juno é a Imperatriz Maria Thereza , etc. etc. etc. Os exércitos são os monstros , que Hércules venceo. Saxonios, o Leão Nemêo; Suécos , o Cangrêjo; Stymphálides , os Francezes ; Cavallos de Thracia, os Russos. Poësîa , que não pinta , bórra. Lá está a Historia , que para contar vále máis que ella. *Quod melius historici faciunt.*

PETRONIUS.

ODE XVª.

A' PAZ.

Oh Paz, amavel Paz, onde fugiste?
Aos Céos? á Pátria tua?
Cansada de injustiças, para sempre
Deixas, saudosa, a Terra?
Buscaste acaso inhóspita pousada
N'alguma plága Oceânica,
Crêspa de inaccessiveis penedîas,
Onde não lançou ferro
Nunca ávido Chatim, nem pôz pegada
Facinorosa planta; (1)
Nem de Conquistador foi conhecida?
Pousar fôste nos páramos,
Que aos homens védão couto; onde o Selvagem
Desassustado bébe
Da Pálma o succo, a fructa cóme; e dá-se
Por morador do Empyreo?
Lá onde assistes (oh!) deixa applacar-te;
Vólve aos sîtios, que outróra
Tanto aditavas; onde lá dos montes
Coalhados de rebanhos,
Das pampîneas parreiras, de enlouradas
Pyrâmides de Céres,
Vînhão a nós os Cantos de alegrîa.
O'lha os Casáes, que ás Vîllas,

(1) Dos pés, não de legumes. Tenhâmos sizo.

Por grandes semelhavão, que em belleza
C' os jardins pleiteávão;
Mal-jázem derrocados, hôje ruînas
Cá, e lá, como cêpos
De ardida Sélva; ou nos desértos muros
Desleixadas hervinhas. —
Não trávão dansas, na vindîma as Môças;
E até no altar de Céres
As Ceifeiras depõem, com pranto, as c'roas
Das banhadas (1) espigas.
Tála a Guerra (oh miseria!) prados, vinhas;
Co' a fructa, a A'rvore estraga:
Com gume igual dególla a mansa Ovêlha,
Que com leite nos brinda,
C'o Cordeirinho; — arrastra os Canhões bronzeos
C'os Cavallos do arado;
Co' as nossas mesmas fouces, ceifa o Pôvo;
Rouba ao Páe de familia
A vida; e lógo o Genro lhe arrebata,
E apóz lhe alista o Filho...
Dóbra-te, oh Paz, que vês tantos desastres,
Salva os minguádos réstos
Do teu Pôvo; — com sétte grilhões de áço
Prende aos umbráes do Tártar o
O Monstro destruidor; que lá sem têrmo
Se môrda, escume, e ráive.

---

(1) Banhadas de lágrimas.

ODE XVIª.

CANTO DA NYMPHA PERSANTE (1).

O Meu Heróe venceo! Alégres lágrimas,
Não affogueis meus Cantos jubilosos.
Ondas do Rio meu, contai aos mares,
Que o Drago jáz vencido.
Aquî, onde, com médas arenosas
O'rla o Báltico as práias, com que ampara
A Colberg, que eu tanto amo, estava alégre
Sentada discantando
Aos attentos Tritões, um Hymno, em honra
Do meu Persêo, e fama: » O victorioso
» Braço do meu Heróe, ao feroz monstro,
» Que o Riphêo, cobertado
» De néves, vomitára em minhas margens,
» Prostrou no chão; — dos Céos desamparada,
» Eu prêza fôra sua. » Assim cantava,
Quando vi dos máis fundos
Azulados abysmos remessar-se
Um Dragão, que cincoenta fáuces ábre
Flammîvomas... Eu fraca, eu tremebunda
Na práia me esvaëcîa.
Eis Persêo désce, da pousada Olympia,

(1) Para intelligencia d'esta Ode recordar convêm, que em balde sitiada duas vêzes foi a Cidade de Colberg pelos Russos, por térra, e depois por mar, pelas armadas combinadas de Suécia e Russia, em que se contavão 50 vélas.

Brande a fulgente lâmina, e tres vêzes
Nove dias, a Mórte, nos equóreos
Mares repréza válido.
Que torrentes de chammas não dispara
Contra elle essa Hydra! Em fim meus tristes Cantos
Tendo accésso nos Céos, de lá granizo
Vibrárão de armas, onde
Meu Persêo pelejava; sôbre as azas
De Mercurio levado, armada a fronte
Com Plutonio morrião, na dextra a lança
Da terrivel Minerva,
No mar profundo precipita o monstro. —
Sem fim meus labios cantarão seus brîos.
Cantarei meu Heróe, em quanto cinjão
Os braços d'este pôrto
Inchadas vélas, com que os ventos fólguem:
E quando Elle saudar venha estas ribas
Juncar-lhe-hei de conchinhas o caminho:
Minha Urna âmbar, e escassos,
Embórca apenas, orphãa de ouro, os grumos. (1)
Tu, Vate, que ha já tempos, modulaste
Canções, ante os umbráes dessa Cidade
Matérna, se inda o ninho
Em que vieste á luz tens por assumpto
Do teu amor, o meu valîdo canta,
E o meu Libertador, nesse alaûde,
Que com modérnas córdas
Estreáste bizarro; e a cujos tóques
Cantas perenne os Numes, cantas brigas,
Que sôbre o Pélion, e Ossa porfiados
Os Titães sostivérão.

---

(1) De âmbar.

ODE XVII^a.

A' cerca d'uma péça d'artilheria, que d'uma distancia desmesurada, atirou uma bala, na Cidade de Berlin.

Monstro infernal, que as cavernosas fáuces,
Como os do Etna vulcões, abres horrendo,
E flammîgero vibras
Abrazados trovões, com que destrúas
Os das Musas Amigos não-culpados.

Quem, para estrago da florente próle,
Te gerou inventivo, a espada aguda
No seio á Mãe cravára;
E contente ensopára o punhal frio,
No, da formosa Filha innóxio sangue.

Vi-me ás ábas do Styx, vi pérto o Cérbero,
De empeçonhada spuma, ouvi a róda
De Ixion ranger no gyro.
De Dánao já avistava a iniqua stirpe
(Stirpe cruél!) e os desfundados vasos,

Que objecto ás sombras são de mófa; e entrava
No Elysio, junto a Minos: o Avô magno
D'este máis-magno Néto
Já eu via. De Brenno os Descendentes,
Lhe enchendo a marcial Tenda, applausos, Cânticos

Lhe ouvia. Celebravão fésta heróica
A' gloria de outro Heróe, que seis Sob'ranos,
E Sátrapas sem conto
Combate. — Eu já cantava o ultimo lauro....
Quando, entra um Mundo hostil, que o cinge, e ameáça.

Que troveja... Elle a plánta, a passo cheio
Movia, entre mil frentes desangradas,
Que esfriou Libitìna.
Já me invejava Alcêo o Canto ufano:
César se avizinhava para ouvir-me.

Com Antonino sábio vem Juliano,
Que ambos Césares ama.... Mas de Máya,
Co' a pia vára, o Filho,
A bála desviou, que vinha anciosa
De despenhar-me a fronte, no O'rco escuro;

E tolher-me, que intrépido, na Lyra
Môva as córdas, quando, entre ondas de aromas
O meu Heróe caminhe
No Carro triumphal, levando a rôjo,
Da Guerra o tôrvo Monstro maniatado.

Quando, sôbre trophéos, alçando o thrôno,
O cortêjem as Artes, e no Templo
De Polymnia admirar-mos
Victorias suas, em luzidas scenas,
Em heróicas Dansas, guápos Jógos;

E quando Osîris novo a maior auge
Suba os triumphos seus, vertendo a frôxo
O Côrno da abundancia,
Ricco de fructos, ricco de ouro, e prendas;
As terras, que o bençôão, visitando.

ODE XVIIª.

Ao General Daun, depois de batalha de Torgau, que El Rei de Prussia lhe ganhou.

Céssa de ser, apóz tres annos, Fábio,
Ditoso tardador. (1) D'esses teus sêrros
Qual foi o Fado? Já, para o inimigo
Não se alcantila a rócha?

Lêmbre-te o lasso Vencedor, que á noite,
De sobresalto cólhes, lembre o como
Uma mó de soldados, n'um Oceâno
De trópas vai a pique.

Como alliadas Nações, com manha, ao tálho
Se mandão; como poupa as suas hóstes
O Cábo, que ólha de alto, e longe, e a sálvo,
Como lávra a peleja.

Eis-te vencido! E quem nossos Visires,
Nossos Baxás altivos vingar traça,
D'um Rei, que quér reinar, e o póde,
Affouto, por si mesmo.

E quem os Generáes, de glória anhélos,
E do despôjo vingará d'um Princepe,

(1) Cunctator.

Tão fóra do uso, que as batalhas ganha
Elle, em pessôa própria?
Quem é que ha-de vingar os nossos Sábios,
Nossos Ingenhos de dicção disérta
D'um soberano, que das Artes todas
O Magistério occupa?
Mîsero Antiste, que com vãos prodigios,
Leigaços nos divértes! Mal-benzida (1)
A espada foi, que no élmo de Minérva
Se quebrou em pedaços.

ODE XIX$_a$.

Aos Reis.

Ir-se-ha este O'rbe ao fim? Algum diluvio
De bárbaros soldados nos despenha
Nos pégos da Ignorancia?
Dèrrocar-se-hão Padrões, alluir-se-hão Templos,
Para nomeadas ser nóbres ruînas?
D'apóz destroços táes esperarêmos
Éra vindoura, que Artes nos invente?
Que das cinzas, das campas
Nétos lhes dêm nascença? Oh não! Que ameaça
Estrago tal destruî-las para sempre.
Da Sciencia é a luz c'os Sábios mórta,
Desdoutrinados Filhos, mas fardados,
Roubão, saltêão. — Mîsero

(1) Que não produzio effeito.

Lavrador tem de ser, quem não se alista
No bando de homicidas. — Vós, máis sévos,
Que o assolador Vesuvio igniflammante,
Máis sévos que os trovões, no cávo seio
A terra revolvendo,
Satéllites da fóme, dos Contágios
Que a Mórte, sôbre os hombros de Néptúno,
Em rápidos baixéis, dêsde Lisbôa,
Leváis aos gêlos do O'by, nas phalanges
Armadas para excidio
De humanos como vós... Oh vìs algôzes
Do O'rbe vindouro, algôzes do O'rbe hodiérno;
Que dos bravos Germãos, com mãos Germanas,
As entranhas rasgáes, por dar enfado
Ao melhor dos Heróes;
Ao, dos filhos de Brenno, Rei prudente,
Dizei-me agóra: — Quando a Paz seu freio
Posér a vossas furias homicidas,
Rendendo a cada Rei os seus Castéllos,
Com as Comarcas suas
Taladas, despovoadas, abrazadas....
Oh quanto, oh Reis, se ainda a vil Lisonja
Na vossa alma, por meio dos Prazêres,
Da Polìtica falsa, não deo cabo
Do Pezar virtuoso
Das mórtes, que a milhões déstes (ìmpìos!)
E, nelles, aos por vir (1) — fartos já de estragos
Dai ordens ás Legiões, que o Campo deixem
De morticinio. — Como as fôrças vossas,

---

(1) Aos que delles tinhão de nascer.

(Então, sem crime hardidos)
Não empenháes, no abrir novas derrótas
No Pacîfico mar! em descobrirdes
Algum Pôvo inda ignoto, industriá-lo,
E servir-lhe de Páe! como o primeiro
Inca (1) aos Peruânos broncos,
(Dando ao Paîz natal nova existencia)
Lindou terras, fez choças, vestio gentes,
Mulhéres sorteou, deo honra ao Pêjo,
Deo culto a Deos: do Sól chamado
Filhô foi; foi Sól do Pôvo,
Por benéfico, e como o Sól luzindo
Irá, por um sem numero de idades.

ODE XXa.

Ao meu Médico.

Permitte, oh Esculapio, oh caro Amigo,
Que eu do cárcere sólte
Vinhos, que os tão famosos espremêrão
Prélos de Hocheim; — e inda outro,
Cujos cáchos, em meu natal colhidos,
Se embebêrão dos raios
Do sól, lá do Tarzal sôbre os cabêços.
Quéro affrontar a Fébre,
Que frîa, como a Mórte, vem coando
Pelas veias. Reléva
Que eu escute as sublimes melodîas

(1) Manco Capac.

Dos Hymnos seculares.
Federico, que dá máte ás phallanges
De Europa, quanto ás Cáfilas
Asianas, quanto ás ráivas das Euménides,
Fére hôje o meio dia
Da idade sua; e Cantos compôr quéro,
(No arrôbo da alegrîa)
Que exponhão quantas elle obrou proëzas.
Dos seus famigerados
Contendores, quem só possa arrostá-lo
Unica remanece
Theresa: Tanaquil desceo já vîctima
Do inexoravel O'rco;
Cleópatra, que ao Pólo estende o Império,
Vai habitar na campa.

ODE XXIª.

O Poéta.

Aquelle, a quem a Mãe, entre os dulcîsonos
Gorgeios dos Irmãos da Primavéra
Concebeo fortunosa;
Que, em sônhos inspirados
Pelos Deoses, cuidou á luz do dia
Dar um Cysne.... Esse mui ditoso Filho

Nunca pendurará, na ára cruenta
De Marte, triumphados estandartes
Nem chaves de Cidades
A' escála submettidas,

Nem esporões de armîgeras trirêmes.
Nenhum baixél irá por seu mandado,
Desfraldar vélas em redór do Pólo
Chatinando fabrîs industres mérces;
Nem, dos que o Sól escalda,
Outeiros, louro sumo
Por brutos trocará da Ursa gelada,
Por metáes arrancados das entranhas
Máis profundas da Térra. Dêsde a infancia
Lédo os dons cantará da Natureza,
No enramado alaûde;
E, entre faustos assombros,
Quando viril decóro lhe orne as fáces,
Ouvirá que o saûdão por Poéta.
A máis jóven das Graças.... No seu grémio,
Qual bom Custodio, o accolherá o Pêjo:
D'ante os seus ólhos Pallas
Descozerá as nuvens
Do vil, deslumbrador, pérfido Engano,
Applicada a estremar-lhe a sãa Verdade.
Pelas floréstas só, meditativo,
Honrando o Creador na Creatura,
Perdido o susto á Mórte,
Verás como tranquillo
Sabe esperá-la — assim como a visita
D'um Hóspede estrangeiro, é esperada. (1)

(1) Repararão alguns Críticos de agua doce, que as stróphes empérnão umas nas outras. Mas os exemplos de Píndaro, de Horacio etc dão fóros á nossa Lingua de tomar essa liberdade. Não é a nossa metrificação sujeita ás régras da Poética Franceza, em que as stróphes devem concluir com ponto final como artigos de procésso.

ODE XXIIª.

Ao Jurisconsulto Krausz.

Nem Orac'los de Thémis, nem querélas,
Ruidando em redór da ara,
Nem, que vague, em seu Templo, o Póvo em chusma,
Tolher-te não conséguem,
Caro Krause, que sóltes da aurea Lyra
Dulcîsona harmonîa.
Os triumphos de Henrique os outros cantem,
Triumphos açodados
D'esse hórrido Leão, que êrmos da Lybia
Estremece, dormindo....
E quando Onça o despérte ameaçadora,
C'um firme pulo rápido,
Se arrója, férra a gárra no inimigo
Quadril, e já lhe embébe
Toda a cabêça na garganta armada
De carniceiros dentes.
Comtigo cantarei meigos triumphos
De Laura, e a Dita insigne
De abrazar-se por Daphne; — por ti, Daphne,
Por teus tão lindos ólhos
Hei-de eu tambem cantar-te,
Bôcca, em que as Graças pousão, e estás chamando,
Com teu suave alento,

Os beijos ; — c'os seus chistes donairósos
(Que sem que alguem moléstem)
Os ouvidos encantão. Meus tributos,
Alabastrino seio,
Benigno acceita : palpitar te vejo,
Entre o cendal avaro,
Que, por cima, lhe lança casto o Pêjo ; —
Que inda assim faz negaça.

ODE XXIIIa.

A Délia.

Tão léve em desfechar do aço homicida,
Formosa Délia, o Cão, quanto és tu déstra
Em desposar co'a theórba,
Da Ausonia os sons, — a ausencia do teu Athamas
Te afflige.... Elle, nas margens do áureo Téjo,

Ou, c'os féros guerreiros d'esse Clima,
Se enfileire, ou pratique Nymphas, Damas
Siganas quanto ardentes,
Nesses sociáes debates máis p'rigosos,
Que os do sanguento Marte, em ti só cuida.

Co'a Amazonia gualteira, e as tremolantes
Plumas sombreando a fronte, porque afastes
De ti saturno enôjo,
Cinges luzente alfanje, e as rédeas tómas
Do generoso Tártaro ginête.

Vóltas, co'a prêza do Veádo, ou Côrça;
E Neárco, em seguir-te, assiduo, e préstes,
Te dispôz grão refrêsco,
Nas sombras dobradiças de seus Plátanos,
Ou nas sedas listadas da áurea Tenda.

Oh d'um leál Espôso Dama, oh téme
O opáco das floréstas, téme o fôgo
Das Paixões, que acareão
Liberdades da Caça, e a mesa opîpara
Com quanto a Terra, e o Mar nos saboreão.

Resguarda-te do humor tráidor das Cêpas,
Que em sangue de Cupido se embebêrão.
A rôxa côr roubando
Aos ólhos da Perdiz, traições, rebates
Traz, e affugenta os Guardas da Pureza,

E a sevéra Razão, Péjo acanhado;
E a Altivêz (que a assômá-la pouco basta),
E a prevista Prudencia
De agudo olhar, que espreita no futuro. —
Vénus, a quêm, c'um Hymno tão donoso,

Encantou seu valîdo Anacreonte,
Lhe deo, por mimo, uma Pombinha sua,
Das que o Carro lhe vôão.
Cupido, por supprir o tiro manco,
D'entre Árvores voando, d'uma em outra,

Avista nova Pomba, entre frondosos
Ulmeiros, que abraçava amante Vinha;
O nû bracinho estende
Para a apanhar, se arranha, e enxuga
Com párra o sangue, e ao grémio da Mãe tórna.

Passárão Éras, transplantou-se a Cêpa
Ditosa, que bebeo tal sangue, a arneiros,
D'onde lhe espréme os cáchos,
Para ricca, estrangeira gente, lédo
Vindimador, cantando. Admira, oh Délia,

O prodigio, que causa uma só gôtta
Do sangue de Cupido. O alvi-spumoso
Lîquido âmbar micante
Levêza inspira folgazãa, malicias,
Travessuras, e ardor de curto prazo.

ODE XXIVª.

A' Concordia.

Tu, que harmónica régras os que ródão,
Sôbre nós, vágos ástros,
Nos sitios, onde désces, sob as plantas,
Vês surgir-te, oh Concordia,
Cidades, Póvos, vês singélas Nymphas
Hymnos trançando, e dansas. —
Com vista ameaçadora, e surda a rógos
Brande na dextra Némesis
Cutélo, e váras, com que vingue o sangue,
Se mão injusta o vérte;
Vingue manchadas nupcias, furtos. — Ella
Nunca de ti se afasta.
Vê, Concórdia, estes Pôvos miserandos,
Que a ti as mãos, os ólhos

Levantão ; vê Cidades destruidas ,
Queimadas as Aldeias ,
Riccas méss s calcadas por Cavallos....
Vê minguadas as próles
Para o futuro , e nûas dessas Artes ,
Que ao lado teu conduzes.
Ouve implorar-te a Gente , ouve os clamores :
« Concórdia, applaca as rixas
« Dos Reis , que as térras mîseras devástão ».
Esse Heróe , da Germania
Tutelar , que tres vêzes commettêra
A Paz , antes que o braço
Alongasse , e as tenções estragadoras
Dos adversarios Princepes ,
Com tiros sette de trovões.... (1) Por cabo ,
Unindo , com teus laços ,
A Suécia , e Russia , ás ábas do már Báltico ,
Te alça gloriosa Templo.
E queira a de Austria Heroîna limitar-se
Em seus dominios férteis ,
Jubiloso outro Templo ha-de sagrar-te ,
Sôbre os Sudetes sêrros.

---

(1) As Sette batalhas de Lowosits, Pragum, Rosbach, Lissa, Zorndof, Lignits, Torgau.

ODE XXVª.

Ao Rei de Prussia, quando, depois da Paz, voltou a Berlin em 1763, no dia 3 de Março.

O Heróe, por cuja vida estremecîas,
Quando nas brigas, em que o empenha o Fado,
Bronzeo trovão, dos tópes
De altas sérras, ao lado seu, ferìa
Sócio de seu valor, bravo Guerreiro;

Quando via appinhar-se máis contrários,
(Em seu damno!) que não crerão vindouros;
Quando, abastado o peito
De destemido brîo, se arrojava,
Só, mas iguál á Europa inteira;

Oh Berlin, o teu Rei, por quem te ufanas
Das Germanas Cidades a Princeza,
Que em teu pró acarêa
As Artes, érgue Paços róça-nuvens,
Floreja os Campos, quáes jardins de rósas;

Páe, que te alimentou, na ágra penuria
(Oh desastrosa quadra!) Eis que a ti vólve,
Depois de haver atado,
A's pórtas do O'rco, a rábida Discordia,
Com triplicados nós de bronzeos laços.

Augusta Spôsa, arrója-te a seu seio,

Prantos gozósos vérte ; oh deixa Amélia , (1)
As áras , que cingîas ,
E holocáustos , que implorão , que a ti , salvo
Tórne ; o briôso peito abraça , e dize-lhe....

(Se inda vózes franquear o gôzo extrêmo)
Spôsas de dous Irmãos , o manso rôsto
Lhe beijai , proclamando :
» Vóltas ditôso , oh do teu Póvo amparo ».
Dizei : « ditôso vóltas ». Dizeis tudo.

Com frondosa ramagem sempre-verde ,
Com floréstas de louro juncai , Nymphas
A estrada , que este trilha ;
Quanta flor Primavéra , e sól desatão ,
Na Térra , e pelos troncos , vertei préstes.

Quando o Carro triumphal rompa o concurso
Dos Póvos radiantes de alegrîa ,
Aos áres vós , Senhoras ,
Dai o que a Arábia géra , grato incenso ,
Que perfuma os thurîcremos altares.

Bradái , oh Jóvens : » Quanto nós felices !
Que quádra a nossa Aurora , com os dias
Do melhor dos Monarchas.
E vós , Anciões de encanecida fronte ,
Dizei : » Felices nós , que o têrmo vimos

« De proêzas dignas de immortáes corôas.
» Ébrios de gôsto nos dá golpe a Mórte :
» Apóz de nós , de herança

---

(1) Irmãa d'El Rei , abadessa de Quedlinburg.

» Ficará Federico a nossos Nétos
» Ditosos de o possuir. — Io, triumpho!

Io, triumpho, em doce alento a Lyra
Romperá, entre júbilos sublimes.
Io, triumpho, exclamo;
Que ao grande Semideos cantei um Hymno;
Hymno, que elle applaudio! Io, triumpho.

ODE XXVIª.

A Gallinetta. (1)

De immortal Mãe degenerada Filha,
Máis gente hás conquistado, que a Irmãa tua
Ibéra, que te vence no alto pórte,
E senhoril meneio.

Tu máis convidas, que a sigana Hespérida,
Cujo canto dá máte ao das Sereyas,

(1) *Gallinetta* quer dizer a Lingua Franceza; *Ibéra* a Hespanhola; *Hespérida* a Italiana; *Teutónica* a Allemãa. Diz, n'uma de suas Cartas o Autor desta Ode; « Sabes quanto admiro os excellentes livros Francezes; mas não são esses os que os nossos Guápos, e nossas Guápas lêm. A essas óbras primas, que com razão estimáes em França, preférem elles, e ellas os livros de que lá não fazeis caso. Contra esse abuso me indigno.

Mana eloquente (qual suadéla) em fallas,
O mél suave do Hybla.

Por cima do hombro hôje ólhas a *Teutónica*
Divina, e c'o esse teu palrar leviano,
Namoradas Canções, joviáes sainêtes,
Lhe roubas (1) os Amantes.

Vólta ao Matronario, (2) vólta ao Pôvo
Micante, como o vinho de seus montes;
Baste, oh Nympha loureira, que embellézes
Os nossos — Córre-térras:

Os de estranhos Monarchas Enviados,
E, em Tertúlias, o entôno dos Fidalgos: —
Dos sábios Druidas, dos sublimes Bardos
O ingenho oh não pervêrtas.

ODE XXVII^a.

Ao Hymenêo.

Filho de Baccho e Venus, que és nascido
Na embriaguez máis grata
Dos Amôres, Hymen, Tu sentas Sólio
No thálamo das nupcias.
» Das gerações, oh Páe perpétuo (clama,
E clamando suspira

(1) Ás outras linguas.
(2) La Marne.

Des-socegado o Ancião) » tóma em teu grémio
» As que eu guardar não valho,
» As casadouras já, minhas tres Filhas. »
Para ti se atavîa,
A Donzella, quando hymnos matutinos
Te canta; em ti só spéra
Cordato Môço, de amor vil náuseado;
Orações te enderéça
Enlutada a Viûva de annos vêrdes,
E a que no peito lavra
Chamma voraz, te manifesta o Viûvo.
A ti Reis mandão vótos,
Que venhas repovoar taládas térras.
Se, nesta Éra malvada,
Inda és propicio, a féstas, a holocaustos,
Honra, presente, (1) a Casa
Do meu caro Leucon, que os joêlhos dóbra
Perante os teus altares.
Vem, traze, em cada mão um annél ricco
Myrti-enramada a fronte,
Cingido o braço, co' esse listão de ouro
Que á Spôsa o joêlho apérte.
E quando o Amor, e o Vinho aos Convidados
Sólte em vótos a lingua,
Fôrça é se humane a Noiva, e do máis déstro
Seja o listão trophéo.
Em quanto o roubo os Môços se aquinhôão, (2)
Modésta a Spôsa, e trémula,

---

(1) *Presens divus habebitur.* — Horat. *Lib.* 3. *Od.* 5.

(2) É uso em França, que o máis môço dos Mancêbos do noivado, passe por baixo da mesa, e desate á Noiva a liga da pérna, que depois se reparte pelos outros Mancêbos.

Se lhe escapa dos ólhos, e empóz della
Córre o férvido Noivo.

ODE XXVIIIª.

A' minha Musa.

Acaso é Jóve o máis supremo Nume,
Que, c'um mover da omnipotente fronte
Todo o Olympo estreméce?
Ou Pallas, que do cérebro lhe rompe,
Deosa indeféssa, que c'um grosso freicho

De acicalado férro guarnecido;
Que ella brande, qual fléxile venablo,
Despenhou, lá do ethéreo
Encélado, e Typhon; na immortal égide,
Aparando um granizo de penhascos?

Acaso és o Rei primeiro? ou grande Henrique
Ou magnânimo Guélpho a quem teu Canto,
Por Patarêo Apollo
Inspirado, quér splandecer de glória?
Fernando, e Henrique, doutrinados ambos

Na sapiencia dos Reis, aviventados
Nas virtudes guerreiras, cabáes julgo
Dos máis sublimes Hymnos:
Cêdo ao Brunswic Heróe alcarás nome;
Hôje os teus sons rebôem (1) gloriosos.

(1) Eccheggieno.

De Federico o Irmão, que as infunadas
Vélas, Baixél airoso, ao sôpro estende
De favoráveis A'quilos.
Como elle, oh Musa, sólta os teus podêres,
Dize: » Quando o Sob'rano Federico,

(A quem adóra o Spréa, o Préguel, o O'den)
» Quando o Arminio d'esta Éra, acommettido
» De innumeraveis Póvos,
» Pelo Êrro, e Invéja, e O'dio congregados,
» Não podîa, presente em todo o sîtio,

» Rebater sempre, com trovões flammîvomos,
» Tanto adversario: appareceo de súbito
» (Qual brilhante metéoro,
» Que Tyndáridas, e O'rion, co' a luz clara,
» Nos Céos eclipsa) o Génio d'esse Princepe,

» A quem, no ócio da Paz, alimentárão
» Estudos Marciáes. Outróra Jóven,
» (Delicias das Libétridas!)
» Dormia no antro Aónio; hôje essas Divas
» Lhe embórcão brios, na alma. — Oppõe o peito

» Inconcusso aos Germanos conjurados,
» E das nossas Provincias os põe longe.
» Tal, montanhoso, esse Isthmo
» De Corintho separa o Egêo, e Iónio
» Mares; e é laço que áta ambos os Póvos!

Eis se arrója ao conflicto! Eis que triumpha
Do attónito adversario, e c'rôa as doze
Lidas do Alcides Prussio.
Do Génio Tutelar da alma Germania
Ouviste o brado, as fôrças? Canta, oh Musa,

O Vencedor, rompendo com seus têrços
Pela Térra inimiga, e ouvindo as bênçãos,
Que a Elle, e a seus Guerreiros
Dava, em júbilo, o Pôvo, a quem vinha
Despir do collo o jugo, e ancia do peito.

Canta, como inscrutavel, nos designios
Entrava nos astucias dos Contrarios,
E os atalhava.... Oh, céssa;
Canta só, que o acclama Federico
— General, sem desar, na Paz, na Guérra. —

ODE XXIXª.

Vaticinio de Glauco, quando a Armada Franceza desaferrou de Brest para a América.

Quando o Pilôto, na sobêrba Armada,
Deixou da Gallia as ribas espumosas,
Glauco, das fundas grutas,
Do Már, a vêrde fronte
Surgio, e disse irado:

» Cêdo tem de tragar o O'rco, a milhares
» De ante tempo arrancadas a seus córpos
» Tristes almas. No abysmo,
» Sereis pasto de Phócas,
» E nas praias, de Abutres.

» Tem de exprobrar-se os Numes, que te amparão
» Tuas anciãas venturas : hôje rîem
» Da impotente arrogancia;
» Para as Albiónias praias,
» O vôo já desprégão.

» Afim que árbitro Jóve a Paz devôlva
» Por quantos Póvos banha o Mar, e ostente
» Que é terror do Oceâno
» Coalhado de destroços,
» E as Ilhas todas rége.

» Tu, d'uma em outra Zóna fugitivo,
» Teus nadantes Palacios, Ilhas, Pórtos
» Tem de deixar, e os Mares,
» Com rôxo pêjo, e as Riccas
» Terras da Columbana. (1)

» Dos féros Francos próle effeminada,
» Na Helvecia neve, assoldadei anciosas
» Robusta Mocidade.
» Nos Carros fulminantes
» Vinde, Heróes, que indefensos

» Impérios devastáes. Abalançai-vos,
» C'os vossos Esquadrões, vossas Phalanges,
» A's Térras, que habitárão
» Vossos Avós; rompei-me
» Esse travão do Rheno.

» Vinde vêr-vos, de Pallas c'o Valido,
» A quem de herança vem guerrear guérras :

---

(1) Descobertas por Christóvão Colombo.

» Que o táxem de fraqueza
» As vossas quantiosas
» Cohórtes. — O'lha os Bárbaros

» Sem conto dar-lhe assalto. Não fraquêa :
» Se julgas auspicioso o ensejo, e férvido
» Te arrójas a accurvá-lo,
» Véla no Heróe um Nume,
» Que os Contrarios quebranta.

» Fóge o soçôbro; e tu leviano fóges
» Entre baldões. O sîtio, em que cincoenta
» Guerreiros, de sette unicos,
» Medrosos vão fugindo
» Imprime infame nódoa

» No teu Pôvo; é indelével a lembrança,
» E ao nôvo gérme de hóstes máis briosas
» Que te maldiga influe.
» Traga a Campo nova Helena
» Toda a milicia tua;

» Nas altivas ameias alquebrada,
» Na frente alarde fúlgidos Magnates,
» Ébrios de mil prazêres
» Nas artesoadas Sállas
» Dos Paços de Lutécia;

» O Heróe, que para adôrno, e enlêvo do O'rbe
» Deo Jóve, que igual tira da mesma Urna
» Cajado, ou scéptro, aos împetos
» Vossos porá quebranto. —
» Já d'essas Térras, onde

» Perecêrão, outróra, as insolentes

» Romanas Legiões (1), tem de expulsar-vos. —
» Quáes férem meus ouvidos
» Extáticos, os Hymnos
» De ganhadas victorias!

» Assim de Alcmena o Filho destroncava
» Com dextra irada o Côrno de Achelôo,
» Que em vão mil fórmas véste,
» Por furtar-se á refréga:
» E se inculca invencivel,

» Quando é nervudo Touro. — O divo Ulysses
» Assim, c'o tição déstro, quanto hardido
» Céga o gigante Cyclope,
» Que lhe recresce em fôrças.
» Assim o Heróe, que Pallas

» Que Federico armou, Fernando Guélpho
» Dos subterfugios teus, Púnicas artes,
» Teus batalhões, oh Gallo,
» Amedronta enojado,
» E os rompe, e os desbarata.

» Assim sagaz, profundo, inexhaurivel
» Com vergonhoso véo vos tápa a fama:
» De apinhadas Cohórtes,
» De ameias fulminîvomas
» Ladeados, sois hardidos.

» Quando entranhado de Divino lume
» Se demostra este Heróe, á tésta pôsto
» De alguns Britões, unidos

(1) De Varo.

» Aos réstos da estancada
» Germania, lógo as Gentes

» De Krefel, Ronceval mont-alteroso,
» E os do Campo, que rásga o Ésse, (1) pasmão
» De o vêr. Vós, — dáes-lhe cóstas.
» Wittikind o Saxonio, (2)
» E a magnânima sombra

» Do Rei Cherusco tão fatal a Roma,
» Pousando as órlas dos broquéis fulgentes
» Nas Térras, (que seus braços
» Outróra defendêrão)
» Vossa derróta olhando

» Seus ólhos derramárão, pelos Campos
« De vosso spólio, e estrágos alastrados.
» Em vão, com a fugida
» Máis rápida que o vôo
» Dos Grous, desatinados

« A salvar-se das cruas garras da A'guia,
» Cuidáes em vos furtardes a inimigo:
» Em vão pondes, na fuga,
» Os Rios, as Montanhas
» Entre vós e o Triumphante.

» Outro Fernando, próle d'esses Divos
» No pórte, e garbo igual ao Filho invicto
» Da alva Téthis, avança,
» N'um Corcél, que é relampago:
» Já vos alcança, e cólhe.

---

(1) Rio de Allemanha.
(2) Avoengo de Federico.

» C'o férro assolador, que a dextra empunha; (1)
» Voltarás não-ferido. Não te encurtão
» Das Parcas os decretos
» O estâme de teus dias;
» Mas, antes, no Futuro,

» Bem-remóto, hás-de herdar ser Deos da Guérra,
» Nas Térras, que O'cker banha manso, e puro,
» Quando a teu Páe succedas.
» Da guérra nóvos raios,
» Já teus Irmãos te séguem

» Caros ás Musas, quáes Scipiões já o fôrão.
» Tal sempre foi teu fado, oh próle heróica;
» Curvar o Arco Pythonio,
» E com igual destreza
» Dar sons na Aónia Lyra.

» E óra, quanto, no immenso, o tachonado
» Técto supéra ao sól, a quem circumda,
» Tanto ao splendor realça
» De tantas mil virtudes
» O benéfico da alma.

» Assim o Guélpho, por labéo Borbónico,
» Cantará teus trophéos grata a Germania.
» Em Hymnos tão canóros,
» Como os que Arion soltava
» Quando aos Delphins a ouvî-lo

» Da profundez do pégo a si trazia.
» Mas, no rôsto, te alcanço rôxas côres
» De consternado pêjo,

---

(1) Apóstrophe ao Princepe Fernando.

» Se as nóvas te annuncîo
» De insperada Ventura,

» Qual nunca, em sônho, viras. Em remate,
» De tão nóbres facções, o franco Génio
» De Albion te entréga os pórtos,
» Os velîvagos mares,
» E as primitivas honras.

ODE TRIUMPHAL. XXXª.

TINGE, oh Camillo, de vergonha as faces
De entrar pomposo em Roma
(Que o teu valor salvou) em quatro Ethontes
Máis que os Phebêos nevados.
Tu, César, que subsiste ao Capitólio
No triumphante Carro,
Entre argênteas imágens, entre cbúrneas,
Das rendidas Cidades,
Das ganhadas Victorias, e inda (ai triste!)
Entre Águias, entre spólios
De teus Irmãos destruidos. — Federico
Que alta próle é de Brenno
De innúmeras Nações assalteado,
De Huns, de Corcéis Illyricos,
De Daces, á Raînha avassallados,
Que os férteis Campos rége
De Vindóbona, as Bóyas serranîas
Co'as Regiões de Austrásia,

E a Hespéria, em jardins deliciosa.
Potente Soberana,
Por quem vótos ao Céo sóbem, dos Póvos
Em septem-lingua préce,
Sob Eugénio, invenciveis, suas hóstes
A's Nações se ajuntárão
Da Lagôa Meótis, Caspios máres;
Do Gôlphão da Finlandia
Aos bárbaros Samóedes, e Ostîacos,
E aos Tártaros, que bébem
As águas do Sangar, e são submissos,
A' soberana insigne
Que o vasto Império seu tão longe estende,
Que os Confins delle ignora:
E aos Soldados tambem do Rei illustre
Que eleito é pelos Sármatas;
E que os Saxonios seus, leal milicia,
D'uma escarpada penha
Ao abrigo accampou. Infinda cópia
De Germânicos Princepes
Esse arraial fornio. — E os que descendem,
Suenões, de altos Guerreiros,
Com que um Heróe mancêbo pôz espanto
A ambas Europa, e Asia,
Dos gêlos Hyperbóreos accorrêrão.
Os Gallos, a quem banhão
Dous mares, e tremólão estandartes,
N'um hemisphério, e n'outro,
Quáes saltantes enxames de Locustas (1)
Dessa Terra abalárão,

---

(1) Gafanhotos.

Tendo ante os ólhos florescentes Campos,
Depois que atraz deixárão
Devorados contôrnos, de êrmo aspécto.
Põe já cabo, oh Thalîa,
A contar Esquadrões, Têrços e Armadas.
Narra só Federico
Por Princepes sem conto accomettido
Ciósos, e enganados.
Elle coarctado a commetter-lhes guérra,
Lhe entra pelos dominios:
Volvidos annos sétte sanguinosos,
Qual, no sahir, possante,
E com máis glória, nega-se ao Triumpho.
Dos Arcos se desvìa
Magnîficos; Corcéis ajaezados
No Carro da Victoria
Rejeita de guiar resplandecente.
Mais amplo trophéo julga
Contemplar-se, em si mesmo, como um Nume.
Como eu triumpho a pleno,
Cantando tal Monarcha! Oh Musa ufana,
Que nunca, a pêso de ouro,
Como a Céa, (1) ou Thebana (2) o Canto entôas,
Não césses de affamá-lo.
Se a teu Hymno triumphal não céde o ouvido,
Pouco a teus sons usado;
E, se aos Cysnes do Sena máis se inclina,
Celébra sempre o Génio
Tutelar da progénie do grão Brenno,
Que émulos não receia.

---

(1) Simónides.
(2) Pîndaro.

ODE XXXIª.

A Buddenbrock Tenente General dos exércitos d'El Rei de Prussia, enviando-lhe algumas Odes heróicas.

Tu, que amas na Poësia, amas na História,
O Esp'rito Marcial; que em nó difficil
A lizura Germãa, co'a Italiana
Sagacidade espósas:

Não me inculques de Sparta, Athenas, Roma
Os Heróes, que tanto amas. Oh não queiras
Que eu na scena Allemãa os affigure:
Um Váte não se encarga

De assumpto estranho da Arte, que cultiva;
Nem Athléta, de fôrças quebrantado
De Corneille ambiciou Diadéma Trágico,
Nem de Voltaire o timbre.

Quando Le Brun ao fio das Victorias
De Alexandre, nas Terras de Darîo
Quiz dar vida, em seus Quadros, quiz do ufano
Luiz (1) vislumbrar Conquistas:

Não empregou o Artîfice o seu braço
Em adéstrar nas armas os Mancêbos,

(1) Luiz XIV.

Nem Corcél generoso no manejo ;
Bem que Artes sejão uteis ,

Aos Guerreiros. Mil outras mãos as trátem.
Se o seu Astro , n'outra Arte não-pintura
O criára , nunca Elle , em triumpho o (1) déra
Entrando em Babylonia. (2)

Amigo do teu Rei os ténues Cânticos
Da Victoria , em louvor de Federico
E seus fortes Irmãos acceita ; e alcança-me
Que grato a offrenda accôlha.

Fructo são dessas horas subsicivas
Que , no curso do meu outavo Lustro
Me deixou , como vagas da fadiga ,
Meu sollìcito emprêgo.

---

(1) A Alexandre.
(2) Allusão ao insigne Quadro de Le Brun.

ODE XXXIIª.

Aos Hymnos heróicos, a quem da' a despedida.

Heróes de Federico, á Prussia caros,
Schwerin, Bevern, Vinterfeld, e Henrique,
Guélphos, Seidlitz não são de Hymnos sublimes
Os únicos Crédores.

Vós, tambem, dos Impérios, mansos Guardas,
Tendes jus aos máis nóbres Cantos nossos;
Animosos Juízes, que o Culpado
Condemnáes poderoso;

Que ao débil Innocente dáes ámparo....
Vós, tambem, cujo Ingenho descortina
Nóvas Artes, bens uteis ás presentes
Gerações, e ás futuras.

Vós, que dos Cidadãos veláes a Dita,
A Saúde, os Costumes. — Aureas fléchas
Abundão no carcaz do Vate, que houve
Sagrado a vida inteira

Dêsde a Infancia á Irmãa da douta Urânia;
Que se negou, por Ella, ás sociáes Honras.
Fito na C'rôa, que lhe hão dar vindouros,
Cóstas vólta á Fortuna.

Se antes que as cãas lhe alvêjem, Deos benéfico
Lhe outórga um antro Aónio, um chão escuso
Que floréstas circumdem, que ribeiros
Réguem, com puras Lymphas,

Com Hymnos nóvos ha-de aos Pólos ambos,
Voar; e com dulcîsonos concentos,
Dispertar movimentos agradaveis
No conceito do Sabio.

Não se fará notar do insano Vulgo;
Mas de sua harmonîa vigorosa
Se tem de embriagar o Inglez Poéta.
Seu Canto ha-de ir soando

Pela aura Ausonia, apóz os sons de Flacco;
E o Gallo, que o Prazer discanta, ao Eccho
Ouvirá repetir seu vérso brando,
Não sem roáz invéja.

ODE XXXIIIª.

Aos annos d'um Amigo.

Adivinhai, oh Nymphas d'estas várzeas
E vós Zagáes do monte, a quem eu têço
Esta c'rôa de tarda Rosa, e Murtas;
A quem os rôxos cachos

Colhi da vide temporãa tão bellos,
E a quem tão divellado os odorîferos
Melões resérvo, nas folhudas camas;
A quem guardo as Figueiras

Com mellîficos fructos accurvadas,
E exótico Ananáz régio-c'roado,
Senão ao caro Lîcidas. Seus annos
Lhe celebramos hôje.

Aqui, onde á Esponjeira á Tilia unida
Dão accolheita, e sombra, abobadando-se,
C'roado, e a sua Dóris présto chegão.
Heis vós, visto essa Nympha?

Brilhão-lhe, Astros da tarde os lindos ólhos;
Quáes prêtas plumas de A'guia, a côma lustra-lhe;
Tómão, na bôcca, assento a Rosa, os Jócos;
Qual Lyra a vóz lhe sôa.

Quiz annéxar a Natureza, um dia,
A's feições do máis bello corpo, os dótes
De alma nóbre, prevista, e bondadosa,
E plasmar um Mancêbo,

Brazão das Terras, que de Brenno a próle
Habita..., E eis diz, com vóz refléxa:
— Não dei, cinco annos ha, eu vida a um Filho
— Que é todo o meu disvéllo?

— Sê Nympha tu, que eu plasmo, e os annos vôlvão,
— Então, c'o meu valîdo, em laço amante,
— Unida, sua Glória, e Dita sejas. —
É Dóris essa Nympha.

ODE XXXIVª.

Diálogo entre Ptolomêo Evergetes, e Berenice, imitado da Ode de Horacio *Lib.* 3, *Ode* 9. *Donec gratus eram etc.*

PTOLOMÊO.

Ou máis bella que a Aurora, oh Berenice
Que para mim nasceste, e sôbre módo
Te occultaste a meus ólhos. Vi-te, e amei-te.
No peito, dize, que hás sentido, ao vêr-me?

BERÈNICE.

Do lume d'esse olhar o ardor sentindo,
Meus ólhos baixei prompta; não ousava
Nelles me confiar: senti sobêjo
Que em delicias de Amor se embriagavão.

PTOLOMÊO.

Nada máis desejar constituî, na alma.
Anciára em vão das Deosas a máis Linda
Conquistar-me a vontade, ainda em ponto
De o dom me offerecer de immortal vida.

BERENICE.

Nada, no Mundo vi, antes de vêr-te,
Que a alma me conquistasse: em vão um Nume

Te expulsarîa d'ella; inda que o Império
De Terra, e Mar me off'reça, e a mão de Espôso.

PTOLOMÊO.

N'uma Filha em quem dês a imágem tua,
A malicia no olhar, e os labios lindos
Em que pôz thrôno a Persuasão, segunda
Vida, nella terás, cultos de Vénus.

BERENICE.

Se a ti se assemelhar teu Primogénito,
Cingindo a mim o Infante, idolatrado,
(Quando pensões Reáes de mim te arranquem,)
Com prazer, cuidarei, que ao Páe abraço.

PTOLOMÊO.

Se Îsis aos vótos meus aspira, e um Filho,
(Teu retrato) me dá, nos seus altares
Por offrenda porei esta áurea Taça,
Penhor da união nossa indissoluvel.

BERENICE.

Se outro Tu-mesmo os Deoses me outorgarem,
Esta madeixa minha lhes consagro,
Que um anno há sido já sôbre tres lustros,
Da minha fronte o máis airoso adôrno.

PTOLOMÊO.

Se tálha o férro Côma tão formosa,
Jóve a assente na Sphéra, Astro splendente;
O Pólo espaço vágo lhe ábre, em que ella
Brilhe, Constellação de accêsos raios.

BERENICE.

Oh! Remonte-se aos Céos a Taça tua,
Nos Convites do Olympo, trasbordando
De precioso Néctar, todo arômas
Os Numes, com delicias, embriague.

PTOLOMÊO.

Se o Céo, (muito apóz mim) a si te sóbe
Onde a Côma te aguarde, toda luzes;
E lá te adóre o Nórte ajoelhado....
Mas quem te ha-de adorar, como eu te adóro!

BERENICE.

Oh! Se na azul pousada ambos o Néctar
Bebermos na áurea Táça.... Oh! quão ditosos!
Não creio, Amante amado, ouse parelhas
Algum Néctar c'o Vinho do Hymen nosso.

ODE XXXVª.

A' Mórte de Carlos Henrique de Prussia, sobrinho d'El Rei.

OH! Tu, emanação do Ente Divino,
Que envôlto em nosso pó perecedouro,
Do O'rbe sublúnio activo rastreavas
Requintes da Verdade; máis que cêdo,
Espîrito immortal, roubado ao Mundo;
Se inda não penetraste o ethéreo Pólo,

E, arrobado, não vês as maravilhas
De tantos Sóes, escuta a vóz d'um Vate
A quem surriste outróra, em vida, grato,
E Henrique muito amado era teu nome.

Se dêsd'óra, no Céo, Tutelar Anjo
Da Pátria que saudosa tanto te ama,
Desvîa, nas pelejas sanguinosas
Trovões, que contra os Cabos das phalanges
Dispárão mórte. Junto aos Reis mancêbos,
Que nos tem de reger, vem destecêr-lhes
Áureas tramas, com que a enredá-los venhão
Subtîs Agentes de vizinhos Princepes.
De seus ólhos destérra, ao longe, as núvens,
Por que avistem o Sábio, que os ensina
A contrahir allianças com prudencia,
E em conservá-las saibão ser constantes:
O Sábio, que ábre o arcâno, com que augmentem
Real thesouro, e os Póvos se enriqueção;
Com que médre a abundancia nas Cidades
Crescidas, e adornadas; a Justiça,
Segurêz, Liberdade em seus Contôrnos,
Por admiradas Gentes visitandos.

Tu, véro Orac'lo, dize-lhes, que nunca
Do bom jugo das Leis, dos bons Costumes
Se dispartão, nem tanto orgulho abranjão
Que, póstos, em balança, os seus prazêres,
Com os damnos do Estado, os sobrepésem.
O Jóven Semi-deos, claro lhes móstra,
Que ser Princepe honrado é de máis preço,
Que ser Conquistador; que tómem timbre
De estribar, na da Pátria, a glória sua;
E, seu ronceiro Pôvo esporeando

O exaltem, que o primeiro seja do O'rbe.
Enxuga, dêsde já rîos de Lágrimas
D'esse Irmão, que te amava carinhoso,
Applaca a dôr da Irmãa, que — Onde és Henrique? —
Clama, e reclama; ameiga a gran ferida,
Que a tua Mórte, igual ao ráio rápido
Abrîo, no peito a El Rei; vólve ao socêgo
A Raînha, que chóra, entre soluços;
Por lenitivo, lágrimas concéde
A' Mãe, que nos dá sustos, cada instante,
De desmaio em desmaio, indo morrendo.

ODE XXXVIª.

Ao Amor.

Amor, que, muita vêz, deixas os Numes,
Por singélos Zagáes, e máis te apprazes
N'um thálamo de flôres
Ou á sombra de cûpola folhuda
Do que em luzidos Paços; ou n'áureas taças
Bebêr sculpidas de arte,
Ou na salla dansar de intexto Cédro,
No matiz do orgulhoso tercio-pêlo
Macîo recostar-te:
A um Princepe, que ramo dos bons Guélphos,
Que os usos não motejão da áurea Idade;
Que inda, no humano seio,
Sem dobrêz, dão de rôsto, ao fáusto, ás púrpuras;
Affáveis, como o Amor; escuta os vótos

Do Heróe cáro a Thalìa,
E a quem ella prodìga a flor das Artes;
Que lhe diz : — Sê humano nas batalhas,
— Cordato nos triumphos. —
Ouve o teu Federico, que em tres linguas
Te canta Hymnos tão meigos, quáes tégóra
Te cantou nenhum Princepe.
Hecatombe te off'rece; e triumphante
D'uma Princeza, vem prender-se
Em teus grilhões de Rosas.
Princeza, tão gentil, que em tenros annos,
Em sizo, em atractivos de Virtude,
Das Gráças é a máis jóven.
Ella pimpolhos tem de dar felizes
A' illustre stirpe. Oh désce, Amor affavel,
Ao som de suáves flautas,
De cordas argentinas, que accompanhão
Das Nymphas do O'der grátas Cantilenas,
De dulcìsono métro.
Oh! vem gostar, Amor, das sacras nupcias
O regio vinho, vem de seus arômas,
Com a aura deleitar-te.

ODE XXXVIIª.

Ao Imperador Joseph IIº. visitando El Rei de Prussia.

Meu Canto de louvor, oh da Germania
Imperador Augusto,
Dos triumphos teus celébra o mór realce.
Tu manifféstas hóje
Quanto és sup'rior a ciûmes de sob'ranos,
Emprendendo a visita
Do Monarcha sublime dos Borussios.
No mesmo Chão, que outróra,
Co'a vencedora espada, despartira
Da tua avîta herança
Dás ao Previsto Heróe fida homenágem
Qual a teu Páe bem déras;
E a do seu coração, foi a Conquista
Primeira, que conségues,
Buscando o Amigo, que se a Ti semelha.
Tu que o Guerreiro Génio
Lhe anceias igualar, no Zenith summo,
E amparas teus Dominios;
Ampara-os, sem que máis co'elle hajas guérra.
Tal o juraste, e sancto
Teu juramento foi, broquél dos Póvos.
Brilha com mór luzeiro
Preclara a tua acção a immortáes ólhos,
Que de Ilion a tomada;

Que Alexandre triumphar em Babylonia,
De Gengis Kan conquistas.
Vai, ségue o egregio trilho, entre os, de gloria,
Maiores teus c'roados.
Igual, na Arte da Guerra, co'elles brilha;
Na Arte da Paz, mór que elles,
Splende, e semêlha esse Astro, luz do Mundo,
Que entre milhões de Estrêllas,
Na Sphéra azul, convida a si os ólhos
Do O'rbe contente, e grato,
Quando o calor benéfico derrama,
Em radiante luzeiro.

ODE XXXVIII^a.

A Venus Urania.

Deosa do amor, um Templo hôje te sagra
Agathon, de Cynéas sábio o Filho:
Désce, oh Celéste Vénus,
Vem d'elle tomar pósse,

Co' a Alegrîa a teu lado, co'a Innocencia,
De braços dados co'a Meiguice amavel:
Tambem desça a Verdade,
Que nunca a enganos pende;

Lealdade incorrupta te accompanhe.
Nunca máis puras mãos, nas tuas aras,
Incenso te off'recêrão,
Que as de Agathon, e Arsînoe;

Do Amante seu é igual Ella em virtudes,
No Ingenho, e Dótes corporáes, e da alma.
Dous mortáes nunca erguêrão
Tão digna ára ao teu Numen.

De a vêr (sómente) a Deosa, que o teu nome
Usurpa, e todo o seu nocivo séquito
Se tomárão de espanto.
A Impudencia, que nunca

Fáces córa, o Remórso angui-rodente,
A Falsidade, em mascarar-se astuta
O olhi-agudo Ciûme,
E a que tóma, na dextra,

Desperança (1), o punhal, a táça Trágica
De Melpómene; e o bando pernicioso, (2)
Que, ás vêzes, desampara
De Hespéria odóros myrthos,

De Lutecia as vaidades, vêrdes sélvas
De Laranjeiras da abrazada Ibéria....
Vagueando, na Germania
Corrompe um feliz Pôvo,

---

(1) *Desesperação*, estiradissima, prosissima palavra para vérsos, sem consonancia para Música, camarada, que se enrancha ás maravilhas, com *Desconsolação* e outras *ejusdem furfuris*. Oxalá as veja eu desterradas, em meus dias, e suppridas por outras máis curtas e de melhor toáda! Não conheço Decréto algum da Inquisição Litteraria, que prohiba fazer da *Esperança* o seu contrario *Desperança*. O que de *Confiança* compôz o seu Contrario *Desconfiança* não tinha máis amplos Alvarás para o fazer, e talvez menos motivos.

(2) Histriões, Saltimbancos, Chocarreiros.

(Que se ufana de havêr modéstas Filhas,
Môços de sãos costumes do áureo século)
Não tem de entrar ousados,
Neste sagrado Templo. (1)

Dêsd' óra terá, nelle, entrada franca
O Justo Proceder, profunda Sciencia,
Co'a discréta Amizade,
Que hão-de habitar comnosco.

Far-lhe-hão visita, as Musas, a intervallos,
E ao justo prazo descerá Lucina,
Que, pia, perpetûe
Próle de teus valîdos. (2)

Acceita essa ára, Olympia (3) Primogénita;
Fica entre nós, em quanto Federico
Nos Annáes Magno viva,
E o Sól o O'rbe allumîe.

---

(1) Falla o Poéta do bando pernicioso, acima mencionado.
(2) Dos Valîdos de Venus Urania.
(3) Primogénita de Jóve Olympico.

Fim das Odes de M. RAMLER.

ODE.

Sylvestres homines sacer interpresque Deorum
Cædibus et victu fædo deterruit Orpheus :
Dictus ob hoc lenire tigres, rabidosque leones ;
Dictus et Amphion Thebanæ conditor arcis
Saxa movere sono testudinis. — Horat. De Arte.

Antes que, á terra os ólhos creadores,
Houvesse o Home' appontado,
Vasto horror era esse O'rbe, êrmo, maninho
Calvos, fragosos sêrros,
Sobranceiros penhascos, despegados,
Emmaranhadas brenhas,
Corrompidos paûes, lascados troncos :
No immenso espanto, e lutto,
U'nica a Mórte muda vagueava
Sôbre estragos das Éras.

Oh Tu, que tanto assustas, quanto avistas ;
Tu, que o vivente pasto,
Aos hóspedes cruéis do mato, arrancas,
Em que envoltório espesso (1)
Te envileces, e máis que Ursos voraces,
Te defórmas, e escondes

(1) Seguindo a opinião, que, como todos os animaes, fôra creado o Homem coberto de pêllo, e que depois em sociedade civil perdêra o villoso que d'antes era.

Tua îndole sublime, e te convértes,
De Bemfeitor do Mundo,
No máis duro, no máis facinoroso
De todos seus Tyrannos:

Se deo resfôrço, activo o Movimento,
A' revél mássa infórme,
Devólve-se, e resalta o lume, que ólhos
D'um Deos pôsto hão na máchina.
Eis o Homem sôbre-sáhe: Deos o espérta,
E o coração franquêa-lhe.
Lateja o peito, raia ufana a fronte;
Benevolencia nella
Seus encantos debuxa; amansão lágrimas
Dos ólhos a fereza.

Vês o Poussin: com rásgos mórte-côres,
Já bosquejou no Quadro
O meditado assumpto. Mal attentas
Vislumbres da alta idéia. —
Com viva côr alenta, a instante, a instante
Feições esmorecidas.
Sópra-lhe o Ingenho hardido alma nos rôstos....
Eis se móvem, eis fallão
As Figuras; eis pasma o Poussin, no extasi
Do grão prodigio da Arte.

Priscos Róbres Ripheos, vós presenciasteis
Portento affortunoso,
Quando, á Orphêia vóz, deixou o Thrace
Vossas sombrîas cûpulas.
Oh divina Eloquencia, a teus accentos
Patentes, o Home', as minas

Vio, das Artes, do Honésto, (1) e da Abastança.
Tudo, a luz tua, abárca;
E mal que, em si, te sente, ao O'rbe inteiro
Qual Jóve, o abala, e rége.

Eis teu sob'rano, oh Natureza! — Terra,
Ar, Fôgo, obedecei-lhe!
Obedece-lhe, oh Mar! Brotái Renóvos!
Despejái fuscas Trévas!
Deo ordem o Home', e ao seu sob'rano brado,
No profundo jazigo,
Natura encanecida estremeceo!
Eis se érgue! Eis já triumpha;
Pujante, e activa a flamma se lhe entranha
Pela amplidão do seio.

Géme a Florésta aos gólpes, e recûa: (2)
Trépa, na encósta, a Vide,
Espráia-se a Verdura, a Agua serpêa:
Canniço espinha os pântanos:
Curvão rôscas, nas lôbregas cavérnas
Os vîs reptîs ascosos
Vão, de susto, accolher-se accelerados:
Ursos, Leões se arrédão.
Pavor os vai guiando, e indo, retórcem
A despeitosa vista.

Táes, pelas brenhas do Hemo, os Viandantes
Tomados de horror frîgido,
A emmaranhada tréva attravessavão,
Entre Cypréstes fúnebres.

---

(1) Vid. Cicero de officiis.
(2) Parece que recûa, desfalcada dos troncos que lhe cortárão.

Desenvôltos do opáco Labyrintho,
Saûdão infiados, trémulos
Da frêsca Tempe as Tôrres alterosas.
Tal, quando céssa o p'rigo,
Saûdo, e beijo a praia, onde a Tormenta
Me arrojou quebrantado.

Oh renovada, oh cara Térra! Salve,
Oh esmeraldino esmálte!
Oh novo Eden, conquista dos Colônos,
E de esmerada Industria!
Salve, oh vivo Luzeiro! Salve, oh Côlmo
Broslado de Boninas,
Quêda Chóça, crystal lìquido e puro,
Bósque de frêscas sombras,
Onde o térno Deleite está surrindo,
N'um thálamo de Rosas.

Ao cultivo, e disvéllo unindo o Homem
Encantador enlêvo,
Com meiga vóz cantava a Natureza,
Que as suas mãos ornavão.
Olhái, como enxertou ditôso gárfo
Que embébe o succo amante,
E se incha co' ouro dos lustrosos fructos:
E, as que, mésclára, flores
De matiz novo, e de ufanîa estranha
A Primavéra enfeitão.

Em côr, em rasgos a Palavra assente,
No Archivo das Lembranças,
Faz a Fálla immortal, manda o Conceito
A Éras do Futuro.
Fuja o Tempo: — Ha hi mão, que o alcança, e o prende,

E lhe compassa o cômputo.
D'um tubo armada, e de crystáes peritos,
No chão, comprende a vista
Superficie n'um átomo; e Céos nóvos
No puro Céo rastrêa.

Por entre oucos rochêdos vão rugindo
As entalladas ondas;
E rebramão dous Mares, que se abração,
N'um Canal, que os vizinha.
Cáhe o Diamante em pó, Victoria ardente
D'um fácho de mil lumes;
E se sólta em vapor do Ouro o néxo.
O Homem dispôz: já o Raio
Désce raivando á barra, que o conquista,
E á Terra, que o consume.

Oh voráz Ancia de saber! — Eis o Homem,
Que é Nume em seus assômos.
Senhor dos Elementos, tudo céde
A seus esfôrços férvidos.
Transpõe, co'as pandas azas do Commercio,
Desmesurados Mares,
Regrando, pelos Céos, a undosa via. —
Rompe á Terra as entranhas,
E dos metáes o arcano, á Natureza
No Obrador, (1) lh'o arrebata.

O Ingenho, espedaçando-lhe as barreiras,
A' masmôrra importuna,
Córre, vôa, e qual Astro esse O'rbe inteiro

---

(1) *Atelier.*

Tóma por horisonte.
Abrazado na luz de amplas idéias,
Alêm dos Céos se arrója,
E lá se embébe em Divináes assumptos.
No immenso vôo abrange,
Pela prisca experiencia, o que é passado
E o por vir, com projéctos.

DA ENEIDA.

LIVRO IXº.

Em quanto essas acções alêm se obravão
Dos Céos, Juno Saturnia, Iris enviava
A Turno audaz, que então era sentado
No sacro Válle, e Bósque de Pilumno. (1)
Co'a rósea bôcca, assim lhe diz Tháumancia:
— O que a nenhum desêjo houvéra Numen
Que o ousasse outorgar, te traz, oh Turno,
Comsigo, o Dia, que apóz de hôje vôlva.
Deixando a Armada, e o Arraial, (2) e os sócios,
Foi, de Evandro buscar a Côrte, Enéas.
Máis: nas cidades últimas de Corîto
Calou; alistou lá bisonhos Lydos.

(1) Seu Páe.

(2) Por desprêzo, chama arraial, á Cidadezinha que os Troianos tinhão edificado: dando a entender a Turno, que lhe não custaria máis a levá-la na ponta da lança, que um arraial ordinario.

Que hesîtas? Tempo é já de appromptar Carros,
E Cavallos : rompe toda a demóra;
Rebáta esse arraiál no enleiado ensejo. —
Disse : e eis que aos Céos regrado vôo arranca.
Grande arco, em nuvens, córta, na fugida.
Conhece-a o Môço, (1) e as mãos á sphéra erguendo,
Com táes fallas, na fuga, a vai seguindo.
« Îris, dos Céos adôrno, quem te ás Terras,
Dos Céos, trazida em nuvens, me presenta?
D'onde tal claridade nos vem súbita
E ir-se a Noite, dos Céos, c'os sparsos Astros?
» Vou-me c'o fausto auspicio ». Disse : e ao Rio
Córre, e do fundo pégo a lympha tóma;
Muito óra aos Céos, com vótos os cumûla.

Já o Campo abérto vai trilhando o Exército,
Ricco em Corcéis, em Cóttas de ouro ricco :
Messapo aos da Vanguarda rége; e os Môços
Tyrtheios os postremos; Turno o centro.
Quando esse General soppésa as armas,
Dos hombros para cima, alteia, na hóste.
Qual o Ganges caudal, entre os pacatos
Rîos a fronte entóna, e manso córre;
Ou Nilo de aguas férteis, desbordado,
Recólhe a veia, e no álveo se confina.

Rôlos de nêgro pó já avista o Teucro
E, pelo Campo erguer-se a tréva súbita.
Da Tôrre em frente, clama aos máis Caîco :
— Que Glôbo, oh Cidadãos, vólve áres nêgros?

---

(1) Turno.

Travái das férreas armas ; présto, aos muros
Subi. Eis o inimigo. Sus ! — A brados
Tomão pôsto, nas pórtas, os Troianos,
Nas ameias se appinhão. Tal lh'o ordena
O'ptimo em armas, quando parte, Enéas :
Que Exército não ponhão em Campanha ;
Que, nos muros se encerrem, se assegurem.
Bem que a Chólera os pique, os pique o Brîo
A travar-se, na lide, as ordens cumprem :
Põem-lhe de encontro as pórtas ao inimigo ;
Nas cavas Tôrres vão sperá-lo armados.
Turno, que ás tardas hóstes ante-vôa,
Ladeado de sós vinte de Cavallo,
(Mas de escôlha) dá súbito ante os muros.
Monta um Thracio Corcél alvi-mosqueado,
Rôxo cocár tremóla no élmo de ouro :
« Qual primeiro de vós fére o inimigo ? —
Lógo, nos áres tórce um dardo, e arrója-o ;
Encéta a guerra ! e vai campeando hardido.
Vóz em grito o accolheo a turma horrîsona
Que fréme, e estranha aos Teucros des-briosos
Que ao Campo lhes não vem de encontro, armados ;
Que em muros se encurralem. — Turno eivado
Aquî, alêm, os muros inquirindo
Montado, busca entrada por desvaires.
Qual Lôbo, que em cilada do appinhado
Redil, soffrendo ventos, e chuveiros,
Alta noite, ás portéllas, fréme : os Anhos
Entre o abrigo das Mães, bálão seguros.
Enraiva áspero e ruîn contra os distantes (1)

---

(1) Que distavão delle, pela táipa do Curral, que lh'os separava.

Cansa-o a fóme c'o jejum, medrada,
Longo, e os colmilhos sanguinosos, sêccos.
Não diversa se ateia em Turno a Ira
Nem lhe árde a Dôr, nos duros ossos, quando
O'lha o Tróico arraial. Qual traça invente
De entrar no muro, e despejar no plaino
Os Troianos, do encêrro sacudidos.

Co'a Armada, que os civîs muros lhe encóbrem,
Que a cércão vallos sette, e fluviáes ondas
Invéste, e clama aos sócios prompto incendio.
Facho de ateiado Pinho empólga férvido:
Põem peito á óbra ovantes; que presente
Turno insta aos Môços. Trávão nêgros fachos,
Que, fumeando, o de pêz luzeiro lévão,
E, aos ares vai Vulcano, entre as fagulhas.
Que Deos, oh Musas, crus incendios tólhe
Aos Teucros, e das Náos o lume arréda?

No construir a Armada, Enéas, no Ida,
Com que alto Mar sulcar se apparelhava,
Rumor córre, que a Jóve a Mãe dos Divos
Disse assim: — « Filho outórga á minha súpplica,
(Tu, que vêns de domar o Olympo) quanto
Tua querida Mãe te péde. Tive,
No alto pico, Pinháes, troncos de Cérne
Do nêgro pêz umbrosos, que Éras longas
Amei; lá me trazião sacrificios.
Contente os (1) dei ao Dárdano Mancêbo (2)
Que, d'elles, para a Armada carecîa.

---

(1) Os Pinháes.

(2) Enéas.

Hôje um susto me anceia, e me disvélla.
Despéde-me esse susto, e dá a meus rógos
Que obtenha eu Mãe, que nada, nelles possa
Pégão de Vento, ou que os alquébre viagem.
Valha-lhe o ter em sêrros meus nascido. » —
Respondeo-lhe o que volve os Astros do O'rbe.
» Que me pédes, oh Mãe, quáes Fados clamas?
Ter fóros de immortáes, Baixéis, que obrárão
Humanas mãos! Correr incértos p'rigos,
Com segureza, Enéas! Que Deos têve
Poder tanto? Dar-lhe-hei, que finda a Viagem,
Lançado o férro, nos Ausonios pórtos,
Quanta Náo haja ás ondas evadido,
Deposto, na Laurente Veiga, o Cabo
Dardanio, despir-lhe-hei a mortal fórma,
E Deosas as farei do pégo immenso,
Quáes a Nereia Dóto, ou Galatéa
Cortão c'o peito, as vagas espumantes (1) »
Disse: e acenou. — Co' aceno o Céo tremeo!
Jurando-o pelo Rîo, e por torrentes,
E do Irmão stygio ribas de átros bárathros.

---

(1) Camões imitou nos Lusiadas este passo.

EPIÇEDIO.

E quanto fóges máis tua gloria, e a escondes,
Máis aos ólhos se mostra; e inda á tua fama
Com máis verdade, da que diz, respondes.
FERREIRA.

Tu que as Esphéras móves, que as creaste,
Do mundo Etérno Artîfice; os humanos
Só para a dôr fizeste?

Do bem máis do que assômos, não veremos?
Foi-nos em sorte dado o mal? em sorte
O pranto, só nos coube?

Onde habitas oh Paz! Prazer aonde!
Se ao homem te apresentas, vem comtigo
O ante-gôsto da dôr.

Fiêl amigo, tu a quem contadas
As mágoas se minorão; e os prazêres
Duplicão-se mil vêzes;

Consorte casta, em cujos braços morão
O puro amor, a paz, filho obediente,
Em que plagas habitão?

Devastadora peste, hórrida guerra,
O'dios, traições, ingratidões, invejas,
Que Póvos não afêião!

Entre os homens, ilhado, geme, chora
O homem bom, em quanto os máos se engolphão
Nos dótes da fortuna.

Mil mórtes cada dia a Parca entórna
Na taça da existencia, e ao justo a entrega,
Que trago a trago a esgóta...
Alma Eterna dos Mundos, Deos Eterno!
Será Vicio a Virtude? Para o crime
Na terra os dons lançaste?
Não, não, máis puros bens aos bons aguardão,
E tormentos aos máos; Deos justiceiro,
Pune, compensa um dia.
Fraudulento Sophista, que inventaste
Um nada eterno, encara-me n'um mîsero:
Que lhe dás tu? responde.
Eia: com o teu systêma o vicio atiça,
Do bem goza arremedos, goza em quanto
Não te arrebata o Olvido.
De que valeis da terra vãos fantásmas?
A mórte assoma, cahes; co' a mórte o Justo
Da gloria a palma empunha.
Vós, da miséria vîctimas mesquinhas,
O'rphãas ficáes no mundo, quando o Justo,
Já desempara o mundo.
Qual Iris, da bonança precursora
Ao náuta alégra, ao mìsero elle (1) affaga
Co'a mão, co'a face amiga.
O Céo, aos desgraçados (bem que avaro)
Manda benigna mão: mas invejosa
Lógo lh'a rouba a mórte:
Qual, no ar recende a cândida Açucena em bréve
Languésce ao Sól, e o murcho cóllo inclina,
Deixa saudoso o prado:
Ou qual a luz, que as trévas dissipando,

Do Sól imita os raios; se se extingue,
Tórna máis nêgra a noite.

D'alma pura invejoso o Céo parêce;
Qual relampago brilha, e vai juntar-se
Da luz na ethérea fonte.

Do Eterno emanação, cumpre que vôlva
Ao Eterno, e que deixe a prizão térrea,
D'ella indigna morada.

Entes celestes, da bondade imagem,
Tambem sofreis, tambem derramáes pranto,
Em quanto honráes a terra?

Para exemplo dos bons, e dar em rôsto
Aos máos, dos céos baixastes: dissabores
De vós fugir devião —

Que tambem choras H...? As dores
Teu coração magôão? sanctuário
De divinal bondade?

Viste os Augustos Páes, de Lysia ornato,
O mimo d'Hymenêo, do Esposo a effigie
Ao tùmulo baixarem.

Viste.... Bárbara Clótho, e não tremeste?
Monstro! de em tal pensar o esp'rito frouxo
Sinto, e o animo cahe.

Como! a honra dos Lusos, das Sciencias,
Dos Sábios o honrador; teu digno Esposo,
A Parca não respeita?..

Tu, que do mundo as Luzes ajuntando,
Em Lysia as derramaste; lá do Empyreo
Os Lusos esclarece.

A grande obra termina que fundaste,
Oh ìnclito A...., espanca, attérra,

O monstro da ignorancia.

Com a saudosa Esposa, Lysia em luto,
Pédem-te aos Céos; por ti chórão no Mundo,
O Póbre, o Sábio, o Justo.

A' deploravel Mãe, Filhas queridas,
Seccai devido pranto; confortai-a
Religião sagrada.

Sófre da vida o cargo; do heroismo
Exemplo dá, de ti como se vive,
Teus filhinhos aprendão.

Um nome illustre acções illustres pede,
Pêso é que exige Hercúleos hombros, pêso
Que ao fraco opprime, e accurva.

Qual o Sól, brilha em limpido horisonte,
Qual elle imita as trévas, dá luz baça
Em dia annuviado.

Dos teus o nome, em ti, respeita o mundo,
Se condigno o sustentas; e te accusa
Se delle desmereces.

Digno és de Páes heróes, quando em ti juntas
Ás brilhantes acções, que os distinguírão,
Qual n'elles, em ti luzem.

Dos teus mui digna filha, Esposa digna
No templo da memoria; a gloria augmentão
Tuas puras virtudes.

Grandes da terra nella os ólhos ponde,
N'ella o modêlo tendes da grandeza,
Imitai-a, ou correi-vos.

Vêde-a estimando títulos, riquezas,
Só porque meios são de ao desgraçado,
Prestar consôlo e amparo.

Se no Grande a virtude é mais luzente,
O vicio máis se affeia; o mundo inteiro
Suas acções contempla.

Quando aos Céos não devessem máis que o vulgo,
Máis dévem á nação; pois seus costumes
Os seus alterão, mudão.

É bello o gráo que occupas; se o pre-enches;
Quantos podes poupar males aos homens
H.... t'os diga.

Da divina virtude mostra o encanto;
F az, que por si mesma seja honrada,
Amada, como a amaste.

O bem, máis do que ao outro, a nós fazemos:
Faze o bem, e verás, que paga encontras
No gôsto satisfeito!

Ao vêr dos Tigres, dos Leões as garras,
O homem foge; e se ao monstro invéste,
É para derribá-lo.

De pungentes remorsos erriçado
Hediondo, hórrido o crime, ha quem te encare,
Quem te siga, e não trema?

Combate o crime, o criminoso chora,
E se tu podes, da razão com o archote,
Do vicio espanca as trévas.

Sirva o conselho, se não basta o exemplo;
Mas o que vejo! Lusitania! as hydras
Da discordia em teu seio!

Triste H... nóvos áis derramas!...
Iniquo, quáes serão os teus tormentos,
Se o justo os sófre tanto?

Eis a patria nadando em fôgo, em sangue:

A si, dos seus, do mar o immenso espaço
A desune, a separa.

A dôr tão forte, resistir, não póde;
O esp'rito fraquêa, o véo da mórte,
Já pérto se desdobra.

Érgue a foice fatal, e a mão vacilla;
Descarregar o gólpe não se atreve;
Encará-la não ousa.

Tres vezes tenta, vezes tres, recûa,
Ah! do Destino cruél, irrevocáveis
São os duros decrétos.

Já de seu rôsto as lindas rósas murchão;
Nos rôxos lábios o surriso esfrîa;
Os membros já fraqueião.

« Queridos filhos (diz) não vos deslumbrem
Nunca da terra os bens; crêsção comvosco
As cândidas virtudes.

Lembre-vos vossa Mãe, a Deos.. » Espôso
Espéra; já minha alma vai co' a tua,
Para sempre juntar-se.

Vós, de meus gôstos, vós dos meus pezares
Companheiras fiéis, Irmãas amigas,
Adeos, adeos — que eu môrro.

E tu, que o meu suspiro derradeiro
Devîas recolher, tu que meus ólhos
A' luz cerrar devîas,

Onde estás! onde estás? que fado adverso,
Céos! quem m'o rouba? quem de mim tão longe,
Amigo irmão te esconde?

E hei-de acabar sem vêr-te?.... Deos piedoso,
Já co' a névoa da mórte os ólhos baços,

Manda aos Céos resignada.

Vai do celeste corpo, alma celeste,
Os vînculos rompendo brandamente,
Qual os raios de Phébo,

Pouco a pouco o horisonte desdoirando,
A abóbada celeste á lùa céde,
Em tarde amena, e clara.

Mórte! mórte! ai! o gólpe descarrega:
Sóbe o espîrito aos Céos, aos Céos já chêga,
Sua primeira pátria.

Vinde, vinde quebrar sôbre o meu peito
Sentidos áis, lamentos pezarosos:
Vinde, clama o infeliz.

Grandezas, honras, tîtulos, embóra
Acabásseis, no féretro devîeis
Tarde, ou cêdo sumir-vos.

Belleza alma dos ólhos, e do peito,
Por dura lei do Fado, tambem pagas
Teu óbolo a Charonte.

É triste, que d'um gólpe, juntos cáião
Régio sangue, grandezas, e que murches
Belleza, em flor cortada.

Injusta Parca, embóra não respeites
Transitorio esplendor: — mas pára! pára!
A virtude respeita!

Deixa a Mãe do infeliz; ah! se lha roubas,
Na terra o que lhe resta? da miseria
Que mão póde arrancá-lo?

Quem ha-de as proprias roupas despojando,
Vestir ao nu; quem ha-de ao órphãozinho
Dar caricias de Mãe?

Da Viuvez as lágrimas quem sabe,
Lágrimas dando, serenar? quem ha-de
Meiga os áis abafar-lhe?

E vós, que o pêso da molestia, e de annos
Tolhido os membros tem, quebrado as fôrças
Restos d'humana fórma,

Esse anjo caridoso, que a existencia
Vos vinha aligeirar, nessa pousada,
Não tereis máis de vê-lo.

Sancta Religião! quem teus altares
Com tão ferventes préces, puros vótos
Ha-de devota honrar?

Quem... mas de balde aos Céos préces erguêmos;
Fim teve o pranto seu, começa o nosso.
Mórte! invejosa mórte!

O nosso amparo, o nosso bem não roubes;
Dá-nos a nossa Mãe, dá-nos, ou córta
Co' a sua as vidas nossas.

Mesquinha Lysia, eterno luto véste,
O'rphãa te deixa a sorte. Écho saudósa
Do infeliz os queixumes,

Des-dódra pelos côncavos rochêdos:
Com elles gêma o ar, os mares gêmão,
E a natureza inteira.

Vós, que como as suas filhas, a belleza,
Oh Tágides confunde; eia, no pranto
Nas mágoas confundi-vos.

Resôa oh lyra lúgubres endêxas
Mas não: celestes hymnos entoêmos:
A virtude não morre.

Sómente dons caducos, têrmo encontrão;

Porção do Eterno, a Mente bemfeitora,
É qual o todo, eterna.

De louvor escudado ha-de o teu nome
Passar de idade a idade, em quanto a terra
Pisarem desgraçados.

A Invéja, os máos, o peito dislacerem,
Ouvindo o teu louvor, o Justo exulte,
E a Humanidade se honre. (1)

Por Domingos Borges Barboza.

ODE

A' Feliz acclamação do nósso Monarcha D. João VI.

Vis consili expers mole ruit sua;
Vim temperatam Dì quoque provehunt
In majus: — — — — — —

Horat. *Lib.* 3. *Od.* 4.

Tem Deos os corações dos Reis, na dextra;
Deos lh'os alenta, com Divino sôpro;
Dos ólhos dá luzeiros,
Que, em boas leis, resplendem.

Se de fortes Leões vem Leões fortes,
De altivas Aguias vem Aguias altivas,

---

(1) Puz a este Epicedio, o nome do Autor, pelo não privar do merecido louvor.

D'um Manoel que virá ?
Virá d'um João segundo ?

Um novo João, transumpto generoso;
Pîo, como os Avós, como elles justo,
Que de aditar vassallos
Dê molde ao novo Mundo.

Lá, nos Elysios, onde o Cabral pousa,
(Hardido Náuta!) em parabens se entranha,
Que o chão, vira, primeiro,
Onde has cingido a c'roa.

C'os Souzas, (1) c'os Vieyras, Bobadélas
Discerne teus talentos, e virtudes.
Quão ditosos, se obtêrão (2)
De viver sob teu scéptro!

Vêm romper, nos Brazîs, novas Castálias
De jôrro perennal, onde éstro bêbão
Novos Camões, que cantem
Teu mérito, e teu nome.

---

(1) D. Thomé de Souza, primeiro Governador general do Brazil.

(2) Por obtivérão. Mil exemplos citaria (a ser preciso) de Clássicos Latinos e Lusos, que abonão esta licença poética.

ODE

AO VISO REI D. JOÃO DE CASTRO.

— — — — — famaque et Imperi
Porrecta majestas ad ortum
Solis ab Hesperio cubili.
HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 15.

Do Templo da Memoria, onde os sentára
Signalada Virtude,
Olhava o grande Affonso, e João primeiro
O destemido Castro,
Quando, embraçado o escudo adamantino,
Co'a refulgente lança,
Fulminava Hidalcão, Dabul, Cambaya.
Com táes trophéos se ufana
A forte Elysia; e inda hôje, co' elles tôão
Os Valles de Hypocrêne.
Phébo me pulsa a mente, a que eu os cante.
Quem me dá uma Lyra?

Eu, d'estas cordas de ouro, affouto Vate
Desfrécho Hymnos de Gloria:
Inspirado do Céo, cobarde eu fôra
Se ás vózes ócio déra.
Qual, no árido sertão da Libya inhóspita,
O Tigre se arreméssa
De cólera spumando, tal o Castro,

Pelouros desprezando,
Desprezando terçados, séttas, lanças,
Abólla, talha, rompe.
Tréme de susto pállido o Janîzaro,
Ao vibrar Castro o raio

Da cortadora espada, ou Castro os ólhos
Fusilando, lhe vôlva. (1)
Onde, oh Clio, me levas rebatado?
Sôbre um aéreo Monte,
Alcantîs de empinada penedîa,
Columnas mil de Jaspes,
De alabastro, rotundo Templo cingem;
Piso floreados sôlhos
Lá stás Viriáto, e Nuno, e o grão Pacheco,
Que a Roma, a Hespanha, a Asianos,
Centelhão lumes das ardentes lanças
Que descórão, que assustão.

Novo portento, oh Clio! Quem arranca
Dos quîcios, férreas pórtas,
Desmoronada a ameia, alluida a Tôrre,
E arrazados os muros,
A passo cheio guia a arraiáes Rumes
Trabalhados Guerreiros? —
Lá remettem, com brios renovados,
Milhares de inimigos.
Ouço tinnir nos élmos os montantes,
Ouço os gritos piedosos

---

(1) Ex syntaxeos perturbatis vehementiori motui apta est, et Rhetoricis dicitur *anacoluthon*.

SCHOLIAST.

Dos que mórrem ; — avisto a poeira erguida
Por cobardes, que fógem.

« Vês Dîo , vês as hóstes de Cambaya ,
(Me diz a douta Clio)
» Vês Castro a quem cingio renôme eterno.
» Ei-las , sôbre essas cûpulas ,
» As Ruélas dos Castros , luminosas
» Em astros convertidas ,
» Que sejão a seus ínclytos Vindouros
» Nórte de Honra , e Virtudes.
» Vê-lhe os pendões, com grão valor ganhados
» Tremolando homenágens (1)
» Do Rume valeroso , e Turco féro ,
» Na victoriosa Dîo. »

Ah ! que de pêjo ás faces me não córrem
As mal-assentes côres ,
Se curto cythariso , curto canto :
Que louvor não é curto
Saber com Arte déstra, sem naufragio ,
Bréve surgir , no porto.
Oh Castro , alta progénie de Mavórte
Com menos fortes azas ,
Que as , com que sóbes da Memoria ao Templo ,
Se ensoberbece essa Aguia ,
Que do Ida arrebatou ao sólio Olympio
O louro Ganimédes.

---

(1) Pour peu qu'on ait de la chaleur dans l'esprit , on a besoin de métaphores et d'expressions figurées pour se faire entendre ; et il n'y a qu'un Géomètre ou un sot, qui puissent parler sans figure. J. J. Rousseau.

ODE

Ao Senhor Antonio Joaquim de Pina e Lacerda.

Ciascuno da se sol fora bastante
A guardar-si dell' altro, e non saria
Frode alcuna nel mondo, o pur bugia.
RICCIARDETTO. *Canto* 18.

QUANTO era de anhelar; que em qualquér Homem,
(Não sei se máis, nas Damas)
Dentro do coração, pulse um relogio
De appurada certeza;
Que esse, no mostrador do rôsto, apponte,
Por horas, por minutos,
O ingénuo, o falso, e o da Verdade, e Engano
Estudado dissimulo!
Que ditosos que fôramos! Que alégres! —
Eu vira, no Tyranno
A despótica furia mal-fazeja;
No Valîdo os receios;
No Ministro as entranhas refalsadas;
No Bonzo a hypocrisia;
E na Dama carinho interesseiro.
Inúteis as Leis fôrão,
Inútil o Juîz; Castigo inútil.
Que antes que furte, ou matte,

Nóto fôra o Ladrão, nóto o Homicida;
E os Crimes atalhados.
Que feliz fôra a vida, a querer dar-nos
Deos, táes relogios, no O'rbe!

O PEDAGÓGO, E O DISCÍPULO.

PEDAGÓGO.

São nóve horas: e está, na cama, ainda?
Que vergonha! A Lição, préces, e estudo
Já seu mano...

DISCÍPULO.

E a manhãa?

PEDAGÓGO.

É máis que vinda;
É alto sól. Na villa, e aldêas, tudo
Trabalha a flux.

DISCÍPULO.

Oh, fêche-me a janélla,
Que indigno sou, me veja o Sól, por ella.

A VENUS PHYSICA.

PRO'LOGO.

A Venus Physica, ou á Natureza Criadora, isto he, á força effectiva, e Virtude productriz, que Deos infundio na Natureza quando a criou, he que eu dedico a presente Ode.

Esta he aquella Venus decantada, dêsde a mais remota antiguidade, pelos primeiros Poétas ethnicos, Philosophos, e Legisladores; e que elles propuzerão ás Nações que instituïão para a sua adoração, ensinando-lhes o culto digno da majestade da Deosa, e collocando o seu symbolo visivel no Planêta o mais bello e luzente, a nossos ólhos, a quem dérão a mesma denominação: designando nisto não só a formosura da Natureza, mas significando tambem (porque este Astro he o que mais assiduo accompanha o Sol, e com elle mostra ter, digamo-lo assim, uma constante amizade) significando, digo, os vivificos influxos, que o nosso Globo, d'este Pai das luzes continuamente recebe: dando-lhe, alêm daquelle, os nomes de *Lucifero*, quando o precede nascente, e de *Véspero* quando o segue poente.

Tal he a Venus que serve de assumpto a meus versos: esta he a que eu canto; e não aquella dissoluta, tão famosa pelos seus furtivos adulterios, que sacerdotes venaes, e corruptos seculos depois deïficarão, já para lisongear a sensualidade dos riccos e poderosos, já para escusar a prostituïção das cortezans, de quem extorquião

copiosas offrendas, votos, e sacrificios; e traficando infamemente com danças desenvoltas, menêos lascivos, e outras abominações detestaveis, nos penetraes dos seus mesmos Templos.

Para fazer mais agradavel o Poemeto, alêm das allegorias que nos transmittîrão os Mythologistas, taes como os desposorios da Deosa com Neptuno, e com o Sol, imaginei tambem a da amorosa descida de Jóve ao seu regaço para a procreação do Amor; e finalmente exornei-o com todos os atavïos poéticos, de que he capaz o meu pobre sujeito. O que tudo offereço á Censura da sancta Madre igreja Catholica Romana, a quem como filho, posto que indigno, ha muito sujeitei todas as minhas rythmas.

A VENUS PHYSICA, (1)

ODE.

STROPHE I.

Suave Mãi de Amor, Cyprina bella,
Nos Céos, do almo Sol a Precursora:
Sempre ridente Estrêlla

---

(1) Por mitigar, em parte, a saudade que consérvo de Alfêno Cynthio; e dar aos Portuguezes modélos d'um Poéta, que em éstro, em saber, e em apurado gôsto não têve entre os nossos Lyricos igual; e que só têve o defeito, de não mostrar, por acanhado, o que valîa, dou ao público as poucas Obras, que delle possûo. Praza a Deos, que imitadas sejão!

Surgindo a par da dedi-rosea Aurora :
Do Universo alegria,
Messageira lucifera do Dia.

ANTISTROPHE I.

A noite então pelas ethereas vias
Fere as ancas c'o látego estallante
Das remendadas pias:
De Trevas batalhão marcha adiante
Batendo as azes graves,
Lúbricos Sonhos, e piantes aves,

EPODO I.

Nos pennugentos seios das boninas,
Das pudibundas rosas, e açucenas;
Nas cavernas musgosas,
E nas selvas frondosas
Vão despertando as auras matutinas;
E sacudindo as orvalhadas pennas,
A saûdar-te aos ares se abalanção.
Os dourados insectos leves danção;
Na agua saltão os mudos nadadores;
Nos trémulos raminhos
Soão coros de aligeros cantores.
Resonão frautas, pullão cordeirinhos.

STROPHE II.

Suave Mãi de Amor, Venus prestante,
Alma Amphitrite, Thetis soberana
No reino undi-sonante:
De cujo augusto rosto a vida mana,
Mana a doce alegria

Da escamosa cerulea Companhia.

ANTISTROPHE II.

Mal baixando do céo ás ermas vagas
Esposa de Neptuno Tridentifero,
A barba intonsa affagas;
Estremece de gozo o ponto undifero (1):
Mas logo jaz immoto,
E sobr'elle adormece o bravo Noto.

EPODO II.

Faz-se silencio... Eis rûe em largo tôrno
Do fecundo thesouro da Natura
O Ser, o Movimento,
E o vital Sentimento.
Brota o rôxo coral galhudo, e em tôrno
Entre mil conchas brota a pérla pura,
Pompa do mar, de Doris a lisonja.
Com os dubios Zôóphytos a esponja
Surge nas róchas: nadão os testáceos:
Já fervem a milhares
Os peixes, e enormissimos cetáceos;
Negros Tritões, Nereidas verde-mares.

STROPHE III.

Suave Mãi de Amor, Dione dina,
Filha de Celo, e de Amphitrite amara,
A quem Jóve destina
Para do almo Sól consorte cara;
Que Vésta te nomêa,
Madre Tellus, Cybele, e os homens Rhea.

---

(1) *Pontus*; o Mar.

ANTISTROPHE III.

Da salsa fôfa espuma em fim surgiste
Não grata aos ólhos, tosca, e sem ornato:
Mas apenas sentiste
Do aureo Esposo o dulcissimo contacto,
E o ternissimo affecto,
Perdes a esqualidez, e o rude aspecto.

EPODO III.

Felpuda, esmeraldina immensa veste
Sobre os membros te lança o Nume amante,
Recamada de flôres
De matizadas côres.
De frutices viçosos te reveste,
E copado arvoredo sussurante.
Mas em cinzas tornára n'um momento
Pelo amoroso ardor teu ornamento,
Se do Reino materno não te envia
Os leves nevoeiros,
As brandas virações da tarde fria,
E os sonoros vivificos chuveiros.

STROPHE IV.

Daqui revêm os penhascosos montes
Fervendo as claras lymphas lisongeiras
Dos arroios, das fontes;
Voluveis rios, e as caudáes ribeiras,
De lagos derivados,
De intermináveis pégos sotterrados.

ANTISTROPHE IV.

Vida animada, Vida sensitiva

Para ti a aurea Lyra se tempéra.
Ao teu regaço, oh Diva
Baixou Delio co'a nova Primavera;
Os raios suaviza,
E o teu virgineo seio fecundiza.

EPODO IV.

Mas antes, Madre próvida, preparas
O pábulo vital á Próle infinda,
Abres os teus thesouros...
Brotão de bagos louros
Ondeantes, uberrimas seáras;
As pomiferas plantas, selva linda.
Eis confuso rumor se escuta.... Eis todo
Dos pântanos avulta o verde lodo...
Ceos! Voa cá e lá pintado bando
De aves a milhares,
Que os suaves gorgeios requebrando,
Povôão os pasmados ermos ares.

STROPHE V.

Recresce mais e mais o surdo estrondo...
Trémulos os arbustos vejo... aballão
As moutas em redondo.
Eis lanudos rebanhos fervem, balão;
E dos hervosos seixos
Pendem os fatos de barbados queixos.

ANTISTROPHE V.

Ouço a terra mugir... lá incha, e atira
O pullador ginete, que rinchando
Das ventas fumo espira,

Sobre o pescoço as clinas agitando.
Já fóra da floresta
Assomma do veado a arbórea testa

EPODO V.

Co' as feras alimarias o chão treme
Várias de gesto, várias de figura...
Oh louros armentîos,
Dons os mais prestadîos
(Por quem jámais a vil Penúria teme)
Que outorgasse aos mortáes ricca a Natura,
Vós versos demandais? delles sois dinos:
Tragão-me os instrumentos campesinos...
Mas que monte cerdoso se revolve
De exótico semblante;
E a versátil e longa tromba volve?
Já te diviso; és tu, sabio elefante.

STROPHE VI.

Pozeste o sello em fim, oh Mãi potente,
A' pasmosa animal fecundidade,
Co' a Obra excellente,
O Homem; e de graça, e majestade
O gesto lhe adornaste,
E para teu ministro o destinaste.

ANTISTROPHE VI.

Com largo pêlo o corpo lhe defendes;
Dás-lhe veloz o pé, a mão flexivel;
Razão na alma lhe accendes,
Engenho creador, e perfectivel,
Com que elle, de hora em hora,
Perde a rudeza, e a condição melhora.

EPODO VI.

Olhou-se, e comprazeo-se a Deosa bella
Na sua próle, e... Ceos! que dôr intensa,
Que pezar repentino
Lhe tinge o vulto dino?...
Sim... Sim já Phébo o arcano me revéla:
Vê, que insulados da Familia immensa
Se esquivão mutuamente ambos os sexos
Aos ardentes prolificos amplexos:
Nem voz sentimental, ternos suspiros
Do imo peito lanção;
E já da Morte os insanáveis tiros
Aquî, e allî as victimas alcanção.

STROPHE VII.

Ah! teme, que de Mãi o nome caro
Lhe apague a mão de Láchesis certeira:
E contra o transe amaro,
Nem raio de esperança lisongeira
No Futuro lhe aponta.
Ah! quem valer-lhe pode nesta affronta?

ANTISTROPHE VII.

Ora sus! lá do Olympo fulgurante
Sobre os hombros do Euro os ares fende
O Padre alti-tonante:
Ao teu gremio, sagrada Mãi, descende;
E em silencio profundo
Caliginosa noite abafa o mundo.

EPODO VII.

Alvîçaras! alvîçaras! Comigo

Toda a alma vivente exulte agora!
Desfez-se a horrenda treva:
Ao Céo Jóve se eleva:
Sorrî-se ao Universo o Fado amigo.
Do teu claustro materno surge fóra,
Venus, o arci-potente, o faretrado,
Porta-fôgo, brincão Infante alado.
Atraz d'elle esvoação mil Amores
D'entre as flôres brotando;
Já embebendo no arco os passadores,
Já no do Nume os fachos inflammando.

STROPHE VIII.

Desferem os farpões, e as teias (1) lanção:
Bem que vendados os travêssos Numes,
O alvo sempre alcanção.
Alîvio com ternissimos queixumes
Hum sexo ao outro implora
A' crua chaga, ao fôgo que o devora.

ANTISTROPHE VIII.

De amor bala o rebanho: amante pulla
O alão, (2) da fêmea em derredor latindo:
O pombo meigo arrulla:
Mavioso canta o pintasilgo lindo:
Fagueiro o Leão ruge;
E o feroz touro namorado muge.

EPODO VIII.

Eis o Homem junto da gentil Selvagem,

---

(1) *Tædas.* Fáchos accêsos.

(2) Cão de caça.

No bósque espesso , na graminea gruta,
Do seu interno fôgo
Exora o desafôgo.
Amor lá corre mais veloz que aragem;
E ledo espectador da amante lutta
As tenr s faces de pudor lhes tinge,
E em tôrno o césto maternal lhes cinge.
D'aquî o Estado Social deriva:
D'aquî forte e segura
Affrontaste da Morte a furia esquiva,
Suave Mãi de Amor, alma Natura. (1)

---

(1) Ajunto a esta Ode algumas Poësìas do mesmo Alfêno Cynthio, inéditas, e outras já impressas, mas tão raras, que a grão custo se encontrão. Oh! se eu as podéra haver, muitas *máis*, e *talvez máis* poéticas, que elle, por acanhamento, e por outras razões não imprimio, com que contentamento, não as daria eu agóra á luz! se Fados máos, e vìs Calúmnias me não houvessem tão distante de ti arremessado, tão cedo te não perdêra: e na tribulação injusta que te accareou a Invéja, o Ódio, e o Fanatismo ou te salvára, ou comtigo fenecêra. Eu perdi o Amigo e os Alumnos Portuguezes Vates, o máis doutrinado Lente.

Á FELIZ ACCLAMAÇÃO

DA FIDELISSIMA

RAÎNHA DE PORTUGAL,

A Serenissima Senhora

D. MARIA Ia.

No dia 13 *de Maio do anno de* 1777.

PROTHÊO.

Junto da Elysia jaz uma ampla gruta
Que o Padre Téjo carcomeo lambendo,
No seio de polida, negra rócha:
Sobre broncas columnas se sustenta,
Recamadas de mil pintadas conchas;
E do musgoso tecto argenteas lymphas
Ressumbrão, gotteando pelas fendas.
Aquî, onde sestear Prothêo costuma,
Rodeado das Phocas somnolentas,
Entrão n'um dia ameno, quando Phébo,
Pelo estrellado Cinto re-girando,
O ethereo Vellocino visitava,
Chorosas, macilentas, desgrenhadas
A candida Lagêa, a loura Algida,

A ligeira Myrtilla, a linda Undelia,
Licoris, Nésse, e a boqui-rubra Olminda,
Todas Nymphas de fontes e ribeiros,
Que c'os seus cabedaes o Téjo engrossão.
Levão por socios Pampinalbo, e Elonio
Ambos mancêbos, ambos vigorosos,
Que ouve d'um Fauno a airosa Limosina.

Punge-lhes n'alma férvido desejo
De o fatidico Velho consultarem
Sobre a fortuna, que insta á triste Lysia,
Pelo extincto Monarcha consternada;
Se mais benignos fados lhe decrétão,
Risonhos dias, de alva pedra dignos.

Já Pyrois e Eôo o solar coche
Ao mais alto do Céo rodado tinhão:
Quando assomar ao longe vê Elonio
O escamoso rebanho sobre os mares,
Do vidente Prothêo pastoreado.
« Escondamo-nos » disse. Logo todos
Se acolhem aos recantos e escondrijos,
Que assombrão a caverna sinuosa.
Não acabavão. Eis que abica á praia
O bando nadador, parte festivo
Abalançando-se á região não sua,
Com todo o humido corpo fóra da agua,
Rompe (ao cahir) do mar a crespa face
Co' espumante marulho, que érgue em tôrno;
Parte, sorvendo as cérulas correntes,
Pelas redondas ventas as repuxão,
Deixando apenas entrever o Vate,
Pelos, que formão no ar, cruzados Iris.
Segue-as o Deos, de murmurantes ondas

Cercado o gázeo carro, por quem tirão
Os auri-verdes, bîpedes cavallos.
Já descido do carro demandára
O marinho Pastor a amena gruta,
Quando sentado em lage alta e musgosa,
Apenas conta as rebanhadas Phocas,
Inclina á dextra a face, e os ólhos cerra.
Nisto, seguidos das medrosas Nymphas,
Manso e manso os mancêbos se encaminhão
Para o dormente Numen. De improviso
Com válidas prisões o cingem todo:
Mas elle, assim que estremecendo acorda,
Não deslembrado das antigas artes,
Na aspera pelle ouriça hirsutas cerdas,
E feroz javalî olhi-fogoso,
A fumegante tromba arreganhando,
Mostra o talhante, adunco navalhado.
Ora alongando o corpo verde-nêgro,
Drago escamoso de sanguinea crista,
Vibra entre silvos a trisulca lingua,
E o cóllo entumecido; e o peito immundo
Sôbre as pungentes azas no ar librando
Fixa no chão o ventre maculoso,
E em immensos anneis a cauda enrosca.
Ora, mudado em aguas transparentes,
Subtilmente serpêa, e sagaz tenta
D'entre os braços dos Faunos deslizar-se:
Mas elles mais e mais os nós apértão,
Nem no disvello afrouxão, temerosos
De o verem converter em Leão bravo
De tôrva catadura, e crespas jubas;
Que abrindo a vasta sanguinosa bôcca
Com a garra afiada raspa a areia,

E com a colla açouta as fulvas ancas:
Ou tornado em erratica fogueira
Que estrepitando horridamente em roda,
Com ponte-agudas linguas lambe os ares.

Das suas illusoẽs em fim cansado
Cobrou a fórma humana entre os clamores
Do feminino bando espavorido,
O ardiloso Prothêo, e irado falla:
« Que vos conduz com estas Nymphas tristes
» Ao meu alvergue, impavidos mancêbos; »

Callou-se: e logo a insoffrida Undelia:
« Tu como nós o sabes, Vate illustre,
» Nem jámais enganar-te alguem presume.
» Ah! cessa de zombar das nossas magoas,
» E as entranhas dos Fados perscrutando,
» Vê, se alguma esperança ao longe raia. »

Dizendo assim, co'as Nymphas companheiras
Fronteira ao Nume se sentou na areia.
Elle em tanto, sereno um pouco o vulto,
Comsigo murmurou não sei qual carmen;
E de improviso para o Céo alçando
Os verde-mares ólhos furiosos,
Co' gesto affogueado, a lingua sólta
Nos seguintes oráculos ditosos:

« Enxuga, oh Lysia, as lágrimas piedosas,
» Serena o afflicto rosto; e sacudindo
» Da augusta frente essas funéreas cinzas,
» Compõe leda, e engrinalda os teus cabêllos
» Co' amarantho immortal, e frêscas rosas.
» O Céo compadecido de teus males,
» Pelo Rei, que descansa em Paz eterna,
» Sua angélica Filha eleva ao thrôno,

» Thesouro inexhaurivel de virtudes.
» Oh Portuguezes bem aventurados!
» A morte esconde a fouce inexoravel,
» Com que féra segou Reáes despojos.
» Eis corre envergonhada da façanha,
» E bramindo ao covil se acolhe infame,
» Baixando os vêsgos ólhos para a terra.
» Olhai junto a Maria a austera Virgem
» De roçagante veste escarlatina,
» E de vendados ólhos: inflexivel
» As balanças iguáes sustêm na esquerda,
» Onde os delictos, e as virtudes pésa.
» Co' a dextra empunha a espada fulminante,
» Cujo cego esplendor soffrer não podem
» Do embrutecido Vicio os piscos ólhos:
» Com ella fere o sanguinoso Crime,
» Mal a sagrada Lei lhe pede o golpe.
» Salve, aurea Astréa, vem, oh suspirada
» Salutar primogenita de Jóve;
» Corta com esse ferro as capciosas
» Inextricáveis rêdes, com que a Fraude
» Se atreve a usurpar teu nome augusto,
» Os Lusos enleando, para serem
» Facil preza da perfida Violencia.
» Rompe, honrado Colono, alegre o seio
» Da mãi commum com o fecundo arado;
» Do fructo gozarás de teus suóres.
» Tu Cidadão activo, industrioso,
» Exerce em paz a creadora mente,
» Em inventos subtîs uteis á Pátria;
» Os teus disvellos has de ver c'roados
» Com devido louvor, devido premio.
» Não mais recêes que a mirrhada Inveja,

» Ou que a Stygia Calumnia sanguinosa
» D'entre os braços da Esposa te arrebate,
» Para enterrar-te em lúgubre masmôrra,
» D'onde foge de horror a luz do dia.
» Não mais, a teu pezar, d'Africa adusta
» Verás o mal-são clima em que respira
» O pestilente ar, que exhala a Morte,
» Cercada de ambulantes esquelêttos.
» Eia, ditosos Lusos, lançai d'alma
» Esses temores vãos; vossa Reinante
» Suas delicias faz, seu fixo norte
» Do Bem público, e público Socêgo,
» Dêsque rege do estado o árduo léme.
» Tanto vos jura aquella Nympha linda,
» Que á dextra vejo da severa Astréa,
» Chamada dos mortáes aurea Clemencia,
» E dos Deoses gentil Humanidade.
» C'o mesmo gesto acolhe o Ricco, o Pobre:
» Já do vasto regaço sinuoso,
» Em que tomadas tem as aureas roupas,
» Mil e mil bens tirando, que derrama
» Com mão profusa sobre as tristes gentes:
» Já adoçando o ânimo indignado
» Da optima Justiça; e inda ás vezes
» No ar lhe prende a dextra assustadora.
» Mas que Matrona de risonho vulto
» C'roada de oliveira baixa á terra,
» Co' a fecunda Amalthéa em rósea nuvem?
» Ah! como foge, mal ao longe a avista,
» A Discordia feroz angui-comada,
» Precursora de Marte truculento!
» Ei-lo em pé se ergue, eis todo debruçado
» Co' torcido-estallante açoute insta

» Sobre as fogosas , remendadas pias ,
» Que a carroça belligera arrebatão ,
» Fumando pelos humidos pescóços.
» Já, já transpõe as raias Lusitanas ,
» Entre as pallidas nuvens polverosas ,
» Que em tôrno as rodas férvidas levantão.
» Mas que vejo ! Eis o esquálido Gradivo
» Subito pára os lassos corredores ,
» E para traz volvendo os tôrvos ólhos ,
» Que se arrazão de lágrimas raivosas ,
» Contempla (ingrata vista !) as riccas messes
» De assolações , de mortes , de ruînas
» Prematuras cahir por terra mortas.
» Mas deixêmo-lo em vão raivar bramindo ,
» Olhêmos fito a fito a Paz divina.
» Oh Nymphas , acatai a Deosa augusta.
» Maria , carinhosa Mãi dos Lusos
» A faz descer da morada Empyrea.
» Onde quer que ella vôlva o almo gesto
» Os viçosos vergeis se desentranhão
» Em esmaltados pommos saborosos :
» Entre os côlmos das grávidas espigas
» Os brincões , surdos Zéphyros cicîão.
» Vêde os outeiros verdejar ao longe
» Co' as cêpas acurvadas de aureos cachos.
» Já nos hervosos prados ruminando
» Fervem rebanhos , pulão armentîos ,
» Em quanto á sombra das annosas selvas ,
» Que novas pompas pelo ar destoucão ,
» Ou acolhidos ás sagradas grutas ,
» Onde borbulhão fontes crystallinas ,
» Sentados sobre a relva os Pegureiros
» Co' as singellas serranas modulando

» Ao som da avena em versos alternados,
» Sobem aos Ceos com candidos louvores
» O amado nome da feliz Maria,
» Que as rédeas toma do governo Luso.
» Silencio!... Eu ouço na festiva aldêa,
» Em róda dos thurîcremos altares,
» De devotos festões, de intactas flôres,
» E de pias verbenas adornados,
» Dos curvados Anciões a voz tremente,
» E a dos tenros meninos, grata aos Numes,
» Com votos, com ardentes rogativas
» Exorar o Motor dos Ceos e terra
» Mil bens, mil bençãos para o throno Luso. »
Callou-se aquî Prothêo: soltão-no os Faunos;
Sahe da caverna, e esconde-se d'um salto
No prateado seio de Amphitrite:
Remoînha sobre elle o falso argento,
E em borbotões de escuma em tôrno ferve.
Partem todos d'allî alvoroçados,
E nos brancos salgueiros, que se espelhão
Nas suas mansas aguas, logo as Nymphas
Os fatidicos versos entalhárão.

ALFÊNO CYNTHIO.

EPISTOLA DE ALFÊNO

A FILINTO.

Em quanto na alta Elysia, meu Filinto,
Com devido louvor, sobre as estrêllas
Alças as lindas Musas Lusitanas,
Que, com mãos invejosas, a Ignorancia
De indecóra poeira enxovalhára;
Em quanto tenteando as aureas cordas
Da Venusina Lyra altisonante,
Cantas as graças, cantas a belleza
Da divina, benefica Virtude,
Com tão sublime, encantador estylo,
Que, em sancto amor ateando as nossas almas,
Nos fazes detestar o tôrpe Vicio,
Que soffrer não podendo o intenso raio,
Que da filha do Céo os ólhos vibrão,
Raivoso range os dentes, freme, escuma,
Os vêsgos ólhos de travéz nos lança,
E ululando se arroja ao Orco immundo:
Em quanto, em fim celebras nos teus versos,
A ventura, e o esforço valeroso,
Com que rompeste os vergonhosos ferros,
Que Nize te forjou, a falsa Nize,
O teu Alfêno ri da longa farça,
Que na viçosa Cintra representa
Essa gente, chamada a da *Farófia.*
Ergue-se o panno; sobre a vasta scena

Vê-se em batalha a flor da Lysia terra,
Toda a sua esperança, e firme esteio:
Não de rîgidas armas revestidos,
Quaes seus claros Avós, que denodados
Pela Fé, pelo Rei, e pela Patria,
Luttando com Neptuno, e os rijos Euros,
Com mil, e mil Nações belligerantes,
Exposerão as vidas generosas,
Fazendo memorandos os seus nomes,
Desde a ultima Hesperia á plága Eôa.
Mas, em vez de seguros capacêtes,
As cabeças altissimas lhes cingem
Felpudos chapelinhos recortados.
São cimeira e pennacho, laçarîas
Cujas pontas fuzilão tremolando.
Os pescoços por góla lhes abafão
Camadas de tufados pescoçinhos;
Os peitos lhes defendem, por couraças,
De lenço, e de setim curtos colêtes,
Debaixo dos mesquinhos, léves *Fraques*.
Nos seus calções, com visos de batina,
Appinhoados os botões rebentão.
Huns meios borzeguins, por ferreas grêvas,
Com meias côr de pérola ondeádas,
As pernas em redor, e os pés lhes cóbrem.
Tem cada hum por pavêz, tenção, devisa,
O annel, que a copia traz da sua Dama:
E na dextra, por lança, ténue vara,
Com que ao tardo animal açouta as ancas.
Nesta figura correm ao combate;
Huns, a minar altivos Pundonores,
Escalar Izenções, assolar Pejos,
Outros, a demolir lautos banquêtes

Dos vaidosos, magnificos Ricassos. —
Já, os primeiros férvidos Reinaldos
Entrão no campo da fatal peleja:
Dá-se o signal. Talvez agora o julgas
Do rude tom de rîspidos tambores,
De clarins e de pîfaros formado,
Que de susto enfiar fação o Moura,
E o Rio das Maçãas tornar á urna!..
Enganas-te, Filinto; desta guerra
Cupido he só o omnipotente Nume.
Elle inventou o harmonico instrumento,
O arco empresta, a mão rége, os sons inspira.
Com tenras Damas trava-se o conflicto,
Cruzão pares, avanção-se, recûão,
(Evoluções da Erótica milicia)
Com rodas, tresselins, chatés, cadeias,
E outros manejos, que escrever não ouso,
Por que de mim não creias, caro amigo,
Que com elles já fallo algaravîa.
Mas, no auge da férvida peleja,
De quando em quando Amor trégoas ordena.
Co' as bellas inimigas se retirão
Os destros Campiões, alguns mostrando
Por glorioso trophéo, no esquerdo lado,
O raminho da murta, a flor, e a liga,
Que, affectando descuido, cahir deixão
Sobre o chão, as lindissimas Parceiras.
Crebros sussurros vagão pelas sallas;
E, qual enxame, a turba dos Amores,
Vôa, e revôa d'uns a outros gestos:
Huns, com as pennugentas azas, prenhes
De dulcissimos furtos amorosos,
D'um suspiro imprudente, d'um ar triste,

D'um subito rubor, d'um meigo riso:
Outros dictão aos prósperos mancêbos
Mil flammigeras vozes, lisonjeiras,
De suave veneno borrifadas.
Pelos ouvidos das incautas Nymphas
A ardente peste cala aos brandos peitos,
Onde furiosa mais, e mais se atêa,
Té que, no coração, erguida em chamma,
Lhes crésta a tenra flor da Pudicicia.
Apenas o Perdita ufano attenta
No semblante da Angelica adversaria,
Dos seus ardîs o desejado effeito,
Dando signáes de que a affracar começa;
As lisonjas redóbra, nada poupa;
E as finezas da arte põe em obra
Té que, do Pejo adormentando as Guardas,
Dá d'avêsso co' as languidas Repulsas.
Amor ovante, de florida murta,
Do feliz vencedor a frente cinge.
E, porque já da paz o tempo expira,
Com inquietos sons á guerra incita:
Vendo que estes combates repetidos
Servem de amollegar os duros peitos,
De rîgida Izenção em tôrno armados;
A fim, de que na paz menos resistão,
Ao rijo impulso dos farpões cruentos:
D'este modo co' a dança o acto finda.
Corre-se o bastidor; eis outra scena.
Hum torreado Alcáçar, majestoso,
Entre os ulmos frondiferos branqueja:
Cujo demandão, com luzidas Nymphas,
Os segundos, clarissimos Guerreiros.
Entre o fragor dos triumphães Carrinhos,

E entre o tropel dos férvidos Ginêttes,
Tudo atrôão os rîgidos Batentes.
Já lá se patentêa a vasta porta,
Sobre os buîdos eixos resonando:
Entra a turba, desmontão os Peraltas;
E, qual faminto Açor, que avista a Pomba,
Vôa a empolgá-la com as curvas garras;
Táes correm a apear as gentîs Damas;
Que, pejando-lhes docemente os braços,
De sobêrbos com carga tão formosa, (1)
Os fazem dár de rosto ao claro Athlante;
Bem que sostenha os estrellados Orbes.
Logo cem feminîs, mimosos dêdos
Da jornada compõem o desalinho:
Quáes recolhem a lúcida madeixa
(Que hum lascivo Favonio desmandára)
Debaixo da dourada, argentea rêde;
E quáes, dê novo, do subtil volante,
C'um avaro alfinête, as pontas unem,
Que o travêsso Cupido despregára,
Por bem-aventurar ávidas vistas
De alguns *Tirões*, que (a furto) se lançavão;
D'este modo adoçando os graves ferros,
Que lhes cingia nos amantes pulsos.
Promptos já todos, Nymphas, Semideoses,
Em cerrada Phalange a escada sobem.
Eis, no alto assôma, e baixa a recebê-los
O fôfo dono, Portuguez Lucullo,
Co' a immensa véstia meio-abotoada,
Onde a vermelha cruz venal lhe pende;

---

(1) Verso de Camões. — *Cant.* 2. *Est.*

Amaciando a furial *Cesária* ,
Ante as damas gentîs todo se prostra ,
Balbuciando encanecidas phrases ,
Com que o alto favor lhes agradece ,
De lhe honrarem , o seu indigno alvergue.
Mas já o alcatifado sólio pizão
Das salas ricamente entapizadas :
Brilhão em tôrno as tortas serpentinas ,
Os aureos frizos , e estucados tectos. —
Eis alteando , com aéria pôpa ,
O diurno semblante sumptuoso ,
Pomposamente ornada sahe Madama ,
Risonha acolhe os hóspedes illustres ;
E , em quanto as Damas á porfia a abração ,
Trazluz-lhe pelos ólhos a ufanîa ,
Com que , ser-lhes igual , em si presume ;
Nem mechanico Pai o ser lhe déra ;
Mas talvez , que a leal consorte sua ,
Co' a Vulcanea capélla o laureára.—
Sentão-se todos , trava-se a conversa
Sobre rendas , bordados , fitas , pelles ;
Altercão-se questões , a voz se esperta ,
E em breve degenera em algazarra.
Rir-te-hias , meu Filinto , se attentasses
No ar sizudo , e na ancia com que fallão
Sobre táes bagatellas , parecendo ,
Que sobre a sorte do Orbe deliberão. —
Em tanto na Cozinha ferve a obra !
Quem , empunhando hum cortador cutello ,
De Patos , de Capões , Gallinhas , Pombos
Faz immensa , cruel carnificina ;
Quem cevados Peruns déstro lardeia ;
E quem , assa no fôrno chammejante ,

Do recental vitello a pingue perna,
Ou tosta da Leitôa os tenros couros:
Este córa na ahênea cassarolla,
Para cem fricassés, picantes salsas;
Aquelle esconde nas suáves massas,
O sanguineo prezunto Lamecense,
Que, com os recheados frangãos, nada.
Ceos! que uivo infernal me arranha o ouvido?
He Madama, que canta lá na salla
Huma aria de seu mestre nova e intacta,
Bem que a ouvisse Napoles mil vezes.
Que tregeitos! Parece-me possessa:
Os ólhos arregala, a bôcca torce.
Mas ólha os impudentes lisonjeiros;
Como, entre os crebros vivas, huns aos outros
Encrespão o nariz, os ólhos piscão.
Eis nisto sôa: *Está a mesa pósta.*
Subito erguem-se os hóspedes preclaros,
Huma alma nova delles se apodera,
Que os semblantes lhes tinge de alvoroço.
Lanção-se ávidos sobre as iguarîas;
Como quando a alma Ceres enlourece
Do Lavrador as verdes esperanças,
Sobre a pingue seára cahe faminta
A densa nuvem dos pardáes daninhos.
Brilhão, em varia côr, nos aureos copos,
Champanha, Malvasîa, Pomard, e Douro.
Alção Liêo e Amor continuos brindes.
Aqui Damon, sorrindo-se primeiro;
Pêtas conta, graceja sobre tudo,
Jogando o velho equivoco lascivo,
E, a si, mais que ninguem, no fim se applaude.
Alli refere Asinio hum caso infando,

Que á sua vida atára a Parca dura,
Quando entrou a jantar, n'um dia infausto,
Em casa do magnifico Lanoso;
Aonde (salvo seja) mastigára
Hum traidor grão inteiro de Pimenta.
Crime execrando, crime inexpiavel,
Em quanto no Oriente assomar Phébo!
Perfilha os seus rancores a Assembléa,
E ás irmãas infernáes Lanoso votão.
No meio d'estes contos não se esquecem
Os nossos Campiões *fóme-gerados*
De mostrar seu valor, sua destreza.
Da casa os Donos, com prazer, contemplão
A graça de cada hum, o heroico brio,
E o impavido estomago, faminto
Da Gloria de levar a honrosa palma,
Com que alguidares cem accumulados
(Pratos alguns lhes chamão por alcunha;)
Capazes de aterrar o *Paipai* mesmo,
Investem, talhão, rompem, tragão, chupão;
E subito arrazada a mesa fica
De rotos, esbrugados esquelêtos. —
Viva Monsieur Minaz (1), viva Madama,
De quando em quando brada a leda turba,
Tinnindo em tôrno os espumantes copos;
Com honrosas ventoînhas amentando
Aquelles ocos cérebros, fumosos;
Porque as sangrîas attentar não ousem,
Que á ferrea burra dão os táes Banquêtes:
Nem escutem a voz do Desengano,

---

(1) Minaz de Mina, como Forjaz de Forja, Rapaz de Rapa.

Que no ar librado sobre as longas azas,
Lhes brada, que o capricho da Nobreza
He só arruinar os vãos Ricassos,
Que ha pouco resurgindo do vil lodo,
(Em que jazião c'os Avós obscuros)
Por antôjo da lúbrica Fortuna,
Já pretendem com elles igualar-se.
Em pena, dizem, do seu cego arrôjo.
(Tanto a Vaidade he deshumana, e injusta !)
Ora lhes mostra o afflictivo quadro,
Que vis-lumbra a travéz do atro futuro,
Lá na Côrte, onde a nîtida Assembléa
Que até aos Ceos tanto os sublima agora,
Por elles resvalando os tôrvos ólhos
(Qual subito relampago nocturno)
Como de má visão, nojoso objecto,
Evita o seu encontro sempre álerta;
Mais perluxa que os Naires agourentos
Fogem dos Poleás ao tóque impuro.
Mas já, doce Filinto, me parece
Ver a minha Thalîa caprichosa,
Que jovial tégora me inspirava,
Hum pouco no semblante carregar-se;
E de atro fél os labios seus banhando,
E o franzido nariz todo assanhado,
Me pertende dictar picantes versos:
Qual Beáta que ao mundo trocar vendo
(Nos preconceitos seus tenaz e injusto)
Seu grave rosto, cãas, maduro sizo,
Pelas aureas madeixas, breves graças
Da imprudente donzella, em cujo gesto
O viço juvenil ledo florece;
No zêlo do Senhor toda inflammada,

Com tôrvo sobrecenho, ardentes ólhos,
Olhando-a de travéz, freme e esbraveja,
Lacerando-lhe a honra sanctamente,
E no seu desafogo o Céo involve.
Cerrâmos pois o ouvido á mordaz Musa.
Desçâmos já o panno: Adeos, Amigo.

ODE

A FILINTO.

Qual destro Jardineiro corta, arranca
Os espinhosos cardos
E faz da rude Terra
Um campo de boninas povoado:

Ou qual do tronco agreste, e solitario
Artifice perito
Fórma a Náo alterosa,
Que vai dar vista a peregrinos mundos:

Assim, Filinto meu, tu cultivaste,
O meu agreste engenho;
Tu as azas me déste,
Com que dos ares sulco o vasto pégo.

A Lyra marchetada, o plectro de oiro,
(Oh dádivas celestes!)
Das tuas mãos as tenho;
Por ti sou Vate, sou de Apollo filho.

Só tu attrahirás com versos meigos
Os Amores em bandos,
Ferindo a teu acêno
Com settas de oiro adamantinos peitos.

Ou, se antes queiras com guerreiros versos,
Do cume do Parnasso,

Co' a tuba altisonante
Cantarás do vermelho Marte as iras:

As iras turbulentas, furias sôltas
Da rábida Megéra
Que cem cabeças ergue
Na revolvida, sibillante coma.

Não só produz Thessalia a messe horrenda
De armados fratricidas.
Qual plaga, ou fria, ou quente
Não vio de armas cobertas as campinas?

Qual mundo não bebeo o sangue humano?
E a madre Terra oppressa
Co' as nossas mutuas mortes
Se dóe dos duros filhos que gerára.

Sobre cavos madeiros, ao mar alto
Levâmos atrevidos,
Quantos damnos nos trouxe
Promethêo, que roubou aos Ceos o fôgo.

Tingindo as ondas, affrontando a morte
Vêmos o mar cavar-se,
Sem mudarmos impîos
Do rosto a côr, do duro peito as iras.

E tu, que tens por jogo, oh Marte, a guerra,
As bastas sobrancelhas
Um pouco aliviando
Com violento sorriso o gôsto mostras.

BARROCO.

CANTATA

A' SENHORA

D. CLARA MANOELA

JUVALTA MAZZA.

Doce he ver na serena madrugada
Aljofrar de Titan a loura filha
Nas saudosas campinas
Com mão rosada as languidas boninas;
Em quanto a fria Noite a si recolhe
O manto azul de estrêllas recamado :
Doce he ver como as Horas vigilantes
Jungem de Phébo ao coche auri-rosado
A Phlegon e Pyróis flammi-spirantes,
Que mal bater-lhes sentem
Ao Deos autor do dia
As prateadas rédeas,
Pelos rôxos balcões rompem fogosos,
Batendo aos pulos co' as ferradas unhas
Os ermos campos do cerúleo éther :
Os Ceos se purpureão
E as campinas se arrêão
De ondeada alcatifa scintillante,
E uma alma nova pula
No seio creador da madre Terra,
Apenas os visita
O omni-parente Deos com leda fronte,

De benefica luz perenne fonte.
Mas mais doce me he ver Claricia bella,
Abrindo então ao mundo
Com seus ólhos gentîs novo Oriente;
Ante os quáes me parece
Que a Aurora foge, e Phébo amarellece;
Com inveja talvez d'aquelles sôltos
Ondados fios de ouro,
Que nas azas dos Zéphyros fusilão;
Ou do esplendor d'aquelles dous luzeiros,
Ante os quáes o do Sól seu preço perde.
Onde quér que ella volva
Os que o mundo ólhos chama, o Céo estrêllas,
Inda no meio do gelado inverno,
A despida floresta
Subito reverdece
E o prado de boninas se guarnece;
Os ares se povôão
De travêssos Cupidos que revôão;
Neptuno amansa com o azul tridente
As horrisonas vagas procellosas;
Dorme o Austro fremente,
E na sua obra prima
De graça e de belleza
Pasmada se revê a Natureza.

ARIA.

Por mais que a rôxa Aurora
Empérla as tranças bellas;
Por mais que Phébo agora
A luz rouba ás estrêllas,
E della a fronte córa,
De Clara a formosura

Não podem igualar.
Brilhão mais sem adorno
Que os da Alva os seus cabêllos;
E o par dos ólhos bellos,
Que tudo anima em tôrno
Com o esplendor nativo
Ao Sól faz eclipsar.

Sim, brilhantes madeixas, em vós armão
Os dolosos Amores
As rêdes mais subtîs, laços traidores,
Onde engodados cahem,
Da sua gentileza,
Mil tristes alvedrîos imprudentes,
Que se atrevem sem susto
De perto a vos olhar, mais do que he justo.
E que direi de vós, ólhos divinos?
Amor por mim o diga,
Que em vós ovante impéra,
E de hora em hora escravos mil numéra,
Não por traição covarde,
Ou iniqua violencia subjugados
Com hervados farpões sangui-sedentos:
Mas voluntarios dando
A vaidosas prisões intactos pulsos;
Vencidos, transportados, abrazados
Da flammigera luz, almas estrêllas,
Que fusilais em tôrno,
Capaz com um só raio
De fazer chammejar, calando ao peito,
A mais frîa izenção, a mais rebelde.
Vem fazer infiar Délia, a Aurora,
Formosa Clara, agora

Com tão brilhantes joias,
E bem-aventurar o terno Alfêno:
Langue sem ti seu coração saudoso,
O prado se entristece, e o bosque umbroso.

ARIA.

Perde, oh Clara, o seu thesouro
De saudade o verde louro;
Junto da agua crystalina
Langue o Lyrio, a fronte inclina;
Mana turvo o Tejo ameno;
Esmorece o meigo Alfêno,
Se o teu rosto hoje não vem.
Mas ja vejo a flor mimosa
A cabeça alçar pomposa;
Nova coma ao louro arrêa;
Doura o Tejo a escura vêa:
Bom presagio! eis chega Clara,
Nossa gloria, e nosso Bem.

ALFÊNO CYNTHIO.

DITHYRAMBO

A Filinto, no dia de annos da Snrª. D. F. G. X. de S.

Emprésta-me, Filinto, a maga Lyra,
Com que a alma me enlevas, me arrebatas:
Os natáes da aurea Amphrysa cantar quero,
Té que as cordas lhe estallem.

Ris-te? Pasma. Olha aos pés da amavel Nympha
Bocejando a Perguiça afferrolhada...
Escudou-me a Amizade — invisto-a, attérro-a...
Quem resistir me póde?

Que vejo! Em vez da Lyra a vinea taça
Sorrindo-te me off'reces! Venha embóra;
Minha Lyra será, Apollo, Musas....
Ouvi, ouvi, vindouros.

Mas que he o que em mim ferve em brava guerra?
Não sentes como pula pelas veias,
Cerrando com a atróz Melancolia
O thyrsigero Baccho?

Vê como horrenda ronca entre seus braços...
Evoé! Nyctileu! — Apérta, apérta...
Eis o Deos m'a dardeja pela bôcca
Urrando roucamente.

Ah !.. Respiro... Lenêo te adîte, Amigo.
Torna a encher... Raza... raza... Como brilha !
Parece-me o rubi d'um Rei Indiano,
Do Ça... Ça... Ça... (1) que me importa !

A' saude de ti, Amphrysa, empino
O ebri-festivo cópo... Oh gôsto ?... Oh pico !..
Quão doce me gorgêa na garganta !
Desbanca Philoméla.

Agora exaltarei em digno métro
Teus dótes não-communs, que por mim bradão.
Não temo provocar o grande Elpino
E a ti mesmo, Oh Filinto. —

Oh forte Domador da plaga Eôa,
Co' teu nome, capaz de endeosar-me,
Bafeja ao alto assumpto... Ceos ! que fumo
Me ondêa pela bôcca !

Quem me queima as entranhas ?.. Eu chammejo
Chião-me as carnes... Ah ! traidor Filinto,
Co' sancto licor de Evio misturaste
Do Phlegetonte as aguas.

Sônho ?.. ou estou despérto ?.. Eis me arrebatão
Sobre as pennas do vento ao ar sublime...
Lá surge o Sól radioso assetteando
As tévas trepidantes.

Como submerge em pélago de luzes
As pallidas estrêllas ! Os Ethontes
Rûem aos pulos... nas inchadas ventas
Revolvendo igneo fumo.

---

(1) Çamorim.

Eu diviso de Amphrysa o almo dia
Junto ao Deos na carróça auri-rosada ;
Voão-lhe em tôrno as Graças , os Amores ,
E os remoçantes Jócos.

Lá vem Neptnno , com os pandos braços ,
Curvo o corpo , arrazando as roucas vágas...
Alli, na atra caverna, o torvo Eólo
Os ventos arrebanha.

Eis baixo ao Pindo... eis Délio os teus louvores
Canta na eburnea lyra... os montes danção...
Mas que esquadrão de altisonantes hymnos
Lhe brota da cabeça?

Eis co' as talhantes azas me demandão
Onde brilhão teus dons, celeste Nympha ;
E eu, na fronte d'um leio — Eu sou a injuria
Da Morte, do impio Tempo —

Traz ufano a tua alma , e nella engasta
A aurea Philosophia mil virtudes ,
Cujo cego esplendor o brilho vence
Dos scintillantes astros.

Vem , Hymno amado , vem, modularemos
Em nunca ouvido tom.... Vê pressurosos
Os Deoses , como deixão para ouvir-nos
Ermo o Olympico alcáçar.

Lança , oh Nympha , na taça o loiro Brómio :
O fógo avivarei que me fulmina
A mente insana... Venha, antes que Jóve
M'o arrebate invejoso.

Amphrysa, Amphrysa , que travêssa aguaste
O almo licor ! — La se esvaêce o Pindo :

Vôa o Hymno : o sublime ardor se apaga
E Baccho, e as Musas fógem.

Tu lho lembraste, rîgida Modestia,
E me impediste de illustrar meu nome
C'os louvores da que he do amavel sexo
As delicias, o enlêvo.

ALFÊNO CYNTHIO.

CANTATA

A' NOITE.

JA Phébo de purpureas, rôxas luzes
C'rôa as ferventes, cérulas campinas,
Banhando dos fogosos Andaluzes
No mar as alvas fumegantes clinas:
As Horas os disjungem,
E ao molle somno o Deos, nos Téthios braços,
Manso e manso abandonna os membros lassos.
Sáhem do asylo das musgosas grutas
Com as nocturnas aves
As sombras vergonhosas;
Serpêão pelos valles
Até que unidas ás do annoso bosque
Afoitas mais e mais surgem e engrossão,
E do mundo se apossão.
Em quanto para o Oceâno a Noite dóbra
O véo apavonado
Que sobre o seu azul manto estrellado

Invejosa estendêra
A Aurora vigilante.
No remanso do arroio murmurante
Já fervem a chuveiros
Os reflectidos trémulos luzeiros.
Graças a Amor! Assôma a feliz hora
Tirada no seu carro
De mil desejos férvidos, alados;
Em que me prometteo a linda Nize
De ouvir os meus queixumes namorados,
Na florésta de plátanos, que assombra
A entrada da caverna veneranda,
D'onde em mil borbotões de espuma o Moira (1)
Fervendo o seu licor perenne manda.
Nize gentil! será, Meu Bem, possivel
Que hoje eu colha as dulcissimas primicias
De minhas esperanças,
Pela travêssa mão do Deos frecheiro
De teus divinos olhos
Em meu peito plantadas,
Sempre de ardentes lágrimas regadas?
As portas da alma Alfêno patentêa
A' celeste alegria;
Fógem d'ella os cuidados roëdores,
Os pallidos temores;
Com branca pedra nóta este almo dia.
Adeos Mágoas, adeos amargo Pranto:
Torna, frauta, comigo ao ledo canto.

---

(1) Pequeno rio distante de Lisbôa a 3 leguas para a banda de Cintra.

ARIA.

Já Morphêo do Léthes vindo,
Vai, de sônhos rodeado,
Sobre o mundo fatigado
Molles somnos sacudindo.
Dorme tudo, oh Nize bella;
Só Alfêno e Philoméla,
Ternas queixas modulando,
Vão turbando
O nocturno mudo horror.
Santo Amor que tens teu ninho
Do meu Bem nos meigos olhos;
Um pungente breve espinho
Tu escólhe dos abrólhos
Que em mim crava a Saudade,
Fére na alma a tarda Nize:
Sobre as azas da vontade
Voará ao seu Pastor.

Eis baixo ao valle... Eis entro o augusto bosque....
Que scena encantadora! os ares cruzão
Infindos fuzilantes vagalumes
Em quanto outros cravados
Nos frondosos docéis perennes brilhão:
Emulando a floresta os céos sagrados
De exhalações, de estrêllas adornados...
Triste de mim! Não vejo a minha Nize,
Por mais que a selva em tôrno
Com os ávidos olhos investigo!
Vara gentil de ricos lavradores,
A cruel me desdenha,
Próle de honrados, miseros pastores;

Vivem inda os amores,
Inda sussurra o virginal segredo
Lá no Latmio penedo
Alta noite acolhendo
No seio cavernoso
Da poderosa Cynthia o Nume altivo,
Que ao Acaso entregando
O governo do carro luminoso,
Dentro de véo nubloso
Sobre os hombros dos Zéphyros baixava,
Endimyão buscando
Que entre ovelhas lanigeras jazia,
E nos braços do amado pegureiro,
Do Olympo, e de si mesma se esquecia.
Ah! lembre-te, inhumana, a infausta sorte
Do cerúleo Penêo da gentil moça,
Que desprezando altiva
Do aureo Pastor de Admêto
O ternissimo affecto,
E os ardentes queixumes lastimosos,
Que suado e anhelante
Com rôta vóz em seu alcance espalha
Ao vento o triste amante:
Sobre a margem paterna
A bella fugitiva o corpo digno
Em justa pena da dureza interna
De improviso sentio inteiriçar-se,
E em áspera cortiça
A nivea pelle mórbida tornar-se:
Em rîgidas raîzes tortuosas
Pelo attónito rio os pés entrárão:
Os braços torneados
Duros, ramosos troncos se fizerão

E pelo ar se estendêrão,
E os doirados cabêllos ondeantes
Por elles se espalhárão
Em verde-negras folhas sussurrantes.
Em louro transformada
Co'a nova sombra aos campos maravilha
Do infeliz rio a filha;
Phébo... Mas estremece a silva espessa;
O sonóro bulîcio da agua cessa,
E os mudos nadadores á porfia
Saltando accendem nîtida ardentîa.
Aceito o agouro, Amor. He Nize, he Nize.
Repentino clarão as trevas fere...
Nova fragancia os ares embalsâma...
Omnipotente Deos, aos teus ministros
De meu pobre rebanho a guarda entréga:
Em quanto Alfêno á sombra
Das fuscas azas da amorosa Noite
Na molle gramma passa
Doces momentos, do meu Bem ao lado,
Digno de ser dos Deoses invejado.

ARIA.

Alfêno ditoso
Te dá mil louvores,
Oh Deos dos amores.
No céo luminoso,
Nas lúbricas aguas,
No reino das mágoas
Despótico impéras:
Tu só da dor géras
Celeste prazer.

Angélica Nize,
Amor! que alegrîa!
A Jóve me iguala:
Quér goste a ambrosîa
Na Olympica sála,
Quér da alma Erycina
Na face divina
Se esteja a revêr.

ODE

Contra os detractores da Poesîa.

Sublime Melibeu, não te envergonhe,
O aviltador desprezo, com que tratão
O O'cio inerte, o inchado Pedantismo,
De Apollo aos dignos filhos.

Não anhéla a toupeira subterranea
A benefica luz do rôxo Phébo:
Odeia o ganso granador, do Cysne
Os suaves gorgeios.

Tremão, tremão de nós: nós só podêmos
Da fallante pintura com um rasgo,
Levar a par do Tempo á Eternidade
Seus ridîculos gestos.

Mas sempre a Ira foi má conselheira.

Dá a doce Vingança amargo fructo.
Deixa aquelle no charco de seus vicios
Apodrecer inglorio ;

E deixa o outro Charlatão vaidoso
Com campanudas vozes , oucas phrases
As Damas aturdir , e deslumbrá-las
Co' oiropél litterario.

Em breve de Bertrand na vasta loge
Os ministros crueis do Velho eterno
O caruncho e o bolôr ávidos tragão
Seus scientificos partos.

Em quanto lentamente as longas azas
Em tôrno meneando o Esquecimento ,
O fumo vão da sua ténue glória
Dissipa pelos áres.

Sim , os ôdres de pelles de Elephantes ,
Cameleões de honras , de etiquêtas ,
E as hydropicas rãas , que tanto grasnão
Inda em vida morrerão.

Nós sós das nove Irmãas alumnos , Vates ,
Com affouto e seguro pé trilhâmos
Da eterna fama a lúbrica veréda
Por fragas , precipicios.

Mal entrâmos seu templo , a Deosa augusta
No sempiterno livro flammejante
Com estylo de luz inextinguivel
Nossos nomes escréve.

Apoz elles ao lúcido volume
Commétte os dos Varões , que libertâmos

C'os hymnos immortáes, das cruas garras
Da famulenta Morte.

Mais do que no Zenith o Sól estivo
Brilha o sancto lugar, que não profana
Dos annos o ímpio Rei, mas junto aó atrio
Tôrvo bramindo passa.

Assim, mercê de Phébo, a nosso arbitrio
Fazêmos cidadãos da Eternidade
A mil e mil co' poderoso carmen
De néctar borrifado.

Assim de Heróes o Olympo povoâmos
Revocados á luz co' mago canto
Do Léthe, onde jazião submergidos
Co' a ignobil inercia.

Não só com a pudica Esposa e os Filhos
Egas por honra sua, honra da Pátria
Da vãa palavra a trôco, á dura Parca
Se off'receo espontaneo.

Nem nas aras de amor a Linda Castro
Foi a primeira que a ambição ferina
Immolou, co' seu sangue salpicando
Os seus tenros infantes.

Ou só aquelles dous Mavorcios raios
Albuquerque e Pacheco, no aureo Ganges
Accumulárão palmas decantandas
Pelas filhas de Jóve.

Antes que o Gama o tormentorio Cabo
Dobrasse affouto, muitos já surcárão

Estes virgineos campos de Neptuno,
Co' voador arado.

Mas a todos opprime immensa Noite;
Porque o Fado lhes nega santos Vates,
Que á luz tragão seus nomes talvez dignos
Do nosso grato pranto.

Eia, Amigo, animoso e firme calca
A erma via, embraçado da Virtude:
Precêda-te a Verdade, afugentando
Os errores, co' facho.

Não te acobardem desdenhosos vultos
Dos monstros de ignorancia, e de ventura,
Inçados de torpezas, de remorsos,
Enrufados vadîos.

Sólta as rédeas ao riso, quando vires
O ar de magistério, e as fanfurrias
Dos Ecchos de Jornáes, de Encyclopedias
Crêspos de Inglez, de Grêgo.

Modernos sabichões omni-palrantes,
Inimigos jurados do talento,
Inventores subtîs de filagranas,
E de engenhosos nadas.

Ao ingrato clarão que esparga a tócha
Do tardîo, mas certo Desengano,
Ao Silencio verão tragar seus nomes
C'os lethargicos beiços.

ODE

A'S MUSAS.

Para quem tu, celeste companhîa,
Benignamente olhares
Com fitos olhos, cheios de ternura
Quando apenas gozar da luz do dia,
E depois de o banhares
Da suave Hippocrêne na agua pura,
Aos teus fecundos peitos for creado
E c'os divinos cantos embalado.

Este jámais será esclarecido
Nos riscos de Mavorte,
Por quebrantar as iras arrogantes
D'um vão usurpador enfurecido:
Entrando á régia côrte
No meio das esquadras triumphantes,
C'roado de palmeira, entre mil vivas
Co' as barbaras nações atrás captivas.

Nem qual Columbo ou Gama denodado
Irá em fragil quilha
Demandar do paterno lar distante,
Rasgando o seio de Neptuno irado,
Novo terreno, ou ilha,
Apóz dróga odorifera e prestante
Apóz brilhantes gemmas, claras veias
Que revolvem auriferas areias.

Mas junto ao Lys bordado de boninas
Que exhalão mil aromas,
Recostado no tronco d'um loureiro,
Que nas serenas aguas crystalinas
Enfeita as verdes comas,
Rugindo co' favonio lisonjeiro,
Inspirado por vos, oh Musas bellas,
O seu nome alçará sobre as estrêllas.

Alli ao som da tuba bellicosa,
Em rima sublimada
Nos cantará os Heróes que triumphárão
Dos annos, ou da Parca sanguinosa,
E co' a invicta espada
A fé e o patrio imperio dilatárão;
Um Henriques, terror dos Mauritanos,
Um João, fero açoite dos Hispanos.

Ou em proficua scena expondo ás gentes
De illustres personagens
Trágicos fins, terrificos, injustos
Tristes fructos de faltas imprudentes;
Ou as doces ventajens
Que co' a morte dos máos gozão os justos:
Deste modo ensinando ao pôvo rude
Que refreie as paixões, ame a Virtude.

Ou como o Jardineiro alimpa e póda,
Sem que offenda ao grôsso,
Na figura de buxo ou de folhado,
Os torpes ramos, que a vecejão toda.
Tal este alumno vosso
Co' gume do ridículo afiado
Decotará no Cómico exercicio

Dos nossos corações o feio vicio.

Mas se á Musa do Mincio mais se inclina
Ou á do flavo Ismeno,
Vêlo-hemos entre Nymphas e Sylvanos
Ora na doce frauta campesina
Cantar Tityro e Almêno,
Que no Saturno império, longos annos,
Pascendo os seus rebanhos innocentes
Vivêrão, venturosos e contentes.

Ora na eburnea lyra altisonante,
Em métros peregrinos
Louvar os Deoses e os Heróes valentes;
E o rúbido Thionéo co' a turba ovante
Dos sátyros caprinos
Dando uivos e silvos estridentes,
E nos cópos, nadando em alegrîa,
Afogando a cruél Melancolia.

Oh tócha ardente, celestial Poësîa!
Na noite do passado
A' Virtude co' a Inercia confundida
Teu clarão desenvolve, e traz ao dia:
A elle só dá o Fado
Guiar á Eternidade merecida
Um nome honrado, affugentando a tréva,
Que ínvido o Esquecimento em tôrno eléva.

Não nos deixeis, oh Musas (poderosas
De dar aos peixes mudos
A terna voz d'um rouxinol canóro)
Por verdes, que as orêlhas escabrosas
De mil selvagens rudos

Não podem abrandar do vosso côro
As suaves canções esclarecidas :
Sempre houverão no mundo indoutos Midas.

Por vós, oh resplendor da nossa idade,
De Minerva mimoso,
Fóyos preclaro, e Corydon divino
Me instruîrão nos braços da Amizade.
Por vós, em fim, glorioso,
Inda a pezar do Zoilo serpentino,
Meu nome voará de gente em gente
Honrando o pátrio ninho eternamente.

Alfêno Cynthio.

ODE

A FILINTO.

Filinto, ah meu Filinto, jaz enfêrmo
O teu querido Alfêno, atassalhado
De dous cruéis galfarros famulentos
Que querem devorá-lo.

Um d'elles frio mais que o gêlo alpino
Aos lassos bófes tão tenaz se afferra,
Que em vão pelo expellir lidão, e suão
Em convulsos arrancos :

Em quanto o outro como frágoa ardente
Com rapidez girando pelas veias

Me faz passar os dias dormitando
Em continuas modôrras.

Mas de noite roubando o somno aos ólhos
Na phantasîa ao vivo me debuxa
Centauros, Geryões, Hydras, Chyméras
E monstros mil informes.

No meio d'estes males lastimosos,
Em trajos de viûva encapellada,
Tirando a rôjo os lúgubres vestidos
Entra a Melancolia.

Com vagarosos passos se encaminha
Para o leito a miúdo bocejando;
E cravados em mim os tôrvos ólhos,
Se assenta á cabeceira.

Alli tres vezes, com as mãos de chumbo,
Me apérta o coração, depois tres vezes
O macilento rosto me bafeja
Co' a verde-négra bôcca

A' medida que em mim lavra o veneno,
Em frias bagas de suór me banho;
Espessas trévas súbito me embruscão
A fraca, errante vista.

A alegrîa me fóge, e as doces Musas
Me fógem de tropel, espavoridas
Da horrenda catadura desta bruxa,
Que entre dentes praguejão.

Corre, corre, Filinto, ao teu Alfêno:
Vem livrá-lo do monstro sanguinoso,

Que as entranhas lhe chupa sitibundo
Qual tenaz sanguisuga.

Vem revestido não de malhas rîgidas
Ou de cotta de laminas seguras,
Com luzente murrião, escudo, grêvas
Brandindo a grossa lança.

Não se espanta de ver tanta ferragem
Quem he do alvergue do Furor porteira;
Quem entra a tenda do Tyranno intruso,
Por entre armadas filas.

Mas arma-te de sáes, facécias, chistes,
Na cabeça por élmo um Alfarache,
Por pavêz, um Gil Blas ou grão Tacanho,
Por lança um Dom Quixote.

Nem te esqueça trazer por mór cautéla
De Ferrabrás o bálsamo bemdito,
Aquelle que na *Venda* ao pobre Sancho
Fez vomitar as tripas.

Apenas te avistar, vêla-has bramindo
Discorrer rabeando pela salla;
Té que estourando com fragor horrendo,
Se solte em negro fumo.

Quando estes rudes versos te escrevia
Longe de mim vagava a voraz furia...
Ei-la que chega, Oh Céos! sumâmos tudo,
Antes que deite o Lúzio.

ALFÊNO CYNTHIO

ODE

Ao Senhor Antonio Mathevon de Curnieu.

Que deve a Phébo supplicar o Vate,
Alumno da gentil Philosophia,
Sobre o altar queimando em ruivas brazas
De Arabia o pio incenso?

Senão que aliste o Deos o Vate Alfêno
De baixo das beatificas bandeiras
Da aurea Medianîa, sem que inveje,
Sem que invejado seja.

De mim desterre a esquálida Pobreza,
Alvo de opprobrios, alvo de miserias,
Macilenta alongando ávidos ólhos
Pela opîpara mesa.

Não appeteço de Damon o coffre
Bem que nos ricos paços caiba apenas
A obsequiosa onda salutante,
E em aureo coche rode.

Improvisas riquezas não se acquirem
Sem vîs lisonjas, extorsões, calúmnias,
Que a aura popular debalde, e o ouro
Com falso verniz cobre.

Co' a branda púrpura, co' eburneo leito
Em vão acena o máo ao doce somno:
Escapa aos ólhos do assustado crime:
A Paz, a Virtude ama.

Nem só a Oréstes agitou Megéra:
Mil vorazes Megéras na alma raivão
De quem atroz punhal no seio crava
Da Mãi commum, a Pátria.

Ditoso Mathevon, tu que prudente,
No pharol da Verdade os ólhos fitos,
Co' prumo da Razão sondando os baixos
Deste infido Oceâno;

No porto da feliz Medianîa
Voluntario surgiste; tu, sim, gozas
Dos altos bens que liberal reparte
A Deosa aos seus alumnos.

Corpo são, mente sãa e paz interna,
E o vêr de certo vista, face a face
A formosa Amizade, firme escudo
Contra os tiros da Sorte;

A formosa Amizade cujo rosto
O vão rico, e o Tyranno jámais vîrão:
Não cingem, bem que de ouro, vîs cadeias
Os seus ingenuos pulsos.

Nem tîmida donzella calar ousa
Por entre filas de venáes lictores.
Feliz dia em que achei, meu doce abrigo,
Ante os teus ólhos graça.

Com branca pedra o noto, e os tardos netos

Com inveja lerão, e gloria minha,
Que foi de Mathevon sapiente e justo
O triste Alfêno amigo.

ALFÊNO CYNTHIO.

ODE

AO SENHOR FRANCISCO DE SALES, PROFESSOR DE RHETORICA.

Não bastavão aos Cysnes do aureo Téjo,
Douto Sales, as pêas que lhes téce
O rude vulgo sórdido e profano,
De infame opprobrio injusto?

Não bastava que a esquálida Pobreza
Das brancas azas decotando as guîas,
A mil e mil com plumbeas mãos suffoque
Na garganta os gorgeios?

Não bastava que a Inveja atraiçoada
Co' bafo pestilente lhes apague
O nobre ardor, com que atrevidas tentão
Alar-se ao árduo Olympo?

Sem que os vexasse a nova immensa praga
De daninhos reptîs, que em tôrno silvão,
Cujas linguas trisulcas hérva, e afîa
O fatuo Pedantismo.

Incapaz de subir do Pindo ao Cume,
Pelas raîzes roja o immundo peito;
E encrespando a cerviz, com torvos ólhos
Lhes acena que o sigão.

Porêm aquellas filhas da Memoria
Os seus túmidos féros desprezando
Inspirados por vós á vôo solto
Demandão a alta cima.

E... mas que Deos me eleva aos mansos ares?
Já debaixo dos pés em aurea nuvem
O terreno vapor se espessa... Eis vôo
Sobre os hombros dos ventos.

Que novos sons a alma me embriágão?
Talvez da vitrea abóbada rodante...
Ah não: eu vejo um monte bipartido
Onde a aurea nuvem cala.

Eis o Parnasso; eis o Cantor divino
Da sublime harmonîa encantadora
De cujos labios pendem Phébo e as Musas
Tintos de gòzo. — Ouçâmos.

« Então o Pai dos Deoses e dos homens
» Sobre um thrôno de nuvens procellosas
» Crebro gyrando a dextra fulminante,
» Do Olympo horrendo tôa

» Neptuno em baixo de ira chammejando,
» Co' tridente embravece o vasto pégo
» Que abalando as raîzes das montanhas
» Erguido em serras muge.

» Infiado Plutão do Sólio salta

» Tremente e arripiado vozeando
» Temendo vêr nas lúgubres moradas
» Entrar a luz superna. »

Callou-se aqui o Vate esclarecido
Cujos natáes tantas nações anhelão.
Eis de Apollo ao aceno sólta o canto
Do Mincio o niveo Cysne.

« Em primeiro lugar, uma alma interna,
» Os céos, a terra, as líquidas campinas
» Mil e mil de Titan nadantes astros
» Vivifica e alimenta.

» Por entre as juntas da infinita móle
» Diffusa a eterna mente creadora
» Agita a pullulante Natureza
» Com regulados gyros.

» D'aqui os animáes, os homens brotão,
» D'aqui os bandos das pintadas aves,
» E os cardumes dos mudos nadadores,
» Lá no marmóreo Ponto.

» Nelles reina alma luz, vigor celeste,
» Em quanto as vegetáes porções divinas
» Lhes não affogão os nocivos corpos,
» Embotão terreos membros. »

Mais não disse; e os angélicos accentos,
Sobre as pennas dos Zéphyros levados
O taciturno horror das sacras grutas
Em tôrno despertárão.

Mas eis Phébo a mim vólve o sancto rosto
Capaz de endeosar um baixo humano.

Fugi, profanos, de escutar indignos
A voz do Deos dos Vates.

« Aquelle a quem meu Nume omnipotente
» Mal em seus ólhos raia a luz primeira
» No peito lhe infundir uma scintilla
» De meu immortal fôgo;

» Se o templo quér entrar da eterna fama,
» E que os seus versos vão de évo em évo
» Botando illesos o talhante gume
» Da fouce ao voraz Tempo;

» Cumpre que tenha uma alma honrada e digna
» De impávida Virtude revestida,
» Para emprender, guiado pela gloria,
» Do Pindo a árdua via.

» Enlevada nos ólhos da aurea Deosa
» Pela escarpada encósta denodado
» Suba embóra, e os pés a duros cepos
» Presos pela Indigencia:

» Debalde tente a túmida Ignorancia
» Fazer-lhe vacillar o hardido passo
» Com mil tristes successos agoureiros
» Os ares atroando.

» Em vão o Pedantismo óra lhe mostre
» A aura popular dos seus alumnos,
» De Adonis Cortezãos, Damas doutoras
» As delicias, o enlêvo:

» Ora contra elle as víboras assanhe,
» Que exhalão de ignea bôcca azues contagios,

» De sanguineas traições, de átras calúmnias
» Da pestîfera inveja:

» A tudo dá de rosto, nem o engódão
» Os padrões que alçar vê a vãos engenhos;
» Da carroça do Tempo ao menor chóque
» Estallão como vidro.

» Esta via calcou Camões e Homéro,
» E outros que da impia Clótho triumphárão;
» E esta deves seguir, Alfêno ousado,
» Pela mão da alma Guia. »

ODE

AD SODALES.

Em vão tente subir ao árduo Pindo,
Onde das claras filhas da Memoria
Brilha o Templo immortal, quem só se escóra
Na rude Natureza.

Da caprichosa móda o clarão breve
De contînuo o deslumbra, o extravîa;
E do ignavo, arrogante Pedantismo
Os mentidos louvores:

Se a arte experta não informa e anima
Os torpes embryões d'um almo engenho,

Dos monstruósos sônhos pouco distão
Do amadorrado enfermo.

Phébo, que me surrîo, plácido o gesto,
Apenas me ferio a luz nos ólhos
E jámais retirou de mim iroso
O seu eterno fôgo.

Phébo, cujos brilhantes, lynceos ólhos
Sós penetrão o horror silencioso
Do immenso abysmo, onde jaz submerso
O fadado futuro.

Previsto e carinhoso a voz me guia
Para iniciado ser nos seus arcanos,
Com que espero voár á Eternidade,
Sobre os perennes séculos.

Doces amigos, d'este vosso alumno,
Que venturoso achou ante vós graça,
Dirigi pios, decotai severos
A mente vecejante.

Isto vos pede Alfêno, e a cara Patria
Que ás vossas doutas mãos commette um filho.
Della bem merecei, cumpri de Apollo
O glorioso intento.

Ah! sinto que me ouvis. Já na alma sôão
Crebros golpes da crîtica severa
Contra arraigados, stéreis preconceitos.
Já vérgão, rúem, jazem.

Na mente a Emulação com o almo facho
Os inertes espîritos lhe aquéce:
Toda se desentranha em flores, fructos
A Phébo não-ingratos.

Sim : da honesta Philaucia illustre filha,
Tu és sempre a nutriz, tu eternizas
As artes, que a subtil Necessidade
E o Acaso inventárão.

Ah! se não fôra o teu ardor divino
Invicto incitador das almas grandes;
Quantos Heróes na noite do passado
Inglorios jazerião

Tu inflammaste Cocles na alta ponte,
E tu no Passo-Cambalão, Pacheco
E os dous armipotentes defensóres
Da gloriosa Dio.

Inda jazêra no profundo Cáhos
Sem ti de Elysa o desesp'rado ferro
Nem vira a luz a justa pena infanda
De Adamastor terrivel.

Tu accendeste a tocha inextinguivel
Da Romana facundia, tu da Grega,
Cuja luz a Calúmnia deslumbrava
E a Ambição versatil.

Tu o justo Catão sobre-humanaste
Quando em si da Latina liberdade
As sós reliquias co' punhal ingénuo
Roubou, honrado, a Cesar.

Elpino, Corydon, Filinto, Alcippe,
Nomes que a Gratidão na alma me grava
Não me esqueceis, não; já de novo a Lyra
Para vós encordôo.

Cantêmos, Musas, do Parnasso Luso
As polares estrêllas radiosas

Por quem Elysia sobrevê altiva
Ath nas, Gallia, Roma:

Que! Infîas, Musas?— dos seus dons sublimes
Arar o immenso pégo te amedrenta?
Basta: já do batél por ti o leme
Tôrço: eis abica á praia.

Mnemósyne sagrada, no teu templo
(Se alguma hora privou comtigo Alfêno)
Grava os versos que vóto agradecido
Aos meus fieis amigos.

ALFÊNO CYNTHIO.

ODE

A' ACCLAMAÇÃO DE MARIA Ia. DE PORTUGAL.

VÃo-se as nuvens rasgando; os horisontes
Ja com feias carrancas não se abáfão;
Viçósa, verdejante Primavéra
Os campos desenlutta.

As árvores as flammulas de flores
Tremólão pelos cumes empinados;
Sopra o Favonio recendente aroma,
Nos prados que bafeja.

Do thrôno Meridiano tôrvo e negro
D'onde as borrascas tétricas mandava,

Desalojou ao Austro o Aquilão claro
Com forçosas refrégas.

A formosa Aphrodite toma posse
De vegetante império ; aquéce , anima
Os prolîficos gommos renascentes
Nos mórbidos casulos.

Os dous filhos de Leda em laço estreito
Symbolizando a amavel Natureza
Presidem auspiciosos aos matizes
Dos sazonandos fructos.

Nem a Venus opposto o alegre Baccho
Despreza o reino do longévo Luso
C'roando a fronte c'os pendentes cachos ,
As verdes parras move.

Não vio só Numa a Nympha sacrosanta ,
Na Lysia terra ; nova Egéria enxuga
As sabias Leis que o Tempo mergulhára
Nas aguas deslembradas.

Não açouta Bellona desgrenhada
Com mão sedenta os rîspidos cavallos ;
Nem revoltosa lîvida Discordia ,
Os ânimos baralha.

Junto a Marîa a angélica Virtude,
Com o conto da lança de Minerva ,
Quebranta invicta as hórridas cabeças
Dos sanguinosos vicios.

Ao estampido dos finíes arrancos
Desmaia Lysia , mas da Deosa augusta
O vivîfico sôpro lhe restaura
Os lânguidos esp'ritos.

Já o torcido grávido thesouro (1)
Na Lysia entorna a nútrice de Jóve:
A'vidos Crésos nunca olhárão tanto
O rosto da Ventura.

Sobre o thrôno estendendo as alvas pennas
A Sapiencia esparge immortáes raios
Que, em luminosa chuva as mentes banhão
De Marîa formosa.

Em tanto a Lusa Fama as azas molhe
No patrio Téjo e no remóto Hydaspe,
Enchendo o seio das brilhantes nuvens
C'os vivas Lusitanos.

---

(1) O Côrno de Amalthéa. Outros dizem que é o Côrno do Rio Achelôo, que Hércules lhe arrancou na lutta que com elle têve, em rasão de suas pertenções de cazar com Dejanira. É de crer que os Antigos Grêgos e Romanos não tinhão por tão aziágo, como os casados de agóra, o nome *Côrno*. Córnos tinha Júpiter Hammon, e Córnos, Baccho etc. Não sei que as Deosas os tivessem: mas possivel é que tivessem o talento de os pôr por enfeite a seus Espôsos, como mui principalmente, Venus, que tanto com elles adornou a Vulcano. Óra ainda eu acho na Cornucopia uma recondita e bem inventada allegorîa, que dá a entender aos maridos, que os Córnos entórnão em cópia grande as riquezas, as honras, e toda a sorte de abundancias.

MISCELLANEA.

MARCIA NO CAMPO.

Quæ spirabat amores,
Quæ me surpuerat mihi.
HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 12.

FELIZ prado que a minha Marcia gózas, (1)
Gózas a nova Cypris; (2)
De Amores vem ladeada; e são-lhe Amores
Meus alados disvellos:
Que de Marcia em redór sempre adejando,
Nos ólhos lhe conquistão
Seu nascente desejo. A primavéra,
Que se enganou com Marcia,

(1) Bem antevejo, e de bem longe (360 léguas contão os Geógraphos de Parìs a Portugal) que algum perluxo trincará no-*gózas Marcia*, e arrebitando as ventas, diz: «*Aquí falhou o tal Filinto.*» De vagar, Senhor perluxo. Nunca por ventura lhe dissérão — *Fulano góza bens da fortuna: góza saúde perfeita: gózão honras, e riquezas os Validos*?

(2) Conhecendo o quanto ladinos e espértos são os meus Leitores, adivinho já d'aquì, que elles dizem comsigo: — Quiz-nos atarantar com a Cypris, como se nós não soubéramos que é Venus.

E que a tomou por Flóra, aquî, mais cédo
Surgio, qual surge a Aurora
Do mais formoso dia; e a Marcia off'rece,
No seu regaço, flores;
E, nas flores, o promettido fructo.
Aquî de Apollo os ráios
Não se enturvão com tétricos vapores;
Lanças de Sirio rúbido (1)
Não lhe instigão o ardor; aureo luzeiro
Se estende, se recósta
Na molle flor, na folha que vecêja;
Co' essa aurea luz os Numes
No Olympo se engrinaldão. Quando a lice
Ella abre, no horisonte,
Tem conflicto co'a treva, e a desbarata;
Revolve-se nos ramos
Frondosos o verdor recem-gerado;
Remette o monte ás veigas
Sua alegrîa, e o som do hymno das Aves,
Com o eccho das zamponhas,
Com que se encréspa a veia do regato.
Já quando o Sól declina,
E em transparentes véos dourado fóge,
As Nymphas d'estas várzeas
Vem, com tîmido pé, sobre a verdura
Entrançar léve dansa.
Quando a frîgida luz torna a assomar-se
Trajada de aureo lustre,
Oh! como córta as d'essa usada ausencia
Saudades! lança a olvido

---

(1) O Cão celéste, que dá a Canicula, as Maleitas, etc.

A estrellada mudez da mansa noite!
Sól, cada dia, novo (1)
Traz do Eôo aos mortáes novos matizes,
Sól novo, em novo mundo,
Lhe augmenta de hora em hora a formosura,
Se adianta a apperfeiçoar-se
De hora em hora esta fábrica divina.
Que tóques não dão na alma
Da noite a mansidão, da luz o brilho!
E, quáes vos vi, neste anno,
Em que Marcia alegrìa aos campos dava,
C'um surrir de seus ólhos! —
Deos dos prazêres, Deos da primavéra,
No prado ides raiando
Lustre bizarro; e ufanos devolvendo
Das grinaldadas frontes,
Boninas, com que a verde rélva esmalta-se.
Enverdecido o bósque,
Vestida de esmeralda a parda terra,
Com meigo arôma os montes
Saúdão Marcia, quando nelles sobe,
Rî serpôl, rî tomilho.

---

(1) Todos sabem, que o Sól, nos tempos de Homéro, mergulhava no Oceâno, quando se punha, e passava a noite, nos braços de Téthis; mas não sabem, que para apparecer pela manhãa, no Oriente, lhe tinha inventado o Adivinho Prothêo um Glôbo *œquorastat*, com tal arte, que sem que o Sól, nem Téthis o sentissem, pegava-lhes no leito, como o *aerostat* léva a barquinha embandeirada; e guiado pelos Tritões, decorria cem mil léguas, n'um minuto: caminhando toda a noite sem parar, se achava, no outro dia, co'a Aurora, diante de si, sahindo a ponto dado, pelo rôxo Eôo, mui enchuto, e mui flammante, como se nunca houvéra mergulhado.

EPISTOLA

Ao Senhor Vicente Pedro Nolasco, por occasião da Sua excellente Ode no Investigador Portuguez em Inglaterra. nº. 28.

Permittes ipsis expendere Numinibus, quid
Conveniat nobis, rebusque sit utile nostris.
JUVEN. *Sat.* 10, *V.* 345.

Não he Mysterio horrivel, que, de lucto
Para sempre cobrir a Lusa gloria,
Entre nós combinou mérito, exilio,
Talento, e desventura.

Do bom Filinto pranteando os males,
Que o teu peito ralárão compassivo,
A sua luz perdêrão os teus olhos.
De lágrimas cobertos!

Por ser de Lysia filho, quem choravas,
Fizerão ver-te privativo a ella,
O que passados Séc'los apregoão,
Commum ás Nações todas!

Se hum êrro alguma vez merece cultos,
Ha-de ser, quando vem de tal estirpe!
Enobrece o amor da humanidade,
A tudo quanto gera.

O clarão, que derrama o tronco illustre
Dos ramos embaraça o vêr as manchas,
E virtuosa mão receia sempre
Ferir o pai no filho.

Ah! eu te adoro, amor da humanidade,
Até mesmo nos erros, que produzes!
Errar por tua força arrebatado!
Qu' honroso desacêrto!

Porêm, Canoro Cysne, que o Thamisa
Illustras hoje, como outr'hora o Téjo,
Que Paîz não cobrio o mesmo lucto,
Que vês na patria nossa?

Aristides padece o Ostracismo!
E he razão bastante, a quem o manda,
« *Viver cançado já d'ouvir a todos* »
Chamar-lhe sempre o Justo!

No meio da indigencia acaba os dias!
E da patria deveo á caridade,
Não ficarem seus ossos insepultos
E sem ter dote a filha!

Socrates, Phocion, que fim tiverão?
Illustres nomes, que hoje tanto honramos!
A Cicuta bebêrão condemnados
Ao último supplicio.

Enlutárão identicos successos
Muitas vezes tambem do Tibre as margens:
Foge de Roma o Orador Latino,
Arraza-se-lhe a casa.

Torna a chamallo a patria, arrependida,
(Ou no momento em que o julgou preciso,)

Mas a fugir de novo constrangido
Na fuga o assassinão.

No Ponto, Ovidio acaba desterrado:
A Séneca em exilio os Corsos vîrão,
E depois os Romanos condemnado
A romper suas vêas.

O mesmo, que vio Grecia, e que vio Roma
Enxovalha os annaes dos outros Povos;
Pergunta a Galileo, Ramos, e Loche,
Se Lysia os perseguira!

Nem he Mysterio, nem de Lisia fado,
A invencivel força, que decreta,
Perseguição em premio á Sapiencia,
Ao ingenho exterminio.

He Lei geral, que vem da natureza,
O desviar a luz, que fere os olhos;
E diz-se, que he das Aguias privativo
Fitar do Sol os raios.

Estas aves porêm são muito raras;
Os mais entes a lei geral guardando,
Se podem, amortecem, ou apagão
A luz, qu'os amofina.

Se alguem vistes luzir desafrontado
Das disgraças que choras em Filinto,
Não era o poderoso então, o mesmo
A quem elle assombrava.

Escondem-se as estrêllas, mais a lua,
Quando o Sol apparece, qu'as offusca,
Por que o poder lhes falta de mandallo
Tambem a hum degredo.

Invejosos o mérito origina,
Bem como todo o Corpo causa sombra.
Assim cantava do Thamisa hum Vate,
Qu' analisou o homem.

Ter quem inveje he ter perseguidores;
Do mérito vem pois, em linha recta,
Perseguição em premio á Sapiencia,
Ao genio dura guerra.

Nem podia evitar-se, que assim fosse,
Sem crear huma luz, que não luzisse,
Ou que mesmo luzindo, as vistas fracas
Dos homens não cegasse.

Impossiveis não podem ser remedio;
Só hum existe, que désvia os males,
Com qu'a inveja torpe fere, e honra
Merecimento alheio.

He fazer, com que nem o poderoso,
Por ella dominado, possa hum dia,
Decretar, só por qu' he sua vontade,
Ao ingenho exterminio.

Contenta-se o Philosopho com isto.
E tal he a verdade, que os teus olhos
Hão de vêr, dessas lagrimas enxutos,
Que déstes a Filinto.

Mas inda quando o mal, abandonnado,
Sem remedio caminha ao seu extremo;
Ah! quanto valor tem o ser Filinto,
Ou genio perseguido!

Produz cada Paîz seus proprios fructos;
Serîa louco o Geta, qu'emprendesse,

No gêlo cultivar planta mimosa,
Que exige doce clima.

Zomba dos furacões rasteira planta,
A canna, e mais o vime, que se dobrão;
Mas não sabem vencer a sua furia
Nem cedros, nem palmeiras.

E poderão queixar-se, quando estalão,
Em pedaços cahindo sobre a terra,
S'isto lhes vem da sua natureza,
Que lhes veda o curvar-se?

Ou ser palmeira, ou vime, ou cedro, ou canna;
Mas ser palmeira, ou cedro, e juntamente
Da canna, e mais do vime ter os dotes,
Ninguem ouse esperallo.

Serîa baralhar a natureza,
As cousas confundir entre si todas;
Ha-de estalar, quem for palmeira, e cedro,
Vergar a canna, o vime.

Mas antes ser palmeira, do que vime;
Bem que d'Eolo ás furias mais exposto;
Em vez de sempre estar beijando a terra
Põe seus olhos n'Olympo!

Que faz opaca nuvem, que mais pode
Cobrindo alguma vez do Sol os raios?
Que lúgubre triumpho! Negras sombras
São toda a sua gala!

Nem perde nisto o Sol, nem ganha a nuvem;
Luminoso elle fica tal, qual era,
E nem lhe tira a luz, nem a faz sua
A nuvem, que o esconde.

Cahe a perda sómente sobre aquelles,
A quem alumiava astro brilhante,
Qu' ou deixa de mostrar-se por hum pouco,
Ou vai brilhar com outros.

Hum perde os fructos, que elle sasonava;
A muitos falta a luz, que os conduzia;
Os mais tremem de medo, receando
A nuvem pavorosa!

Mas ella fica sendo sempre nuvem,
Senão mais, como dantes tenebrosa,
E vê baldados seus disvelos todos,
Luzir o Sol de novo.

Entretanto no Ponto vem as Musas
Accompanhar o Vate desterrado;
Do palacio d'Augusto abandonnando
Os camarins mais ricos.

Nem mesmo quando nelles vive Horacio,
Pode impedir a sua companhia,
Que vão as nove Irmãas muito a miúdo
Servir de Côrte a Ovidio.

Se o exilio de Córsega se escolhe,
Com Séneca vai ter, dos Deoses filha,
Doce Consolação, que elle por mimo,
A sua Mãi envia.

Tão linda como as Graças, doce imagem
Da bella Cloris, que serena os ares,
Dissipadas as nuvens, que o toldavão
Por mais negras que sejão,

Lá vai amaciar n'outros rochedos,
Em que a procella deita o naufragado,

Seus agros dissabores, entre as rosas;
Que todo o anno brotão.

Do mérito a favor o Ceo envîa
Mensageiros iguaes pelas mais Ilhas,
Em quanto elle aos Sejanos entre pompas
Manda afflicções, e dores.

Até que lá por fim, Posteridade,
Que já sem ter inveja os homens pésa,
Bustos, Estatuas, Túmulos dedica,
Aos genios perseguidos.

De quem os perseguio a mór fortuna
Então he não ter nome; os conhecidos
Servem de pedestal ao monumento,
Em seu desdouro erguido.

Oh! quanto valor tem o ser Filinto!
Em vez de lhe offertar amargo pranto,
Se he possivel, dos Céos o mensageiro,
Procura ser com elle.

Mandou-me em doce metro as suas magoas;
A propria Letra honrei no sobrescrito,
Que recebi no Téjo quando os ares,
Vizinhos se toldavão.

Quiz dîvida pagar, em que lh' estáva;
Tentei, o que outra vez agora tento;
Mas penso, que tomei caminho avêsso,
Conductor descuidado.

Por ti vou mais seguro, que das Musas,
Visitado, bem como o he Filinto,
Com seu auxilio podes conduzir-lhe
Esta dîvida minha.

Mais outro Julien não tenha o Vate
Em mim, e quando já lhe faltão braços,
Para a nado salvar-se inda mais vezes,
Dos naufragios da vida!

Aceita a commissão; dize a Filinto,
Qu' hum dos seus devedores lhe remette
Esta parte de paga; o mais sabe elle;
Assim como o meu nome.

E tu, sempre das Musas rodeado,
Docemente com ellas conversando,
Ah! sejas tão feliz, quanto elle o fôra,
Se de ti dependesse.

RESPOSTA

A' EPISTOLA ANTECEDENTE.

Quis enim virtutem amplectitur ipsam
Præmia si tollas?

JUVEN. *na mesma Sat.* 10. *V.* 141.

Do Mérito insultado, ou desvalido
Bem que folgue a Insolencia, a Inveja ria,
Que peito ser humano e ser de bronze
Pode ao tocante aspecto?

« Do bom Filinto pranteando os males, »
Tu dizes que os meus olhos turvárão.

Com razão lhe dei pranto ; erão desastres
De Lysia o que eu chorava.

Mas a travez do tenebroso lucto
Que a mente me assombrou , na etherea rota
Vendo Filinto reduzir , qual astro ,
Que surge d'atra nuvem ,

Por cima dos revezes, e dos annos
Vendo passar seu nome á eternidade ;
Da sabia Astréa me enxugava o pranto
A mão compensadora.

Pesando a sorte dos mortaes na terra ,
Tumulo e berço a dor vejo formar-lhes ;
Sem que d'ella se exima esse intervallo ,
Que breve ambos divide.

Por Lei geral o pranto aos homens coube.
Ah ! Tu assim c'o meu sympathizaste.
No amor da humanidade a nobre origem
Soubeste descobrir-lhe.

Posso enganar-me , sim ; mas se me engano ,
Deixa-me essa illusão , que a mente alegra.
No amor da humanidade erros não vejo
Que ingenua dor desmintão.

Se gemo de Filinto á desventura ,
He porque ella da patria o Lucto aviva.
Lucto que entre as nações teve intervallos
Só entre nós perenne.

Da historia essas lições que sabio apontas ,
Esta acerba verdade hão-de mostrar-te.
Folgue ou gema a Virtude n'outros climas ,
Não muda em Lysia a sorte.

« Socrates, Phocion » vio sim a Grecia
Victimas da caballa, e da injustiça,
Mas tambem vio Solon, vio ter Lycurgo
Mais do que humanas honras.

« No Ponto desterrado acaba Ovidio »
Mas de seu oppressor gozando as graças
Virgilio, Horacio á purpura contiguos,
Passando reis, se assentão.

Não precizo buscar remoto exemplo.
Nossos dias fataes ao mundo attestão,
Que a Tyrannia mais feroz conhece
O auxilio dos talentos.

De males, e de bens n'alternativa
Eis como em turbilhão rolando imperios!
E os extinctos, no véo se amortalhárão
Da tábida Ignorancia.

Ceos! nos ares de Lysia inda negrejão
Feias sombras de Gothicas idades,
Que nas flores do Engenho arremeçárão
« Fanatico granizo. »

De seus heroes no premio a historia muda
Deixou abertos horridos vazîos
Que deve encher o pranto, até que o seque
Reformadora dextra.

Senão, dize-me tu, serei contente,
Onde existe essa estatua, esse obelisco
Essa rua, se quer, que ostente o nome
De mérito nativo?

O preclaro cantor da Lusa gloria
Na patria sem alvergue, e sem sustento

Acabou qual mendigo, — e jaz, que opprobrio!
Inda sem monumento.

Não preciza, dirás — seu nome sobra.
Concedo. Mas tal honra evitaria
Que escriptores futuros acabassem
No mesmo vilipendio.

Se vindos desde então barbaros dias,
Carpio Virtude, expatriou-se o Genio
E fastosa Indolencia, ôcca Suberba
O patrio amor rendêrão.

Se cahida a grandeza em vituperio,
Foi público Labéo de Vate o nome;
E suspeito o Saber se tornou preza
Da crua Intolerancia.

Ouviremos sem pranto esses desastres,
Que inda mais que em Filinto, em Lysia pesão?
Ah não! Lesa reclama a Natureza
Altamente os seus foros.

Milagres o philosopho não pede.
Bastava que á Razão submissa a força,
Livre qual ar, que a gera, e que a propaga
A voz humana fosse!

Livre assombros produz, e ais tem só preza.
Deixe-se pois á mente o que he da mente,
O livre pensamento, em cujo asylo
Nem tyrannos governão.

Approveitasse Lysia os patrios dotes,
Inveja seu fulgor não maculára;
Nem seus nobres esforços carecêrão
De protecção alheia!

Somos poucos no mundo, e minoramos
Inda estes poucos. Oh verdade austera!
Não he perseguição, mas abandonno
Que faz mal á virtude.

Comtigo, illustre anonymo, concordo
Que seria inverter leis, que não mudão,
Pertender que o Leão fosse cordeiro,
Palmeira o tenue vime.

Mas se o mar se encapella, e ruge o vento;
Dize ao piloto, que sem leme reja
Naufrago lenho, que guiar seguro
Deve por entre as ondas!

Se o Erro, da Ignorancia innato filho,
Perverte em nosso damno a natureza;
Torná-la em favor nosso, e melhorá-la
Regime, saber podem.

Incultos brejos, pestilentes varzeas
Perdem pela cultura o seu caracter,
E horridos venenos prestadîos
Artes humanas tornão.

Todo o saber consiste em regular-nos
Attentos sempre á voz da natureza.
Sua marcha espreitemos; que outra guia
Não temos mais segura.

Mas em que vasto assumpto extraviar-se
Ia meu pensamento? Eu divagava
Da resposta esquecido, que os teus versos
Nobre vate, demandão.

Teu auxilio enviei prompto a Filinto,
De que pago estar deve, e tu seguro,

Como do mimo, que tambem lhe toca,
E eu tive de teu canto.

Da escolha ufano, que de mim fizeste,
Sinto só não saber, como elle sabe,
O nome de quem prézo; e subscrever-lhe
O meu agradecido.

ODE

A FILINTO ELYSIO.

Responde á sua Ode inserta no Investigador Portuguez.

Nos teus olhos Delmira os Astros fito
Que ao meu baixél, nas amorosas vagas
Promettem brando vento
Ou trépido negrume:
Nelles vejo se as vélas desferindo
Sereno surgirei na amena praia,
Ou se colhê-las devo
E me ancorar no pôrto.

FIL. ELYS. *Odes.*

ASSIM cantavas, celebrado vate,
Horacio Lusitano, ás Musas caro,
Na linguagem de Apollo sublimada,
Os desdens de Delmira.

Hoje porêm em Astros mais brilhantes
Os olhos crava contemplando attento,
O triste aspecto, com que ouvio teu canto
A saudosa Ulyssea.

Quanto he triste cantar em terra estranha,
Disseste, outrora, sobre a foz do Sena,
Longe das bellas, longe dos Amigos
Que adoravão teus hymnos!

Crava os olhos em Lysia, e volta á Patria;
Hum Céo sem nuvens, Zéphyro ligeiro,
E próvido piloto te convida
A demandar o Porto.

Que mais alto penhor sagrado queres
De sem perigo rever, airoso, o Tejo
Onde no bêrço, as Musas te entregárão
A Cithara Apollinea:

Que o coração piedoso de hum Monarca,
Que como, caro pai, seu povo adora;
Ah! vem, corre Filinto, vem beijar-lhe
A dextra bemfeitora.

Sobre o solo feliz, que rega o Tejo,
Os Astros, das Sciencias, luminosos,
Lavoisier, não tem por premio, os golpes
Do Terrorismo impio.

Apinhados os manes de Pacheco,
Os manes de Galvão, e de Albuquerque,
Todos requestão, no porvir, viverem
Nos teus eternos hymnos.

Agora, que de novo a Lusa gloria,
Qual a cantou Camões, revive heroica,

Teu estro, que o do vate illustre iguala,
Será estranho a Lysia?

Quando entrares de novo o Patrio Tejo,
Vires saltar do Moira a branca espuma,
Aonde o teu Alfêno via em Nize,
O transumpto da Cypria: (1)

Do patrio rio os mudos habitantes,
Os que librados sobre as azas vivem,
De novo, reverás, parar suspensos
Por te escutar a lyra: (2)

Quando vires, da Guia, alegre, o facho, (3)
Sincero amigo do perdido nauta,
Que, de Phébe, no véo caliginoso
Como Sirio scintilla:

Vendo os esbeltos torreões de Lysia,
Dirás como Delille, oh sitio ameno,
Caros Penates, venturosos Lares!
De novo a vós me entrego. (4)

Tremendo, o nauta de feroz procella,
Chegando á praia onde os filhinhos chorão,
Vai rasgado traquete pôr no Templo,
Agradecido aos Numes:

---

(1) Allude-se á Cantata de Alfêno Cynthio inserida nos folhetos impressos por Filinto.

(2) Allude-se á bella Ode de Filinto—Quando nas margens do Sereno Téjo. Em dias mais ditosos, etc.

(3) O Farol da Guia na foz do Téjo.

(4) Oh village charmant! Oh riantes demeures
Où comme ton ruisseau coulaient mes douces heures!
Enfin quel lieu ne cède au lieu de la naissance.
DELILLE, Poëme de l'Imagination, *Ch.* 4.

Ah, que ricas offrendas não consagras,
Filinto, ao Génio protector de Lysia,
Se offertas, da bonança, agradecido
Os teus divinos versos!

Então distante de Delmira ingrata,
De Julien falaz, no illustre Luso
Que justo soube avaliar teus Cantos
Acharás novo asylo (1).

Os mimosos das Musas nos seus braços,
Receberão seu Mestre; a patria grata
Escreverá tal dia, entre os ditosos
Dos fastos Lusitanos.

Ja te vejo pizar o patrio abrigo;
Teu estro desprender assombros novos,
Cantando a Patria, o Principe, as Proêzas
Do Lusitano Pôvo.

F. Borges.

(1) Vejão-se as notas da sua Ode no Investigador No. 28.

ODE

Aos Desposorios do Princepe Real do Reino unido de Portugal, Algarves, e Brazil, com a Archiduqueza Leopoldina, de Austria.

E julgareis, qual é máis excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.
CAMÕES. *Cant* 1º. *Est.* 10.

OUSARÎAS, tu Musa, encarregar-te
De tão fausto, de tão prestante assumpto?
Tens de cantar os Annos do Monarcha,
E augustos Desposorios,

Acclamação feliz, e jubilosa, (1)
A Conquista de Affonso (2) e a minha Patria
Arrancada á Maurisma hardida e fera. —
Máis, do que pódes, ousas.

Como hás podêr, já vélha e decepada
Cantar Affonso (3) accomettendo intrépido,
E os Egas, e os Roupinhos, as muralhas
Crêspas de homens, de lanças?

(1) Da Raînha D. Marîa, em 13 de Maio de 1777.

(2) Em 13 de Maio de 1136.

(3) Primeiro Rei de Portugal.

Escadas se arrimar, romper-se escadas,
Heróes que sóbem, montão nas ameias,
Heróes golpeados, tinctos de atro sangue,
Que vão povoár os fóssos?

Ouves tinnir espadas contra escudos?
Bótes de lanças, batalhões dispérsos
Clamar?... E aos sons da tuba entrar Affonso,
Na rendida Lisboa?

Ouves o Canto? as salvas de alegrìa,
Ao dar Leopoldina a mão de Espôsa,
Na assombrada Vienna? A mão, que o sceptro
Sopesará da América?

Leopoldina, irás ver, em novo Mundo,
Luso Europeo Monarcha, — nome estranho! (1)
Estranha gente, em térras, que ouro, ha muito,
Te crião, para adôrno.

Ah! se hôje, lá na Capital, na immensa
Plaga meridional, visses os rôstos
Dos ditosos Vassallos, e os festejos,
Aos annos do Monarcha!...

Quão felizes, em franco alegre jôgo,
Travão dansas, discantão Reaes louvores,
Brindão ao nome seu largas Saúdes!...
Que enlêvo a Leopoldina!

Iguáes, e inda máis gratos regozijos
Te esperão, Noiva augusta, quando entrares
Na barra, que em Janeiro descobérta,
Te aguarda, ha tantas Éras.

---

(1) Na América.

VERT-VERT,

POÊMA DE GRESSET.

CANTO I°.

Vós, junto a quem as Graças solitarias
Desafeitadas brilhão, dóceis reinão;
Cujo Sp'rito pascendo só Verdades,
Desposar sabe co' a Virtude austéra
Gôsto, Risos, e amavel Liberdade:
Vós, que aos ólhos quereis, que vos retrate
D'uma Ave illustre o caso mavioso,
Musa sejáes-me, e me aquéçáes o Canto:
Dai-me esses térnos sons, sons tão de affécto,
Que a vossa Lyra despedio suáve,
Quando Sultana (1), no verdôr da Vida,
A' vossa mágoa, e amor arrebatada,
Desceo mesquinha ao tenebroso Império.

(1) Cadelinha de fralda da Senhora D.***, cadelinha mui querida, mui beijada, mui dulcificada, mui panegyricada em quanto viva, e depois de mórta: como o foi uma cadelinha da Duqueza de Chatillon, que lhe mandou edificar, na sua Quinta de Athis, um máusoléo em mármore, e pedio a um Académico dos 40, que em vérsos Francezes lhe compozesse o Epitáphio. Eu o li, e vi o Máusoléo.

Os do Heróe meu illustres infortunios,
Pódem seus fóros ter aos prantos vóssos.
Sôbre sua Virtude, e sorte adversa,
E errores longos da fatal viagem,
Compôr outra Odysséa fácil fôra,
E ao Leitor dormentar com Cantos vinte.
Fácil fôra, com Fábulas sédiças,
Resurgir Deoses, resurgir Demonios,
Com proêzas d'um mez pejar dez annos,
E com sublimes sons enfastiosos,
Caso acérbo psalmear d'um Papagáio,
Que a Enéas lhe não cede em lustre e brîo:
Como elle pîo, se infeliz máis que elle.
A sobejo Poetar sobejo enôjo.
Abêlhas no voltear, as Musas vôão;
Tem vontadinhas, fógem de Obras longas,
Tómão a flor do assumpto, e vão de vôo
Delibar o matiz d'outras Boninas.
Máximas, que apprendi nas lições vossas
São leis, que eu dou a lêr nestes meus vérsos.
Se máis que franco, assoalhei mysterios,
Nos quadros meus; que ao Vulgo arcanos sejão;
A mystica Denguice, o grave Nada,
Das Grades a arte, e clausural Requébro,
Vosso gracejo absolverá taes culpas;
Vossa Razão, izenta de fraquezas,
De ensôssas pequenhezes vos põe salvas.
Em vosso Sp'rito a seu devêr sujeito
Nunca a esconça illusão tomou dominio.
Que bem sabeis, que um rôsto affeito de arte
Menos appraz ao Céo, que a sãa lizura.
E a se mostrar aos Homens a Virtude,
Nunca de astutos mômos se servîra,

Nem feições tomarîa esquivas, cruas:
Mas sim co' esse vosso ar, ou co' ar das Graças
Virîa merecer o incenso nosso.
Em muito Autor profundo e sábio, hei lido:
Correr Mundo, é correr descontos grandes.
Que raro vem melhor quem muito vága;
Quem muito vai e vem, dá em vádîo.
Máis o abrigo nos val dos Lares nossos;
E fixos Cidadãos guardar intactas,
No paterno solar, sanctas Virtudes,
Que ir por Mares prolixos, Nações bárbaras,
Manchar nossa alma de estrangeiros vicios,
Sôbre correr, curiosos, mil perigos.
O infeliz Fado, que houve o Heróe, que eu canto,
Eterno condoïmento porá na alma.
Se o duvidáes, tem de attestá-lo os Ecchos
De quanta, ha *Nevers*, grade, ou locutorio.

Em *Nevers* pois, entre as Visitandinas,
Pouco ha vivîa egrégio Papagáio,
Cujas prendas, bizarro e nobre génio,
E inda Virtudes, e jocosas Graças,
Devêrão ameigar a Sorte crua,
Se dos bons corações tal fosse a Dita.
Transplantado em *Nevers*, do rôxo Oriente,
Vert-vert (nome surtio, linda Ave (1), lindo)
Chegou, tão joven, que era novo em tudo;
Efoi-lhe Dita entrar nos sanctos Claustros.
Brilhante, e bello, vandoleiro, e lésto,
Amavel, franco, e qual na ingénua idade:
Digna Ave de habitar gaióla sancta!

---

(1) O Papagáio, que é Heróe d'este Poêma.

Digna, por seu palrar, de estar com Freiras!
Nem descrevo o disvéllo que ellas punhão
No seu Louro. — Sobeja dizer Freiras.
Nem (salvo o Director) affeição tinha
Madre ahi, que á do Louro equivalesse;
E, em máis que um coração, diz lhana Chrónica,
Vencîa o amor do Louro o amor do Padre. (1)
Nesse Claustro de paz, quinhão tomava (2)
Em todo o lambedor, com que ao Carissimo,
Freirinhas, todas mél, se affervoravão
Sacro peito adoçar do bento Padre.
Allî *Vert-vert*, de tanto amor ocioso (3)
Era alma, e centro. — Excepto algumas Vélhas
Doloıidas, ciósas veladoras
Das espertinhas Monjas, era amado
Por todo o máis Convento o amavel Louro.
Da Razão, não vingando, ainda a idade,
Fallava a bel prazer, tudo fazîa
Com certeza de agrado, e encanto em tudo.
Alegrando o lavor das boas Madres,
Véos debicava, e vendas, e toálhas;
Nem havîa função, que grata fosse,
Se não brilhava allî, (4) não rondeava,
Vandoleava, chilreava, ou dava silvos,
Brincalhando, (mas sempre com modéstia)
Acanhado em seu brinco, e comedido,
Como em jôgo, e folguêdo uma Noviça.
A' muita vóz, que á uma, o interrogava,

---

(1) Confessor.
(2) O Papagáio.
(3) Porque não tinhão lá o competente objecto.
(4) *Vert-vert.*

Dava, ajustado, mui cabal resposta.
Tal, em stylos outróra differentes,
A um mesmo tempo, já dictára César!
Bem-vindo, em toda a parte (dì-lo a Chrónica)
Comîa em refeitorio o Amante amado;
Tudo era pasto a seu goloso anceio.
Sem contar que a toda hora, alêm da mesa,
Por entreter seu papo infatigavel,
Para debique delle as algibeiras,
De alfenim, rebuçados e de alcôrces,
D'outras mil golodices exquisitas,
Sempre as Madres trazião recheadas.
Dizem que as Attenções, finos Disvéllos
Nas Freirinhas dessa Orde' (1) origé' houvérão.
Feliz *Vert-vert*, sentîas-lo a cada hora!
Máis mimoso, que Louro algum do Paço,
No bello Porcionista era a ancia toda.
Em ócio nóbre, os dias lhe volvîão.

De uso, no Dormitorio tinha cama,
Na Cella, em que, a seu grado, punha o fito.
Ditosa, e mui ditosa a Sóror, que elle
Se dignava de honrar, com a pessôa,
Todo o fio da noite, no aposento.
Das Discretas anciãas, muito de raro,
Cella accolhia ao Louro; penhorava-lhe
O agrado a da Noviça alcôva nîtida.
Porque d'asseio em tudo dava provas;
Sabei, que muito o asseio o námorava!
Quando, á noite, ao deitar-se, a jóven Monja
Sózinha, se encerrava em seu retiro,

---

(1) Da Visitação.

Repousava *Vert-vert*, té o nascer da Alva,
Na Caixa (1) de *Agnus Dei*. Quando, despérto, (2)
Se erguîa a frêsca Freira, nas nuêzas
Matutinas cevava ávidos ólhos.
Digo a furto nuêzas e toucado,
Que hei lido: « *Espêlhos tão fiéis competem*
A compôr véos, que a pôr rebiques, rendas. »
Com Artes, e bom Gôsto, o adôrno e Módas,
Para as Côrtes nascêrão, para o Mundo:
Para os Claustros nasceo dar lindo geito,
E garbo aos véos, e ás prégas da Estamenha.
Dos Amores foliões o enxame, ás vezes,
Dá donáire á, que a fronte, vanda, cinge, (3)
Mil graças á toálha tremolante:
Mirar-se e remirar-se ao douto espêlho,
Co' elle, de ólhos, da bôcca, e da cabêça
O ademan consultar, compôr surrîso;
A' visita que spéra armar no rôsto
Alegrîa, dêsdem, ternura, ou tédio,
É cartilha, que se acha em cada célla.
De manso o digo; e que ninguem nos ouça:
E ao nosso Heróe voltêmos, sem máis phrases.
Lá vivîa sem lidas, sem enôjos,
Reinando, sem partilha, em todo o peito.
Pardáes, por elle, os olvidou Sór Thecla,

---

(1) Não dentro, mas sôbre o tampo.

(2) *Vert-vert.*

(3) Une langue qui permet l'inversion, et par conséquent où l'arrangement des mots est libre jusqu'à un certain point, donne certainement plus de facilité pour l'harmonie du discours, qu'une langue où l'inversion n'est pas permise, et par conséquent où l'arrangement des mots est forcé. D'ALEMBERT.

Seis Canarios, de zêlos, lhe estourárão:
Dous Murganhos, outróra seus valîdos,
Definhavão de tábidas invéjas.
Quem disséra, que em dias tão donósos
O educavão morîgero, — e sem fructo!
Que tem de sustos vir, tem de vir crimes,
Em que *Vert-vert*, térno îdolo das almas,
Seja assumpto tristîssimo de horrores!
Pára, oh Musa, e me põe estôrvo ás lágrimas,
Que irão sôltas, ao vêr-lhe táes desastres,
Fructo amargo dos estremados mimos!

CANTO II°.

De escólas táes bem crêdes vós que o Alumno
Não é baldo no dar á taraméla.
Como uma Freira pois, discréto o Louro,
Excepto em quanto cóme, bacharéla.
Verdade é que fallava como um Livro,
E n'um tom confeitado em gran decencia:
Não como esses altivos Papagáios,
Que loureiros (1) formou muito ar mundano;
E, por bôccas mundanas doutrinados,
Das humanas vaidades nada ignorão.

(1) Já n'outra nóta adverti que D. Francisco Manoel de Mello, na sua Guia de Casados, chama *Loureiras* as que os Francezes chamão *Coquettes*.

Devóto era *Vert-vert*, alma innocente,
Por innocentes Guîas conduzido;
Nunca lhe idéia entrou do mal, nem coube
Palavra não modesta em sua bôcca:
Cânticos, sim, Collóquios muito mysticos,
E *Oremus* de primor cantava a fio.
De *Maria Alacóque* insignes rasgos
Sabîa, e assaz porção do Solilóquio.
Era grão gôsto ouvir-lhe um *Benedicite*,
Um *Madre nossa*, um *vossa Caridade*.
Sabei que, em douto Claustro, tinha o Louro
Quantos meios ao bom-saber conduzem.
Freiras lá achou tão sábias, que em seus cascos
Palavra por palavra tinhão quantos
Natáes (1) pario moderna, e antiga Idade.
Por frequentes lições instruido o Alumno,
Deo sóta e áz ás Méstras, deo codîlho.
Macacando-as no tom, na vóz, nos géstos,
No pausado, no pîo, descambava
Sanctos suspiros, lânguidos accentos
Do Canto dessas Pombas gemidoras.
Acanhado n'um Claustro tanto mérito,
Por fóra desbordou, de si deo brado;
Assoalhou-se em *Nevers*: manhãas, e tardes
De al não fallavão, que das lindas scenas
Do Louro dessas Freiras tão ditosas.
Corrîa de *Moulins* a Gente a vê-lo:
Nem da grade *Vert-vert* se despegava.
Sór Melania, em toálha branca, e fina,

---

(1) Lôas ao nascimento de J. C. que ainda se cantão nas Igrêjas, e Casas devótas; mórmente, nas Provincias. O Auto dialogado dos Pastores é uma antiga traducção d'um d'esses *Noéls*.

O punha allî; contava aos spectadores
Sua infantil meiguice, e airosas prendas,
E o seu gésto, que os corações prendîa:
Depois dava a admirar-lhe as lindas côres.
Mas do meigo Neóphyto a lindeza
Era a porção menor de tantos méritos.
Que escurecîa prendas, e attractivos
Mal que, soltando a vóz, tudo enlevava.
Ornado, e cheio de sainêtes sanctos,
Em que as jóvens Proféssas o amestravão,
Rompîa o illustre Louro a sua récita:
Novas figuras, novo encanto vinha
Variar a cada instante as suas fallas.
Louvor único seu, louvor negado
A quanto palrador peróra em público.
— Ninguem, nesse auditorio adormecîa. —
A que Orador, jámáis, succedeo tanto!
Ouvião-no, gabavão-lhe a memoria:
E elle adestrado no que bem convinha,
Bem convicto do nada que é a Gloria, (1)
Se enrufava em devóto acanhamento,
E em modésto triumpho se humilhava.
Fólga dada ao chorrilho da Sciencia,
Fechava o bico, o corpo balançava
Agachado, e n'um ar bem sancto e mystico,
Com que a Gente deixava edificada.
Quanto disse erão phrases mui donosas,
Phrases mimo: — salvai-lhe cértos dittos
Praguentos, que entre môças tem seu uso:
Elle acaso os bebeo, no andar por grades,

---

(1) D'este mundo.

Ou, na Claustral convérsa das Freirinhas.
No delicioso ninho assim vivîa
Senhor, e Sancto, e consumado Sábio
Padre *Vert-vert*, de máis d'uma Hébe amado.
Qual gôrdo Frade, veneravel, belló
Como um Amor; como um Abbade, (1) instruîdo,
E sempre amado, e sempre dando a amar-se;
Cortêz, mas sobre-si, cheiroso, e asseado,
E, a nunca haver viajado, feliz Ave!
Mas eis que assoma o prazo da amargura,
Aziágo prazo, que lhe eclypsa a glória.
Oh Crime! Oh Crua, oh deslustral lembrança!
Porque arrancar da Historia no-la védão?
Quanto arriscado córre um nome illustre!
Val-nos obscura sorte melhor Dita:
E no exemplo, que apponto pódem crêr-me.
Crébros successos bons, crébros talentos
Descaminhão bem vêzes os costumes.
Teu nome, oh Louro, e as nîtidas proêzas
Não se encantoárão lá nesses teus Climas:
A Fama appregoou as prendas tuas,
E até *Nantes* levou o teu renome.
Lá seu redil Visitandinas Madres
(Que em saber tudo, não se dão por últimas,)
Tem; como a todos é patente e claro.
Ora entre ellas toou o éccho primeiro,
Que rompeo novas do gabado Louro,
Desêjo lhes cresceo de vê-lo, e ouvî-lo:
Desêjo em Môça é fôgo que arde e queima,

---

(1) Não Abbade de Monjes; mas d'esses Abbadinhos das duzias, que vão parolar novas pelos toucadores das Senhoras.

Desêjo em Freira é chamma que devóra.
Corações a *Nevers* vão já voando,
Já, por uma Ave as mentes desatinão.
Cartas, máis Cartas mandão á Abbadessa,
Pedindo venha o tão donoso Louro,
Dêsça o *Loire*, e á *Nanteza* (1) praia abique:
Que algum tempo em seus Claustros se demore,
Da glória sua, e dos applausos lógre,
A desêjos tão térnos outorgando-se.
Partem Cartas: e partem co' ellas ancias,
De quando hajão resposta! — Andarão séculos! —
— Doze dias? — De anhélo morreremos. —
Apértão-lhe com Cartas. Sór Cecilia
Desmaia-se, definha-se ás tardanças.
Chêga a Carta a *Nevers*. — Ao grave assumpto
Coube chamar as Madres a Capîtulo.
De primeiro, deo ira o peditorio,
« O nosso Frei *Vert-vert*!!! Antes morrermos.
» Em táes Tumbas, e Tôrres descampadas,
» Que ha ser de nós, ausente o amado Louro? »
Táes dittos sóltão as máis jóvens Monjas,
Cuja alma activa, e de ócio fatigada,
Para o ingénuo prazer se abrîa toda.
Cérto! que para um bando afferrolhado,
Que carencia soffrîa d'outros pássaros,
Era esse póbre Louro, a *parva quantitas*.
Por acordão das Madres Assistentes,
Presidentes antigas dessa Curia,
Cuja alma só sentîa amores frios,
O donoso Pupillo era enviado,

---

(1) De *Nantes*.

Por quinze dias. — Que as prudentes Madres
Temião que o negar-lh'o com porfia
Não lhes ponha de avêsso as Sórs de Nantes.
Julgou-o assim o Estado entoálhado. (1)
Seguio-se ao Bill das Milêdis dessa Ordem
Grão spalhafato na freiral República.
« Que sacrificio ! E ha quem tal caso sôffra !
» É pois certo ? (exclamou Sór Seraphina)
» Parte o Louro ; e nós inda temos vida ? »
A Madre Sancristãa, por outra parte,
Tem tres desmaios, — dá quatro suspiros,
Chóra, fréme, esvaêce, e a falla pérde.
Põem-se todas de nôjo ; e essa partida, (2)
Nêgro agouro lh'a pinta aziága, e fúnebre.
Nocturnos sônhos de atro horror trajados,
Do infausto dia os sustos lhes redóbrão.
Chêga o funésto instante. Oh vãos pezares !
Tudo, na fatal praia é prompto, e o espéra.
Cumpre o último adeos soltar ao Louro,
E dar principio triste á ausencia larga.
Já cada Sór, saudosa Rôla géme,
E a enfadosa viuvêz chóra adiantada.
Quanto beijo a *Vert-vert*, na despedida !
Quantos receios não ergueo magoádos !
Esta daquella o arranca, o lava em lágrimas :
Quanto é máis pérto de encetar partida,
Máis juîzo lhe encontrão, máis encanto. —
Ei-lo que passa a Róda do Mosteiro...
E co' elle passa o Amor : fica a Saudade.

---

(1) A Gente que usa de toálha e véo.

(2) *Vert-vert.*

« Vai, Filho meu, vai onde a Honra te chama:
» Donoso vólta, vólta sempre fido;
» Levem-te sobre as ondas brandos Zéphyros;
» Em quanto em ócio triste me amarguro,
» Triste, incógnita, e sem nenhum consôlo,
» Neste forçado exilio, ao desamparo.
» Parte, *Vert-vert*, e em mui feliz jornada
» De Amores o Morgado te avalîem. »
D'uma Phîlis freirinha o adeos foi este;
Freira, que entre os lençóes tinha á surdina,
C'o fim d'aproveitar insulsas horas,
Por contas e ripanso, a *João Racine;* (1)
E que (cérto!) com grande peito houvéra
Seguido a Ave palreira, Claustro em fóra.
Foi feito: ei-lo que embárcão o Meliante,
Téquî virtuoso, e, em seu fallar, modésto.
Praza a Deos, que constante em sãos costumes,
Tórne ao Claustro, qual vai virtuoso, e ingénuo!
Lançado é o dado: — os remos a agua varrem,
Co' a revolvida onda o ar retinne,
Érgue-se a aráge', a soltas vélas, partem.

---

(1) O melhor dos autores trágicos Francezes.

CANTO III°.

A mesma Náo veleira e vagabunda,
Que com a Ave beata o argento (1) sulca,
Duas Nymphas, (2) tres Dragões tambem levava,
Uma Ama, (3) dous Gascões, um Frade *et cœtera.*
Para um Alumno que sahio do Claustro,
Foi deparar com Socios mui de escôlha!
Vert-vert que lhes ignora o termo e usanças,
Estranho se acha allî, em Terra estranha:
Nóta as novas lições, linguagens novas.
Suspenso em tal estylo que não cólhe,
E que estylo não era de Evangélho,
Nem resábe ás piedosas conferencias,
Nem Oração mental, trechos da Biblia,
Que entre brandas Vestáes ouvîa a miùdo;
Más pulhas não-Christãas, chufas grosseiras;
Que os Dragões são relé muito indevota:
E óra ajuntai Gascões, juntai Michélas,
Qual sainête entoassem, vós julgai-o.
Descridos blasphemavão os Marujos;
Era vêr como em Deos (4) acconsoantavão,

(1) *Salso argento*, diz Camões. Eu não posso chamar salgada a agua doce do Rio *Loire*, sobre a qual o *Vert-vert* îa navegando

(2) Da rua suja

(3) De leite.

(4) *Sacré Dieu*, *morbleu*, etc.

Com recácho, (1) e desplante firme, e têzo:
Sem perder lettra, os termos escarravão.
Confuso, em tal balbórda! e atado o Louro,
Se encolhîa em silencio, allî, forçado.
Dar-se a mostrar não ousa triste e tîmido;
Nem sabe, em si, que pense nem que diga.
Querem por grão favor, que o pensativo
Vert-vert, durante a viagem, desembuche.
C'um tom pouco-monástico, Frei Frade
Traça, que palre o bello melancólico.
Meigo o *Vert-vert* tóma ares de doçura,
A suspiro methódico dá largas,
D'um tom pedante sólta um: *Ave*, *Sóror*.
Aquî cáhe no coitado (2) a surriada
Se espráia o desafóro da investida. —
Ei-lo chofrado o póbre do Noviço,
Que em si computa haver não-bem fallado.
Que mal as táes Michélas o aturassem,
Se não falla o idiôma dos Consocios.
Nascêra altivo, e havendo até este átomo,
Tido o sustento de elogial arôma,
Falleceo-lhe a Constancia, co' a Modéstia,
Neste assalto de civel menosprezo.
Perdendo a paciencia allî o Louro,
Co' ella a Innocencia se esvaîo priméva.
Já, amaldiçôa ingrato, e fementido
As suas Méstras, as queridas Sórors,
Que não lhe ornárão a alma co' as finuras
Tão donosas, da chula francezîa,

---

(1) Já, n'outras tróvas annotei, que de *recácho* neste sentido usão Sá e Miranda, Ferreira, e outros.

(2) *Vert-vert*.

D'esses sons tão nervudos, tão garridos.
Põe todo o peito nesse novo estudo,
Falla pouco, mas tem o ouvido á l'érta.
Nada tendo de lérdo, e a abrir campo
A's novas elegancias que conquista,
Atira-se a espancar por todo sempre
Quanto balhéstro a mente lhe atulhava;
Pôz, (menos que em dous dias) tudo á tuna.
Tanto a linguage', o namorou, Dragona,
Em que máis garbo achou, que em sons freiráticos!
O eloquente animal, n'um *Sancti-amen*, (1)
(Entra, sem custo, o máo, na gente môça!
Do Louro fallo, que eloquente, e dócil,
Se vio cabal, com o afferrado estudo.)
Já pragueja, arremata, desadora (2)
Como *Algarve*, — e é Diabo em pîa benta. (3)

---

(1) Palavras últimas do *sinal da Cruz*, que alguns Clérigos e Frades, *caçadores*, pronuncìão em voz máis alta e apressada, como apíto da Missa que começão. O erudito *Moraes* não quiz, ou não soube dar-nos definição alguma etymológica d'esta palavra composta: penso que o Leitor ficará máis satisfeito com a que lhe ministro, e que tenho repetidas vezes ouvido de pessoas bem informadas das origens dos nossos rifãos: pois deve saber tambem que cada corporação ecclesiastica, na nossa Terra, tem sua *giria* particular; bem como os *Cigânos*, os *Cégos*, *os ladrões* etc.: por exemplo, os *capuchos* chamão *páteiro*, o padre que trata da Adéga, e da despensa, e que os Bernardos appellidão *cellereiro*, outros *adegueiro*, *despenseiro* etc. Oh quão ricca fôra a nossa lingua, se adoptando os novos termos *tarelo-gallicanos*, quizesse tambem juntar-lhes os da nossa variegada Fradaria!

(2) Chamão os Algarvîos *arrematar* ao que os Francezes chamão *jurer*, *sacrer*, etc.

(3) Pia d'*Agua* benta. Dei-me a pérros para entender, e ainda máis para dar um sentido, tal qual, a este verso do A. *Mieux*

O axiôma desmentio, que os grandes crimes
Se commettem graduáes. Sem noviciado,
De alto bórdo, em delictos, foi professo.
Soube estampar com cunhos na memoria
Dos Barqueiros do *Loire* o A B C chulo.
Mal que um delles, n'um frenesi, rasgava
Belzeb... logo *Vert-vert* lh'o dava em ecchos;
Chovîão-lhe os applausos da matúla. — (1)
Contente, e ufano do estudado mérito,
Dessa honra vergonhosa fêz só caso;
Deo-se a agradar á embaidora córja,
E aviltando a nobreza culti-parla,
Foi profano Orador o beáto Louro.
Como obter poude o embaidor exemplo,
Dar ao Diábo, um, do Céo, coração novo!
Nesses dias, durante as tristes scenas, (2)
Que era feito de vós nos êrmos Claustros

---

qu'un vieux Diable au fond d'un bénitier— que corresponde ao rifão Francez — *il se démène comme un Diable dans un bénitier.* — Dizem as *Beátas* Francezas (dì-lo hão tambem as nossas) que a *Agua benta* queima os diábos, e que em certa occasião um d'estes Espîritos *cornicabras*, cahindo por engano em uma d'essas pîas, com os baldões das ancias que o atormentavão, despejára toda a agua, e que assim escapára, mas peládo, e tostadinho para sempre, como um Leitão. Um amigo meu diz que a Agua, mesmo quando fervendo, não tósta, e sómente pode fazer empôlas: muita razão teria elle, se tanto entendesse das virtudes da *Agua benta*, quanto prático é em varios outros assumptos. Com tudo, não querendo disputas á cerca de nomes e verbos, ahi vai *coscoradinho* em vêz de *tostadinho*. Benigno Leitor, acceita o que por melhor julgares.

(1) Da companhia que levava a Barca.

(2) Que se passavão na Barca.

De *Nevers*, castas Phîllis saudosas. ?
Quanta novena, oh mîseras! fizésteis
Por um ingrato, indigno bandoleiro,
Que de novos amores occupado,
Tinha em pouco a dôr vossa, e táes novenas!
Rondavão pela cêrca do Mosteiro,
Tristes enôjos, ancias e amarguras;
Solidão era a grade, e o Locutorio:
Quasi quasi o silencio (1) era observado.
Cessai votos: *Vert-vert* os des-merece:
Vert-vert Ave não é de gran valia.
Esse Louro de génio comesinho,
De fervor d'alma, e coração tão puro,
Quereis que vô-lo diga? — É um malvado,
Blasphemador de escacha, insigne Apóstata.
Léves Euros, aquáticas Nereias,
De vossas lidas hão colhido a seára.
Que ha-hi gabar extremos de sciencia?
Grande ingenho que val, baldo á virtude?
Nelle não máis cuideis. Sem pêjo o infame
Fez puto o coração, puto o talento.

Portanto, vai já próximo de *Nantes*,
Onde insofridas languem tantas Sórors,
E a cuja ancia tão tarde o Sól assoma
E o Sól dos Céos tão tarde se despéde.
Lisonjeira Esperança, em táes enôjos,
Sempre ingenhosa no saber lograr-nos,
Um cultivado ingenho (2) lhes promette,
N'um bem-criado nóbre Papagáio,

---

(1) Monástico.

(2) De *Vert-vert*.

Meiga a vóz, termo honesto, e tom beáto,
Affeitos d'alma sãos, perfeito mérito.
Mas, oh dôr! oh sperança fementida!
Chega a Barca, e a barcada salta em térra.
Sentada allî, no cáes, cérta Rodeira,
Que (apóz que a Carta caminhou primeira,)
Vinha allî cada dia tomar pouso,
Pela onda errante os ólhos alongava,
Chamando, appressurando a tarda Barca.
Vio-a o Heróe ladino, e pela pinta
Conheceo-lhe a relé, no abrir dos ólhos
Mesurado e coberto, e a voz finada,
No largo manto, na estamenha fina,
Na pequenina Cruz, nas luvas brancas;
Deo-se a pérros;—a Freira, deo-a ao Diábo.
(Não é invento meu: contou-m'o a Chrónica.)
Antes ir c'um *Dragão* levára em gôsto,
Cujo aranzel garôto assaz sabîa,
Que ir de novo apprender as Ladaînhas,
Ceremonias claustráes, claustráes mesuras.
A despeito é forçôso ao meu tunante
Entrar no gasalhado que abomina.
Dá bérros, dá dentadas na Rodeira,
Mórde enraivado óra hombros, óra a nuca,
Todo o caminho. A custo entra no Claustro
A *Beáta*, e da chegada informa as Madres.
Rebenta gran rumor, grande alvoroço.
Córre o sino em festêjo da noticia;
Deixão Vésp'ras, dá-lhe azas o desêjo:
« É *Vert-vert* que chegou, vamos fallar-lhe! »
Vão todas de tropél, encontroando-se;
Mesmo as vélhas, em seu andar symétrico,
O pêso olvidão dos serôdeos annos,

Remóção-se, e até a gêbba Sór Angélica (1),
Dês que é viva, correo a vêz primeira.

---

(1) Gósto desta simplicidade de nomes: acho singélo e cómmodo este uso das Freiras; Sór Angélica, Sór Seraphina, Sór Violante; e não essa quatorzada de appellidos e sobrenomes, que em Hespanha no baptismo engrazão, máis por etiquêta que por devoção, a Principes e Princezas; nomes que apenas o Piégas (a memoria máis feliz que se conheceo) poderia tomar de cór; nomes que até as folhinhas e sarrabáes, se enjôão de estender por inteiro. Etiquêta de Côrtes esta é, que já descido tem a fidalgos, e de fidalgos a pelões. Haja vista a récova de nomes e appellidos com que se intitula.

A Illustrissima e Excellentissima Senhora Dona Leocadia, Josephina, Apollonia, Julia, Adelaida, Marcellina, Euphemia, Eulalia, de Vasconcellos, Briteiros, Ricaldos, de Passo-Vedro, e Sylveira.

N. B. Esta Illma. e Exma. Senhora é muito dada a Novellas; ama, sobre todas, as de Cavalleiros andantes. Ha quem leo já algumas láudas d'uma continuação da Historia do bizarro Cavalleiro Felismarte, que ella actualmente compõe. Ora é sabido que jámáis gato seu, nem cadelinha outro nome têve, que não viesse em Livro de Novellas. O cão da sua Quinta dos Oliváes é chamado Ferragús; a Mula da nóra, Tristifêa; o Gato da cusinha, Galafre; a cadelinha de fralda, Felisarda; a macaquinha, Florisbella; etc.

Diante dos ólhos tenho a noticia de que aquí dou cópia aos amantissimos Leitores.

CANTO IVº.

Mas já o vêm. Nem ha fartar os ólhos
Na formosura do pasmoso Louro.
Tinhão razão : que quanto menos era
Bom , tanto era máis bello esse magano.
Petit-métre o ademan , o olhar guerreiro ,
Lhe dão novo quilate á formosura.
Brilhar , oh Céos ! tão térnos attractivos
Na frente d'um traidor ! que se não possão
Distinguir , conhecer corações pérfidos
Pelos rasgos disformes dos semblantes !
No admirar quanto o Louro encanto encérra ,
Todas , d'um tracto as Sórs taramelavão ;
Tal zumbido lavrava , e tal balbórda ,
Que a estouros de trovões serião surdas.
E elle, sem se dignar , em tal azoada ,
Soltar *Jaculatoria* ou *Benedicite* ,
Dava ares d'um chorudo xabregano:
Primeira culpa. Esse ar tão descocado
Todo o fêmeo redil scandalizou :
Culpa segunda : quando augusta a Madre
Prioreza , entranhada em pio affeito ,
C'o libertino Louro abrio colloquio ,
Elle moquenco , çáfio , e desdenhoso ,
Sem attentar no horror que proferia ,
Com vózes d'um bargante lhe responde :

Vóto a tal, que as táes Sórors são bem párvoas!
Conceito que elle ouvira (diz a Chrónica)
Na viage', a cérto traste Passageiro.
Sór Christina, que ouvio tal parouvéla,
Com vóz confeita em mél, lhe diz que calle:
« Caro Irmão, dittos táes não são d'um Louro! »
Então o estúrdio indócil, crêspo e trêfego,
A pôz á curta, mui de maço e môna.
« Anjo bento! O malvado é feiticeiro,
» (Disse a Sór) tem na pelle o *Grão tinhoso*,
» E dão-nos por divino um tal bargante! »
Ei-lo, que, qual pendura de patîbulo,
Vai ás últimas: *Péste te arrebente!*
Córre a turba a enfrear-lhe a linguarada:
Mas cada uma levou chasco marujo. —
Motejando as Freirinhas delambidas,
Lhe arremedava as iras bacharélas;
Arremessado ás vélhas, dos seus ralhos
Vertidos do nariz, zombeteava.

Peior, quando em teor de Barbarôxa, (1)
Agastado de táes semsaborîas,
De raiva himpando, borbotava cóleras,
Destampando-lhe as máis horrendas chufas
Que na Barca apprendeo. — Gafo gaiáto,
Já pragas, *vóto a tal*, com grito infame:
Todo o inférno passou nessa revista;
Bolhavão-lhe no bico *Cássos*, *Borras....*
Mil ballas, *mil trovões*, *córnos do Démo!*
(Grêgos verbos, no ouvido, ás Freiras Môças!
Termos de horror a que estremece a grade!)

---

(1) Famoso Corsario no tempo de Carlos V.

E espavorida a córja entoalhada,
Com mil sináes da Cruz arranca a fuga.
Dão por vindo, e já á pórta, o fim do Mundo.
Pérde o último dente, de narizes
Cahindo, a Cunegunda Madre, ao ir-se
Esconder, tropicando, nas cafurnas.
C'uma vóz sepulchral da ouca dentuça (1)
Sór Bibiana gritou: « Misericordia!
» Quem nos manda, oh Jesus! tal Antichristo?
» Tal Demonio incarnado? Em que consciencia
» Coube tal praguejar como um prescîto?
» Eî-lo pois o saber, ei-la a agudeza
» De *Vert-vert* tão querido e appregoado! —
» Pô-lo fóra, e que vá tórna-viágem. »
Sór Escuta — « E em *Nevers*, as nossas Sórors,
» Tem de estylo linguagem tão pervérsa?
» Que lições para dar á mocidade!
» Que heréje Papagáio! — Oh! cá, não entre;
» Nem com tal Lucifér o inférno inteiro
» Venha a guarda montar, nos nossos Claustros. »

Por cabo, e por arésto, ei-lo em gaióla
Palreiro scandaloso; e sem tardança
Mandado de retôrno. — Do tal girio
Essa era a mór cubiça! Ei-lo proscripto,
Detestavel, convicto e condemnado,
Que urdio attaques á monjal virtude.
Mas assinando o arésto, o réo carpîão:
« Que dôr (dizîão) no verdor da idade,
» Com tão formosas plumas, depravado!
» Com ares d'um pagão, alma d-um réprobo,

---

(1) Onde tinha havido dentes.

» De çáfia condição chapado birba! »
Sem morder a Rodeira, como á entrada, (1)
Se embarca, e lá n'um Cóe, (2) que abriga a pôppa,
Se embetesga, contente em se vêr longe
Da triste grade, que lhe déra enôjo.

Nessa prolixa infortunosa Ilîada,
Que desespêro o teu, quando voltaste
A' antiga casa, e déste o chulo scândalo
A's Madres sem consôlo! os ólhos lágrimas,
Turvo o juîzo, horror no senso da alma! —
Entrão nove Discretas reverendas,
Que affiguravão bem séculos nóve,
Com mantos de arrastar, véos máis que dóbres. —
Vóto a favor, não hás, *Vert-vert*, lá, tê-lo.
Sór que advogue por ti lá não deparas:
Penitente allî stás, só, sem padrinho.
Duas sibyllas mórte hão já votado;
Menos tontas condemnão-no outras duas
Ao chão, que o vio nascer, c'o fusco Brâmane.
Votão, concórde, as cinco que inda restão,
Castigo de dous mezes de abstinencia,
Tres de retiro, e quatro de silencio.
Toucados, pão de ló, jardins, e alcôvas
Defêsos. Nem dá fim miseria tanta;
Que por Guarda lhe dão, por Carcereira,
A Erynnis do Mosteiro, Sór Convérsa,
Vélha Sérpe, esquelêto octogenario,
A penitente Louro apta cáveira!

---

(1) Do convento de *Nantes*.

(2) Chamão *Cóe* os marîtimos ao pequeno gasalhado, que no navîo dão a cada marinheiro.

Máo grado ao Velador Argos impîo!
Nas vagas, vêzes mil, amáveis Sórors
Vindo-o carpir com piedosa mágoa,
Do degrêdo os rigores lhe ameigavão.
Tornando de Matinas, Sór Rosalia
Mais d'uma vêz amendoas (1) lhe trazîa.
Mas a prêso, e de ser livre saudoso,
O mais fino alfenim torna-se azêbre.

Todo pêjo, ensinado por desditas,
Ou da importuna guarda desgostado,
Começou nosso Louro a compungir-se;
Dos Dragões se esquécêo, e do Capucho,
E unîsono co' as Madres (máis devoto
Que um Cónego) em seu ar, seus ademanes,
Da sua conversão penhor seguro
Deo ao vélho Divan: este ao convérso,
Desarmada a vingança, deo soltura.

Oh feliz Dia! Dia de alto júbilo!
Todos instantes teus Ternura empréga-os,
E pela mão de Amor serão fiádos.
Que digo! Oh desleáes prazêres mîseros!
Oh delicias mortáes! vãos incentivos!
Juncão flôres os longos dormitorios,
Léve o pizo, o Café perfeito, e os Cânticos,
Arruîdo amavel, liberdade plena,
Nada annuncîa próximos pezares.
Mas oh das Sórors dons nimio-grandiósos!
Passar d'uma mesquinha e longa diéta
Súbito á mesa opîpara de dôces,

---

(1) Cobertas de canélla

Em liquores arder, farto de assúcar...
Vert-vert se atira a um combro de pastilhas;
E o que erão Rosas tornão-se em Cyprestes.
Em vão sua alma errante, e último alento
Tração retê-lo as Sórs. — O seu fado último
Esses dôces excessos lh'o appressárão!
Do ternîssimo amor ditosa vîctima,
Nos braços do prazer bebeo a mórte.
Deixou pasmos co' as vózes derradeiras;
E Venus veio as pálpebras cerrar-lhe;
E levando-o comsigo a Elysios bósques,
Entre Heróes Papagáios collocou-o,
Junto d'esse que o Amante de Corinna
Sabedor o cantou, se o carpîo morto.
Quem ha que narrar possa as saudades
Que o Louro deixa? A Sór Depositaria
Foi quem compôz a circular Epîstola,
De que eu tirei o caso desastroso. —
A fim que chêgue aos últimos bisnétos,
Tirou-se ao natural o seu transumpto;
Máis d'uma dextra, pelo Amor guiáda,
Em nova vida restaurá-lo soube;
Foi pintado *Vert-vert*, e foi bordado:
E a Dôr lidou em orvalhar de lágrimas
De *Vert-vert* os bordados, e as pinturas.
Quantas honras aos Pássaros famîgeros
Sabe dar o Helicon, todas lhe dérão.
Foi posto Mausoléo junto a um murteiro,
Que o cobre inda hôje com cheiroso arôma.
Lá as térnas Arthemisas lhe sculpîrão
Em lettras de ouro, no duravel pórfido,
E entre as flôres, os vérsos lhe estampárão,
Que, sem prantos verter, lêr-se não podem.

EPITAPHIO.

Noviças, que a palrar ao Bósque vindes,
A furto (aquí) das Madres,
Suspendei um instante a vóz palreira;
Ouvi nosso infortunio:
Se a mudêz vos agasta, e que é já longa;
Fallai: mas fallai prantos.
Nossas mágoas ouvi em summa bréve:
Jáz VERT-VERT, *e aquí nós, co' elle jazêmos.*

Dizem porêm (e eu findo aquí meu Conto)
Praguentos, que no Mausoléo não mórão
Os Manes de *Vert-vert*; que o seu Esp'rito
Se fôra apposentar na alma das Freiras,
Passando d'uma a outra, em Metempsycose,
Com todo o seu palrar, sua xibança. (1)

---

(1) Não confiem demasiado na versão d'este Poemêtto; que eu mesmo, nem mui fiél a creio, nem tão engraçada como o original. Mas tal qual é, assim a quérem imprimir.— Imprimão-na:— Sua alma, sua palma. Tanto peior se ella descontenta.

Fim do Poemêtto de Vert-vert.

ETYMOLOGIA

DE LOUÇÃO E LOUÇANIA,

DEDICADA

Ao Senhor Timotheo Lecussan Verdier, meu constante amigo d'alêm de 40 annos.

Divinare etenim mihi magnus donat Apollo.
HORAT. *Serm. Lib.* 2. *Serm.* 5.

DOUTAS obras a um Douto off'recer cabe,
E ao meu *Verdier*, que leo cem cartapacios,
Que ou sabe *Arábio*, ou sabe *Arábias Algebras*,
Eu que sábio não sou, vou mui rasteiro
Off'recer-lhe *Louçção* e *Louçanía:*
Não que eu confîe em mim; confîo em sábios
Que em sabença hão *mettido lança em Africa.*
Oução: que encéto, aboccanhando *Grégo.*

Quem chinca a lingua em que campou *Homéro*,
Bem aventa que *Hygía*, *Hydropisía*,
Hypocrisía, e a máis matula em *ía*
São tálos da tronchuda couve Grêga.
Mas, com toda a *Greguice*, quantas cincas
Sábios não dérão, de *Louçção* querendo
Dar-nos o tão absconso Nobiliário.

Eu, Mîsero pedante, atinei co'elle.

Envergonhai-vos sábios palradores
Pérsas, Chins, Babylonios, Cochinchinos, (1)
Enfronhados em gôrdos diccionarios:
Cuidáes haver subido ao *Sette-estrêllo*
Da perspicaz sciencia etymológica?

Cesse tudo o que gábão de sciencia;
O que a penna escreveo, sahio do prélo:
Que outro saber máis alto se levanta.
Aquî é, que eu, em *Etymons*, sou gente.

Nas Italias, *Faenza*, ha muito, tinha
Ingenhos apurando, dado ás mesas
Branca *Louça* esmaltada: os azulejos
Ornavão Régias Casas e Plebéas:
Quando o Gama soltando ousadas vélas
A' vulnifica prôa, entre as espumas,
Sulcava espaduas bravas de Néptúno:
Tinha do Adamastor ouvido as iras;
Em novo Mar (2) saudado o rôxo *Eóo*; (2)
E as vencedoras Quinas tremolavão.....
(E como achão o tal vómito de Épica? ;)
O tudo era entrar lá: — d'allî vêr Gôa,
Dar um passo ao Japão, dar outro á China,
Era um cuminho a affoutos Lusitanos.

O affouto Mendes Pinto, a quem perigos
De Terra e Mar não descórárão nunca,
Palmilhou areáes; rompeo por brênhas;
Largos rîos nadou; trepou por sêrros;

---

(1) Pelas linguas d'esses Povos, que apprendêrão.

(2) O Mar Indiâno.

Vio-se aréo (1) com Leões, com Crocodilos;
No trazeiro, d'açoutes grandes surras
Gramou, — pauláda, e muita, no costado;
Com Santões conversou, com Bonzos, Grépos,
Menigrépos, Rolins e Talagrépos;
(Da nossa multiforme fradarîa
Antes fonte primeira, que transumpto.)
Padres todos mui doutos, mui sisudos.....
E a que fim? Por que conte lá n'a Aldêa
Junto do lar, em noite hybérna e frîa,
Aos Labrêgos que a bôcca abrem de espanto
O muito que soffreo, muito que andou:
Como usa outrem contar sédiça história
Das *tres Cidras*, da *Gatta borralheira*.
C'o *Mendes* palmilhou *Pero Solano*, (2)
H ome' amante do ricco, bello e raro:
Que apenas no *Japão*, na *China* apenas,
Co' as finas deparou douradas Chávanas,
C'os pratos, (quinta essencia no esmaltado)
Não ficou homem, *não*; *mas mudo e quêdo*,

---

(1) Palavra muito portugueza que não vem no Léxicon: a qual significa — homem que não sabe o que ha de fazer no discrime em que se vê. Alguns em lugar de Aréo dizem Aério: ambos estes adjectivos expressão o mesmo sentido e tem a mesma etymologia, grêga ou latina, *Aer*, que vertemos, em portuguez bem castiço, n'o substantivo *Ar*; donde infiro que o seu derivado *Aréo* neste lugar e em outros máis, é, e será bom portuguez; e que *aério*, como mais alatinado, será tambem muito bom de aproveitar em outras occasiões; protesto que não tenho nem terei jámais *Aério* em menos-prêzo; e declaro que já o empreguei em muitas das minhas trôvas. Por tanto haja *aréo* e *aério*. O que sobra, raras vêzes prejudica.

(2) Talvêz atrazado avoengo do meu Francisco *Solano* Constancio.

Deo ares d'uma *Statua do Segrêdo.*
Admirava-os, beijava-os, como os *Turcos*
Hão beijar das *Hurís* os prêtos ólhos.
Partia para a *Elysia* náo veleira:
Da Louça, que empalhou, recheou caxas,
Que a amigos, que a parentes remettidas
Por elles (alto o som no excelso encómio)
Deo gran bérro em *Lisboa* e nas Aldêas.
Era de vêr as Damas as máis guápas
No primor de tal *Louça* embevecidas?....
Já á *Louça* allude quanto os gabos pede:
O amante é já *Loução*, se antes bizarro;
Louçãa é toda a cara de tauxîa; (1)
Joias, *Louçãas*; *Loução*, quanto taréco
Encérra o toucador. *Pero Solano*,
Que a *Portugal* mandou tal *Louçanîa*,
Nome etérno ganhou. *Perosolana* (2)
Glória abarcou os términos do Mundo;
E, em quanto houvér Japão, fama perenne.
De *Louó*, que é lavar no grêgo *Léxicon*,
Deduz o meu *Verdier* o termo *Louça*,
E eu crêo que atinou: que os nossos *Lusos*
Greguissimos avoengos, descartando
Gôdos, Mouriscos, têrmos engasgados,
Tomárão vôzes de boleio grêgo (3)

---

(1) Tauxîa, *Camões* nas suas cartas em prósa disse — um *rostinho de tauxîa.* O Erudito *Moraes* no seu Diccionario da lingua Portugueza dá a explicação d'este têrmo: procurem-n-a lá.

(2) Hoje por corrupção *Persolana* ou *Porsolana;* donde os Francezes fizérão *Porcelaine.*

(3) Diz Horacio na sua Arte Poetica, que aos Grêgos
— dedit ore rotundo
Musa loqui. —

Com que o descarte por melhor suprîrão.
Verdier, quanto val ter lido hsitórias!
O'ra *Loução*, de Louça que se lava,
Enxúga, alimpa, e brilha n'um instante
É paridura; o verbo grêgo *Louó*
Foi seu páe; como a lingua grêga ha sido
Éva de vózes mil, que hoje povôão
De *Lusos Léxicons* compridas laudas. (1)
Louça pario *Louçãa*, Louçãa parindo
Deo *Louçanía* á luz, deo *Louçaînhas*,
Que são tudo o que enfeita as nossas Bellas.

Quanto é grato admirar uma Menina
Ingleza e de *fashion*, c'o escaparate
De chic'ras, Bule, Chá, e Assucareiro,

---

(1) Diz o meu Verdier que infinitos vocábulos familiares viérão á nossa lingua pelo esguicho mui direitinho do Grêgo Chafariz: *Græco fonte cadunt parcè detorta.* Deo-me este amigo um apontoado de máis de trezentas palavras greguîssimo-portuguezas que não vem nos peculios de João Franco Barreto, de Duarte Nunes de Lião, de Faria e Souza, e de outros máis. Apontarei aquî algumas, e não todas como bem desejava, pois o meu Editor diz que sómente quér imprimir vérsos, que notas não são vérsos, e que não prometteo aos seus assignantes Diccionarios de palavras *Affonsinhas.* O impressor diz tambem que o official Grêgo da sua Officina está doente (Deos o melhore!) e que haja pouco *grêgo* que se imprima. Com licença dos Senhores Assignantes, do Senhor Editor, do Senhor Impressor, e dos Senhores Etymologistas. — *Badulaque* de βάθος, e λαγὼν — guizado de entranhas inferiores, *Sarrabulho*, *Dobrada* etc.

C'rôa de rechéo da redonda mesa!
N'a agua fervente lava as persolanas
C'os dedinhos de annéis (astros vislumbres)
E com gala enxarópa os circumstantes!

Quando o havêr todo este O'rbe palmilhado
A máis não nos valesse que a achar chávanas,
Que dedinhos de annéis industres lavão;

Esta palavra acha-se, com honrosa moradìa no Hyssope de A. Diniz, Canto 5. verso 38. *Do gordo badulaque ex-cuzinheiros.* — Bródio de βρωτὸς, ou de βρώσις. — Celeuma, de Κελεύω d'onde o substantivo Κέλευσμα que Camões introduzio na Out. 25. do Canto 2 dos Lusiadas — *A celeuma medonha se levanta*, — *Chalaça*, de χαλάζα — *Cassuar, cassuada*, de Κασσύω — De Κρίκος (em latin *annulus*, *circulus*, e em portuguez, *annel*, *círculo*) fêz o vulgo um nome proprio, mudando sómente a desinencia masculina grêga em a feminina portugueza; para indicar, talvêz com mais clareza, uma das joias singularmente proprias do sexo feminino — *Élo* da videira de ἕλος — *Coçar*, *coça*, e seu diminutivo derivado *cócegas*, de Καῦσις — *Cassão*, prostituta, de Κάσσα. — *Gargálo*, de Γαργαρεὼν — *Cangar*, *ser cangado* γαγγάμη — *Lambaz*, de λαμβάνω — *Lapuz*, de λάπτω, ou λαπάζω. — *Léreas* de λῆρος. — *Louça*, de λούτω, futuro do verbo λούω — *Maganão*, *Maganear*, *Maganeira*, de μαγγανεύω, μάγγανον. — *Patacuada*, *pateada*, de παταγέω, ou πατάσσω. — *Pégo*, de πηγὴ. — *Peitar*, de πείθω. — *Roncar*, *ronco* de Ῥόγχαζω, ῥόγχος etc. — De Σμώχω, vem *esmagar* — *Trapalhão*. *atrapalhar*, de τραπελὸς, e τρέπω — *Triz*, por um *Triz*, de θρὶξ, que significa cabêllo. — etc. etc. etc.

A achar pratos de fino, de áureo esmalte,
Que ufanos Trimalchões com fruta off'recem
De precoce estação ás *loucãas* Damas;
Util foi já ter palmilhado o *Pinto*
C'o *Solano*, o *Japão* e a larga *China*.

ODE

A DUARTE PACHECO.

Per damna, per cædes, ab ipso
Ducit opes, animumque, ferro.
HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 4.

Quão Malvados!.... Roer na fama ousárão
Do impávido Pacheco! As mesmas pédras
De Cochim gritárão aos Céos vingança. —
Pacheco, que as salvára

Do jugo Çamorim! Nos grossos férros,
Que lhe cingio a Invéja, e na masmôrra
Reluz, e céga os ólhos da Calúmnia
O luzeiro do Heróe...

Vejo artilhadas Náos, minaces Tôrres
Granizar fléchas, vomitar pelouros,
Linguas de fôgo, ennovellado fumo
Ennegrecer os ares,

Cevar-se em sêccos, embreados lênhos;
Milhões de braços appinhados de ira
Contra um punhado Luso... Aquî, por térra,
Dão destruidor assalto;

Alêm, por Mar, baixéis sem conto invéstem
O Passo Cambalão... Férve, travada
Por todo lado a guerra: o sangue... os gritos...
Cobrem o Sól nevoeiros

De lanças, fléchas.... os ouvidos surdos,
Co' estourar das granadas, co' estampido
Dos Vulcâneos trovões... Nem lá, no Tártaro,
Igual lavra alvorôto,

Trôa alarido igual... E quem resiste?
Quem se reparte, e acóde co' a presença?
Quem rebate? quem vence? e quem triumpha?
O invencîvel Pacheco.

ODE

Verás da Saudade a sombra fria
Desfazer-se, assim como a noite escura
Se desfaz, com a luz do novo dia.
ELPINO *Nonacriense.*

Quão saudosas lembranças me recordas,
Dia quatro de Julho!
Oh cara Pátria, aonde a Luz primeira
Me raiou nestes ólhos.

Oh cara Pátria, onde encarei recente
O maternal surriso;
Onde Clio me bafejou bem tenro
Alentos Apollîneos,
Que os Amigos, que as Damas, máis no peito,
Que no bôlso encerravão;
Damas gentîs, Amigos estremados!
E deixar-vos eu pude?
E pude, e não morri? Daquî tão longe
Vos envîo a cada hora
O coração envôlto n'um suspiro.
Lá ficou prêsa esta alma.
Que estes ares que ufanão Liberdade,
Amôres não me inspirão,
Como os ares tão meigos de Ulysséa.
Onde estáes, oh tão lindas
Marcia, Delmira, Nize? A'gra saudade! (1)
Ou matta-me d'um glópe,
Ou fére a Inquisição, expulsa os frades,
E dá-me a amada Elysia.
Vêr, na Pátria, que máos hôje assobérbão
Com ignorante orgulho,
Succeder a Justiça á Tyrannia;
Vêr delidas as nódoas
Que á Innocencia monstros lhe imprimîrão
Com fanático aleive:
Innocencia tão pura, que a attestárão
Já dous Reáes Decretos. (2)

---

(1) Saudade que me é ainda hôje tão ágra, como o tem sempre sido, dêsde ha 39 annos, que me foi forçoso deixar a Pátria.

(2) For duas vêzes se dignou S. Maj.de reconhecer a minha innocencia, mandando-me restituir os bens injustissimamente

Mas réos Ministros, frouxos nas bondades
Quão préstos nos rigôres;
Mas com descuido ingrato, protectôres
Desleixão de cumprî-los;
Desleixão ter a glória sóbre-humana
De reparar o injusto (1)

---

confiscados; porêm a pezar das sollicitações e diligencias de amigos poderosos, nunca foi possivel desenterrar os Decretos dos cartorios da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino. Ignoro, portanto, se se lhe pôz pedra em cima; ou se á incuria e pouco caso que fazião da sórte de Filinto devo só attribuir o sumiço que levárão. Algum dia talvêz os descubra algum antiquario, quando já o póbre Filinto tiver cessado de soffrer. Bom proveito fação a quem os achar.

(1) Já ha muito, que em mim sinto desfalcada a imaginação daquelle ardor primévo, daquellas pittorescas vózes, que davão resalto em alguns vérsos meus. Fiz mal de não desterrar de mim tinteiro e plumas. Mas, como diz o meu Constancio, jogador e Poéta, só a tumba lhe atalha o trem do porfiado vicio. Fiz mal (tórno a dizer) e máis mal fizérão imprudentes amigos, que me louvárão as prósasinhas semsaboronas que embandeirei com alcunha de Odes. Esta é uma dellas, e a última será: que vou fazer penitencia de tanto que pequei contra Apollo e contra as Musas, e do scândalo que dei a todo o Pindo.

ODE

AO CAVALHEIRO F. J. M. DE BRITO.

Tu pois bemdize o Céo, que tal thesouro
Depositou em ti. — ELPINO DURIENSE.

DEO-me summo prazer; e lh'o agradeço
Co' as Obras do moral, térso Ribeiro;
Sábio Amador, e Imitador illustre
Da bôa idade de ouro

Da Lusitana lingua, (1) abrio-se praça
Entre os Sás, e Ferreiras. Muito anhélo
Que pela estrada o siga quanto alumno
Na Elysia invóca o Apollo.

Do monte, em que sentadas com Horacio,
Com Pîndaro, as Piérides avistão
O chão que deo á luz Camões altîloquo,
Garção, Elpino, Alfêno,

Disférem todas nove sons dulcîssimos
Bafejados de applauso, e de contento,
Que inda resôa, igual ao que influîrão,
Nos Lusos, canto, outróra.

(1) Póde-se nas suas Obras, como nas dos melhóres Clássicos apprender a genuina linguagem Portugueza.

ODE.

Exegi monumentum ære perennius,
Regalique situ pyramidum altius.
HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 30.

MELHOR que os Cysnes, discantou Marréco,
Com generosas vózes resonantes;
Deo com vózes de bôlsa (1) mate aos trillos
De mélicas gargantas.
Que não cantára Homéro dos Marrécos? (2)...
Achilles féro, Ulysses o matreiro
Póstos de ré, de invéja chorarião
Aos sons da Marrequeida: (3)
Que em canto máis sublime, enlevaria
A mente dos Celîcolas, delindo
Quanto renome a Ilîada e a Odysséa
Se hão grangeado no O'rbe.
Viva o Canto argentino de Marréco!
Máis duravel, lhe erijo monumento,
Que Egyptanas (4) altîssimas Pyrâmides
Que a Térra vai sorvendo.

(1) Diz-se *vóz do peito*, diz-se *vóz de cabéça*, *vóz de canna rachada* etc. Porque se não dirá *vóz de algibeira*, quando esta retinne máis argentinamente que todas essas vózes.

(2) Se algum Marréco Grêgo lhe houvesse discantado como a mim o Marréco Luso.

(3) Poêma superior a quantos Poêmas houve, ha, e tem de haver.

(4) De Egyptanas vem *Gitanas* Hespanhol e *siganas* Portuguez.

Fim das Poësías Inéditas.

INDEX

DAS OBRAS INÉDITAS.

ODES.

E quem ha hi, que, sem anôjo possa *Pag.* 12
E inda ha quem diga, que este Mundo seja 13
Oh Deosa da Amizade, oh vem do alcáçar 16
Quando rompe as esphéras o Éstro ardente, 19
Em quanto vai a Náo surcando as ondas, 26
Onde estás, Lyra? Onde é que te escondeste? 23
Oh Esperança, oh sônho de acordados, 33
Filinto não contempla a pena, os passos 35
Deseja o Peregrino, que annos longos 37
Que dias tão formosos vê perdidos, 39
Vem, meu Domingo gôrdo, aguça as pérnas; 42
Nossos Nétos quanto hão-de ser felizes 45
Nem Vinho! nem dinheiro, com que o compre! 48
Trabalhou o máo Fado em miserar-me. 51
Cuidar, que eu tenho fórja de Vulcano; 52
Nunca, em tempo melhor veio a Diéta; 55
Quem me déra ir rasgando, a vôo sôlto 59
Por tres vezes faltar-me, como um nêgro, 61
Entre embruscados desabridos Dias, 63
No prazer engolphada uma alma nóbre 65
Quizéra eu, hôje, opîparos manjares 69
Benção de Deos te cáia, oh mão ditosa, 74
Feliz, quem rumas de Calções possûe! 76
Tomárão Babilónia os Vechabîs? 77
Onde te fôste, venturoso Dia, 79
Sévos Juîzes, Verdier, e Brito 81
Tu, que ao teu Traductor dás um Condado, 83
Mal que os primeiros, vi-ráios do Dia, 85
Tráze-me, oh Môço louros, flôres tráze-me: 88

A cantar o immortal nome dos Lusos 89
Um Dia, que engolphado em mar revôlto 95
Servindo ao Rei, e á Pátria, sessenta annos, 97
Vem, Lyra minha, vem: acóde aos vótos 103
Mentio quem disse, que da Terra, o vôo 105
Quatro de Julho! Memoravel Dia! 108
Porque acalente a Inópia, tróvas canto; 111
Que lucro espéro ás litterarias lidas, 112
Ao Mundo vim. Melhor, não ter cá vindo. 115
Era noite: e Morphêo me tinha em braços. 117
N'hum már de luz os astros se sumião, 119
Cuide em stender a Vida, a largos annos, 121
E inda ha, no Mundo, quem dê preço e fama 123
Que digna vóz me dás, Clio divina, 124
Inda hoje, todo alheio 125
Louvores, com que ao Vate exalça, e ufana 127
No bullicio da vida, 131
Ao vêr um Hollandez lapuz, mazôrro, 134
Na alma assentou seu thrôno, e reluz na alma 138
Pédra és de fino tóque, oh Infortunio: 141
Deixei-te, oh Pátria saudosa, e ingrata; 144
Quão rápida e voluvel a Fortuna, 147
Com mágoa ouvi, que partes, caro Bórges. 157
Ora Phébe nos móstre a face inteira, 163
Pois que o Senhor Mandar põe seu capricho 166
Que Lúcifer levou para os seus quintos 168
Ei-los, que chegão. Ei-los que celebrão 170
Esperei.— Esperei. — Já desespéro 171
Ao vir buscar o perguiçoso leito 173
Quem quéres que eu celébre, ingénuo Brito, 176
Que diff'rente que vinhas, ha trinta annos, 178
Esses livros tão pulchros, tão dourados, 181
Porque consentes, Clio, que o teu Vate 183
Como virá inchado o nosso B..., 188
Que Homem, que Heróe, que Deos, oh Clio eléges 189
Qual, fôra o meu prazer, se hôje sentados 194
Arróste Cook, arróste La Peyrouse 197
Se atégóra invoquei Apollo, e Musas, 199
Quando de Télepho o rosado cóllo 202

Contente lógre as horas descuidadas, 204
Quando nas margens do sereno Téjo, 206
Jardins, prados viçosos, 210
Invicto General da léve trópa 216
Nos teus ólhos, Delmira, nóto os Astros, 218
Désce do bipartido monte, oh Nympha, 220
Se de teus esquécidos juramentos 226
Agóra, que já lassos de combates 229
Só quando o desfructá-la é ja defêso, 235
O que espéra ter nome esclarecido, 247
Descìa por um Valle, que veceja 250
Que enleiada anda agóra, e turva, a fronte 266
Myrtillo, máo Myrtillo descuidado, 268
De vêr que o caro Brito se remancha, 269
Que infausta estrêlla, oh Sabios desditosos, 271
Hòje, que é o fausto dia, 274
Nunca eu cuidei, que piedoso o Tempo 276
Duas vêzes cantada, 279
Que desastres que eu vi! Que desacêrtos 281
Vem, Dia fausto! Dia o máis formòso 283
Aquì d'El Rei A mim, a mim é que ousão 285
Vem, minha Clio, vem; que inda que vélho 287
Correios — máis Correios — vem sem cabo 288
Meu ricco sancto Antão, no vosso dia, 289
Em quanto gózas da áurea Mocidade, 291
Onde ides de tropél? onde, malvados? 293
Quatro lustros, com duas Primavéras 295
Que não acabão desastrosos dias! 297
Qual brando Orvalho, na manhãa serena, 299
Nunca tal vìrão Grêgos, nem Romanos, 307
Já os frios vem; e as néves não nos falhão: 309
Para unidos se amarem, soccorrerem, 313
Qual sahe em borbotões, da vêrde encósta 314
Quanto é certo, que entrâmos no Universo, 317
Quão cheios de razão ião em Roma 319
Quando as Musas, no Conclave Divino, 321
Eu, com Marquezes, Cavalheiros guápos, 323
Que quéres, Lyra? Céssa as aldavadas 327
Désce, Musa, á tribuna de Pilatos; 329

Avista o crime a inficionada Mente , 330
Que tristeza aquî lavra na Thebáida ! 335
Vio-te Prothêo descer do Olympio grémio 337
Já de todo estancada a Paciencia , 339
Salve , oh Musa, que em margens do aureo Téjo 340
Onde estás , caro Assúcar ? 342
Muito ha , que ouvi dizer , que da Ignorancia 343
Podéste , oh Lyra, em mãos d'um Grêgo Vate 345
Federico, a quem Deos a p'rigosa 347
A's tuas scenas , Phébo, ha Federico 349
Sou eu.... Não fujas Chlóe ; não magôes 350
Embórca esse almo sumo (cujas cêpas 351
Debátem-se , nos ares , as Tormentas, 353
E esse rôsto brilhar, sem que lhe venha , 355
A ti, filho de Juno , estes marmóreos 356
Chorái, chorái , oh Filhos da Alegrìa ; 357
Ferì, eu filho do Oceâno , a rócha , 360
Tu , de vêrde c'roáda ? e aquî te encontro 363
E pude eu falsear as lições suas 365
Lastimosa Berlin ! a Divindade 366
Tu , que com pincél déstro , á vida vólves 368
Até quando Megéra enfurecida 362
Oh Paz , amavel Paz , onde fugiste ? 364
O Meu Heróe venceo ! Alégres lágrimas , 376
Monstro infernal , que as cavernosas fáuces , 368
Céssa de ser , apóz tres annos , Fábio , 370
Ir-se ha este O'rbe ao fim ? Algum diluvio 371
Permitte , oh Esculapio, oh caro Amigo , 373
Aquelle, a quem a Mãe , entre os dulcîsono 374
Nem Orac'los de Thémis nem querélas , 376
Tão léve em desfechar do aço homicida , 377
Tu , que harmónica régras os que ródão , 379
O Heróe , por cuja vida estremecìas , 381
De immortal Mãe degenerada Filha, 383
Filho de Baccho e Venus , que és nascido 384
Acaso é Jóve o máis supremo Nume , 386
Quando o Pilôto , na sobêrba Armada , 388
Tinge , oh Camillo , de vergonha as faces 394
Tu, que amas na Poësìa, amas na História , 397

Heróes de Federico, á Prussia caros, 399
Adivinhai, oh Nymphas d'estas várzeas 400
Oh mãis bella que Aurora, oh Berenice 402
Oh! Tu, emanação do Ente Divino, 404
Amor, que, muita vêz, deixas os Numes, 406
Meu Canto de louvor, oh da Germania 408
Deosa do amor, um Templo hôje te sagra 409
Antes que, á terra os ólhos creadores, 412
Tem Deos os corações dos Reis, na dextra; 430
Do Templo da Memoria, onde os sentára 432
Quanto era de anhelar; que em qualquér Homem, 435
Suave Mãe de Amor, Cyprina bella, 438
Qual déstro Jardineiro corta, arranca 465
Sublime Melibeu, não te envergonhe, 479
Para qnem tu, celeste companhìa, 483
Filinto, ah meu Filinto, jaz enfêrmo 486
Que deve a Phébo supplicar o Vate, 489
Não bastavão aos Cysnes do aureo Téjo, 491
Em vão tente subir ao árduo Pindo, 495
Vão-se as nuvens rasgando; os horisontes 498
Assim cantavas, celebrado vate, 516
Ousarìas, tu Musa, encarregar-te 520
Quão malvados!... Roer na fama ousárão 555
Quão saudosas lembranças me recordas, 556
Deo-me summo prazer; e lh'o agradeço 559
Melhor que os Cysnes, discantou Marréco, 560

SONETOS.

Bello Athlante de jaspes, que brilhando 31
Toda officioso Amor, toda ternura, 36
Alma de Jaspe, que em Tyndaréo Pólo, 41
Desêjo larga vida affortuna da 44
Vinha apostada a malquistar comigo, 62
Dos Sêrros do Brasil pejados de ouro, 94
Que vejo, oh Céos! qual vejo ir-se formando 133
De preconceitos máos desempoado 179
Póde o meu Fado injusto, e desabrido 180
Sôbre o nóbre poial do Pelourinho, 201
Fuja de agua, que lhe ha-de dar a mórte 233

Vi, nos ólhos da minha doce Amada, 249
Lá vai Glosa, Menina; vai Soneto. 258
Douto Méstre de simples Natureza, 265
Dôres, Ancias, Suspiros, e Lamentos, 334

MADRIGA'ES.

Daquî se ausentou Marcia. Adeos Prazêres! 102
Ao banquête, que a Venus déra Flóra 129
De flor em flor, na frêsca Primavéra 227
Amor, vendo vazîo 316

CONTOS.

Ôlho, ou nariz, que faz, ou não, na Cara? 35
Dar-me-hás nóvas de ti, cada semana. 38
Um Normão, cujo Páe morreo na fôrca, 64
Tem relógios, tem pêndulas Fundano 73
C'uma bôlsa, e com bom recheio de ouro, 86
Sahio da Samardan certo Pedreiro 99
Certa Mulher, que tinha a barba têza 121
Vá de conto. Houve em Africa um Leopardo 228
Pérto da crêspa cósta da Bretanha, 241
Um dia, que o Deos Júpiter, 331

EPIGRAMMAS.

Se ao prometter sem dar, dar chamas, Cayo, 38
Cérto Bargante, maganão chapado 75
Talo de Légacão, com Scorcioneira, 82
Como, ouvindo o Sermão, um tosqueneja, 84
Um Orate, como eu, que por milheiros, 110
Perguntei hôje a um sécio Peralvilho, 140
Cahio no inférno um frade; e co'a cabêça 146
Quiz um Princepe entrar na régia Liga 187
O Médico Purgão, ao seu doente, 196
D'onde vem não se dar louvor aos vivos? 234
Olhando, ha pouco, o mármore, o moîmento 239
Umas cabêças vãas, uns Ociosos, 240
Que os teus ólhos, cada um foi uma estrêlla 254
O Barbeiro Entrapélo rápa em róda, 262

ENIGMAS.

Qual vês saltar Cabrito, apenas nado, 75
Esse decem nos finge : quibus si accesserit unus 212
Dêvo a um bruto animal as coberturas ; 322

EPITAPHIOS.

Como todos, entrei, neste Univérso 47
Aquî Filinto jaz. Foi pouca cousa. 124
Aquî Filinto jaz, triste e gaiteiro. 147
Com claro ingenho, com saber profundo 185
Aquî jaz o Pái-pái ; a pédra dura 249
Famósos Mausoléos, que o fausto erguêra 338
Aquî Fulano jaz. Foi pouca cousa. 340

FA'BULAS.

Um Pato soccarrão, no páteo, um dia, 18
Mui contente um Páezinho 165
Mimo de pouca dura 267

DITHYRAMBOS.

A' minha Marcia, Amigos, tres saûdes, 21
Eis-me no Ménalo. Nébrides, Ménades. 66

O PERALVILHO.

Certo Casquilho, em Casa d'um Banqueiro 25

ENUCLEAÇÃO ETYMOLO'GICA.

É tão cérto *Funil* vir de *Funiculus*, 56

APHORISMO.

Um surriso, na bôcca d'uma Amada, 79

MORALIDADE.

A Virtude á nossa alma dá saûde ; 82

IDYLLIO.

Néptuno pôz-se á mesa co' as alvissimas 91

DESENGANO.

Perdido é o louvor, perdida a Crítica, 102

CAPRICHO.

Vá de furia. Farei uma fallada. 104

PASSEIO.

Um dia, que abhorrido, de mim mesmo, 106

PERSPECTIVA COMICA.

Bonéca affigurai, curta e redonda 114

A ASSEMBLÉA DOS POLÎTICOS.

Bons dias, meu Senhor. Sabe indicar-me 116

NOTICIA.

Emprestou seis tostões um Carpinteiro 130

CONSULTA RÉGIA.

Certo Rei convocou no seu Palacio 136

FOGUÊTE.

Felizes forão Barros, Couto e Souza, 142

EPICÉDIO.

Dá-nos susto o morrer, do Sól radioso 149

RESPOSTA.

Veio-me co' a razão o amor da Pátria, 159

A PASSAGEM DE VENUS.

Monsieur Mondor, amigo de Cassìni, 167

DOENÇA DE D. CHLORIS.

Ai, Doutor; não vir hontem acodir-me! 169

DIÁLOGO.

Vai ver, Rapaz, quem é, que á pórta batte. 182

EPITHALAMIO.

Hymen, oh Hymenêo, 186

DESCRIPÇÃO.

Que sîtio encantador! A Primavéra 192

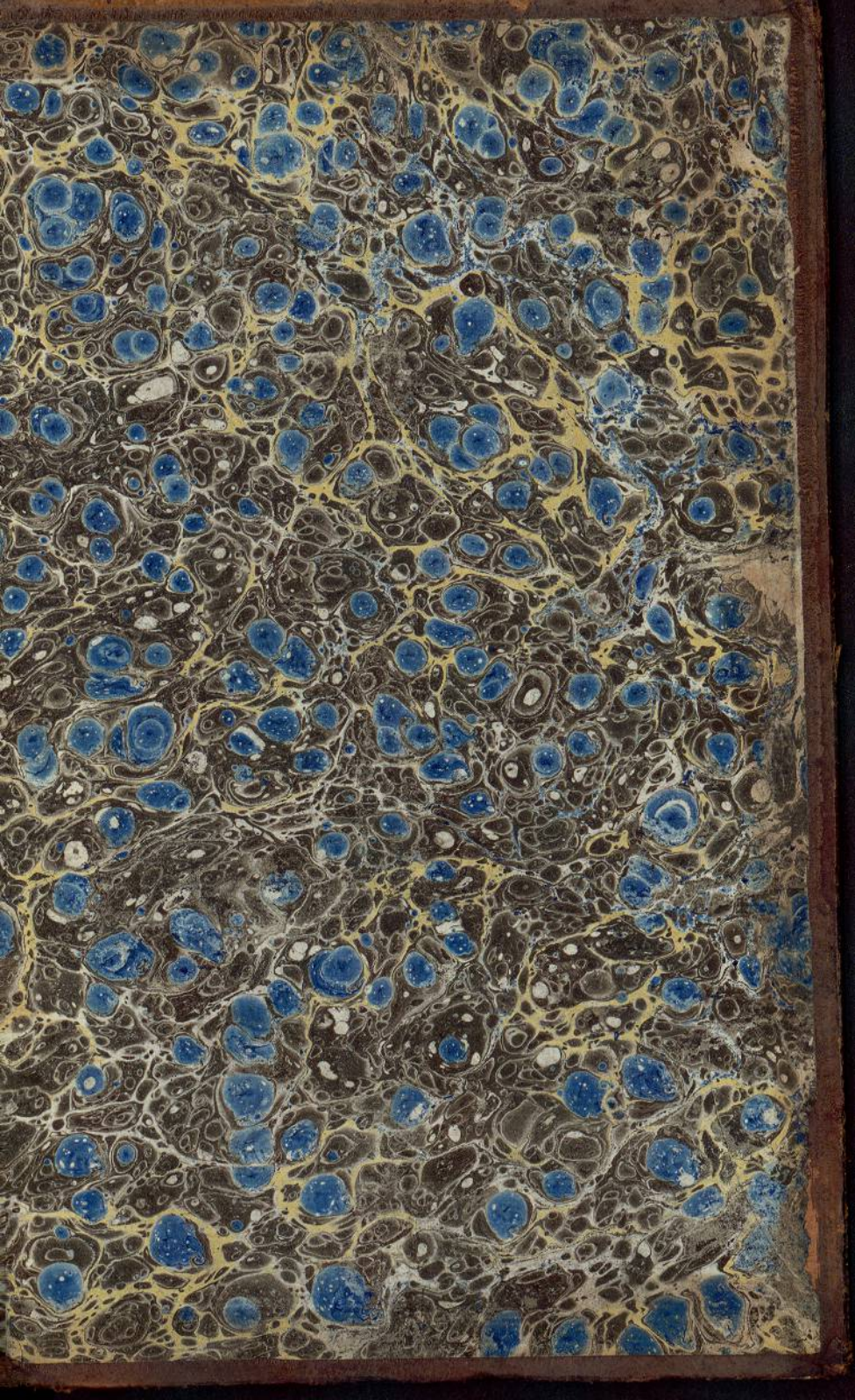
ERRATAS.

Pag. — lin.	ERROS.	EMENDAS.
21 — 21	A minha	A' minha
42 — 11	Peru,	Pernas
45 — 13	Todos	Mil
82 — 12	Dá a Virtude	Dá Virtude
95 — 11	Cuidados.	Cuidados,
111 — *Nota* (3)	Homéro	Homem
113 — 11	Academîas	Académias
114 — 6	Lhe no chapéo tremolão	No chapéo tremolão-lhe
Ibid. — 17	que callem	que se callem
126 — Penultima da *Nota.*	do bico	ao bico
128 — 7	O'rde Cyllenio	O'rde' a Cyllenio
130 — 2	sois	seis
139 — 1	anciosas	que anciosas
150 — 21	Compaixões	Com paixões
159 — 3	aucencia	ausencia
160 — 16	Ancioso	Anciosos
Ibid. — 29	Quo	Que
166 — 19	*Mandaretypis*	*Mandare typis*
183 — 8	Dos laurîfero	Do laurîfero
Ibid. — 14	negados	negados :
188 — 12	que francezismo	que a francezismo
Ibid. — 13	que lhes	que lhos
194 — 20	Filinto	Filinto!
196 — 18	descanso	e descanso
Ibid. — 22	Niste	Nisto
200 — 5	écho	écchos

Ibid. — 19	falla	e falla
201 — 7	Rapazinho	Rapazinho.
205 — 3	mais	máos
Ibid. — 6	Porque	porque
224 — 21	Scaro	Îcaro
Ibid. — 1 da *Nota* (1)	Caduco-nem	Caduco, nem
Ibid. — *Ibid.*	velice	velhice
236 — 16	luzido	luzidîo
248 — 11	de-tres dobrados	de tres-dobrados
259 — 12	Pîtlhea	Pythea
Ibid. — 13	trilhos	trilho
Ibid. — 21	Vomita	Vomita.
262 — 7	Entræpelo	Entrapélo
Ibid. — 9	oarrepélla	e o arrepélla
268 — 3	As vélhas	E inda as vélhas
269 — 4	Marphésio	Marpésio
Ibid. — 8	livros;	livros,
Ibid. — 21	atira a a tombos	a atira, a tombos
Ibid. — 22	Os livros; e o Poêma	Os livros, e o Poêma (1)
		Nota (1) Os Martyres.
270 — 8	Da pansa vomitiva, ou coxî-pede ——	Da pansa vomitava, ou um —— coxî-pede
271 — 9	Dom	Com
273 —		Falta Nota (4) O ráio..
289 —		Os nos. das notas estão trocados.
295 — 9	Conselho	Concelho
304 — 2 da *Nota* —	fôro	féros

309 —	1	névos	néves
Ibid. —	10	estivadas	estiradas
310 —	10	a Musica	á Musica
314 —	12	depararás	deparáras
319 —	1 da *Nota*(1)	*me vejo*	*te vejo*
324 —	8 das *Notas*	Templos	Templo
326 —	3 da *Nota* —	tome	toma
327 —	18	Descantar-lhes	Descantar-lhe
328 —	2	pulsão tão valentes	pulsa tão valente
Ibid. —	4	Mestres	Méstre
345 —	18	Havér	Havêr
357 —	11	Hamonîa	Harmonîa
360 —	2	CHELÔO	ACHELÔO
359 —	30	Grómetras	Geómetras
361 —	1	Marsyas;	Marsyas
369 —	21	Alcando	Alçando
372 —	27	fartos já de estragos	fártos de estragos
373 —	11	foi Sól	Sól
380 —	18	gloriosa	glorioso
384 —	7	Matronario	Matrona rio
388 —	4	Quem vinha	Quem lhe vinha
Ibid. —	7	nos astucias	nas astucias
391 —	14	Pallas	Pallas,
403 —	1	cxpulsarîa	expulsarîa
423 —	28	a cândida Açucena em breve	e em breve a Cecêm cândida
427 —	4	esp'rito	espîrito
429 —	25	como	co'
439 —	9	azes	azas
443 —	3	testa	testa.

461 — 27	Champanha, Mal-Pomard, Cham- vasìa, Pomard, — panha, Malva- e Douro. — — — sìa, e Douro.	
464 — 5	Cerrâmos	Cerrêmos
473 — 5	Neptnno	Neptuno
498 — 3	Musas	Musa
511 — 22	turvárão	se turvárão
512 — 5	reduzir	reluzir
524 — 27	Efoi	E foi
532 — 5	pedindo	pedindo,
536 — 14	surriada	surriada,

N. B. O Impressor passou da pagina 368 a 359, em vêz de 369, e assim errada continúa a paginação até ao fim do Tomo.

BIBLIOTHÈQUE DE L'UNIVERSITÉ TOULOUSE